

ISSN - 0100-3437

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Nº 60 DEZEMBRO 2023

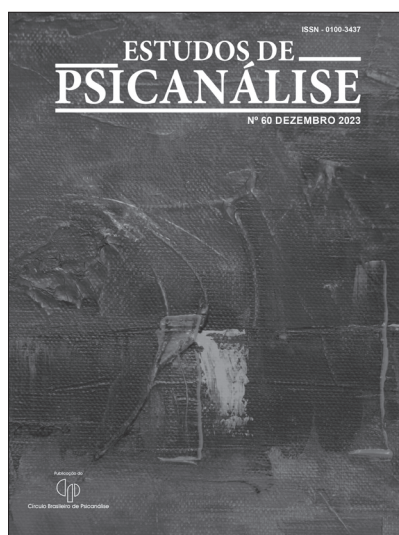
Publicação do



Círculo Brasileiro de Psicanálise

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

ISSN - 0100-3437



Publicação do
Círculo Brasileiro de Psicanálise

REVISTA

ESTUDOS DE

PSICANÁLISE

Indexada em:
CLASE (UNAM – México)
IndexPsi Periódicos (BVS – PSI) – www.bvs-psi.org.br
Latindex (Sistema Regional de Información en Línea
para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal)
Diadorim

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
Classificação Capes/Anppep–B2 - Psicologia - B2 - Interdisciplinar e A2 - Letras/Linguística

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas
da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP

Os artigos são de total responsabilidade dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA

ESTUDOS DE PSICANÁLISE. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Psicanálise,
n. 60, dez. 2023. 172 p.

Semestral. ISSN: 0100-3437 – 28 x 21cm

1. Psicanálise – periódicos



Revista Estudos de Psicanálise

EDITORES DA REVISTA

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)
Elizabeth Medeiros de Almeida Martins (CPB)
Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)
Magda Maria Colao (CPRS)
Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

CONSELHO CONSULTIVO

Ana Cristina Teixeira da Costa Salles (CPMG)
Carlos Antônio Andrade Mello (CPMG)
Déborah Pimentel (CPS)
Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)
Marie-Christine Laznik (ALI-França)
Marta Gerez Ambertín (Universidad Nacional de Tucumán)
Michell Alves Ferreira de Mello (CBP-RJ)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Perissé (CBP-RJ)
Elizabeth Samuel Levy (CPPA)
Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

ENDEREÇO DA REDAÇÃO

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana
22050-002 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2236-0655
E-mail: cbp.rj@terra.com.br
Site: www.cbp-rj.com.br

PROJETO GRÁFICO

Valdinei do Carmo

FORMATAÇÃO

Sérgio Luz

IDEALIZAÇÃO DE CAPA

Renata de Brito Pedreira
Foto: Gil Cerrylye Fonkwo

REVISÃO

Português e normalização
Dila Bragança de Mendonça
Inglês
Anchyses Jobim Lopes

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Gráfica Formato – Certificada – FSC®



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

DIRETORIA 2023–2025

PRESIDENTE

Anna Lúcia Leão López (CBP-RJ)

VICE-PRESIDENTE

Cleo José Mallmann (CPRS)

TESOUREIRA

Renata de Brito Pedreira (CBP-RJ)

SECRETÁRIA

Helena Maria Melo Dias (CPPA)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Déborah Pimentel (CPS)

Eliana Rodrigues Pereira Mendes (CPMG)

Elizabeth Samuel Levy (CPPA)

Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)

Maria José Trabazo Carballal (CPB)

Michell Alves Ferreira de Mello (CBP-RJ)

EDITORES DA REVISTA ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

Elizabeth Medeiros de Almeida Martins (CPB)

Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)

Magda Maria Colao (CPRS)

Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)

Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

REPRESENTANTE JUNTO À ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES PSICANALÍTICAS BRASILEIRAS

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

Michell Alves Ferreira de Mello (CBP-RJ)



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

INSTITUIÇÕES FILIADAS

Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP/RJ

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana

22050-002 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2236-0655

E-mail: cbp.rj@terra.com.br

Site: www.cbp-rj.com.br

Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB

Av. Milton Santos, 1156, Sala 101,

Cond. Edf. Master Center, Ondina

40170-110 - Salvador - BA

Tel./Fax: (71) 3245-6015

E-mail: circulopsi.ba@veloxmail.com.br

Site: www.circulopsibahia.org.br

Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG

R. Maranhão, 734/3º andar - Santa Efigênia

30150-330 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 3223-6115 Fax: (31) 3287-1170

E-mail: cpmg@cpmg.org.br

Site: www.cpmg.org.br

Círculo Psicanalítico do Pará – CPPA

Rua Boaventura da Silva, 1303/02/Altos - Umarizal

66060-060 – Belém - PA

(91) 99150-6200 e (91) 3355-6710

E-mail: contato@circulopsicanaliticodopara.com

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – CPRS

R. Senhor dos Passos, 235/1001 - Centro

90020-180 - Porto Alegre - RS

Tel./Fax: (51) 3221-3292

E-mail: circulopsicanaliticors@gmail.com

Site: <http://www.circulopsicanaliticors.com.br>

Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS

Praça Tobias Barreto, 510/1208

São José Ed. Centro Médico Odontológico

49015-130 - Aracaju - SE

Tel.: (79) 3211-2055

E-mail: cps@infonet.com.br

Site: www.circulopsicanalitico-se.com.br

Sumário

15 Editorial

AUTORA CONVIDADA

17 Epifania ecocrítica na vida e obra de Marie Bonaparte

Ecocritical epiphany in the life and work of Marie Bonaparte
Sarug Dagir Ribeiro

ARTIGOS APRESENTADOS NO XXV CONGRESSO DO CBP

29 Agnesia corporal e sua reconstrução da subjetividade: uma breve história clínica e a interlocução da psicanálise com a odontologia

Body agenesis and its reconstruction of subjectivity: a brief clinical history and the dialogue between Psychoanalysis and Dentistry
Cristiane Marques Seixas
Luciana Freitas Bastos
Marcelo Daniel Brito Faria

43 Psicanálise e tecnologias: o inquietante desamparo e suas repercussões na contemporaneidade

Psychoanalysis and technologies: the disturbing helplessness and its repercussions in contemporary times
Édina Lúcia de Araújo Dias
Elizabeth Samuel Levy

51 “Maria, fora do ninho, a serviço do Outro”: fragmentos de um caso clínico

“Maria, out of the nest, at the service of Other”: fragments of a clinical case
Kelvinn Modesto Carvalho Barbosa

57 Final de análise não é um aplicativo

The termination of a psychoanalysis is not an app
Magda Maria Colao

69 Pós-pandemia e formação do analista

Post-pandemic and analyst training
Paola Giacomini Fachini

75 Saúde mental no contexto indígena: o que pode a psicanálise?

Mental Health in the indigenous context: what can psychoanalysis do?
Maria do Rosário de Castro Travassos

83 Gael e o monstro do armário - A escuta psicanalítica e a literatura em tempos difíceis

Gael and the monster in the closet - Psychoanalytic listening and literature in difficult times
Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

CLÍNICA E TEORIA

- 91** **Como diminuir (um pouco) a fabricação de cretinos digitais - uma leitura psicanalítica da obra de Michel Desmurget**
How to reduce (a little) the production of digital idiots – a psychoanalytic reading of Michel Desmurget's work
Anchyses Jobim Lopes
- 109** **Velhice: um novo tempo de vida**
Old age: a new time of life
Angela Maria Menezes de Almeida
- 115** **As filhas perdidas: ficção ou não ficção**
The lost daughters: fiction or non-fiction
Eliete Gusmão Gonçalves Lima
- 127** **Entre sexualidade e o Real: por que psicanálise?**
Between sexuality and the Real: why psychoanalysis?
Fillipe Doria de Mesquita
Scheherazade Paes de Abreu
- 137** **A pulsão de morte e a escultura da vida**
The Death Drive and the Sculpture of Life
Paulo Roberto Ceccarelli
- 147** **Considerações sobre a teoria do trauma em Freud e Ferenczi**
Considerations on the theory of trauma in Freud and Ferenczi
Rogério Isotton
Tagma Marina Schneider Donelli
- 159** **Considerações sobre a metapsicologia da clínica psicanalítica**
Considerations on the metapsychology of the psychoanalytic clinic
Wilma Zuriel de Faria Maschke
Helena Maria Melo Dias

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

- 167** **Normas de publicação**
- 171** **Roteiro de avaliação dos artigos**



Maria Bonaparte filmando Sigmund Freud em Maresfield Gardens.

A MARIA BONAPARTE

20, Maresfield Gardens, Londres, N.W.3,

4.10.1938

Querida Maria

É mais que certo e natural que a minha primera carta de “casa” seja dirigida a você. [...]

A casa é muito bonita. A mim convém que tenha adiado um pouco sua visita, pois quando vier ela estará pronta para seu exame. [...]

Seu bem velho

Freud

20, Maresfield Gardens, Londres, N.W.3,

12.11.1938

Querida Maria

Sempre estou pronto a reconhecer, além de sua infatigável diligência, a descrição com que você dedica às apresentações e às exposições populares da psicanálise. [...]

Seu

Freud

Editorial

O emblemático número 60 da revista *Estudos de Psicanálise* nos aponta para celebrar um momento histórico, marcado por um encontro presencial especial pós-pandemia da covid-19. Dividida em três partes, a revista apresenta a autora convidada Sarug Dagir Ribeiro, que traduziu brilhantemente o livro de Marie Bonaparte *Sexualidade feminina e suas contribuições para a psicanálise* e nesta edição publica algo absolutamente interessante, cujo teor aponta para o ativismo de Bonaparte em prol da preservação ambiental, do respeito à natureza e da manifestação à sua maneira do amor aos animais.

Na segunda parte, são apresentados os artigos referentes ao XXV CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e à XLI JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS realizados em Belo Horizonte, em 28, 29 e 30 set. 2023. Por fim, os demais artigos sobre teoria e técnica psicanalítica.

Tivemos a imensa satisfação de participar, pela primeira vez presencialmente, do Congresso e da Jornada, que sedimentam a vitalidade dessas instituições psicanalíticas no Brasil. Ao abordar o instigante tema *Clínica Psicanalítica, mais ainda*, ratifica sua proposta de divulgar e transmitir a psicanálise, para além, privilegiando a singularidade do sujeito, na diversidade apresentada na cultura e seus desdobramentos.

Nas Minas Gerais tudo tem sabor e cor e, com isso, nesta edição, trouxemos o registro de trabalhos que nos convocam a refletir, sobre a experiência psicanalítica hoje, os desafios e impasses, as instituições, as políticas públicas, as tecnologias, e nas mais diversas formas de sofrimento psíquico. Os sintomas contemporâneos nos confrontam, nos questionam e nos desafiam à reflexão e teorização sobre eles.

Nós, do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), temos uma relação muito importante e carinhosa com o Círculo Psicanalítico de Minas (CPMG), pois surgimos como a sexta filiada ao Círculo Brasileiro de Psicanálise, a partir desse encontro com o CPMG. Como nada é por acaso, fomos convidados a apresentar este Editorial que faz referência ao XXV Congresso do CBP e à XLI Jornada do CPMG em Minas. E o CPPA se fez presente em massa, tanto no evento quanto na escrita de artigos que perpassam pelas mais diversas produções.

É fato a contribuição da psicanálise hoje nas mais diversas camadas e, mais ainda, quando se trata de diversidade. Várias temáticas relevantes foram abordadas como a experiência da clínica psicanalítica hoje, seus desafios e impasses, os fracassos da fantasia na clínica, o corpo em psicanálise, a atualidade da metapsicologia freudiana, novas estruturas sintomáticas, a escrita em psicanálise, arte e literatura, racismo e outros temas instigantes.

Dos vários artigos apresentados no Congresso, destacamos um painel que fazia alusão ao inquietante desamparo e sua relação com as tecnologias, que atualmente fazem parte da vida de todos nós, uma espécie de “meu bem, meu mal”. Sua reverberação na clínica psicanalítica na atualidade, as consequências psíquicas do uso abusivo das redes sociais e demais tecnologias. A rapidez das informações e dos contatos imediatos, o acesso ao desejo a partir de uma tecla, nos colocam frente a algo que Freud chamou de pensamento mágico ou onipotência de pensamento. Uma das grandes dificuldades do sujeito contemporâneo, que pode ser responsável por processos depressivos e crises de angústia, é conciliar a temporalidade dos processos secundários com a atemporalidade do inconsciente. Sabemos que o mal-estar que nos assola nos confronta sempre com o desamparo constitutivo de cada um de nós, para além dos arranjos que possamos fazer para lidar com ele.

Vimos também no Congresso que a psicanálise contribui nos mais diversos enfoques em nossa cultura. Ao especificar a singularidade do sujeito, reconhece a diversidade ser expressa por diversos caminhos pulsionais frente às diferenças – étnicas, de gênero, religiosas e tudo mais que compõe o social, demarcado por Freud, quando ele afirma que “toda psicologia é social”.

Nesse sentido, tivemos trabalhos que versaram sobre as mais diversas formas de subjetivação, a clínica com sua riqueza e não pudemos deixar de focar a brasilidade, a realidade amazônica, que se reflete na saúde psíquica dos povos indígenas e no crescimento acentuado do sofrimento psíquico na atualidade, restos do colonialismo “civilizador” a que foram submetidos. Enfim, uma série de produções das mais variadas vertentes.

Temos que agradecer e parabenizar os organizadores e organizadoras deste congresso riquíssimo do CBP realizado pelo CPMG, na pessoa da Presidente Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire, nossa querida Dodora, e de sua Diretoria.

Foi muito prazeroso reencontrar colegas psicanalistas dos diversos Círculos do Brasil e de outras sociedades de psicanálise, pois a pandemia nos separou bastante fisicamente, mas neste encontro pudemos nos abraçar e ratificar o desejo pela psicanálise que nos uni sempre, conectados pela pulsão de vida!

Elizabeth Samuel Levy

Presidente do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA)

Maria Do Rosário De Castro Travassos

Membro efetivo do CPPA

Epifania ecocrítica na vida e obra de Marie Bonaparte

Ecocritical epiphany in the life and work of Marie Bonaparte

Sarug Dagir Ribeiro

Resumo

Reúne-se como meta uma análise influenciada pela ecocrítica intermediária a respeito de três trabalhos de Bonaparte: *Les forêts de Paris menacées* (1933), *La légende des eaux sans fond* (1948/1952) e *Topsy, les raisons d'un amour* (1936/2004). Busca-se através de diferentes mídias – texto jornalístico, conferência e poesia descrever e analisar as asseverações da autora a respeito da dilapidação da paisagem natural, o fascínio pelos mistérios da natureza e o amor aos animais. Nossos resultados apontam para as diferentes formas de envolvimento ambiental e ecológico de uma psicanalista amante e defensora da natureza. As mudanças climáticas em decorrência da destruição da natureza e da poluição global são uma ameaça para o presente e o futuro da humanidade. E para enfrentá-las, são necessárias referências que orientem a luta contra tal situação e não se pode ignorar o discernimento da autora acerca das questões que tão de perto se referem aos destinos da humanidade.

Palavras-chave: Ecocrítica, Intermedialidade, Natureza, Psicanálise.

Introdução

Marie Bonaparte (1882-1962) era sobrinha bisneta de Napoleão I da França, filha de Roland Bonaparte (1858-1924) e Marie-Félix Blanc (1859-1882). Em 1907, casou-se com o Príncipe Georges da Grécia e Dinamarca, e, a partir de então, tornou-se a Princesa Marie de Grécia e Dinamarca. Foi uma psicanalista e escritora francesa, intimamente ligada a Sigmund Freud. Fez análise didática com ele, a fim de tornar-se psicanalista de profissão (Bertin, 1982/1989). Utilizou-se de sua fortuna na divulgação, na defesa e no reconhecimento da psicanálise em seus primórdios, numa época cujos pioneiros do movimento eram quase todos majoritariamente homens. Ficou conhecida por ser responsável por salvar Freud das mãos dos nazistas (Bourgeron, 1997). O conjunto de sua obra pode ser dividido em romances, textos antropológicos, manuscritos psicanalíticos, cartas, ensaios avulsos, documentos judiciais, notas autobiográficas, anotações

da sua análise com Freud, entre outros. Alguns foram oportunamente publicados, mas outros foram depositados pela própria Princesa Marie na *Bibliothèque National de France* (BnF), na Biblioteca do Congresso de Washington (LOC), no *Harry Ransom Center d'Austin* (HRC) e no *Institut Pasteur* em Paris, sob a condição de estarem disponíveis para consulta pública, aproximadamente, entre 50 e 100 anos após sua morte. Recentemente houve a liberação das correspondências integrais entre a Princesa e o pai da psicanálise, oportunamente editadas e publicadas pela editora Flammarion, de Paris (Amouroux, 2022).¹

1. Agradeço imensamente a menção honrosa feita pelo Dr. Rémy Amouroux na Introduction do livro *Marie Bonaparte et Sigmund Freud: correspondance intégrale (1925-1939)* ao meu trabalho de reabilitação de parte da obra da Princesa. Gostaria de agradecer especialmente Sua Alteza Real a Princesa Tatiana Fruchaud e o Príncipe Carlo Alessandro della Torre e Tasso, netos da Princesa Marie Bonaparte.

A historiografia do movimento psicanalítico (Roudinesco, 1994) geralmente negligência o ativismo da Princesa Marie pela defesa das florestas e dos animais. Seus manifestos ambientalistas foram publicados em forma de livros (Bonaparte, 1940; 1937/ 2004), matéria em jornais (Bonaparte, 1933b; 1936; 1937) e artigos em revistas especializadas (Bonaparte, 1933a; [1946] 1952). É sobre essa faceta menos conhecida da obra bonaparteana que iremos refletir. Acreditamos que esses escritos podem ser discutidos da mesma maneira que os outros trabalhos científicos da autora, alguns deles já analisados em pesquisas brasileiras atuais (Ribeiro, 2023a, 2023b, 2022, 2020a, 2020b, 2019; Ribeiro e Belo, 2017).

O mérito desta pesquisa consiste em recuperar um material em diferentes mídias (texto jornalístico, conferência e poesia) cujo teor aponta para o ativismo de Bonaparte em prol da preservação ambiental, do respeito à natureza e de manifestar à sua maneira o amor aos animais. Nessa direção, a escolha metodológica tomará como inspiração a ecocrítica intermediária de Bruhn (2021). Assim, seguem-se três seções, na primeira descrevemos uma matéria de jornal alertando para o fato de que as florestas de Paris estavam sob ameaça de serem derrubadas. Na segunda seção, analisamos a conferência em que a autora testemunha a ferocidade das águas (Bonaparte, 1948/1952). E na terceira, apresento o grande amor da Princesa Marie para com sua cadela Topsy, uma *chow-chow* de pelos dourados (Bonaparte, 1936/2004), e como tal raça canina sela a amizade entre ela e o pai da psicanálise.

Reconhecemos que as características dos tipos de mídia aqui analisadas nos possibilitam perceber como as *affordances*² do produto midiático ativa aspectos específicos de

representação pelos leitores, por meio das fotografias das árvores centenárias sendo abatidas ou das imagens da dócil Topsy em posição de guarda ou correndo pelo jardim. E é claro, a icônica imagem da Jo-fi, cadela da raça *chow-chow*, oferecida pela Princesa Marie a Sigmund Freud, que, segundo seu filho Martin (1975), não precisava consultar o pêndulo do relógio para saber quando a hora da sessão de análise tinha completado. Quando Jo-fi se levantava bocejando, Freud sabia que a sessão havia terminado. Esses recursos aguçam os leitores para o apelo emocional que somente quem de fato ama a natureza pode expressá-lo. Afinal, são imagens cheias de memórias afetivas.

Cabe a todos, especialmente os pesquisadores no campo das humanidades, discutir a questão da preservação do planeta e de todas as formas de vida. A ecologia, assim como o estudo das relações dos seres vivos entre si e deles com o meio ambiente, propiciou o surgimento da ecocrítica, voltada para a análise de textos literários envolvidos com essa temática. Mas essa crítica se estendeu para outras áreas, englobando também o estudo de textos artísticos e científicos, que contemplem a diversidade do ambiente natural, as relações entre humanos e não humanos, bem como o futuro da vida no planeta Terra.

Pergunto-me se os sofrimentos psíquicos do homem só atingem exclusivamente a nossa espécie *homo sapiens*. Bonaparte, à sua maneira e estilo, tinha conhecimento do fato de que, em virtude do antropoceno,³ nossas desordens emocionais podem atingir a escala geológica e figurar como um verdadeiro mal na Terra (Hermann, 2023). É com essa ideia que apresento as seções a seguir.

2. *Affordances* [afford, em inglês] é qualquer objeto que proporcione ao usuário a oportunidade de realizar uma ação; recursos (Wikipedia).

3. O conceito “antropoceno”, do grego *anthropos* [humano] e *kainos* [novo], foi popularizado no ano 2000 pelo químico holandês Paul Crutzen, vencedor o Prêmio Nobel de química em 1995, para designar uma nova época geológica caracterizada pelo impacto do homem na Terra (Wikipedia).

As florestas sob ameaça: o apelo

É curiosa a imagem pitoresca que Bonaparte traz ao iniciar seu manifesto no jornal *Le Matin*, em 25 de julho de 1933. A autora lembra do gosto que os parisienses têm nos dias quentes de verão por se refugiarem da atmosfera pesada da cidade indo parar sob a sombra das árvores. Nas suas palavras, os parisienses:

[...] lá, vagando por muito tempo pelos caminhos, eles extraem ar puro, que emana das folhagens, uma renovação de vida, força e alegria. E podemos dizer que nossas florestas parisienses, as daqui as de ali, com suas árvores centenárias são como grandes fadas tutelares que sabem dispensar, quando solicitadas, descanso, saúde e força ao povo de Paris. Então, o pedestre pensa nos anos, nos séculos que a natureza precisou para construir esses esplêndidos testemunhos do seu poder, árvores veneráveis tanto quanto os nossos monumentos nacionais (Bonaparte, 1933b, p. 1, tradução nossa).

A expressão *fées tutélaires* [fadas tutelares] atribuídas às árvores soa como um atributo quase divino a elas. Afinal, é sob elas que nos dias quentes buscamos lugar de descanso, portanto lugar de saúde. Em outro trecho, num tom triste, a autora lamenta que os muitos carvalhos da floresta de Marly⁴ já estão marcados para serem derrubados.

Percebemos que a matéria jornalística convida os leitores a se envolverem com a temática, na seguinte expressão: “lá, carvalhos, faias gigantes sombreiam o caminho magnificamente; sentado a seus pés, o caminhante encantado deixa seu olhar vagar pela folhagem onde o céu brilha, enquanto os pássaros misturam seus cantos com os das folhas” (Bonaparte, 1933b, p. 1, tradução nossa).

4. A floresta de Marly ainda hoje é considerada um sítio natural com aproximadamente 2.000 hectares; localiza-se em Yvelines, a vinte quilômetros a oeste de Paris, numa área entre Saint-Germain-en-Laye e Versailles.

Sobre a marcação feita pelo silvicultor para a derrubada das árvores seu lamento vai além da mera tristeza e então anuncia: “[...] será um corte raso, ou seja, que o sol inundará com seus raios crus o que é ainda hoje a floresta profunda, verde e fresca. Os mistérios sombrios da floresta serão dissipados” (Bonaparte, 1933b, p. 1, tradução nossa).

A imagem de árvores derrubadas leva à visualização da dissipação dos mistérios sombrios onde a natureza antes habitava. A iminente violência contra as florestas de Paris é nomeada por Bonaparte como um momento de crise, e ela indaga: “o que a morte dos gigantes da floresta de Marly trará para o Estado?” (Bonaparte, 1933b, p. 1, tradução nossa). Ironicamente faz a acusação de que a madeira será vendida por cinco vezes menos do que o mercado costuma pagar e que o Estado não se satisfaz em apenas explorar as florestas mais distantes da França continental, ainda assim, quer acabar com o esplendor das florestas parisienses.

Interpretando Bonaparte (1933b; 1958), tomo como minhas as indagações de Hermann (2023) no seu belíssimo ensaio sobre a depressão antropocênica. Afinal, qual o valor da psicologia ou da psicanálise na era antropocênica? Deveriam se limitar à psique humana ou devem passar a abranger as relações interespecíficas? Os sofrimentos tão característicos do capitalismo tardio, da sociedade em rede com sintomas do tipo condominial (Dunker, 2015) que revelam modalidades de sofrimento como a solidão, o esvaziamento e a exclusão, extrapolam os confins da humanidade para se alastrar pela Terra como um mal que sai dos seres humanos e afeta as outras espécies não humanas.

Deveríamos, como fez a Princesa Marie, com humildade principesca suplicar misericórdia: “as gigantes, vigorosas e saudáveis florestas nós podemos e devemos pedir misericórdia para com elas. Elas são nosso orgulho, nossa alegria, nossa saúde e o machado ao pé de um dessas árvores equivale a um sacrilégio” (Bonaparte, 1933b, p. 1, tradução nossa).

O antropoceno é a era geológica na qual vivemos, em que a atividade humana é a principal força modelando o planeta Terra e, como consequência, vemos o aumento gradual da poluição da atmosfera e das águas, destruição das florestas e o aquecimento global. Para Malm (2018), esse não é um problema que possa ser solucionado apenas com a proteção da natureza, mas exige transformações sociopolíticas radicais. Somente a espécie humana escraviza, controla e destrói a multiplicidade da vida no planeta. Talvez mudanças sejam necessárias à própria concepção do Homem e tudo que não pode ser compreendido pela razão e pela linguagem possa não mais ser expulso dos nossos projetos. Toda fauna e toda flora são como nossos anjos da guarda e sacrificá-las em prol do “ídolo moderno” (Bonaparte, 1937, p. 6, tradução nossa) e do progresso dos grandes centros urbanos, é o mesmo que a cidade perder o sorriso sereno de tantos anjos (as árvores). Portanto, “respeitemo-las ao menos” (Bonaparte, 1937, p. 6, tradução nossa).

O mistério das águas sem fundo

O texto ora examinado foi apresentado numa conferência em Atenas, na Sociedade dos Médicos, em 28 de fevereiro de 1948. Foi escrito originalmente em inglês, mas houve a tradução quase que imediata para o grego e o francês. Para este artigo utilizei a versão francesa publicada na obra intitulada *Psychanalyse et biologie* (1952). O estilo da autora é extraordinariamente fascinante, originalmente escrito para ser lido em voz alta para uma plateia de ouvintes. Assim, uma das características de seu estilo é a mistura da prosa literária com o método etnográfico e a teoria psicanalítica.

Bonaparte (1948/1952) realiza uma minuciosa pesquisa em torno das superstições populares relativas aos malefícios atribuídos a alguns lagos, que se acredita não possuírem fundo. E à maneira dos antropólogos, ela realiza um estudo de campo por meio de

entrevistas realizadas com pessoas comuns que viviam no campo e próximas a essas lagoas a que se atribuíam a suposta lenda. De posse desses relatos, a autora busca explicitar as diferentes versões da fábula e inquieta resolve realizar visitas *in loco* a vários lagos nas proximidades de Atenas.

Ela afirma que essa lenda está presente em muitos povos e lugares. E constitui em fascínio e aflição para as pessoas que ao redor desses lagos habitam. Geralmente essas águas se mostram irresistíveis ao olhar de qualquer um que as vejam. Contudo, tais lagoas constituem em perigo mortal principalmente para os aventureiros que se arriscam a nadar em suas águas, pois seus corpos são levados ao fundo e logo desaparecem, não sendo possível nunca mais encontrá-los. Variações da lenda apontam ora para águas escuras e tristes, ora para um líquido cristalino e encantador. Mas em todas as versões, somente quando se entra nelas é que ocorrem forças aquáticas que são responsáveis pelos sumiços das pessoas. Há registros dessa fábula na Suíça, na Bretanha, na Grécia e inclusive no Brasil.

Bonaparte (1948/1952) cita uma conversa que teve com um cafeicultor que a adverte: “Se você for nadar, não vá lá” (Bonaparte, 1948/1952, p. 90, tradução nossa). A Princesa Marie pergunta por que, e ele, então, responde: “porque, sobre essas águas que parecem tranquilas, há nelas um turbilhão fervilhante que derruba os nadadores mais experientes pelos pés. Muitos já desapareceram e jamais retornaram” (Bonaparte, 1948/1952, p. 90, tradução nossa). E o mesmo informante, em outro dia, andando com a princesa, chegando próximo a outra lagoa, afirma: “Veja esta água aqui! Seu fundo é menos conhecido do que o outro lago! Foi aqui que vieram se banhar juntos o Rei Georges I e o Arcebispo Metropolitano de Atenas” (Bonaparte, 1948/1952, p. 90, tradução nossa).

Bonaparte continua sua pesquisa e em outro dia encontra outro informante, o guardião do Estabelecimento de Banho de Atenas

e esse senhor lhe diz: “Eu joguei alguns objetos na superfície da água escura e eles boiaram” (Bonaparte, 1948/1952, p. 90, tradução nossa). Então, de posse de todas essas informações, a autora faz uma descrição das características físicas da constituição desses tipos de lagos, inclusive como eles se apresentam no verão, na primavera, no outono e no inverno. Descreve também o tipo de vegetação característica que floresce no entorno, os tipos de flores e frutos mais comuns, os insetos, pássaros e peixes que costumemente habitam.

Bonaparte (1948/1952) decide pôr à prova tais ideias, então, entra num desses lagos. Acompanhada pela comitiva real grega e por familiares, avisa a seus filhos, que também a acompanhavam, que ela iria entrar na lagoa, mas que eles não se preocupassem, pois ela não iria desaparecer como afirma a lenda popular. Ela, então, num gesto maternal, declara seu amor a seus filhos e, para que eles não ficassem preocupados, resolve amarrar uma corda em torno da sua cintura e entrega-lhes a outra ponta da corda, avisando que caso, houvesse algum problema, eles pudessem puxá-la de volta à superfície. Assim, ela entra na água e narra: “Meu coração bate acelerado, mas, tiro minhas roupas, amarro uma das pontas da corda em torno da minha cintura. Na sequência, a angústia aperta meu peito mais e mais” (Bonaparte, 1948/1952, p. 91, tradução nossa).

Em seguida, a Princesa Marie relata que um tipo de alga, típica desses lagos, enrola-se aos seus pés. Ela tenta se desvencilhar, mas não consegue, então, um turbilhão de nós dessas plantas aquáticas a faz desequilibrar. Ela grita para que a retirem da água. Quando sai, ela percebe que suas pernas e seus pés estão machucados e sangrando. Contudo, ela se alegra por ter cumprido sua proeza e em ter constatado o perigo real dessas águas escuras. Entende que a maioria das lendas nasce da verdade sobre fatos observados.

Dessa maneira, Bonaparte constata que essa lenda comporta um simbolismo

profundo e universal quanto ao seu perigo. Para ela, a fascinação das águas encarna a fascinação que todos nós temos pela mãe, num nível profundo do nosso psiquismo. Como se fosse um apelo nostálgico, cuja sedução é quase impossível de resistir. Ela menciona que permanecemos durante nove meses, antes do nascimento, inseridos nas águas amnióticas do ventre da mãe. Então, a autora conjectura que é por isso que a simbolização no psiquismo humano a respeito de qualquer água escura remete ao líquido amniótico do ventre materno. Nessa argumentação, ela faz referência ao mito de Narciso, que teve uma morte fascinante por se encantar com sua própria imagem refletida no espelho d'água. Então, a autora compara o estado letal depois da morte semelhante ao estado fetal antes do nascimento. Portanto, há uma mistura de abatimento e angústia quando estamos diante da borda de águas do tipo tranquilas e silenciosas: “a nostalgia de um repouso real, outrora, no ser profundo da mãe; angústia diante da morte real que será no mergulho final na água para os seres dotados de respiração aérea” (Bonaparte, 1948/1952, p. 93, tradução nossa).

Depois de fazer uma clara distinção entre os seres aquáticos de água doce e marinhos, Bonaparte descreve a predominância das divindades femininas sobre as divindades masculinas com características aquáticas, que, segundo ela, testemunham a característica maternal predominantemente relacionada ao meio líquido. Ela cita as Náiades, ninfas das águas, cujas graciosas formas humanas que assumem são muito famosas, tanto pela beleza como pelo perigo. Menciona também as sereias que flutuam no reino de Poseidon. Estas últimas encarnam o perigo marítimo, cuja sedução mítica irresistível denota o perigo real intrínseco à nostalgia simbólica do retorno à água amniótica do ventre materno. Alude também a Afrodite, encarnação da libido suprema, que nasceu das espumas das ondas do mar.

Dessa maneira, o mistério das águas profundas simboliza o ventre da mãe repleto de

líquido amniótico. E a mãe tem duas funções: uma real: fazer nascer; outra simbólica: retorno à morte. Portanto, uma face vital e outra letal dessas águas que a representam. Outro elemento da lenda é a atribuição de que o lago que serviu para banhar as duas personagens soberanas masculinas, o Rei Georges I e o Arcebispo Metropolitano de Atenas, constitui também o fundamento da fábula, pois “todos os dois são imagens exaltadas do pai. Ora, o pai, somente ele, pode impunemente pular sobre a mãe. Dotado de um poder fálico mágico” (Bonaparte, 1948/1952, p. 95, tradução nossa). Reza a lenda que ambos permaneceram superiores ao perigo e nadaram livremente nas águas sinistras. A autora não cita, mas faz uma clara menção ao famoso texto *Totem e tabu* (Freud, 1913/1996) em que o autor descreve os poderes da figura do grande pai na horda primitiva. E, então, Bonaparte compara Poseidon a um tipo de deus pai que pode sem perigo cavalgar entre as ondas povoadas de sereias fatais para todos os demais navegadores.

Essa conferência (Bonaparte, 1948/1952) nos ajuda a refletir sobre os mistérios da natureza e como devemos respeitá-la. Acreditamos que a lenda das águas sem fundo durante muito tempo ainda habitará à imaginação humana. E a imobilidade e o silêncio das águas nos fazem lembrar que a morte nos imobiliza e nos espreita. E essas características letais atribuídas ao simbolismo maternal universal das águas permanecem no nosso inconsciente.

Amor aos animais

Para Bonaparte (1936), o amor aos animais é a expressão máxima do respeito à vida, à bondade e à civilidade. Com a foto da sua cadela Topsy estampada ao lado de uma matéria jornalística, a autora começa nos sensibilizando para a temática contando uma história bem banal: trata-se de uma senhora que tinha um gato. Esse gato, já idoso, um belo dia adoeceu. A doença provou ser longa, crônica

e incurável. Então, a tutora se recusava a mandar matar seu gato e permaneceu deitada ao lado dele até seus últimos momentos de vida. Finalmente, o gato morre, deixando sua dona inconsolável e mergulhada numa tristeza profunda. Contudo, ninguém se solidariza com sua dor. Seus amigos riram dela.

A pergunta que surge é: como alguém gosta tanto de um animal, seja ele um gato, seja um cão ou mesmo uma planta? O tema em questão é o amor interespecies. Bonaparte (1936) acredita que, se houvesse apenas o amor entre seres da nossa espécie humana, provavelmente a vida nos pareceria um deserto. Pois as rivalidades entre pessoas e a ambivalência dos seus sentimentos são um verdadeiro campo de batalha, cujas decepções não acontecem apenas em lugares públicos, sobretudo, dentro de nossos lares.

Certamente, a natureza, com suas florestas e biodiversidade, nos proporciona um lugar de retiro, de descanso e alívio das nossas discórdias e conflitos. Então, os animais de estimação seriam objetos escolhidos para nosso conforto? Certamente, com eles nós procuramos fugir de nossos pares humanos, cujos carinhos providos de ambivalência muitas vezes nos desencantam. Provavelmente, o amor do gatinho para com sua tutora da história acima nunca a desencantou. O símbolo das nossas ocupações com os animais de estimação permanece sempre associado ao amor e ao cuidado, como se mantivéssemos um “canto de eterna maternidade” (Bonaparte, 1937, p. 2, tradução nossa). Nossos gatos ou cachorros são palco dos afetos mais sólidos, inclusive podem substituir o filho crescido ou desaparecido, ou mesmo, o bebê que nunca tivemos. É sabido que certa vez Freud, em conversa com seu cliente Smiley Blanton, analisou o amor que sentimos pelos cães (Blanton, 1971). Para ele, tem a mesma qualidade daquele que alimentamos pelas crianças.

Nesse sentido, considerando a assertiva de que “todos nascemos com o instinto sexual ligado a um objeto” (Freud, 1905/1980, p.

141), “há certas relações intermediárias com o objeto sexual, tais como tocá-lo e olhá-lo para ele” (Freud, 1905/1980, p. 150). E o objeto pode ser o objeto interno, relacionado à problemática das identificações, tal como o canibalismo, a imitação, o querer ser igual a alguém, etc. (Freud, 1921/1980). E, por sua vez, o objeto pode ser o objeto externo, ligado ao outro, aos cuidados maternos na tenra infância, a sedução generalizada (Laplanche, 1970/1985). Então, o conceito de *self* assume importância crucial nessa discussão. O *self* comporta aspectos específicos das relações objetais. É nessa seara que recorro ao nome de Christopher Bollas (1989) e sua noção de objeto transformacional. Afinal, o que é objeto transformacional? Refere-se desde a primeira experiência subjetiva com o objeto naquilo que Laplanche (1987/1992) nomeia de relação antropológica fundamental ou na relação de desamparo [*Hilflosigkeit*] e dependência do bebê dos cuidados maternos ou do adulto cuidador, em que o objeto parcial (seio) ou objeto total (mãe/cuidador) já é percebido como aquilo que se modifica e traz modificações (Bollas, 1989), situação em que o plano pulsional, cognitivo e afetivo estão sobrepostos ao plano do envolvimento.⁵

Na perspectiva de Bollas (1989), o objeto é compreendido pela sua função de presságio de transformação, na medida em que modifica o *self*. A mãe transforma efetivamente o mundo do bebê. Em suma, o objeto é um agente de transformação por sua propriedade de circundante mental e corporal. A fim de tirar mais proveito, é crucial entender o objeto transformacional num sentido generalizado e não restrito à relação infantil com a mãe. Esse sentido generalizado, outras pessoas como professores, babás, amigos, além de lugares (como a escola, a biblioteca, etc.), paisagens (florestas, montanhas), acontecimentos (guerra, desastres naturais),

as artes (literatura, música, pintura, teatro, cinema), esportes e, finalmente, nossos queridos animais de estimação atinjam a força transformacional em nós. No entanto, não podemos perder de vista o fato de que tudo começou na mãe ou no primeiro cuidador. Todos esses sucedâneos do primeiro objeto transformacional correspondem à reminiscência dessa experiência objetual precoce.

A intensidade de certo momento estético, como por exemplo, a admiração de uma paisagem natural ou nas brincadeiras com nosso cãozinho, o sujeito revive a sensação subjetiva na relação de transformação já ocorrida no *self*. Em suma, os animais de estimação vêm transformar o sujeito porque eles resuscitam as lembranças das transformações precoces já ocorridas no nosso *self*. Daí vem a magia transformadora no cuidado e amor aos bichos. E eles não apresentam a ambivalência afetiva, típica da espécie humana!

Elevando a discussão, poderíamos alegar a favor de que o amor aos animais constitui um índice cultural e moral das civilizações. Se fôssemos proibidos de ter um gato, será que adotariamos uma criança? Para aqueles que os humanos tenham decepcionado profundamente essa opção não é verdade. As reflexões poéticas de Bonaparte (1937/2004) sobre o adoecimento e a morte de sua cadela Topsy nos remetem à percepção de que os animais e a natureza são um tipo de companhia mais extensa; a flor no vaso é muito mais do que um luxo soberbo.

Topsy, uma cadela *chow-chow* de pelos dourados, com olhos amorosos e patas ágeis, muitas vezes apaziguou os dias da Princesa Marie, seja se posicionando ao lado da cadeira onde ela tricotava ouvindo seus clientes embaixo da copa das árvores no seu jardim em Saint Cloud, seja dormindo entre os arbustos (Bertin, 1982/1989). Não nos resta dúvida de que Topsy foi uma cadela amorosa e muito amada por sua tutora. Foi oferecido a ela um tratamento de câncer por radioterapia, cuja tecnologia foi a mesma usada por Freud. Na elegia a Topsy (Bonaparte,

5. Essa ideia lembra os conceitos de objetos transicionais e fenômenos transicionais de Winnicott (1951/1978).

1937/2004, p. 62) há inúmeras referências às sessões de radioterapia da cadela como as do próprio pai da psicanálise, chamado carinhosamente pela Princesa Marie de: *mon père* [meu pai] e lembra com muita dor de sua longa batalha contra o câncer.

Enquanto o médico bondoso que trata de Topsy a acalma, eu, sozinha no pequeno quarto ao lado, sou tomada por outra assombração. Há doze anos, outro corpo jazia da mesma forma sob os raios: meu pai, que uma doença análoga o estava corroendo... mas eu sabia, que aqueles raios que o penetravam não teriam nenhum efeito duradouro.⁶

Sabemos que a Princesa Marie deu de presente a Freud uma cadela da mesma raça de Topsy, uma *chow-chow* chamada Jo-fi, que veio ocupar o lugar de Lun, outra *chow-chow*, morta em um acidente (Bertin, 1982/1989). E essa será uma grande companheira para Freud, que costumava deitar-se ao seu lado. Essa cadela foi um significativo sinal da amizade entre os dois, que permaneceram amigos até o fim, com a morte de Freud. Em carta à Princesa, do dia 6 de dezembro de 1936, Freud diz: “as verdadeiras razões pelas quais podemos amar tão profundamente um animal como Topsy (ou Jo-fi) são o afeto desprovido da menor ambivalência, a simplicidade de uma vida livre dos conflitos da civilização” (Freud *apud* Amouroux, 2022, p. 881, tradução nossa). Ele, embora muito doente, com o auxílio de sua filha Anna Freud, traduziu para o alemão este livro sobre Topsy (Bonaparte, 1937/2004). E como observa um dos seus mais famosos biógrafos (Jones, 1953/1979), Freud se revelou um excelente tradutor, penetrando plenamente no espírito desse manuscrito que o atraiu imensamente.

Então, como vimos desde a primeira seção, os nossos sofrimentos e conflitos não

se restringem a trazer malefícios somente a nós, mas acabam por atingir todas as outras espécies com a destruição insana do meio ambiente. Enquanto isso, os animais e as árvores permanecem como crianças eternas, alheios à conflitualidade humana. As percepções da Princesa Marie sobre a dilapidação do ambiente natural são semelhantes aos eventos distópicos cada vez mais intensos no mundo contemporâneo.

À guisa de conclusão

As reflexões apresentadas denotam que a bondade para com os animais é uma das formas do respeito à própria vida do planeta Terra. A humanidade chegou a um momento crucial de sua história. Deixamos para trás o holoceno, fase geológica provocada por um processo de degelo do planeta e atingimos o antropoceno, ou, época dos humanos, quando a ação do homem influencia o sistema terrestre, ameaçando todas as formas de vida. A Princesa Marie, consciente de sua responsabilidade, manteve os olhos voltados para a necessidade de preservação do planeta, apontando o papel saudável do convívio com as florestas, o respeito aos mistérios da natureza e suas águas, bem como o amor a todas as formas de vida.

Concluo ratificando que muitos manuscritos de Bonaparte expressos em diferentes mídias, são imprescindíveis para as discussões atuais tanto na ecocrítica, nos estudos da intermedialidade quanto no envolvimento da psicanálise com questões ambientais e ecológicas. Um ramo de seu pensamento menos conhecido, mas não menos importante do que suas contribuições já consagradas sobre a teoria das pulsões, as implicações biológicas na psicanálise e a sexualidade feminina.

6. A localização do tumor de Topsy foi no lábio superior, enquanto que o de Freud estava no maxilar superior.

Abstract

The goal is an analysis influenced by inter-media ecocriticism regarding three works by Bonaparte: *Les forêts de Paris menacées* (1933), *La légende des eaux sans fond* (1948/1952) and *Topsy, les raisons d'un amour* (1936/2004). Through these different media, journalistic text, conference and poetry, we will seek to describe and analyze the author's assertions regarding the dilapidation of the natural landscape, the fascination with the mysteries of nature and the love for animals. Our results point to the different forms of environmental and ecological involvement of a psychoanalyst who loves and defends nature. Climate change resulting from the destruction of nature and global pollution is a threat to the present and future of humanity. And to face them, references are needed to guide the fight against such a situation and one cannot ignore the author's insight into the issues that so closely relate to the destinies of humanity.

Keywords: Ecocriticism, Intermediality, Nature, Psychoanalysis.

Referências

- AMOUROUX, R. *Marie Bonaparte et Sigmund Freud: correspondance intégrale* (1925-1939). Édition établie et annotée par Rémy Amouroux. Traduit: Olivier Manonni. Paris: Flammarion, 2023.
- BERTIN, C. *A última Bonaparte* (1982). Tradução: Rachel Meneguello. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- BOLLAS, C. L'objet transformationnel. *Revue Française de Psychanalyse*, v. LIII, n. 3, p. 1181-1199, 1989.
- BLANTON, S. *Diary of my analysis with S. Freud*. New York: Hawthorne Books, 1971.
- BONAPARTE, M. De la mort et des fleurs. *Revue Française de Psychanalyse*, v. 6, n. 2, p. 218-222, 1933a.
- BONAPARTE, M. Les forêts de Paris menacées, *Le Matin*, p. 1, 25 juil. 1933b. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5780544#>. Acesso em: 12 set. 2023.
- BONAPARTE, M. L'idole moderne. La route ne peut pas exiger le sacrifice des arbres. *Paris Soir*, p. 4, 28 juil. 1937. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7641462r/f4.item#>. Acesso em: 11 set. 2023.
- BONAPARTE, M. Animaux Amis. *Paris Soir*, p. 4, 12/10/1936. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7641962g/f4.item#>. Acesso em: 7 set. 2023.
- BONAPARTE, M. *Topsy, les raisons d'un amour* (1937). Préface d'Anna Maria Accerboni. Paris: Payot & Rivages, 2004.
- BONAPARTE, M. La légende des eaux sans fond (1946). In: _____. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 89-98, 1952.
- BONAPARTE, M. La psychanalyse face aux forces sociales, religieuses et naturelles. *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, v. 22, n. 1, p. 219-222, 1958.
- BOURGERON, J.-P. *Marie Bonaparte*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- BRUHN, J. Towards an Intermedial Ecocriticism. In: ELLESTRÖM, L. (Ed.). *Beyond Media Borders*, vol. 2. *Intermedial Relations among Multimodal Media*.

Växjö: Palgrave Macmillan, p. 117-148, 2021.

DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015. (Estado de Sítio).

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1912-1914). Direção tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 17-198. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade* (1905-1906). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 129-238. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio do prazer* (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 91-184. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

HERMANN, V. Ensaio sobre a depressão antropocêntrica. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 33, n. 2, p. 35-59, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/41061/38826>. Acesso em: 15 set. 2023.

JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud* (1953). Tradução: Marco Aurelio de Souza Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MALM, A. *The Progress of This Storm: Nature and Society in a Warming World*. London: Verso, 2018.

MARTIN, F. *Freud, mon père*. Paris: Denoël, 1975.

LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise* (1970). Tradução: Cleonice P. B. Mourão e Consuelo F. Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise* (1987). Tradução: André Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RIBEIRO, S. D. Psychoanalysis and antisemitism: from the myth of the Judeo-Satan to the otherness at the pulsional. *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*, Flórida, v.12, n. 2, p. 638-654, ago. 2023a. Disponível em: <https://ojs.southfloridapublishing.com/ojs/index.php/rccs/article/view/2723>. Acesso em: 24 set. 2023.

RIBEIRO, S. D. Foucault at the French Court of Princess Marie Bonaparte. *Concilium Journal*, v. 23, n. 15, p. 468-487, ago. 2023b. Disponível em: <https://clium.org/index.php/edicoes/article/view/1739>. Acesso em: 11 ago. 2023.

RIBEIRO, S. D. Psicanálise e física quântica: sobre os quanta psíquicos de Marie Bonaparte. *Reverso*, Belo Horizonte, ano 84, n. 44, p. 79-86, 2022.

RIBEIRO, S. D. Referências à biologia entre os primeiros psicanalistas franceses: Marie Bonaparte, cirurgia e transexualidade. *Revista Antígona*, Porto Nacional, TO, v. 1, n. 2, p. 58-78, abr. 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/antigona/article/view/11736>. Acesso em: 7 set. 2023.

RIBEIRO, S. D. *Com Laplanche, ler Marie Bonaparte: contribuições à psicanálise*. (Tese de Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020a.

RIBEIRO, S. D. Algumas questões sobre a adoção na vida e obra de Marie Bonaparte. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 210-219, nov. 2020b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/161036>. Acesso em: 3 jul. 2023.

RIBEIRO, S. D. Complexo de perfuração: uma interpretação a partir da teoria da sedução generalizada. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 584-605, nov. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/wc7WdnmHqfXfyJy6HTtrbCs/?lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2023.

RIBEIRO, S. D.; BELO, F. R. R. Os 201 clitóris de Marie Bonaparte. *Reverso*, Belo Horizonte, MG, ano 74, n. 39, p. 61-67, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v39n74/v39n74a08.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.

ROUDINESCO, É. *Histoires de la psychanalyse en France*. 1. Paris: Fayard, 1994.

Recebido em: 10/07/2023

Aprovado em: 28/07/2023

Sobre a autora

Sarug Dagir Ribeiro

Psicóloga.

Psicanalista.

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Mestre em Estudos Literários pela UFMG.

Doutora em Psicologia pela UFMG.

Professora Adjunta II do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) em regime de dedicação exclusiva.

Coordenadora do Centro de Estudos e Práticas em Psicologia - CEPsi da UFT (Biênio: 2023-2025).

Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos da UFT/CNPq.

Membro do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP).

Autora do livro *Com Laplanche, ler Marie Bonaparte* (Novas Edições Acadêmicas, 2019).

Tradutora do livro de Marie Bonaparte - *Sexualidade feminina: contribuições para a psicanálise* (Zagodoni, 2022).

Premiada em 2010 com o Candango Especial do Júri e o Troféu Saruê pela participação como atriz no filme *O céu sobre os ombros*, do diretor Sérgio Borges no 43.º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

E-mail: sarug.dagir@uft.edu.br

Agenesia corporal e sua reconstrução da subjetividade: uma breve história clínica e a interlocução da psicanálise com a odontologia¹

*Body agenesis and its reconstruction of subjectivity:
a brief clinical history and
the dialogue between Psychoanalysis and Dentistry*

Cristiane Marques Seixas
Luciana Freitas Bastos
Marcelo Daniel Brito Faria

Resumo

O presente trabalho visa propor uma interlocução entre odontologia e psicanálise com o objetivo de apresentar e discutir a história clínica de uma estudante de graduação em odontologia portadora de agenesia de membro superior, que inicialmente passa por um estudo e processo de reabilitação por meio de próteses biomecânicas e mioelétricas. Posteriormente realizou-se uma escuta psicanalítica dos complexos processos de subjetivação criados ao longo de seu curso de graduação. Explorou-se e produziu-se uma releitura dos textos de Freud e autores pós-freudianos, como Lacan, Anzieu e Lindenmeyer, bem como leituras filosóficas com Besnier e Andres. A história clínica aqui apresentada mostra que, entre a indicação clínica de reabilitação e a busca pela imagem simétrica idealizadas das mãos presentes, é preciso percorrer um caminho teórico-clínico entre o olhar da equipe de médicos, dentistas, alunos de graduação, terapeutas ocupacionais, professores e a escuta psicanalítica, a fim de possibilitar ao sujeito que procura o procedimento médico de reabilitação de seu defeito congênito, uma vivência genuína de suas experiências, possibilitando escolhas diante dos complexos processos de subjetivação experimentados na sua formação em odontologia.

Palavras-chave: Agenesia de membro superior, Reabilitação biomecânica, Odontologia, Psicanálise.

1. Trabalho apresentado no XXV CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e XLI JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte (MG), 28, 29 e 30 set. 2023.

Corpos plurais: ciência e tecnologia

Conforme o censo demográfico de 2022, 8,4% da população brasileira apresentam deficiência, o que representa 17,2 milhões de sujeitos brasileiros com alterações orgânicas e psíquicas. A deficiência é definida quando uma pessoa apresenta, em caráter permanente, perdas ou anomalias de sua estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, que gerem incapacidade para o desempenho de atividades, dentro do padrão considerado normal para o sujeito (Brasil, 1999).

As anomalias congênicas afetam entre 1% e 2% dos nascidos vivos, dos quais aproximadamente 10% possuem deformidade dos membros superiores. Embora algumas dessas deformidades ocorram isoladamente, há associações com síndromes sistêmicas, que envolvem discrasias sanguíneas, cardiopatias, malformações do sistema nervoso central, malformações do tubo digestivo, atraso do desenvolvimento neuropsicomotor (DNPM), entre elas, holt-oram, anemia fanconi, TAR, apert, vacter-L, poland, Cornelia de Lange, Nager. O reconhecimento e o tratamento dessas afecções devem sempre vir antes da abordagem das deformidades dos membros. É necessário que toda criança diagnosticada como portadora de deformidade congênita e seus pais façam uma avaliação genética e uma avaliação multidisciplinar incluindo os aspectos psíquicos.

O termo “agenesia” vem de “a-gênese”, o que não foi engendrado. É utilizado para designar casos de malformação de parte de um dos membros. Por ser congênita, caracteriza-se pela interrupção do desenvolvimento normal de um membro durante o processo gestacional. O desenvolvimento infantil é considerado um processo que se inicia desde a vida intrauterina e envolve o crescimento físico, a maturação neurológica e a construção de habilidades nas áreas social, cognitiva, comportamental e afetiva da criança, tornando-a competente para responder às suas necessidades e às do seu meio. Os primeiros anos de vida são

considerados críticos para o desenvolvimento infantil, já que há mais plasticidade cerebral, o que favorece o desenvolvimento de todas as potencialidades da criança. A plasticidade neuronal é reforçada no cérebro em desenvolvimento e a experiência apropriada nesse período é fundamental para a adequada função dos sistemas neurais. Qual potencial de capacidade motora a criança poderá atingir na vida adulta com a deformidade corrigida quando comparada ao não tratamento da deformidade? Acredita-se que, ao associar a correção das deformidades com o desenvolvimento do esquema corporal e da coordenação dos movimentos, os resultados funcionais na vida adulta serão melhores quando comparados à não correção ou às correções tardias.

No ano 1890, Godon visitou a escola dentária da Filadélfia, dirigida por Edward Kirk, e se entusiasmou com a experiência do *Manual training schools*, o qual dizia que este método verdadeiramente se constituía na “instrução do espírito pelas mãos”. Segundo esta teoria, “a inteligência do estudante deve ser instruída não apenas pelos ouvidos e os olhos, mas ainda pelo tato”. O princípio dessa instrução tinha por objetivo dar ao aluno não somente o poder de fabricar objetos materiais, mas também adquirir hábitos de observação minuciosa, de raciocínio lógico e de precisão. De fato, Godon disse: “Esta especialidade repousa sobretudo, e antes de mais nada, sobre a habilidade manual, a destreza; qualidade que só se adquire por longa prática precocemente iniciada, como em todas as profissões em que é necessária”. “[...] é preciso para o dentista, que a educação da mão se faça desde o começo dos seus estudos para que venha a se tornar um bom praticante”.

Em resposta ao comportamento mundial excludente, em que pessoas com deficiência eram segregadas e ignoradas, formulou-se a Declaração de Salamanca, documento assinado em 1994, na Espanha. O Brasil, seguindo essa visão, vem se empenhando para beneficiar essa parcela da população, que muitas

vezes é excluída ou simplesmente ignorada, acreditando que, independentemente de suas necessidades, são capazes de desempenhar tarefas e cumprir metas, podendo necessitar de um aporte tecnológico (ajudas técnicas) para alcançar sucesso. Considerando que atualmente o mundo é regido pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC), faz-se necessário falar em inclusão aliada à proposta de acesso a todos. Entretanto, incluir e aceitar que pessoas com deficiência sejam atuantes nem sempre foi uma preocupação da sociedade. Quando se fala em acesso a todos, deve-se levar em conta as singularidades, criando estratégias que supram as necessidades de cada sujeito.

A tecnologia assistiva deriva desse movimento, em que uma prótese física ou cognitiva preenche uma lacuna, efetivando o acesso funcional e dinâmico do sujeito deficiente no contexto do mundo da informação. Na maioria das vezes, as pessoas com deficiência física se encontram em desvantagens, pois, segundo Vygotsky (1997), as consequências sociais são o que realmente definem o destino da pessoa, e não sua deficiência. Segundo Lévy (1999), “as tecnologias de informação e comunicação (TIC) vêm se tornando, de forma crescente, importantes instrumentos de nossa cultura e sua utilização, um meio concreto de inclusão e interação no mundo”.

Psicanálise e a filosofia: cartografia corporal

Quanto à psicanálise qual seria sua contribuição? Primeiramente devemos abrir um diálogo profundo das questões éticas, dialogar com a filosofia de Jean-Michel Besnier, do transumanismo, e de Gunter Anders, do Deus prometeico, com os fundamentos da teoria psicanalítica de Freud. Em segundo lugar, devemos considerar os fatores emocionais relacionados às malformações congênitas dos membros superiores e, posteriormente, verificar o ambiente e os aspectos socioculturais da criança com deficiência.

Os pais geralmente carregam um sentimento de culpa e responsabilidade pela

deformidade dos filhos. Segundo Freud (1914/1996), em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, todos os genitores de crianças com deficiência sofrem de uma profunda ferida narcísica e reagem ou com uma negação e desamparo para com aquela criança, ou com uma superproteção para compensar o defeito. Somado a isso o sujeito contemporâneo vive em uma sociedade altamente tecnológica, que alimenta o consumo, uma sociedade cuja regra é a satisfação plena, a alta *performance* em qualquer contexto da vida humana, que nega qualquer possibilidade de incompletude e de falta fazendo com que esses sujeitos estejam impossibilitados de pertencer a esse cenário.

Essa condição de ser um sujeito performativo e tecnológico gera uma fantasia inconsciente dos pais para preencher e compensar de forma biônica o defeito corporal do sujeito. A reabilitação funcional com recursos da tecnologia e da medicina assistida por computação científica deve ser inserida no complexo do tratamento desse sujeito, pois elas se mostram extremamente importantes para criar uma condição de autonomia. Por outro lado, na contramão dessa tendência da *performance* e da tecnologia, a maior contribuição que a psicanálise pode oferecer é escutar esse sujeito naquilo que lhe falta, para que possamos singularizar sua demanda. Isso é possibilitado quando tomamos o conceito fundamental delimitado por Freud sob o nome de complexo de castração, ou seja, é a partir da percepção da falta no outro que o sujeito elabora sua própria castração, processo que fica dificultado diante de um mundo em que a tecnologia ao mesmo tempo que ajuda, coloca o ideal de completude o tempo todo.

Freud (1923/1996) indica a íntima afinidade entre o eu e o corpo, afirmando que o nosso Eu é acima de tudo um Eu corporal. Pensar no desenvolvimento psíquico do sujeito desde os primórdios é pensar nas fantasias inconscientes desse corpo, é pensar freudianamente nos primeiros efeitos do

narcisismo primário, que estabelece o protótipo de relação do sujeito com o próprio corpo e com o corpo do outro, abrindo caminho para a constituição de um narcisismo secundário descolando o sujeito da experiência autoerótica em que o corpo ainda não tem uma forma própria. Esse momento inaugural será seguido pelas fases de desenvolvimento psíquico (oral, anal, fálica, latência e genital), levando à construção de um eu que está inserido num mundo que tem regras próprias e que irá por toda a vida exigir do eu uma resposta e uma posição.

Para pensar esse eu que precisa se relacionar com um mundo externo, por meio de seu corpo e de sua subjetividade, contribuem também as fases esquizoparanoide e depressiva de Melaine Klein, que se agregam à teoria freudiana das fases do desenvolvimento libidinal trazendo mais flexibilidade conceitual para os casos que a psicanalista atendia, a proposição do estágio do espelho por Lacan, para melhor compreender esses movimentos do sujeito em relação ao outro e sua estreita relação e as considerações freudianas sobre a pulsão de vida e a pulsão de morte, que estão permanentemente em associação promovendo a continuidade da vida.

Assim também é importante refletir com André Green e seus conceitos de narcisismo de vida e narcisismo de morte que possibilitam uma leitura da proposição freudiana do texto revolucionário do além do princípio do prazer (Freud, 1920/1996), e buscar conhecimento da psicanálise do sensível de Ivanise Fontes (2017) para que, por fim, a psicanálise em nosso tempo insira esse sujeito em um saber que advirá de sua própria fala, de sua própria dor, que ao mesmo tempo lhe falta. Essa abertura para a escuta daquilo que o sujeito não sabe sobre si mesmo e sobre seu sofrimento cria a possibilidade de uma reabilitação para além desse corpo defeituoso, uma reabilitação de significantes para que esse sujeito possa assumir sua própria identidade e expressão social para assim sustentá-la.

O império do belo (praxíteles), Salvador Dalí e a psicanálise

Figura 1 – Vênus de Milo

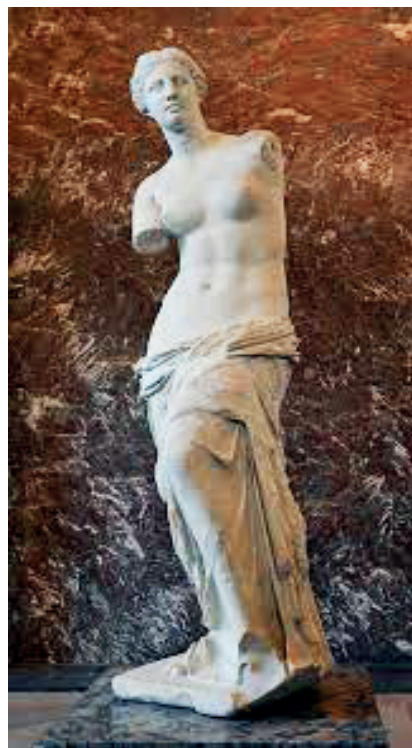


Figura 2 – S. Dalí e Afrodite



Figura 3 – Afrodite de Cnido

Freud sempre foi um grande estudioso da arte e da filosofia. Em seu consultório em Viena e posteriormente em Londres, via-se uma infinidade de objetos culturais cuja história trazia outros saberes e alimentava suas construções teóricas. A arte, a literatura, a filosofia e a mitologia fizeram parte da criação da psicanálise, e elas nos acompanham na leitura dos desafios colocados pelo caso que e apresentar.

Vênus de Milo

Na arte, na fase do Império do belo na Grécia e no mundo grego, de IV a.C a I d.C, era um momento de um despertar para a liberdade. Os artistas já haviam adquirido sua legitimidade e personalidade própria com maestria, assim como a opinião pública da época. Embora alguns membros nobres da sociedade ainda esnobassem a vida e o mundo da arte e dos artistas, já havia um movimento crescente de pessoas que já olhavam seus

trabalhos como obra de arte, e não apenas como material para intensões políticas e religiosas. Na arquitetura vários estilos foram sendo usados simultaneamente, a exemplo do Parthenon edificado no estilo dórico; posteriormente na Acrópole foram introduzidos os estilos jônicos com a perfeição do templo chamado Erecteion.

A mesma característica de graça e leveza marca a escultura e a pintura desse período. Atenas esteve em guerra com Esparta, que pôs fim à sua evolução e prosperidade e à da Grécia. No ano 408 a.C., em um período pacífico, um anteparo foi acrescentado ao pequeno templo consagrado à deusa da vitória na Acrópole. Suas esculturas e seus ornamentos mostram a mudança de gosto, no sentido da delicadeza e do refinamento, que também se repete no estilo jônico. Essas obras de arte foram, contudo, mutiladas e destruídas. por exemplo, a de uma das deusas da vitória é a escultura de uma figura jovem, que se inclina para atar uma sandália que se afrouxa enquanto caminha. Com um supremo encanto essa parada súbita é retratada, com suavidade e opulência a túnica diáfana cai sobre o belo corpo. Podemos ver a capacidade sublimatória dos artistas da época, já não apresentavam mais dificuldades em representar e apresentar o movimento e a perspectiva.

O friso do templo de vitória mostra o início de uma mudança de atitude: os gregos educados discutiam agora pinturas e estátuas como discutiam seus poemas e teatros, elogiavam sua beleza ou criticavam sua forma e concepção. O maior artista desse século foi Praxíteles, era célebre pelo fascínio de sua obra, a doçura e o caráter insinuante de suas criações. Seu trabalho mais famoso, cujo louvor foi cantado em muitos poemas, representava a deusa do amor, a jovem Afrodite (Figura 1), entrando no seu banho. Contudo essa obra emblemática desapareceu. Supõe-se que uma estátua descoberta em Olímpia, no século XIX, seja um original saído de suas mãos.

Praxíteles começa a dar vida às obras; ele se preocupa em mostrar as articulações mais importantes do corpo para nos fazer entender com mais clareza o seu funcionamento. Agora o artista pode fazer tudo isso sem manter a escultura e a estátua como uma figura hirta e inanimada. Podem ser vistos os músculos e ossos que se distendem e se movem sob a pele macia, dando a impressão de um corpo estuante de vitalidade, em plena graça e beleza. Entretanto, cumpre entender que Praxíteles e os outros artistas gregos alcançaram esse grau de beleza por meio do conhecimento das técnicas vigentes no período. Não existe corpo humano que seja tão simétrico, tão bem construído e belo quanto o das estátuas gregas.

O público pensa frequentemente que o método empregado pelos artistas consistia em observar muitos corpos e deixar de fora qualquer característica que não lhes agradasse, como uma totalidade e completude corporal de uma simetria de uma bilateralidade como um espelhamento de um corpo com medidas precisas. Copiavam meticulosamente o corpo real e depois o embelezavam, omitindo qualquer irregularidade ou traço que não se harmonizasse com a ideia de um corpo perfeito. Muitos relatam que os artistas gregos idealizaram a natureza e que a conceberam em termos de um fotógrafo que retoca um retrato eliminando pequenos defeitos. Ocorre, no entanto, que uma fotografia ou um desenho extremamente perfeito e simétrico carecem de caráter e vigor. Tanta coisa ficará de fora que pouco restará de um pálido e insípido espectro do modelo.

A ousadia de Praxíteles é eliminar essa completude quase que em um narcisismo artístico dos gregos antigos, ao introduzir a possibilidade de assimetrias como se pudessem permitir aos artistas expressar em suas obras algo do complexo de castração freudiano, cujo reconhecimento de um não modelo idealizado permitiria fluir a singularidade de cada artista, permitindo às artes, especificamente as esculturas se mover e respirar sob as mãos

hábeis do escultor. Essas obras se erguem diante de nós como seres humanos de verdade e, ao mesmo tempo, como seres de um mundo diferente e melhor, pois a arte a partir daí coloca o típico e o singular dos artistas em um novo e delicado equilíbrio.

A Vênus de Milo, encontrada nas ilhas de Melos, a mais conhecida e que pôde retratar com essa técnica vivaz o corpo feminino em 202 cm de uma grandiosidade jamais desarmonica e indefinida, mas com uma expressividade de vida. Essa obra de arte nos remete diretamente aos sujeitos com agenesia de membros superiores. Que modelos nosológicos e anatômicos permitem referenciar o normal do patológico? Que padrão organicista está inserido nas sociedades contemporâneas? O mercado de consumo dita os padrões? A norma é ser completo, é ser inteiro, belo e simétrico, porém sem vigor e vivacidade. Nossas subjetivações nos permitem olhar o sujeito para além desse corpo.

Como psicanalista, é preciso ter a habilidade do artista Praxíteles para escutar esses sujeitos cujos membros não estão dentro da simetria perfeita e lhes permitir dar movimento e vida a seu corpo mesmo que falte algo orgânico. Do ponto de vista da psicanálise, a falta de um membro não seria impedimento para seguir pulsando com vida, sem esquecer, é claro, que, independentemente de nossas condições orgânicas, seremos sempre parcialmente limitados e que assim sejamos similares às esculturas de Praxíteles: uma Afrodite.

É também no campo da arte que resgatamos Salvador Dalí que em dois momentos de sua obra retoma a Afrodite. O primeiro momento é em 1964, *Vénus de Milo com gavetas* (Figura 2) em bronze com 98,50 x 32,50 cm, localizada no Museu-Teatro Dalí, (Figueras, Espanha). Releitura surrealista, feita por Salvador Dalí, da escultura grega Vênus de Milo, que representa a Deusa grega Afrodite, do amor sexual e beleza física, tendo ficado, no entanto, mais conhecida pelo seu nome romano Vénus. Dalí disse: “A única diferença entre a Grécia imortal e a

época contemporânea é Sigmund Freud, que descobriu que o corpo humano, puramente platônico na época da Grécia, hoje em dia está cheio de gavetas secretas que somente a psicanálise é capaz de abrir”.

Já em 1981, Dali nos mostra *A aparência do rosto de Afrodite de Cindo cenário da paisagem* (Figura 3), um de seus quadros menos conhecidos, mas não menos provocador. Nele vemos o rosto de Afrodite em um triângulo de pedra dividido. A beleza decapitada aparece numa paisagem de um mundo que não precisa dela. Um mundo de mesmice, uniforme e simples que é rasgado pela presença da face de Afrodite, colocando em destaque o desnecessário da beleza e da perfeição. São dois momentos em que o pintor surrealista reporta uma das obras mais impactantes no mundo colocando-nos a pensar nessas interseções entre a arte a psicanálise e a vida de cada um de nós.

História do caso clínico: Afrodite

O recorte do caso clínico é estudado no Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanálise (NAEP) da Policlínica Universitária Piquet Carneiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPC/UERJ) em parceria com o Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ), a Faculdade de Odontologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FO-UERJ) e o curso de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ (IP-UERJ). Essa parceria está publicada em junho de 2022 na revista *Estudos de Psicanálise* n. 57, p. 89-100. Nossa sinergia neste caso clínico vem ao encontro do trabalho da psicanalista Cristina Lindenmeyer (2023) que, em seu livro *Os impasses do feminino*, apresenta dois casos clínicos de pacientes com agenesia congênita de membros superiores e inferiores e redige uma obra de arte clínica. Seu principal objetivo foi avaliar em que contexto a psicanálise pode escutar esses sujeitos, reabilitar sua subjetividade numa sociedade contemporânea cartesiana, organicista e com uma exigência altamente

performática de um super-homem ampliado e biônico conforme os estudos e as reflexões de Jean-Michell Besnier e Gunters Anders.

Além dos trabalhos de Lindenmeyer, como o apresentado no XXV Congresso do Círculo Psicanalítico Brasileiro e da Jornada do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (2023), recomenda-se uma releitura minuciosa de alguns textos freudianos, tais como: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *O pequeno Hans* (1909), *Totem e tabu* (1913), *Introdução ao narcisismo* (1914), *O homem dos Lobos* (1918), *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926), *Dostoiévski e o parricídio* (1928), *O mal-estar na civilização* (1930), *Análise finita e infinita* (1937). E especificamente para nosso recorte do caso clínico, revisitamos *Estudos sobre a histeria* (1895) e *Além do princípio de prazer* (1924). Além dos textos freudianos, foi necessária uma reflexão filosófica como os textos *O super-homem* (Nietzsche), *Transumanismo* (Besnier), *A vergonha prometeica* (Anders), *Disability and Rehabilitation Assistive technology* (Paulin e cols.) e *A agenesia corporal* (Lindenmeyer).

Para o recorte do caso clínico, vale salientar que sujeitos com agenesia congênita diferem dos sujeitos com agenesia por amputação. As experiências corporais diferem, pois não perdem seus membros de forma súbita e repentina. Os relatos são diferentes; determinadas falas desses sujeitos com malformação permitem localizar ou fixar no corpo da criança angústias infantis, por isso são uma oportunidade de reposicionamento no trabalho de elaboração da angústia de castração, permitindo a integração da malformação no divã.

Entrevistas preliminares do caso clínico

Por nossa interlocução neste artigo do caso clínico com a arte de Praxíteles, escolhemos o nome fictício Afrodite para nossa analisanda a fim de trazer esta importante corporeidade com o psiquismo e seus desdobramentos. No início, o trabalho com Afrodite foi único e exclusivamente organicista, na tentativa

de reabilitação protética biomecânica para suprir sua deficiência, com o objetivo de nossa analisanda exercer sua prática clínica odontológica com mais autonomia. Em parceria com o Instituto Nacional de Trauma e Ortopedia (INTO) e o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), ambos do Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI) no Brasil. Com a inserção de próteses biomecânicas, próteses miolétricas e terapia ocupacional, Afrodite se sentiu acolhida em relação aos aspectos corporais no que tangia a sua subjetividade, fazendo dessa fase do trabalho um ganho em algumas disciplinas que exigiam dela uma destreza manual para além de sua realidade corporal. Nesse momento do trabalho, Afrodite já apresentava um certo conflito em permanecer estimulada em sua reabilitação ou seguir em suas escolhas de quando e como ser realmente necessária para sua singularidade a reabilitação por próteses. Foi a partir dessa observação sensível de nossos pesquisadores que Afrodite entra em um espaço psicanalítico único e exclusivamente por meio de seu desejo.

No caso clínico como primeiro ponto de escuta é que o nascimento de uma filha com agenesia desperta em seus pais angústias infantis, com destaque para a exacerbação das fantasias ligadas à angústia de castração presentes na fase da sexualidade infantil. A tentativa de inserção de uma prótese pela equipe de pesquisadores do INTO, da FO-UERJ e do LNCC como uma solução médica insere nesse contexto uma lógica fetichista, uma lógica que tem por objetivo reparar imaginariamente o corpo feminino materno que engendrou a malformação. Em outras palavras, um corpo feminino materno narcisisticamente ferido. Paralelamente a essa dinâmica, nesse caso clínico específico existiu a escuta de uma culpa inconsciente dos pesquisadores e equipe com suas feridas narcísicas incapazes de lidar com suas próprias angústias de castração na contratransferência e deslocá-las para Afrodite. Essa falha,

que fere todos narcisicamente, é o que leva os pais da analisanda a uma busca por sua reabilitação protética, uma forma inconsciente de não lidar com a falta, com a castração e ter que construir uma resposta para pergunta: de quem é a culpa pelo defeito?

É nesse contexto que Afrodite chega ao NAEP para um lugar de escuta e de ressignificação de sua subjetividade para além da imagem corporal.

Manejo clínico das sessões (interlocução com a teoria freudiana)

Afrodite hoje com 28 anos de idade, estudante de odontologia em uma universidade pública do país, é portadora de agenesia de membro superior congênita à esquerda. Filha única, relata que seus pais foram casados até seus 13 anos de idade tendo uma infância relativamente boa. Seu pai, apesar de afetivo para com ela, não era da mesma forma com sua mãe. O pai diante dessa relação apresentava-se bastante instável psiquicamente. Afrodite relata nas primeiras sessões uma fala muito marcante de seu pai que afirmava que se ele a deixasse juntamente com a mãe ambas não seriam nada e não conseguiriam se estabelecer na vida. Diz também que seu pai era bastante adepto à infidelidade no casamento. No entanto, Afrodite afirma que em sua infância nunca se sentiu diferente com alguma deficiência ou defeito. Estudou em uma escola privada e sempre foi muito acolhida, ficou dos 3 aos 7 anos de idade no Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek e diz não se lembrar desses momentos.

Podemos considerar que há o encontro de Afrodite e seus pais com a castração, tomando como referência o complexo de castração apresentado por Freud na análise do Pequeno Hans (Freud, 1909/1996). Nesse caso que constitui uma das cinco histórias clínicas trabalhadas por Freud em sua obra, o menino Hans teme ser mordido por um cavalo, medo que, segundo Freud, está associado inconscientemente com o medo da perda de seu pênis. Na interpretação

freudiana desse caso, o cavalo é um substituto da figura paterna que, na fantasia, alimenta o medo de, ao perder seu pênis, vir a ocupar um lugar feminino em relação ao pai.

Em *O homem dos lobos*, Freud volta a tratar do complexo de castração dando mais ênfase à questão da angústia, pois é pelos sentimentos vivenciados a partir da constatação de que o órgão sexual masculino falta à menina que Freud constrói sua elaboração da angústia de castração colocando-a no centro de todos os tipos de angústia que havia proposto até então.

Posteriormente em *Inibições, sintomas e ansiedade* Freud (1923) retoma esse fio e reconsidera a teoria da angústia, tomando como eixo central a problemática da castração. Se, para Freud, nesse momento, a castração ainda se limita à fantasia de mutilação, veremos mais tarde que a castração implica a possibilidade de que o sujeito se depare com o mistério que gira em torno do falo, de todas construções que se dão a partir da perspectiva de ter ou não ter não somente o pênis propriamente dito, mas algo que compões o narcisismo de cada sujeito. Se deparar com esse mistério provoca diversos desdobramentos subjetivos e coloca o enigma que muitas vezes orbita em torno falha narcísica, inclusive quando essa falha se presentifica no corpo. Assim, a significação da castração reside no temor não só de perder parte do corpo, mas também de perder a potência fálica que se supõe perante a presença do pênis e do corpo completo ou perfeito.

Em nosso caso clínico, essa falha no corpo se articula aos desejos edípicos. Esse caso clínico mostrou muita sinergia com os casos clínicos apresentados Lindenmeyer (2023, p. 115) em seu livro *Os impasses do feminino*:

Se o complexo de castração causa no homem formações de compromisso neuróticas ou perversas, na mulher é sobretudo o destino histérico que se empenha. A histérica é aquela que se utiliza de todos os artifícios possíveis para atrair o olhar paterno para o

seu corpo vivenciado como incompleto. Todos os adornos e expedientes são retomados por ela, a fim de preencher o que considera falta em seu corpo.

Nessa mesma direção, podemos considerar que a formação de compromisso gerada em Afrodite é em parte um destino histérico de impulsos sexuais. Afrodite se empenha de todas as formas, para atrair o olhar, talvez olhar paterno para o seu corpo que traz desde sua origem a falha. Nas sessões seguintes, Afrodite relata que foi quando mudou de escola na adolescência que começou a se sentir diferente dos outros. Foi nessa época que começou a não querer mais descer para os intervalos das aulas, pois sentia que todos poderiam olhar para o seu braço e em pausas fala para o seu defeito. Conta com risos que lembra com muita felicidade um período em que sua melhor amiga fraturou a perna e ambas ficaram na sala durante os intervalos das aulas, período perdurou uns três meses e foi muito bom. Às vezes, quando se lembra desse fato, sente-se um pouco má, pois ficou feliz pela condição enferma da melhor amiga. Há um encontro: se algo falta, não é só a ela, pode faltar ao outro, pode faltar também no corpo do outro, reiterando o quanto esse recorte retrata o lugar privilegiado que corpo e olhar ocupam na histeria.

Atualmente vem revivendo esses sentimentos na universidade, pois seus colegas de turma e professores enfatizam sempre para ela o seu estado de limitação diante da prática clínica. São falas geralmente de docentes que afirmam que precisará de muita ajuda pela sua limitação e defeito físico. Afrodite relata as falas de alguns professores: devido à sua anomalia dificilmente obterá seu diploma em odontologia ou de acordo com professoras de áreas na odontologia que exigem uma prática clínica minuciosa perguntam para Afrodite o porquê da escolha dessa profissão e quem ela está afrontando com isso, os docentes, os colegas de turma ou os funcionários da instituição, já que existem tantas

outras profissões no mercado que não exigiam dela a necessidade de uma destreza manual.

Nas demais sessões relata que passou por um quadro depressivo na pandemia de covid-19 e às vezes vem sentindo esses mesmos sintomas. Decide procurar um psiquiatra, inicia por indicação médica o uso do medicamento Éxodus (antidepressivo) e fala que tem muito medo de ficar louca, de não conseguir acabar logo com isso. Pergunto: “acabar logo com isso? O que você quer dizer com essa frase?” Afrodite responde: “Acho que é algo que desconheço para dizer, mas talvez, que tudo que eu vivi em minha história e quero acabar logo com isso”. Conta-me pela primeira vez na vida que foi fazer uma prova de prótese dentária (especialidade da odontologia) sem estudar. Penso sobre o que falamos em uma sessão do conhecimento técnico-científico em reabilitá-la por meio de próteses biomecânicas e miolétricas, e seu real desejo de ser reabilitável. No mundo contemporâneo a lógica é sempre criar novas maneiras de buscar a perfeição. Nessa mensagem endereçada a mim, ela aponta o quanto desejaria por si só descobrir sua necessidade singular de ser reabilitada por prótese e sentir quais áreas da clínica ela precisará de um suporte médico reabilitador e quais ela poderia seguir sem próteses.

O papel da instituição seria promover inclusão e acolhimento para dar a esse sujeito a possibilidade de escolher e seguir com autonomia parcial, sem caracterizar a totalidade de limitação encontrada na condição de Afrodite. Mais o que ela encontra são falas de uma sociedade modulada na condição de normalidade, com uma condição médica onipotente capaz de remodelar, de reabilitar, de reparar, bem como incrementar a *performance* corporal reduzindo o sujeito a um corpo modificável, objetalizado, conforme a lógica da cultura e da normalidade. É nessas falas dos docentes que Afrodite vive essa experiência. Aqui não se trata de desconsiderar ou destituir o ato médico, nem

de subestimar o ganho de técnicas práticas que oferecem aos sujeitos um acesso ao tratamento, que lhe restitui um espaço de autonomia, mas tais técnicas lançam nossa analisanda em processos subjetivos complexos, que somente na escuta desses sujeitos poderemos encontrar algo de singular e valioso para suas escolhas.

Conclusão preliminar do caso clínico

Para conclusão do recorte do caso clínico, devemos chamar atenção para o núcleo da metapsicologia psicanalítica constituída pela sexualidade infantil, cuja produção é sensível em situações clínicas como a de Afrodite, haja vista sustentar a relação dialética entre a prótese e a persistência do desejo de criação do ser humano de hoje, o qual, em última instância gostaria de ignorar a castração conforme afirma Birman (2012). O sujeito de hoje é vigoroso em acreditar na completude, realizando um mais de gozar como se pudesse mercantilizar e tornar possível a felicidade plena, sendo possível o encontro com o objeto. A escuta e o manejo clínico para com a analisanda está nessa direção. Ela conseguiu trazer as insatisfações subjetivas quanto à possibilidade de reabilitá-la para além de suas satisfações. No início do trabalho com as tentativas de reabilitação com próteses encontramos as insatisfações do ponto de vista dos seus efeitos subjetivos por vezes levando Afrodite à recusa de ser reabilitada para melhor desempenho de sua técnica. O trabalho está consistindo em tomar a posição subjetiva dela no trabalho de análise de uma forma multidisciplinar sem afastar e distanciar o diálogo entre os profissionais envolvidos, mas sim como buscar os sentidos do desejo de sua vida, conforme Quinet (2019). É levar Afrodite para a coxia de seu palco teatral para emergir dela sua problemática inconsciente. Caberá a ela ir ao prosaetrio de sua própria peça para encontrar um sentido dado pelo seu desejo, para a sua vida, implícita no roteiro de sua própria peça teatral.

Abstract

The present work aims to propose a dialogue between dentistry and psychoanalysis with the aim of presenting a clinical history of a dentistry undergraduate student with upper limb agenesis, who initially undergoes a study and rehabilitation process using biomechanical and myoelectric prostheses. to later carry out a psychoanalytic listening to the complex subjectivation processes created throughout his undergraduate course. A re-reading of Freud's texts was explored and produced, such as: Little Hans, Doistoievski and parricide, three essays, in addition to the principle of pleasure and others, we re-read post-Freudian texts and authors such as Jacques Lacan in *The Writings*, Didier Anzieu in *Eu-pele* and philosophical readings were sought with Jean Michell Besnier in his studies on transhumanism, the study and work of Gunters Andres with his *Promethean God*, as well as the synergy with the clinical cases of C. Lindenmeyer, our co-author on this work. Our clinical history shows that between the clinical indication of rehabilitation and the search for the idealized symmetrical image of the hands present, we followed a theoretical-clinical path between the perspective of the team of doctors, dentist, undergraduate students, occupational therapists and teachers and psychoanalytic listening, in order to enable the subject who seeks the medical procedure to rehabilitate their congenital defect, a genuine experience of their experiences and choices in the face of the complex processes of subjectivation followed during their training in Dentistry.

Keywords: Upper limb agenesis, Biomechanical rehabilitation, Dentistry and Psychoanalysis.

Referências

- ALEXANDRE, L.; BESNIER, J.-M. *Os robôs fazem amor? o transumanismo em doze questões*. Tradução: Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- ANZIEU, D. *O Eu-pele*. Tradução: Zakie Yazigi Rizkallah e Rosali Mahsuz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BRASIL. Decreto Federal n.º 914, de 6 de setembro de 1993. Institui a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência e dá outras providências. Brasília, 1993.
- BRASIL. Decreto n.º 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei n.º 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção e dá outras providências. Brasília, 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/civil_03/decreto/d3298.htm. Acesso em: 03 maio 2015.
- DECLARAÇÃO de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas em educação especial. Espanha: [S.n.], 1994.
- FONTES, I. *A descoberta de si mesmo*. São Paulo: Ideias e Letras, 2017.
- FREUD, S. A história do movimento psicanalítico (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 18-73. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 17-75. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. Análise de uma fobia de um menino de cinco anos (1909). In: _____. *Duas histórias clínicas: "O pequeno Hans" e "O homem dos ratos"* (1909). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-133. (Edição standard brasileira das

obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).

FREUD, S. *Estudos sobre a histeria* (Breuer e Freud) (1893-1895). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. Fetichismo (1927). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 155-160. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. História de uma neurose infantil (1919 [1918]). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-130. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]). In: _____. *Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 18-73. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-108. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GODON C. *L'École dentaire: son histoire, son action, son avenir*. Paris: Librairie J.-B. Baillière et Fils; 1901.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Tradução: Celia Gambini. São Paulo: Escuta, 2008.

GUNTER, A. *Nós, filhos de Eichman*: carta aberta a Klaus Eichman. Tradução: Felipe Catalani. São Paulo: Elefante, 2023.

IBGE., Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro, 2000.

KOZIN S. H. Upper-extremity congenital anomalies. *J Bone Joint Surg Am*. 2003; 85(8): 1564-76.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103. (Campo Freudiano no Brasil).

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LINDENMEYER, C. *Os impasses do feminino*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2023.

LINDENMEYER, C. The Agetetic Body: Prosthetics or the new promethean ideal. *The American Journal of Psychoanalysis*, n. 76, pp. 255-265, 2016.

QUINET, A. *O inconsciente teatral - psicanálise e teatro*: homologias. 1. ed. Rio de Janeiro: Atos e Divãs, 2019.

Recebido em: 10/07/2023

Aprovado em: 08/09/2023

Sobre os autores

Cristiane Marques Seixas

Graduada em psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Psicanalista membro da Escola Letra Freudiana.
Mestre em saúde coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Doutora em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Professora associada do Instituto de Nutrição da UERJ.
Docente permanente e coordenadora adjunta do Programa de Pós-graduação em Psicanálise (PGPSA/UERJ).
Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (PPGANS/UERJ).
Bolsista do programa Prociência da UERJ.
Coordenadora do Núcleo de Apoio e Estudo em Psicanálise (NAEP) vinculado ao Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais da Policlínica Piquet Carneiro da UERJ.
Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Transtornos Alimentares (NAPTA) da Policlínica Piquet Carneiro da UERJ.

E-mail: cris.marques.seixas@gmail.com

Luciana Freitas Bastos

Graduada em odontologia pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO).
Mestre em odontologia social pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Doutora em odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Pós-doutora pelo Laboratório Nacional Computação Científica (LNCC).
Professora titular do Departamento Preventivo e Comunitário (PRECOM) da Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FO-UERJ).
Coordenadora da disciplina de Psicologia Aplicada à Odontologia da FO-UERJ.
Coordenadora do setor de odontologia da Policlínica Piquet Carneiro (PPC-UERJ).
Coordenadora do projeto de Pacientes com Deficiência realizado no Núcleo Odontológico de Radiologia e atendimento à pacientes com necessidades especiais (PPC-UERJ).

E-mail: lucianafreitasbastos@yahoo.com

Marcelo Daniel Brito Faria

Psicanalista.
Graduado em Odontologia pela Universidade Gama Filho (UGF).
Membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro.
Mestre e doutor em Ciências da Saúde - Radiologia Odontológica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-SP).
Pós-doutor em física médica pelo Conselho Nacional de Energia Nuclear.
Coordenador do Núcleo de Pacientes Especiais da Policlínica Piquet Carneiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPC-UERJ) e da secretaria de Saúde do Governo do Estado do Rio de Janeiro (SES-RJ).
Professor titular da Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FO-UERJ) da disciplina Psicologia Aplicada à Odontologia e da Radiologia Odontológica.
Professor adjunto da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Pesquisador colaborador da FAPERJ e do Laboratório Nacional de Computação Científica do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI- Brasil).

E-mail: mdanb@yahoo.com

Psicanálise e tecnologias: o inquietante desamparo e suas repercussões na contemporaneidade¹

*Psychoanalysis and technologies:
the disturbing helplessness and its repercussions
in contemporary times*

Édina Lúcia de Araújo Dias
Elizabeth Samuel Levy

Resumo

Freud ressalta que o sujeito costuma moderar sua busca pela felicidade diante das possibilidades de sofrimento, sempre procurando a satisfação, o prazer e evitando o desprazer. No momento em que vivemos, parece existir uma tentativa apressada de realizar os desejos, de alcançar o prazer a todo custo. Não temos mais como fugir das tecnologias que nos atravessam no mundo virtual que e se instalam no mundo real. É sobre essa busca plena e rápida das ofertas tecnológicas de jogos, sexo, compras, relacionamentos, inteligência artificial e as mais diversas possibilidades que discorreremos nessa visão freudiana diante dos perfis narcísicos, dos sujeitos identificados com a suposta completude das tecnologias que nos acompanham dia e noite. Ao mesmo tempo, escutamos na clínica os sintomas e as consequências psíquicas ligadas à tentativa de tamponar as faltas que irremediavelmente remetem o sujeito ao desamparo.

Palavras-chave: Desamparo, Tecnologias, Sofrimento psíquico, Internet.

Introdução

Ao longo de sua obra, Freud faz uma clara associação entre o sentimento de desamparo e o mal-estar na civilização. Ambos caminham juntos desde o princípio da vida, se convertendo em significativos sofrimentos que provêm das ameaças vindas das mais diferentes direções, causando aos sujeitos desconforto e infelicidade.

Em *O mal-estar na civilização* (1930/1996), Freud nos alerta sobre as três ameaças que recaem sobre nós: a primeira vinda do próprio corpo, constituída pela declinação e pelo

perecimento gradual, o que nos causa medo e dor; a segunda se refere ao mundo externo, ameaçador e com forças destruidoras que nos tornam impotentes, e a terceira é a relação com o outro, que certamente se torna a maior das dificuldades, que sentimos como algo mais doloroso do que as anteriores.

Desde Freud, sabemos que a busca pela felicidade e pela satisfação plena faz parte dos anseios de todo ser vivente, mas inegavelmente nos deparamos com as restrições impostas pela cultura. Assim, seguimos buscando driblar as ameaças do mundo

1. Trabalho apresentado no XXV CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e XLI JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte (MG), 28, 29 e 30 set. 2023.

externo com as mais diversas formas de enfrentamento.

A relação entre as satisfações imediatas e as tecnologias tem sido debatida há algum tempo. Desde os meados da década de 1990, os aparatos tecnológicos vêm avançando, com a melhoria de computadores, games, *softwares* e *sites* dos mais diversos. A partir do ano 2000 a internet foi se apropriando de todos nós como um divisor de águas, de forma rápida e cada vez mais fascinante. A inteligência artificial (IA) põe em jogo e desafia o raciocínio de todos nós em sua potência altíssima e ainda nem imaginamos quais serão os desdobramentos. Porém, o fascínio e o delírio são próximos e parecem estar postos diante da demanda excessiva que frequenta as redes sociais e as tecnologias em geral. Mas será que tudo isso é tão novo?

Nesse sentido, o novo da atualidade nada mais é do que uma repetição posta em prática pela ideologia capitalista, que recria a ilusão de que os objetos (de consumo) são acessíveis a todos, fazendo com que objetos de desejo se transformem em objetos de necessidade, o que impede toda a atividade sublimatória. Sem a possibilidade de sublimação, a circulação pulsional não ocorre, e Eros perde sua força (Levy, Ceccarelli e Dias, 2017).

Freud (1930/1996, p. 108) afirma:

Parece certo que não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão. Pensamos que a atualidade nada faz além de produzir pela repetição do mesmo, sob formas variadas efeitos ilusórios, que mascaram através do imaginário cultural em que o sujeito se encontra imerso, em um dado momento sócio-histórico, o mal-estar [*Unbehagen*] inerente à cultura.

O sujeito contemporâneo se depara com um leque de possibilidades diante das

facilidades apresentadas pelas novas tecnologias. Nos *smartphones* há um programa que obedece e realiza nossos desejos: “Siri o que é isso ou aquilo?”, o programa responde imediatamente. Se você falar que quer comprar algo, logo chegam em seu celular inúmeras propagandas do produto que você pesquisou. Às vezes parece que adivinham o seu pensamento. Parece mágica?

Mais recentemente o *chat* GPT, que apresenta a inteligência artificial, tem um alcance que parece substituir o pensamento e o raciocínio humano. O *chat* apresenta conhecimentos sobre todos os assuntos, cria testes, cria desenhos, basta que alguém forneça o tema. A inteligência artificial pode também recriar alguém em imagens que parecem reais, mesmo uma espécie de ressuscitação até mesmo de quem já morreu.

Kallas (2016) pontua que a possibilidade de acessar instantaneamente qualquer coisa e obter gratificações para impulsos sexuais, jogos, curiosidades intelectuais, de comunicação ou de consumo torna a internet irresistível.

Podemos retornar a Freud (1905/1996) e fazer uma analogia com o que ele chamou de “onipotência de pensamento”, “Eu quero, eu posso!” Isso parece o discurso de uma criança que tem a fantasia egocêntrica de que ela e o mundo fazem um. Como num passe de mágica (Levy, Ceccarelli e Dias, 2017).

A questão da relação entre o homem e a internet, que interessa a nós, psicanalistas, refere-se ao valor que cada um atribui do uso que o sujeito faz dos inúmeros *gadgets*, computadores, *smartphones*, *tablets*, que oferecem acesso à internet de qualquer lugar e de forma anônima, e das novas relações estabelecidas com o mundo e com as pessoas através dela. Seu perfil pode ser verdadeiro ou falso [*fake*], ou seja, sua identidade é transitória (Levy, Ceccarelli e Dias, 2017).

Kallas (2016) ressalta que existe também um estado de imersão e dissociação de consciência, que envolve sensações variadas como a perda da noção de tempo, esquecimento de

frações de tempo, estar num estado de consciência alterado semelhante a um transe, encarnar, ou melhor, vivenciar uma outra persona diferente do seu Eu, sentir uma linha tênue que separa uma realidade virtual de uma real.

Estamos diante de jogos imersivos, os chamados de *Second Life*, como o *Bit Life*, em que a pessoa escolhe como quer nascer, a cor da pele, a classe social, etc. O aplicativo vai criando situações inclusive de conflitos e o usuário deve escolher como quer viver. Seria possível viver somente o que se deseja? Sem falta? Sem castração? É frequente ouvirmos na clínica, crianças falando de tédio. O que podemos pensar sobre isso? O tédio seria a falta da falta?

Uma das grandes dificuldades do sujeito contemporâneo, que pode ser responsável por processos depressivos e crises de angústia ou de ansiedade, como se chama mais comumente, é conciliar a temporalidade dos processos secundários com a atemporalidade do inconsciente. Não raras, tais situações transformam a normalidade em patologia (Ceccarelli e Levy, 2012).

É importante pontuar que na atualidade as pessoas parecem encontrar formas diferentes de lidar com sua angústia e, na maioria das vezes, partem para o excesso pulsional, representado pelo consumismo desenfreado, aceleração da vida, compulsões e repetições de atitudes, uso abusivo das redes sociais e da internet em si, pressa em obter respostas e dar respostas, necessidade de ser amado, de ser reconhecido por meio de *likes*, de encontrar sentido no que faz e em tudo que possa lhes trazer conforto, ou seja, tudo que possa completá-las.

Ceccarelli (2005) ressalta que o sujeito acometido por esse excesso pulsional, pelas paixões, pelo *pathos* é aquele que padece de algo que desconhece e reage de forma imprevisível diante de seu surgimento, e essas paixões comprovam a permanente dependência do Outro primordial.

E diante da busca pelo apaziguamento das frustrações e angústias, o sujeito corre o

risco de se tornar presa fácil de vendedores de ilusões, os quais oferecem estratégias disponíveis para responder à ideia do equilíbrio da libido, do excesso, como diz Maurano (2010, p. 14). Vê-se, muitas vezes, um sujeito retirado de sua singularidade e sua subjetividade, sendo diagnosticado e classificado por um manual de distúrbios psíquicos, inserido em um lugar de silêncio, pois a não tolerância da expressão das emoções ilusoriamente o posiciona a suportar a dor, já que vivemos numa sociedade fragilizada e remediada, com discursos polêmicos, violentos e muitas vezes alienantes.

Clínica psicanalítica, tecnologias e o desamparo

Em nossa prática clínica, é comum encontrar sujeitos em diversas formas de dinâmica de seus conflitos psíquicos, mas têm sido frequentes pacientes acometidos por sintomas no corpo, que sofrem por não conseguir nomear, simbolizar, colocar em palavras, apagados da consciência sem o acesso a simbolização dos pensamentos, mais precisamente numa economia psíquica, que resulta numa explosão de sintomas corporais.

Sabemos o quanto Freud ressaltava as manifestações conversivas – do “salto misterioso” do psiquismo sobre o corporal. No caso das manifestações psicossomáticas, enfrentamos o problema oposto: a conversão em psíquico, em representações e em palavras daquilo que se exprime sob forma de perturbações as mais diversas, como insônia, taquicardias, dor de estômago, algo estranho, conforme relatam alguns.

McDougall (1991/2013) afirma que a incidência das experiências afetivas nos indivíduos tem papel definitivo nas vicissitudes das manifestações psicossomáticas e adictas, incidindo na economia dos afetos de maneira que tais indivíduos em circunstâncias particulares chegam a pulverizar qualquer sinal de sentimento profundo, diante de uma experiência que esteve na origem de uma emoção dolorosa, que não foi reconhecida

tampouco elaborada, levando à somatização. O uso abusivo de tecnologias pode ser uma nova psicopatologia, adicção, compulsão, somatização?

Fernandes (2003) destaca a oposição entre os fenômenos de conversão e somatização, bem como a distinção entre as neuroses atuais e as psiconeuroses, e sua relação com a libido, apontando para a retomada da ideia de que as histéricas transitam em um terreno que revela, além da inexistência de uma anatomia descritiva, uma anatomia fantasmática. Esses são pilares que conduzem a escuta psicanalítica até hoje. Sintomas corporais de doenças somáticas ocupam um lugar importante na economia fantasmática do sujeito. Sintomas histéricos e somáticos se distanciam e se aproximam por meio da dimensão subjetiva. Nesse sentido, a conversão sugere um corpo da representação e a somatização um corpo do transbordamento, com o sintoma corporal funcionando como descarga da pulsão de morte, pulsão sem representação.

Vivemos hoje uma demanda de urgência na clínica psicanalítica, similar à tecla ENTER, em que tudo precisa ser breve e imediato, em que o tempo é o maior e o pior aliado. As pessoas querem resultados rápidos. Hoje nas redes sociais há oferta de terapeutas, *coachings*, cursos rápidos, atendimentos das mais variadas abordagens, autoajuda em *podcast*, uma infinidade de opções de aplicativos e acessos rápidos, que impressionam e sugestionam os sujeitos em sofrimento na tão desejada busca pela felicidade.

Freud (1930/1996) afirma que a busca pela felicidade e satisfação plenas constitui um problema de economia libidinal no indivíduo e alerta que não há um conselho válido para todos, pois cada um deve descobrir sua maneira de ser feliz, levando em consideração os variados fatores que atuarão influenciando suas escolhas. Ressalta que nesse ponto a constituição psíquica do ser será decisiva na busca pela satisfação ou no enfrentamento das frustrações que irão surgir.

E completa afirmando que:

Aquele predominantemente erótico dará prioridade às relações afetivas com outras pessoas; o narcisista, inclinado à autossuficiência, buscará as satisfações principais em seus eventos psíquicos internos; o homem de ação não largará o mundo externo, no qual pode testar sua força. Para o segundo desses tipos, a natureza de seus dons e a medida de sublimação pulsional que lhe é possível determinarão onde colocará seus interesses (Freud, 1930/1996, p. 41).

Assim, continua Freud (1930), quem possuir uma constituição psíquica desfavorável e não tiver passado pelas transformações e reordenações de suas pulsões libidinais, de fundamental importância para as realizações posteriores, terá dificuldade em obter satisfações diante do mundo externo, principalmente ao ser confrontado com tarefas mais difíceis. Diante disso, a dificuldade de tolerar frustrações, posiciona o sujeito rumo às doenças neuróticas ou sucumbe na direção da psicose, saindo da realidade que lhe é insuportável ou buscando através do delírio uma tentativa de cura.

O sujeito contemporâneo tenta se defender de todas as demandas de sofrimento psíquico, prosseguindo na busca da tão sonhada felicidade. No entanto, como nos adverte Ceccarelli (2006, p. 474),

[...] somos por definição insocorríveis. [...] as representações e os dispositivos que criamos na tentativa de suportar a angústia inerente ao desamparo [*Hilflosigkeit*] psíquico, desde que fomos marcados pelo estado de cultura, são fadados ao fracasso.

Retomando Freud (1930), ressaltamos que a dinâmica pulsional que configura o desamparo aponta para novas necessidades como o amor, o afeto, o reconhecimento, a palavra, a linguagem, ocasionando dependência psíquica, buscando seus destinos na

religião, nas ligações cegas aos mestres, nas ideologias, nas teorias inquestionáveis, na adicção, nas relações interpessoais.

Apontamos para o sujeito emaranhado nas invasões tecnológicas, que envolvido com seus perfis e avatares, cada vez mais se distanciam de si e dos laços sociais. É necessário dar voz ao sujeito para que ele viva sua subjetividade e compreenda suas reações diante do mal-estar vinculado ao desamparo, que o acompanhará por toda a sua existência. Frente ao desamparo nos resta investir nossa libido em objetos que possamos formar novos laços, que nos forneçam o sentimento de proteção e um lugar no desejo do Outro. (Ceccarelli, 2012).

Nesse sentido, Freud (1930/1996, p. 75) afirma:

O valor quantitativo do desamparo, sua intensidade, está diretamente ligado à maneira como a total dependência (de uma ajuda externa) no início da vida foi elaborada. Ou seja: a maneira como cada sujeito vivenciará uma (nova) situação de perda, assim como a capacidade de ressignificá-la, de recuperar-se dela, dependerá de como ele lidou, que recursos teve, para enfrentar a situação de desamparo inerente ao humano: jamais nos tornamos tão desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou o seu amor.

O mundo tecnológico traz consigo uma lógica própria, um funcionamento que inexoravelmente atravessa crianças, adolescentes, adultos e idosos, ou seja, todos e todas em alguma medida se relacionam com a virtualidade. Sabemos que não tem mais volta e que nos depararemos sempre com os efeitos positivos e negativos da utilização da internet.

Na pandemia nós, psicanalistas, nos reinventamos e utilizamos também recursos *on-line* que foram fundamentais no enfrentamento de situações inusitadas, tivemos ganhos importantes na clínica, na

transmissão da psicanálise, reuniões etc. Mas, como afirma Lindenmeyer (2020, p. 2), ao atender *on-line*,

[...] é fundamental compreender que não se trata apenas de conectar o sujeito a uma resposta, mas de conectá-lo a uma pessoa, ao analista, que irá promover e garantir o movimento transferencial que transforma em algo criativo a excitação insuportável, ligada ao desamparo. O sujeito fala de onde puder quando tem um analista que possa escutá-lo.

Considerações finais

A psicanálise não tem como responder às inúmeras questões colocadas diante deste tema tão emblemático e fascinante, como o universo tecnológico, a internet, mas nos convoca a pensar a posição do sujeito contemporâneo frente às consequências psíquicas do excesso. Não temos como prever quais seriam os arranjos pulsionais utilizados pelo sujeito diante da castração, isto é, diante do limite, da alteridade. Acreditamos que a psicanálise tenha muito a contribuir na escuta do sofrimento psíquico que a própria cultura nos impõe. Temos mais perguntas do que respostas. E sabemos que, por mais que tentemos buscar formas de burlar o sofrimento e ou evitar o desprazer, estamos fadados a nos haver com nossa incompletude e com o inquietante desamparo que nos acompanham desde nossa origem como seres viventes. Seria inumano não nos havermos com a dor da falta, com a reação de cada um às experiências da vida, às frustrações.

Enfim, com a impossibilidade de sermos felizes para sempre, como nas redes sociais ou nos jogos imersivos, querendo ou não, nenhum de nós escapa de viver e ou (re)viver o sentimento de desamparo nessa trajetória que nos remete às restrições pulsionais, ligadas à castração e ao medo de perder o amor do outro, ligado ao Édipo.

Abstract

Freud emphasizes that the subject usually moderates his search for happiness when faced with the possibilities of suffering, always searching for satisfaction, seeking the principle of pleasure, avoiding displeasure. At the moment we live in, there seems to be a hurried search to fulfill desires, to achieve pleasure at all costs. We can no longer escape the technology that affects us in the culture of the virtual world that is installed in the real world. It is about this full and rapid search for technological offers of games, sex, shopping, relationships, artificial intelligence and the most diverse possibilities that we will discuss in this Freudian vision in the face of narcissistic profiles, of subjects identified with the completeness of the technologies that accompany us day in and day out. night. At the same time, we hear in the clinic the symptoms and psychic consequences linked to the attempt to overcome the faults that irremediably lead the subject to helplessness.

Keywords: Helplessness, Technologies, Psychic suffering, Internet.

Referências

- CECCARELLI, P. R. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2006.
- CECCARELLI, P. R. A patologização da normalidade. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 33, p. 125-136, jul. 2010.
- CECCARELLI, P. R.; LEVY, E. S. A patologização da normalidade: rumo a uma nova ordem repressiva. In: LEMOS, F. (org.). *Transversalizando no ensino, pesquisa e extensão*. Curitiba: CRV, 2012.
- FERNANDES, M. H. *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. (Clínica Psicanalítica, 22).
- FREUD, S. *A interpretação de sonhos* (1900). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).
- FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *História de uma neurose infantil: ("O homem dos lobos")*: Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239. (Obras completas, 14).
- FREUD, S. *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917). Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, 13).
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-122. (Obras completas, 18).
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 347-454. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 128-229. (Edição standard

brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

KALLAS, M. B. L. M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nr_m=iso. Acesso em: 25 jul. 2023.

LEVY, E.; CECCARELLI, P. R.; DIAS, H. M. M. Violência e terror nas redes sociais: considerações sobre cultura, desamparo e narcisismo. *Estudos de Psicanálise*, n. 48, p. 43-52, dez. 2017.

LINDENMEYER, C. O sujeito conectado em tempos de coronavírus. *Revue Hermès - Cognition, Communication, Politique*, p. 01-06, nov. 2020. Disponível em: www.hermes.hypotheses.org/4079. Acesso em: 04 nov. 2020.

MACDOUGALL, J. *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise* (1991). 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MAURANO, D. *Para que serve a psicanálise?* 3. ed. Rio de Janeiro, Zahar. 2010.

Recebido: 12/12/2023

Aprovado: 27/12/2023

Sobre as autoras

Édina Lúcia de Araújo Dias

Candidata em formação pelo Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

Psicóloga pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ).

Graduada em (UFPA).

Graduada em biologia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Especialista em avaliação psicológica pelo Instituto de Pós-Graduação e Graduação (IPOG).

E-mail: luciadias1632@gmail.com

Elizabeth Samuel Levy

Psicóloga pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Psicanalista.

Sócia fundadora do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Presidente do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

Mestre em psicologia clínica e social pela UFPA.

Especialista em psicologia hospitalar (CRP/10).

Pesquisadora do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental (UFPA).

E-mail: bethslevy@gmail.com

“Maria, fora do ninho, a serviço do Outro”: fragmentos de um caso clínico¹

*“Maria, out of the nest, at the service of Other”:
fragments of a clinical case*

Kelvinn Modesto Carvalho Barbosa

Resumo

Este trabalho é resultado de atendimentos que ocorreram na Clínica Social do Círculo Psicanalítico do Pará, durante o início da pandemia da covid-19. Maria, fora do ninho, na busca por ser aceita, se submete ao imperativo “que se faça em mim, conforme a tua vontade”, recusando a si mesma e o próprio corpo. No excesso de demandas, o corpo grita, pede socorro. Diante da submissão ao desejo do Outro, se depara com o real. É a análise que permite a elaboração dos eventos traumáticos, pela via da palavra, na transferência.

Palavras-chave: Maria, Outro, Desejo, Corpo, Psicanálise.

*Maria, maria, é um dom, uma certa magia
uma força que nos alerta
uma mulher que merece viver e amar
como outra qualquer do planeta [...]
Mas é preciso ter força,
é preciso ter graça
é preciso ter gana sempre
quem traz no corpo essa marca
Maria, Maria mistura a dor e alegria...
Milton Nascimento e Fernando Brant*

Caso clínico

Maria, jovem de 24 anos de idade, primeira filha, mora com a mãe, o pai e suas irmãs, está concluindo o curso de fisioterapia. Em fevereiro de 2020, procura atendimento na Clínica Social do Círculo Psicanalítico do Pará. Nas primeiras entrevistas, fala que já passou por episódios

de bulimia na adolescência, que comia e depois das refeições ia para o banheiro e provocava os vômitos colocando o dedo na garganta. Relata que os episódios de bulimia vinham acompanhados de uma profunda insatisfação com seu corpo. Maria diz: “A vontade que tenho é cortar minha barriga fora!”

1. Trabalho apresentado no XXV CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e XLI JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte (MG), 28, 29 e 30 set. 2023.

Nasio (1999, p. 11-12) nos diz como deve ser o manejo no início do tratamento:

[...] no fim da primeira entrevista e na seguinte, introduzimos o paciente numa primeira localização da sua posição na realidade que ele nos apresenta. Ele pode falar da sua realidade, inscrita numa família, num casal, numa situação profissional. O que nos importa, principalmente, se refere à relação da pessoa que faz uma consulta mantém com os seus sintomas.

Maria não suporta se olhar no espelho. Quando está diante do espelho, parece que está ouvindo todas as críticas feitas ao seu corpo: “Você está gorda, precisa emagrecer! Essa roupa está horrível! Não tem noção do ridículo! Precisa fechar a boca!” Costumava alisar seu cabelo, até que o contato com a universidade a aproximou de grupos de estudos de gênero e étnico-raciais. Isso a fez perceber a relevância de manter seu cabelo natural. Desistindo de alisar seu cabelo, fala que gostaria de cortá-lo bem curto. Mas a última vez que o fez, foi questionada em casa se seria um corte decente.

Ambertín (2020, p.16) diz:

As fustigantes vozes dos imperativos do Superpau têm múltiplas consequências observáveis que vão de um extremo a outro da experiência clínica, sob diferentes nomes – fracasso, neurose de destino, reação terapêutica negativa, culpas infundadas, autopunição ou suicídio, pesadelos, “delírios de observação” na paranoia; delírio de insignificância na melancolia; hiperculpabilidade na obsessão, assujeitamento sacrificial na histeria...

De família tradicional, com o pai militar, Maria diz que o período das eleições de 2019 foi extremamente difícil para ela, pois toda a família apoiou o candidato à presidência que ganhou as eleições. Chegou a ser ameaçada pelo pai: “Se você for para essa manifestação, vai morar na rua! Se considere sem casa e

sem família. Quero ver se esses vagabundos, manifestantes, vão te dar abrigo”. Maria não tem uma boa relação familiar. Diz que, não importa o que faça para agradar sua família, sempre tem a sensação de que nunca será o suficiente.

Os atendimentos, que estavam sendo realizados de forma presencial, foram interrompidos no mês de março de 2020, por meio do decreto do governo, com as restrições da pandemia da covid-19. Para dar continuidade ao tratamento, sugeri a Maria que os atendimentos fossem feitos de maneira remota (*on-line*). Recomendei que buscasse um local com privacidade e utilizasse o fone de ouvido.

Os atendimentos seguiram, e o sofrimento psíquico de Maria cresceu com as imposições do *lockdown*. Maria agora se via confinada a conviver com a família sem a presença dos amigos. A modalidade de ensino remoto também trouxe dificuldades. Falava da falta de ânimo para realizar as tarefas da universidade, das interrupções dos atendimentos na clínica e do desânimo em relação à escrita do seu trabalho de conclusão de curso. Ainda se referindo ao convívio familiar e ao isolamento, Maria afirma: “Sinto-me como se fosse uma estranha no ninho”.

A psicanálise nos revela que toda relação do sujeito com o mundo é mediada pela sua realidade psíquica. Em seu trabalho *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/1978, p. 613) afirma:

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica [...] em sua natureza interior é tão desconhecido para nós quanto a realidade do mundo externo e se apresenta de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas comunicações dos sentidos.

Ao término de seu trabalho de conclusão de curso na universidade, com méritos, Maria se vê diante de uma nova demanda do Outro: ser aprovada em concurso público.

Hoje tenho que lidar com minha mãe falando que eu preciso fazer concurso público. Na época do meu vestibular eu disse que ia fazer para fisioterapia e meus pais não queriam. Diziam que não ia dar futuro, que tinha que fazer direito ou medicina. Mas que se eu fosse fazer fisioterapia tinha que fazer concurso público. E eu disse que ia fazer, então aceitaram pagar a faculdade. Agora que terminei o curso, já estou sentindo a pressão para que eu faça concurso público. [...] Minha mãe fica falando: “Maria, você tem que fazer o concurso público!” Eu disse que esse sonho era um sonho dela e não meu. Isso vai de encontro com um monte de coisas que eu não gosto de fazer!

Na sessão que se segue, Maria fala sobre o seu nascimento. Relata que, quando criança, era muito doente e passara tanto tempo no hospital que possui um álbum de fotos com recordações desse período de sua infância. No final do atendimento, se questiona que não tinha sido uma criança como as outras, chegando até a passar alguns aniversários internada.

Depois de tanto pensar por que não tive um berço, fui perguntar para minha mãe, que respondeu: “Nós até chegamos a comprar um berço para você, mas pensávamos que você não ia vingar, porque você era tão fraca que acreditávamos que não fosse sobreviver. Então demos o seu berço para outra criança”.

Pergunto a Maria como se sente ao saber que seus pais pensavam que ela não fosse vingar. Maria chora copiosamente e diz que agora está claro, que eles pensavam que ela não fosse sobreviver.

Ferenczi (1992, p. 49) argumenta:

Eu queria apenas indicar a probabilidade do fato de que crianças acolhidas com rudeza e sem carinho morrem facilmente e de bom grado. Ou utilizam um dos numerosos meios orgânicos para desaparecer rapidamente ou,

se escapam a esse destino, conservarão um certo pessimismo e aversão à vida.

Implicada com sua dificuldade de dizer não, diz que, quando era criança fazendo a primeira comunhão, aprendera que precisava ser como Maria, mãe de Jesus, precisava dizer sim. Maria precisava ser sempre solícita atendendo as pessoas, como a própria Virgem Maria.

Eu fui ensinada a concordar com tudo, fazer tudo que os outros me mandavam fazer, dizendo sim, mesmo quando quisesse dizer não. É como se não tivesse esse direito. Hoje já questiono se o poder é realmente dizer sim.

Lindenmeyer (2015, p. 55) afirma:

É então na “constatação” da coisa, aqui a coisa repetida, que ela se torna visível. Ela, a compulsão à repetição, é, assim, a tentativa de ligação construída no momento da experiência traumáticas passadas ou atuais dos pacientes traumatizados. Um paradoxo aparece: o sujeito é presa de um retorno à situação dolorosa (traumática), ao passo que isso lhe confere um gozo inconfessável.

Em janeiro de 2021, realizando os exames de rotina marcados pela mãe, Maria descobre que está com câncer. Abalada com a notícia, fala de projetos e sonhos interrompidos pela pandemia, ameaçados pela notícia que havia recebido. Peço que fale sobre o que gostaria de fazer e Maria relata: “Eu gostaria de morar sozinha, ter meu próprio dinheiro e poder viver minha vida, e me arrependo de não ter dito a algumas pessoas como elas eram importantes em minha vida”.

Maria fala da aflição que sentia ao saber que precisaria se submeter a uma nova cirurgia. Já havia sido submetida a dois procedimentos cirúrgicos ambos com erros médicos. A mais recente havia sido na gengiva em que o cirurgião cortou uma parte do freio da língua. E ao outro, entre 12 e 13 anos,

quando precisou se submeter a uma cirurgia de desvio de septo. Nessa operação acordara no meio da cirurgia e, embora não conseguisse falar, ouviu o que estava sendo dito durante o procedimento. Após o período pós-operatório, veio a descoberta de que o cirurgião havia retirado um pedaço da cartilagem do nariz, o que foi constatado nas consultas posteriores sob investigação de outro médico.

Assombrada com as cenas traumáticas de antigos procedimentos cirúrgicos, Maria relata, na sessão que antecede a cirurgia, que está com medo de não resistir e vir a óbito. Pensa em tudo que ainda não fez, o que ainda não disse e que precisa dizer.

Na sessão pergunto a ela o que ainda gostaria de fazer. Disse que queria trabalhar, que gostaria de se filiar a um partido político, de morar sozinha, ter as coisas dela, fazer uma tatuagem e mudar o corte de cabelo. Digo que eu vou esperá-la para o próximo atendimento e deixamos a data marcada. A sessão é marcada para uma semana após a cirurgia, atendendo as recomendações médicas para sua recuperação.

Após a cirurgia, Maria retorna aos atendimentos. Nas sessões que se seguem, diz que está feliz. Pela primeira vez em sua vida, tomou uma decisão sua. Decidiu se filiar a um partido político, contrariando os pais, que haviam dito que isso sujaria sua ficha e não conseguiria trabalho por ser filiada a esse partido. Não permite mais que as consultas médicas sejam marcadas pela mãe, preferindo ir sozinha às consultas.

Maria relata:

Agora estou me sentindo bem melhor. Hoje acordei, retirei do meu guarda-roupas todas as roupas que eram da minha irmã e peguei todas as que estavam no quarto dela. Arrumei meu quarto e meu banheiro bem devagar, por conta da cirurgia. Olha que pensei que ia ficar dependente por duas semanas, precisando que alguém me levasse no banheiro para tomar banho. Não precisei nem de uma sema-

na. Já estou me sentindo bem e estou fazendo tudo sozinha. Hoje acordei, olhei para o horizonte e pude perceber como a vista do meu quarto é linda. Agora tenho meu espaço, eu tenho meu lugar aqui, e as coisas podem ficar do meu jeito. É muito importante ter o meu lugar, onde eu posso conversar. Tenho minha privacidade e posso fazer a minha análise. É bom poder olhar para fora ver os pássaros cantarem e saber que estou viva e posso contemplar com os meus olhos toda essa vista.

Considerações finais

O sujeito, por definição, está determinado desde fora dele, e o Outro deve ser pensado como uma referência, como o que marca os parâmetros da vida desse sujeito, o que ele é. E antes de ser sujeito, o ser humano é objeto, objeto do desejo do Outro. Qual seria a origem da insatisfação de Maria?

De acordo com Palonsky (1997, p. 31), o movimento realizado pelo sujeito de modo a conseguir manter a ilusão acerca da existência de um Outro completo consiste em trazer para si a castração. E é nesse sentido que Lacan diz que o neurótico oferece a própria castração para sustentar um Outro não castrado. Como consequência, aquilo que é impossível por estrutura, o neurótico transforma em impotência de si próprio.

Sustento a hipótese de que a histérica tenta se manter numa estrutura perfeita, o que seria da ordem da impossibilidade e, portanto, que produz angústia, transformada em impotência e insatisfação. Como Maria se apresentou quando chega em análise? Fora do ninho, a serviço do Outro?

A psicanálise pode contribuir na escuta do sofrimento psíquico do sujeito e seus conflitos. Ao final, Maria parece ter dado o passo inicial de uma mudança de posição subjetiva. Uma passagem de objeto a sujeito de seus desejos. Não temos como garantir os arranjos que Maria poderá fazer para bancar suas escolhas. Mas, ao se escutar, parece dar um sentido aos traumas e revalorizar a vida.

Abstract

This work is the result of consultations that took place at the Clínica Social do Círculo Psicanalítico do Pará, at the beginning of the covid-19 pandemic. Maria, out of the nest, seeking acceptance, conformed herself to the imperative: “do to me as you will”, refusing herself and her own body. Because of the excess of demands, her body screams, it asks for help. In the face of submission to the Other’s desire, one departs with reality. It is the analysis that allows, through talking, that traumatic events can be elaborated.

Keywords: *Mary, Other, Desire, Body, Psychoanalysis.*

Referências

FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Obras completas de Sándor Ferenczi).

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).

GEREZ-AMBERTÍN, M. Vozes do supereu na clínica e o mal-estar contemporâneo (paradoxos e trevo do Supereu). *Reverso*, Belo Horizonte, v. 42, n. 79, p. 15-22, jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v42n79/v42n79a02.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2021.

LINDENMEYER, C. *A inadmissível pulsão de morte*. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 37, n. 69, p. 53-60, jun. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v37n69/v37n69a06.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

NASCIMENTO, M. *Maria Maria e Último trem*. Rio de Janeiro: Gravadora Nascimento, 2002.

NASIO, J.-D. *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

POLONSKY, C. M. *Estruturas clínicas na clínica: a histeria*. Belo Horizonte: PUC Minas, 1997.

Recebido em: 15/11/2023

Aprovado em: 28/12/2023

Sobre o autor

Kelvinn Modesto Carvalho Barbosa

Bacharel em psicologia pela Universidade da
Amazônia (UNAMA).

Psicanalista pelo Círculo Psicanalítico de Minas
Gerais (CPMG) e Círculo Psicanalítico do Pará
(CPPA).

Sócio efetivo do Círculo Psicanalítico do Pará
(CPPA), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise
(CBP) e a International Federation of Psychoanalytic
Societies (IFPS).

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do
Pará (UFPA).

Especialista em psicanálise com crianças e
adolescentes: teoria e clínica pelo Instituto de Pós-
Graduação e Graduação IPOG, 2021.

Coordenador do Grupo de Estudos Psicanálise e
Sexualidades do CPPA.

E-mail: psikelvinn@gmail.com

Final de análise não é um aplicativo¹

The termination of a psychoanalysis is not an app

Magda Maria Colao

Resumo

Este artigo propõe refletir sobre o término de análise a partir do legado de Freud (1937/1975) *Análise terminável e interminável*. Entrelaço contribuições de Lacan e outros psicanalistas e estabeleço relações com a evolução do sujeito com o término de tratamento, da história da civilização humana, hoje vivendo, na sociedade digital, a cibernética. Há saltos de qualidade. O final de análise engendra um movimento. O sujeito aprende a dançar com sua vida, bordada com imprevistos, contradições e realidades. Supera os conflitos, os labirintos e detecta o caos, imprimindo sentido a sua existência. Uma análise não deve ser forçada até muito longe. Existem sinais de término do tratamento. Assim como o ser humano imerso na cibercultura não é um aplicativo, o processo de término de análise não é um *gadget*. Não é estar *off-line/on-line*. Há manifestações do analisando em sua vida, seu entorno, suas relações, assumindo-se como autor do espetáculo de suas obras no seu infinitivo. Transcorre um despertar, criando possibilidades, idas e vindas, aproximações e separações, em constantes transformações de realidade. O presente tema aborda os fenômenos de morrer e nascer, aprender e desaprender.

Palavras-chave: Psicanálise, Análise terminável/interminável, Evolução, Final de análise, Cibercultura.

Introdução

Na história da civilização humana, passamos pela onda da agricultura, a industrial e agora vivemos a terceira onda, de Toffler (1981): a indústria de *software*, a tecnologia da informação, sofisticados meios de telecomunicações, a cibernética e uma avalanche de realidades e possibilidades virtuais disponíveis na cibercultura. Segundo Castells (2001, p. 7), habitamos a “galáxia da internet”, que “é o tecido de nossas vidas”. O presente artigo propõe uma reflexão sobre o término da análise, a qual não pode ser considerada um aplicativo. Mesmo que a cibercultura seja uma questão nova na história, permanece toda a relação com o Outro. “A forma de lidar com isso determina as guerras e os conflitos que temos hoje” (Forbes, 2013, p. 27). O homem não é um *software*.

O final de uma análise e um *software* são ambos os processos. O *software* é responsável por ditar a cada componente o que fazer e qual a forma mais eficiente de fazer cada atividade, expressando uma ideia e está atrelado ao rigoroso “aprisionamento tecnológico”, como refere Lanier (2010, p. 17). O final de uma análise é algo orgânico, que contempla a verdade do sujeito e envolve efeitos psicanalíticos: “desenlace; saída e travessia do fantasma, a ética do desejo; o passe e as demandas da felicidade” (Pimentel, Araújo; Vieira, 2009, p. 51). Um grito de silêncio se rompe. Surge a dignidade humana.

Assim como um *software* pode se transformar em um emaranhado cruel ou simplesmente parecer um grande labirinto para ajudar o usuário a desempenhar uma

1. Trabalho apresentado no XXV CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e XLI JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte (MG), 28, 29 e 30 set. 2023.

tarefa específica, ligada ao processamento de dados, a “tarefa da psicanálise não se esgota com o deciframento do material psíquico, pois esbarra com limites de possibilidades, já que existem outras dimensões da vida emocional que requerem ciframento” (Lowenkron, 2007, p. 68). Em se tratando de término de tratamento, “a análise deve ter, para fins práticos, um fim, sendo um equívoco o posicionamento de mantê-la interminável com um determinado analista” (Lowenkron, 2007, p. 69).

Uma análise não deve ser forçada até muito longe. Quando o analisando pensa que está feliz na vida já é o bastante, orienta Lacan. Outrossim, “a análise se ocupa muito daquilo que não funciona” (Lacan, 1974). Então, quando começa “a funcionar”, é sinal de término de tratamento. Em relação a uma estrutura de neurose, a pessoa começa a aceitar os limites da mediação, concorda em chegar ao mundo só com o que o discurso comum permite, fala o que é possível dizer de acordo com as normas e acata restrições sociais, “abrindo mão de parte de sua satisfação para ser civilizado, o que Freud chamou de a ‘solução de compromisso’” (Forbes, 2013, p. 40).

Para Cordeiro (2006, p. 71):

Se a lei paterna não cessa de se inscrever quotidianamente é para nos lembrar de que somos atravessados por uma ordem simbólica que nos transcende, abandonando a ilusão de que tudo começa e termina em nós mesmos. [...]

É com a feminilidade que podemos prosseguir a transmissão em psicanálise, pensada também como continuidade de um legado de que somos herdeiros, sem nunca perdermos de vista o estilo próprio, o respeito à diferença e a necessidade de renovação constante, mas preservando a fidelidade ao princípio que nos fundou: o pensamento freudiano (Cordeiro, 2006, p. 71).

O estilo próprio de cada um e a forma de

pensar e de lidar com nossos afetos podem nos convidar a realizar “ajuste de contas” diante da evolução da natureza humana. Propõe Lanier (2010, p. 199): “deveríamos rejeitar o totalitarismo cibernético como uma base para tomar a maioria das decisões, mas reconhecer que algumas de suas ideias podem constituir métodos úteis de compreensão”. Isso não deixa de ser uma perspectiva positiva, uma vez que muito podemos construir respeitando a ética da psicanálise: não ceder nunca do nosso desejo. Há no término de análise um aprender e um desaprender, jamais um liga e desliga, como se fôssemos um *gadget*.

Cibercultura: *off-line vs on-line*

Toffler (1981), em *A terceira onda*, anunciou um sistema diferente de produzir riqueza: a cibernética. O conhecimento se tornou o substituto último de todos os outros meios de produção. O território do desconhecido é perigoso. Nesta sociedade da informação, o analfabeto é quem não sabe aprender, desaprender e reaprender. Freud (1927/1974), em *O futuro de uma ilusão*, questiona quais transformações estamos fadados a experimentar.

Entretanto, quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro. [...]. Finalmente, faz-se sentir o fato curioso de que, em geral, as pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo; têm primeiro de se colocar a certa distância dele: isto é, o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro. (Freud, 1927/1974, p. 15).

Quando alguém se propõe a meditar sobre as contingências humanas dentro de qualquer terreno, surpreende-se ao verificar que, também no término de análise, existe uma história, uma verdade, um movimento,

um desejo. As circunstâncias são criadas pelos humanos, lembra Marx (1988, p. 559): “o relojoeiro Watt inventou a máquina a vapor; o barbeiro Arkwright, o tear; o artífice de ourivesaria Fulton, o navio a vapor”. Atribuímos à figura cultural do gênio britânico da computação Alan Turing (1950) o pioneirismo do desenvolvimento tanto técnico quanto filosófico ao redor do questionamento sobre a possibilidade de máquinas poderem ou não “pensar”, em um trabalho que semeou a fértil área da inteligência artificial. Há uma evolução da natureza humana que também se dá pelo trabalho. “A vida do homem não pode ‘ser vivida’ pela repetição do modelo da espécie; ele tem de vivê-la” (Fromm, 1983, p. 37). Freud ampliou de forma significativa o conceito de verdade, que deixou de se referir apenas ao que se acredita ou se pensa conscientemente, mas se referiu também àquilo que se reprime, ao que não se deseja pensar (Fromm, 1980). Com a descoberta da psicanálise, o homem é levado a abrir os olhos para a realidade vivida. As construções fazem a realidade.

Um psiquismo integral, integrado, é estruturado não como comandos de acessar e deletar. Aqui, “um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência” (Lévy, 1996, p. 11).

Há milênios, a transmissão de conhecimento era apenas por meio da oralidade. A esse respeito, escreve Marx (1984, p. 33-34):

A linguagem é tão velha como a consciência – a linguagem é a consciência real prática que existe também para outros homens e que, portanto, só assim também para mim, e a linguagem só nasce, como consciência, da necessidade, da carência física do intercâmbio com outros homens. Onde existe uma relação ela existe para mim, o animal com nada se relaciona, nem sequer se relaciona. Para o animal, a sua relação com o outros não existe

como relação. A consciência é produto social, e continuará a sê-lo enquanto existirem homens.

Assim, a linguagem demarca territórios e, além da veracidade do axioma/aforismo lacaniano “o inconsciente é estruturado como linguagem”, modernamente, encontram-se novas formas de linguagem e comunicação. Fazemos parte da cibercultura: tecnologia de controles, movimentos sociais em rede, dimensões da divisão digital, evolução autônoma da internet, comunidades virtuais, o potencial da economia de nuvem humanista compondo o tear de nossa vida.

Para Lanier (2010, p. 30), algo incrível acontece por meio da *World Wide Web*: “a ascensão da *WEB* foi uma ocorrência rara quando aprendíamos informações novas e positivas sobre o potencial humano”. A cibercultura, a inteligência artificial e o metaverso são questões extremamente novas do mundo contemporâneo que nascem com a internet. Redes virtuais vêm transformando nossos hábitos e nosso *modus operandi*. Onde se encontra a pessoa nesse espaço? A medida de referência é o próprio homem, porque “precisa ser alguém antes de poder se revelar” (Lanier, 2010, p. 12). Seu psiquismo topologicamente é estruturado “a cada instante por uma conectividade, sistemas de proximidades ou um ‘espaço’ específico: associações, ligações, caminhos, portas, comutadores, filtros, paisagem de atratores” (Lévy, 1996, p. 104).

Os fenômenos materiais transformam-se, interpenetram-se constantemente. Tudo depende do caleidoscópio que temos para nos apropriarmos da natureza humana. O humanismo na ciência da computação não parece se correlacionar com nenhum estilo cultural particular. *A priori*, Lévy (2010, p. 94-95) define ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação

eletrônicos, na medida em que transmitem informações”. É uma realidade multidirecional, artificial ou virtual. “O universal da cibercultura não possui nem centro nem linha diretriz. É vazio, sem conteúdo particular” (Lévy, 2010, p. 113).

O que é a cibercultura? Para Lévy (2010, p.147), “cibercultura é o mundo virtual. [...] Os mundos virtuais podem eventualmente ser enriquecidos e percorridos coletivamente”. Conforme Castells (2001, p. 13), a linguagem e os limites da “galáxia da internet” põem em relevo a capacidade que têm as pessoas de transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de inaugurar um mundo novo”. Ou seja, a cibercultura faz emergir uma nova maneira de agir. Mas quais são os contornos, qual é a nervura do real, quando se pensa o ser humano em processo de término de análise psicanalítica, neste íterim? “O real antecede aquilo que se pode denominar de humano. [...] O sujeito é determinado antes da linguagem que lhe possibilite tornar-se humano” (Szczipak, 1991, p. 67). A análise é um saber sobre si.

Antes mesmo que as relações se estabeleçam como sendo propriamente humanas, já certas relações estão determinadas. Elas estão presas a tudo o que a natureza pode oferecer como suportes, suportes que se dispõem em temas de oposição. A natureza fornece, para dizer a palavra, significantes, e estes significantes organizam de maneira inaugural as relações humanas, dando as estruturas e as modelando (Lacan, 1964/1979, p. 26).

O sentido da era da cibernética não precisa ser procurado, nem construído, já está dado, reificado. O homem é lançado no caos. A verdade se dispersa. Lanier (2010), ao discutir problemas técnicos e culturais dessa realidade cada vez mais digital, faz uma relação entre computadores e seres humanos e denuncia: o homem não é um aplicativo. Sua essência está ligada a sua

natureza transformada. Nesse entrelaçamento, olhamos para o processo do término de análise e declaramos: não basta apertar um botão ou dar um *click* para estar *off-line* ou *on-line* nesse fim que vence seus labirintos. Há que vencer um processo: a própria evolução.

A possibilidade surge no criar, no manifestar o que se está vivendo. “Criar é, antes de tudo, um ato de renúncia. Nada é criado se antes não houver renúncia à plenitude, que existe, porém, somente enquanto devir. Criar é um ato de escolha” (Amaral, 2002, p. 13-14). O final da análise, assim como a arte de amar, engendra coragem em 3 D: deciframentos, desvelamentos e desvendamentos. Atingidos esses elementos, vence-se uma travessia. Isso é comparável ao ato psicanalítico, que “por excelência é aquele em que o analisante passa a analista”, aponta Quinet (2009, p. 96).

O que afinal reverbera o término da análise?

Um despertar. A vida é feita de imprevistos e contradições. Como superar os labirintos e detectar o caos? A provocação está dada: imprimir sentido a nossa existência. Frei Betto (2013, p. 135-136) indica: “o grande inspirador de todos os labirintos foi Cervantes, perdido nos corredores da razão e da loucura, das luzes e das trevas, entre Erasmo e Maquiavel”. O alerta é dado pelo modo como o sujeito se constitui em relação a sua capacidade de deixar decantar o trabalho de sua elaboração psíquica. No rochedo interior do homem, reside sua verdade, sua história. A partir desse deciframento, o homem ocupa seu espaço. Onde, agora? Quando, agora? Quem, agora? Não há como idealizar um final de análise.

Assim como Lanier (2010) escreve que o “ser humano não é um aplicativo”, o processo de término de análise não é um *gadget*. Há manifestações evidentes do analisando com sua vida, seus entornos, suas relações, legitimando-se, poetizando-se, assumindo-se

como autor do espetáculo de suas obras, no seu infinitivo. Logo, surge uma consciência para criar possibilidades, desaguando em um postulado de espera, idas e vindas, aproximações e separações, ondas de transformações de realidade. Nesse preâmbulo, ilustra Abbagnano (2000), a morte equivale ao pôr do sol, que representa, ao mesmo tempo, o nascer do sol em outro lugar. Então, o final de análise engendra o fenômeno da morte e do nascimento, concomitantemente, isto é, aprender e desaprender. Se não desaprender, não há como avançar nem criar outras narrativas. Desaprender a apegar-se para ser.

O desaprendizado é uma arte para quem se propõe a mudar de vida. Nessa viagem, quanto menos bagagem e mais leveza [...] melhor e mais rápido se alcança o destino. Vida afora, carregamos demasiadas cobranças, mágoas, invejas e até ódios, como se toda esta tralha fizesse algum mal a outras pessoas que não a nós mesmos (Frei Betto, 2013, p. 89).

Cada processo de tratamento psicanalítico guarda em si uma estratégia evolucionária, porque faz a verdade do sujeito erguer-se, tomar corpo e evoluir. Evolução no sentido genérico de desenvolvimento, da totalidade do sujeito psíquico com sua história e autonomia. Ao chegar no final da análise, metaforicamente, a “neotenia” alimenta o sujeito psíquico para, em um ato de “que fazer?”, “como sentir?”, revolucionariamente, optar por tomar decisões: transgredindo, ousando e abrindo uma janela para o mundo. O final de análise potencializa, liberta as pessoas das restrições e fronteiras das lições da vida, a duras penas, simplesmente conectando-nos a nós mesmos, *on-line*. Ou seja, o término da análise estabelece conexões para a intersecção de sua realidade interna com sua realidade externa. Disso para integrar-se em uma realidade virtual é uma escolha para que sejam “experiências indescritíveis, reveladoras e profundamente pessoais”, alega Lanier (2010, p. 239).

Há uma generalidade sobre o final da análise. Anterior a qualquer debate em torno do processo de final de análise psicanalítica que vem sendo discutido entre nós, está o viés freudiano em *Análise terminável e interminável* (1937/1975, p. 247): “A experiência nos ensinou que a terapia psicanalítica – a libertação de alguém de seus sintomas, inibições e anormalidades de caráter neuróticos – é um assunto que consome tempo”.

A travessia da fantasia no momento conclusivo de uma análise põe em cena o que há de mais íntimo no sujeito. Constatamos a carência simbólica que anula os limites da realidade diária e, assim, seguimos criando, sonhando e sabendo, sobretudo, que a construção do amanhã não está garantida a priori. Mas não precisamos mais nos encarcerar ao nó do sintoma pela impossibilidade que tínhamos, no início, de assumir o enigma do nosso desejo. “O amanhã não pertence a ninguém, mas, se você quiser, ele pode ser seu”, defende Cordeiro (2006, p. 71).

No estudo intitulado *Final de análise: uma revisão sistemática da literatura*, Pimentel, Araújo e Vieira (2009) investigaram as ideias dos psicanalistas do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) sobre o tema da análise.

A seleção dos artigos foi feita através de doze palavras-chave: análise terminável/interminável, cura, destituição subjetiva, direção da cura, desenlace, efeitos terapêuticos, esperança de cura, fim de análise, final de análise, finalidade da psicanálise, saída e travessia da fantasia. [...] Como resultados, encontrou-se que os autores questionam se há um final de análise, a eficácia da psicanálise, falam sobre os destinos da pulsão, sobre o rochedo da castração e a travessia do fantasma, a ética do desejo, o passe e as demandas de felicidade (Pimentel; Araújo; Vieira, 2009, p. 51).

Freud (1937/1975, p. 250) expressa: “temos primeiro de decidir o que se quer dizer pela expressão ambígua ‘o término de uma análise’”. Do ponto de vista prático, é

fácil responder. Uma análise termina quando analista e paciente deixam de se encontrar para a sessão analítica”. Por outro lado, o término de análise é como o fim de um casamento. Cada casal, ao decidir pelo casamento, cada qual no seu momento histórico, tem suas próprias demandas, seus desejos, suas intenções e suas realidades para se unir.

É em *Análise terminável e interminável*, 1937, o testamento de Freud segundo Lacan, que Freud expõe algumas de suas ideias finais sobre o processo analítico, sobretudo sobre o seu desenlace. Freud fala sobre o destino da cura, assim como sobre o destino da pulsão, de suas vicissitudes ou de suas transformações. Para ele, o destino da cura depende do destino da pulsão. É no eixo entre o eu e a pulsão que se articula a duração de uma análise. E o texto mostra justamente como há manifestações residuais: o eu tenta sempre dominar, mas não é possível porque fica sempre um resto, um pouco de sofrimento que insiste. Porém, pensando bem, há sempre algo que pode ser negociado desse sofrimento. O que fazer com esta dor, com este sofrimento que resta, o que fazer com a desilusão de uma cura total? (Cordeiro, 2006, p. 70).

A intenção terapêutica para Freud (1937) é esgotar as possibilidades de patologia, resistência, ocasionando uma alteração profunda na personalidade, tratando, encaminhando os resíduos que provocam sofrimento no sujeito. Recomenda Freud (1937/1975, p. 260) que “o domínio intelectual de nosso meio ambiente é descobrir generalizações, regras e leis que tragam ordem ao caos”. Daí decorrem *insights*, simbolizações, criatividade, enfim abre-se uma ampla extensão de possibilidades diante da realidade atravessada de contradição e/ou alienação.

Segundo Conrad Stein, em *Fim de uma análise, finalidade da psicanálise*, para sair de uma análise talvez seja preciso ser criador em algum lugar, em algum sentido, é fazer

algo qualitativamente novo. Para ele, há uma criança poeta no fundo de cada um de nós que pode desenvolver algo que transforme em sua obra, obra de vida, qualquer que seja ela. Portanto, ao final há como que uma visada terapêutica que produz algo, que cria alguma coisa, mas para ver, não a partir da dor de um luto que não se faria, mas sim que já estaria pré-inscrito ou prestes a se inscrever em algum lugar (Cordeiro, 2006, p. 70).

O término de análise reverbera tendências e contextos, tecido de idas e vindas, desconstrução e construção, vivenciadas, enfrentadas, experienciadas, contempladas, superadas. Essas condições emanam como leitura para serem vividas e “ir por entre linhas de um fora – o fora de mim, o fora em mim –, que o fora é o texto tecido de linhas caóticas, insensatas, de linhas que se abrem em buraco para serem lidas, quiçá interpretadas, ordenadas”. (Axt, 2012, p. 149). O conhecimento em ação, organizando caminhos. Como diz o poeta espanhol Antonio Machado: “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz caminhando”. A verdade do sujeito psíquico ergue-se com a força de sua história e de suas memórias tecendo novas narrativas.

Todo saber verídico vem acompanhado de uma perda irreversível. Uma ferida narcísica imposta àquele que quer tirar o véu da ilusão. Por isso mesmo, ao término de sua análise, certas vezes o analisando sente falta de sua neurose; dava-lhe impressão de se sentir uma pessoa excepcional, embora tivesse que pagar por isso com angústia e sofrimento (Green, 1994, p. 20).

Transcorre um avanço: o fortalecimento do ego com mais plasticidade e seu íntimo integrado com imagos e limites. O sujeito não necessita mais se explicar nem se justificar, e não vê mais sentido em se lamentar, porque despertou um psiquismo enriquecido, capaz de criar e cultivar sentimentos em vez de

sintomas. O ser apropria-se de si mesmo: resignando-se, protestando, transformando ou simplesmente deixando decantar seu processo de ligar-se à vida. Com novas narrativas, crescem as possibilidades de valer-se das capacidades egoicas. O final de análise inaugura a tomada de consciência da evolução de um sujeito psíquico. A tomada de consciência do problema, da coisa, do fenômeno, da pessoa ou do processo é sempre crítica. O término de análise é complexo e requer certas condições.

Circunstâncias para o término de análise

Há condições para a análise, não normas, destaca Quinet (2009). Da mesma forma, também procedem condições para o processo final de análise. Freud estabeleceu uma única regra para a psicanálise, reconhecida como a “regra de ouro”: “a associação livre, que é a resposta à pergunta sobre o início do tratamento” (Quinet, 2009, p. 8). Na díade da relação psicanalítica, emanam saberes do analisando. Por exemplo, é importante reconhecer a contribuição da paciente Sra. Emmy Von N., que, em 12 de maio 1889, disse ao fundador da psicanálise: “não me pergunte de onde vem isto ou aquilo, deixe-me contar o que tenho a dizer-te” (Freud, 1995, p. 95). Ou seja, a Sra. Emmy Von N. pede a Freud para calar-se, porque há um saber em seus próprios ditos. Daí a regra fundamental e a cura pela palavra.

O que se desenrola de narrativas do analisando, requer do analista a arte da escuta para dar prosseguimento no processo psicanalítico. A associação livre está no lado do analisante. Psicanaliticamente, “toda análise é terapêutica, tanto para aquele que quer se curar quanto para aquele que se propõe ser analista” (Quinet, 2009, p. 95). O tratamento psicanalítico desencadeia o avanço no conhecimento do sujeito sobre a elaboração de sua dinâmica: do inconsciente, da sexualidade infantil, do *modus operandi* na transferência, da visão tópica e econômica do seu funcionamento psíquico. Psicanálise é um termo

cunhado por Freud que designa, ao mesmo tempo, uma teoria científica, um método de investigação e uma prática clínica, que promove condições para que o sujeito encontre sua bússola e, daí em diante, em algum momento, chega a hora da despedida.

O fim da análise implica o registro de uma investigação, reescrita ao longo da historicidade da análise, e o seu desfecho, os conteúdos já lembrados e elaborados. Segundo Green (1994, p. 25), “escrever significa, em primeiro lugar, transformar. Fazer passar a não representabilidade da fantasia inconsciente para a não representabilidade da escritura, passando pelas representações pré-conscientes”.

Para Zanella (2012, p. 89), toda pesquisa tem por fim um concreto lógico que se assemelha a um poliedro, devido a suas variadas faces, tais como:

[...] o percurso da investigação e seus resultados; a problemática que a provocou e as contribuições do pesquisador – em alguns casos, potentes ao ponto de produzirem desvios nos eixos dessa problemática; o referencial teórico, que modula o olhar do pesquisador para a realidade investigada e para as tensões que essa realidade apresenta a esse referencial; as escolhas teórico-metodológicas e seus efeitos éticos-estéticos-políticos [...].

A práxis psicanalítica no final de análise confere ao paciente a descoberta de “uma maneira criativa de expressar o gozo pela vida” (Forbes, 2013, p. 52). O recalçamento, a repressão, a cisão, a dissociação e os conflitos “estão no cerne dos processos psíquicos e também na dinâmica das estruturas que se constroem na formação do que se entende por ‘aparelho mental’”, expõe Amaral (2002, p. 9-10). Ou seja, se não há esperança e “se a tragicidade da vida se impõe de modo absolutamente inflexível”, nada se pode conceber ou praticar de terapêutico, teríamos aí “uma dramaticidade complexa dolorosa, mas, ao fim e ao cabo, uma ideia de superação

e apaziguamento, algo como final feliz [...]; psicanalisar-se como um certo ‘aprender a dançar’” (Amaral, 2002, p. 10).

Na evolução do processo psicanalítico, o fim da análise vem a calhar, conforme Freud (1937/1975), a partir de duas condições: (a) o paciente não mais esteja sofrendo de seus sintomas e tenha superado suas ansiedades e inibições; (b) o analista julgue que foi tornado consciente material recalçado e vencida a resistência do processo patológico em apreço. Aspirar resultado além desse patamar seria um ambicioso projeto de normalidade psíquica absoluta. Nessa perspectiva, o objetivo da análise não é dissipar todas as peculiaridades do caráter humano em benefício de uma normalidade esquemática, nem exigir que a pessoa não desenvolva conflitos internos. Além disso, Freud acentua que os estímulos recebidos pelo sujeito em sua análise não cessam quando esta termina, qualificando o indivíduo analisado a prosseguir com a tarefa sozinho, como defende Lowenkron (2007, p. 57).

A mudança do analisando não se dá de imediato como dar um comando de *power on/off* de um *gadget*. Há uma evolução do processo psicanalítico, ou seja, a transformação ocorre no curso da análise para fortalecer o ego. Tanto para o psicanalista quanto para o analisando, o tratamento analítico é bastante exigente, aponta Freud (1937/1975), porque um trabalho sério é empregado para levantar resistências internas, superando-as.

[...] a vida mental do paciente é permanentemente modificada, elevada a um nível mais alto de desenvolvimento, ficando protegida contra novas possibilidades de cair doente [...] amplia seu campo de percepção e aumenta sua organização, de maneira a que possa apropriar-se de novas partes do id. Onde era o id, ficará o ego (Freud, 1937/1975, p. 244).

O salto de qualidade para o término de análise envolve “acordo entre analisando e analista, sendo, de modo geral, o paciente

quem toma a decisão” (Lowenkron, 2007, p. 57). Na comparação que Freud (1913/1969) fez do tratamento psicanalítico com o jogo de xadrez, evidencia-se uma diversidade de constelações psíquicas envolvidas na riqueza de possibilidades dos processos mentais.

Entrelaçando considerações finais

Embora estejamos vivendo na cibercultura, há rizoma de verdades duradouras. “A cibercultura surge como solução parcial para os problemas da época anterior, mas constitui em si mesma um imenso campo de problemas e de conflitos para os quais nenhuma perspectiva de solução global já pode ser traçada claramente” (Lévy, 2010, p. 255). Há que reinventar e respeitar a evolução do processo psicanalítico do paciente em suas diferentes etapas. Cada sujeito em término de análise não é um *gadget* ou um aplicativo que se pode conectar, deletar ou desligar. Transcorre o reconhecimento do seu modo de ser no mundo, sua historicidade.

Assim como ocorre no desenvolvimento da cibernética, os aperfeiçoamentos e as evoluções na psicanálise no término de análise, o enigma humano dos sintomas, as inibições e as resistências psíquicas têm seus devidos encaminhamentos evolutivos. Esses aspectos requerem investigação, deciframento, desvendamentos, desvelamentos. Freud ensinou-nos a desencadear uma evolução: libertar no homem suas anormalidades de caráter neurótico. No germen da “galáxia da internet”, citamos, como exemplo, Turing, matemático que, conforme Lanier (2010), foi o primeiro *craker*, ou decodificador, a usar computadores para derrubar as medidas de segurança de um inimigo, decifrando o código secreto nazista, chamado Enigma. Para tanto, projetou uma forma de existência incalculada e cristalina no domínio digital – o teste de Turing. O final da análise, assim como a cibercultura, é um processo e requer condições históricas próprias para se efetivarem.

Esta reflexão reforça que o término da

análise guarda em si um patrimônio de investimento psíquico. Para Freud (1937/1975, p. 262), “é difícil provar que isso é realmente assim, pois não temos outra maneira de ajuizar o que acontece, exceto pelo resultado que estamos tentando explicar. Não obstante, as impressões que se recebe durante o trabalho de análise não contradizem essa pressuposição; na verdade, parecem antes confirmá-la”. Em cada situação, há um sujeito em transformação que se narra. O final de análise detecta a história de si mesmo, e eis o avanço: dá-se uma passagem, uma mudança, um salto de qualidade. Do contrário, somos reificados como *software*, expressando ideias sobre tudo que não estabelece relações além do programado vazio, o qual não possui continuidade, apenas estagnação. “Não sabemos se a morte é o fim da história, mas a falta de história significa a morte psíquica. Mortos-vivos são aqueles que não podem contar”, conclui Gutfreind (2009, p. 28-29). A caminhada continua.

O que insiste ser satisfeito só pode ser satisfeito no reconhecimento. O fim do processo simbólico é que o não-ser (*sic*) venha a ser, que ele seja porque falou (Lacan, 1954-1955/ 1985, p. 384).

Então, a caminhar!

Abstract

This work proposes a reflection of the termination of the psychoanalysis based on Freud's heritage (1937) Analysis Terminable or interminable, with contributions from Lacan amongst other psychoanalysts. We establish a relationship between the evolution of the individual and the history of the human civilization, now digital and cybernetic. The termination induces transformations to the individual. The termination of the psychoanalysis triggers a movement. The analysand learns how to lead their life, including its unexpected situations, contradictions and realities. They overcome conflicts, mazes and they detect the chaos giving meaning to their existence. An analysis must not extended beyond its need for too long. There are signals which indicate the treatment is over. Similarly as the human being absorbed in cyberculture is not an application, the process of ending the analysis is not a gadget. It breaches the dichotomy of being off/online. There are manifestations from the analysand with their life, environments, relations accepting they are the author of the spectacle of their acts in the infinite. An awakening elapse creating possibilities, comings and goings, approaches and separations in constant transformation of reality. This subject raises the being born and dying phenomenon, learning and forgetting.

Keywords: Psychoanalysis, Finished and unfinished psychoanalysis, Evolution, Termination of psychoanalysis, Cyberculture.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AMARAL, M. R. F. *Aprendendo a dançar entre a forma e o devir*. São Paulo: Anablume, 2002.
- AXT, M. Ler. In: FONSECA, T. (Org.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 149-151.
- BETTO, F. *O que a vida me ensinou. O que me fez ser eu mesmo*. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CORDEIRO, A. B. Z. Para onde nos conduz o fim da análise? *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 67-72, set. 2006. Disponível em: www.cbp.org.br/rev2967.html. Acesso em: 20 abr. 2015.
- FORBES, J. *Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI*. São Paulo: Manole, 2013.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 139-304. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).
- FREUD, S. Caso 2 - Sra. Emmy von N. (Freud). In: _____. *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 82-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).
- FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 13-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, S. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 163-187. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).
- FROMM, E. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. 10 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.
- FROMM, E. *Grandeza e limitações do pensamento de Freud*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- GREEN, A. *O desligamento*. Tradução: Irene Cubric. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- GUTFREIND, C. *Narrar, ser mãe, ser pai*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- LACAN, J. Entrevista concedida à Agence Central de Press de Paris em 29 out. 1974, por ocasião da conferência *A terceira*, proferida em Roma. Disponível em: lacaneando.com.br/entrevista-a-imprensa-do-dr-lacan. Acesso em: 29 mar. 2015.
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Marie Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).
- LANIER, J. *Gadget: você não é um aplicativo*. Tradução: Cristina Yamagami. São Paulo: Saraiva, 2010.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LOWENKRON, T. *Psicanálise interminável ou com fim possível?* Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*, v. 1. Tradução: Rubens Enderle. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- PIMENTEL, D.; ARAÚJO, M. G.; VIEIRA, M. J. Final de análise: uma revisão sistemática da literatura. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 32, p. 51-70, nov. 2009.
- QUINET, A. *As 4+1 condições da análise*. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- SZCUPAK, S. *O xadrez psicanalítico: início e final*

de análise em Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

TOFFLER, A. *A terceira onda*. Tradução: João Távola. São Paulo: Record, 1981.

TURING, A. M. I. Computing machinery and intelligence. *Mind*, Oxford University Press, v. LIX, p. 433-460, 1 Oct. 1950. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1093/mind/lix.236.433>. Acesso em: 02 out. 2023.

ZANELLA, A. V. Escrever. In: FONSECA, T. (Org.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 89-91.

Recebido em: 15/07/2023

Aprovado em: 22/07/2023

Sobre a autora

Magda Maria Colao

Psicóloga, psicanalista, pedagoga, orientadora educacional.

Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Aconselhamento Psicopedagógico pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Professora adjunta III da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Integrante do Grupo de Pesquisa Internacional de Formação de Professores para a América Latina. Linha de pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (FACED/UFRGS). Orientadora da Liga Acadêmica de Psicanálise (LAPSI) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Parecerista da revista *Direito Ambiental e Sociedade*, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Uma das Editoras da Revista *Estudos de Psicanálise do CBP*.

E-mail: magdacolao@gmail.com

Pós-pandemia e formação do analista¹

Post-pandemic and analyst training

Paola Giacomini Fachini

Resumo

Tendo em vista a abundância de palestras, seminários e cursos de formação ofertados predominantemente através da mídia eletrônica, na modalidade *on-line*, este trabalho propõe uma reflexão sobre os motivos de tal fenômeno pós-pandêmico, que inquieta a nós, psicanalistas, pelas suas consequências. Esse fenômeno suscita não apenas várias questões, como a possibilidade da crise vivenciada nos diferentes institutos de psicanálise nos últimos anos, mas também o propósito da disseminação de tantos cursos de formação psicanalítica *on-line*. Este trabalho pretende contribuir com o estudo e o entendimento desse fenômeno.

Palavras-chave: Formação psicanalítica, Crise institucional, Oferta de cursos de formação psicanalítica *on-line*.

Ao abrir o celular, o *tablet* ou o computador, somos inundados por uma maciça oferta de cursos de formação em psicanálise, cursos de 20, 30, 36 meses de duração, com aulas teóricas *on-line*, seminários e discussões *prêt-à-porter*. Sem falar da quantidade de palestras – algumas de excelentes conteúdos e outras nem tanto – proferidas todos os dias em algum canto do mundo.

Qual o significado dessa profusão de cursos, palestras a respeito da psicanálise? Certamente há várias leituras possíveis: um sintoma do mal-estar psíquico contemporâneo, que compensa – com a ilusão de conhecimento – a angústia de não saber e não compreender a realidade em que vivemos? Necessidade do narcisismo dos sujeitos envolvidos nessa difusão desordenada?

Por um lado, em relação a essa vulgarização da psicanálise, além de tantas outras possíveis leituras, há certamente um transbordamento do mal-estar existente nas instituições psicanalíticas, onde há dificuldade de diálogo entre várias correntes de pensamento,

ideologias variadas, crenças que exigem dos sujeitos ampla abertura à alteridade e às diferentes posições de cada singularidade. Sem falar da cultura do cancelamento de quem ousa ter opiniões e visões de mundo que não coincidam com aquelas prevalecentes no meio em que se está inserido.

Em contrapartida a essa banalização da psicanálise, nós, que fizemos a formação há décadas, lembramos a definição que repetia o Dr. Siegfried Kronfeld, um dos fundadores do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul e do Círculo Brasileiro de Psicanálise, que dizia: “a psicanálise pode ser resumida em 4 D: difícil, demorada, dispendiosa e dolorosa experiência de vida”. Neste trabalho, teço algumas reflexões a respeito da formação do analista no contexto contemporâneo.

A gama de autores a serem estudados é ampla, a começar por Freud, cada vez mais inspirador, e os maiores expoentes da psicanálise contemporânea: Ferenczi, Klein, Winnicott, Bion, Green, Lacan, Ogden, a escola psicanalítica de Pavia, cujos maiores

1. Trabalho apresentado no XXV CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e XLI JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte (MG), 28, 29 e 30 set. 2023.

representantes são Ferro e Civitarese.

Todos sabemos que a formação de um analista se estrutura entre a análise pessoal, a teoria e a supervisão. Ainda hoje a análise pessoal é a parte mais importante da formação, um processo que não pode ser explicado nem contado em palavras, uma profunda experiência que transforma o sujeito, propiciando mudanças no dispositivo continente-contido com a consequente expansão da mente na concepção de Bion (2004).

Os outros dois dispositivos – seminários teóricos e supervisão – são fundamentais na formação do analista. A teoria confronta a ignorância e a supervisão é um instrumento importante na construção de uma prática analítica singular. O analista em formação pode chegar ao fim de sua análise pessoal não tanto pelo grau de resolução dos conflitos inconscientes na transferência-contratransferência, mas pelo grau em que ele (o analisando) é capaz por si mesmo de sonhar sua experiência emocional vivida, segundo a tradição pós-bioniana de Meltzer, Ogden e outros.

Historicamente a formação vinha sendo realizada nos institutos de psicanálise; contudo, a multiplicação de cursos de formação, quase exclusivamente *on-line*, parece prenunciar o possível fim desses institutos.

Sabemos que as instituições psicanalíticas passam por grandes dificuldades como observamos no próprio Círculo Brasileiro de Psicanálise, onde vários grupos deixaram de existir: IEPSI, GREP em Minas Gerais, Círculo Psicanalítico de Pernambuco e Sociedade Psicanalítica da Paraíba, embora recentemente o Círculo Psicanalítico do Pará tenha se somado aos Círculos Psicanalíticos existentes. Que vírus é esse que ameaça a convivência da pluralidade e das expressões democráticas da existência? Como disse Carlos Pinto Corrêa, em conversa particular na ocasião dos 50 anos do Círculo Psicanalítico da Bahia, houve em alguns momentos a perda da humanidade, o que permitiu, de um lado, o parricídio dos pais e, do outro lado, sentimentos de filicídio

dos pais fundadores com relação às novas gerações.

A palavra “instituição” vem do latim *institutio*, que, por sua vez, é a forma nominal do verbo *instituere*. Trata-se, portanto, de uma disposição, de uma arrumação, de uma instrução. O próprio termo “instituição” traz em si mesmo a noção de disparidade implícita dos lugares via a temporalidade que ele inclui.

Lebrun (2009, p. 14) escreve:

[...] se entendemos na instituição a coisa instituída, esta não pode se desvencilhar do processo instituinte que a instaurou [...] a instituição supõe levar em conta uma diferença de lugares e, então, a prevalência de um deles sobre os outros.

Segundo Lebrun (2009), foi Hegel o pensador da instituição, devido à importância decisiva para a vida coletiva. Hegel se contrapôs a Kant: o homem nasce homem porque sua consciência individual entra em relação dialética com as outras consciências individuais para produzir as instituições. É dentro das instituições que o homem inicialmente se perde, segundo a lei da alienação, mas é lá que ele se encontra por meio dessa renúncia. Se você entra no jogo social e em suas regras, isso lhe será restituído sob forma de uma consciência mais humana.

Merleau-Ponty (2003) realizou, durante um ano inteiro, no Collège de France, um curso sobre a instituição, enfatizando a não coincidência entre instituinte e instituído, afirmando que o tempo é o modelo da instituição, convocação para uma sequência, exigência de um futuro, reafirmando a eficácia do instituinte.

Sendo assim, no próprio cerne do conceito de instituição há necessidade de uma temporalidade, de uma ‘terceiridade’ e de uma dimensão coletiva, implicando de imediato uma disparidade de lugares. Mas como “o fio da tradição está rompido” (Arendt, 2013, p. 257), em poucas décadas, a paisagem da instituição se transformou. Não podendo mais

contar com o passado para embasar a prevalência atribuída ao coletivo, deve-se buscar o que lhe daria hoje sua legitimidade.

Atualmente, em face dessa dificuldade, observamos a existência de grupos que tentam escapar do pacto institucional, tornar-se uma empresa, como resposta à crise da instituição, já que um ajuntamento coletivo, por si só, não é uma instituição. Sem serem sinônimos, os conceitos de lei e de instituição implicam um caráter oblíquo, consequência de nosso estatuto de sujeito falante que não poderá ficar satisfeito a não ser de maneira insatisfatória. A forma de transmitir a necessidade de um lugar diferente, de exceção, era uma maneira de garantir a existência do Outro. A modernidade chegou a nos livrar da existência substancial do outro, enquanto a pós-modernidade nos desembaraça da sua necessidade lógica.

Hoje vivemos numa sociedade que funciona horizontalmente, e a verticalidade parece ter perdido o crédito, dando a entender essa horizontalidade como desaparecimento do Outro: alguns falam da dissolução de qualquer transcendência, e outros falam da necessidade de restaurá-la. Isso implica não só ser capaz de mudanças e remanejamentos incessantes, mas poder se preocupar com a permanência e com a estabilidade, permitindo assegurar uma instância terceira.

A palavra “*communitas*” vem do latim *munus*, um conjunto de pessoas unidas por um dever ou por uma dívida; não por um mais, mas por um menos, por uma falta, por uma forma de carga, de modalidade deficiente para aquele que é afetado, diferente daquele que está isento.

A subjetividade individual e a vida coletiva se fundam sobre a perda que as constitui: hoje não é suficiente desconstruir, é preciso urgentemente pensar como construir, levando-se em conta o que nos precedeu.

Temos o desafio de reinventar a vida coletiva, temos de afrontar o caos – como dizia Deleuze (1991) –, obrigados a carregar cada um o peso do coletivo, logo, da divisão,

aquela que sustenta o um e ao mesmo tempo o plural sem deixar o outro carregar o que não queremos reconhecer.

Hoje temos de trabalhar na instituição, como referência de legitimidade, não mais com a tradição, mas com a temporalidade do anseio de durar. A tarefa consiste em fazer desse real que escapa e do impossível que ela implica o lugar do transcendental. Em outros termos, temos o paradoxo de fazer do vazio que nos governa e que nos funda uma base confiável de convivência, sem, no entanto, poder dispor de qualquer fundamento e garantia de alcançá-lo.

As novas gerações desejam despontar como portadoras de um saber aprendido no contato com os mais velhos e anseiam ocupar seu próprio lugar – deve haver alguma relação com as dificuldades vividas no espaço da instituição!

Pontua Hannah Arendt (2013, p. 226):

Pertence à própria natureza da condição humana o fato de que cada geração se transforma em um mundo antigo, de tal modo que preparar uma nova geração para um mundo novo só pode significar o desejo de arrancar das mãos dos recém-chegados sua própria oportunidade face ao novo.

Na história da psicanálise, há sempre uma passagem do poder absoluto da figura paterna à sua queda, com o conflito entre irmãos que exercitam a conquista do lugar paterno, desfazendo as identificações estabelecidas ao longo de idealizações transferenciais persistentes.

Os estudos teóricos, a análise pessoal e a prática clínica criam as condições da possibilidade de exercer o ofício de psicanalista em constante diálogo com nossos pares, ampliando nossa mente para novos significados e novas visões de mundo, portadores de um saber inacabado, em constante evolução.

Repensando sobre o tempo de minha formação nos anos 1980 e 1990, a ênfase de nossos estudos era sobre o conteúdo do que

constitui o mundo interno marcado pela ambivalência e pela coexistência de diversas etapas do circuito pulsional. Hoje estamos mais atentos ao modo de pensar, às vicissitudes do pensar, tentando auxiliar os analisandos a transformar seu aparelho de pensar e sonhar. Aumentaram muito a qualidade e quantidade de estudos sobre os autores contemporâneos: Ferenczi, Klein, Bion, Winnicott, Kohut, Ogden, Green, cada autor enfatizando algum aspecto do psiquismo, dos transtornos narcísico-identitários como nos fala Roussillon (2023) a respeito de pacientes com dificuldades de simbolização, no âmbito da não neurose.

Esses pacientes não neuróticos necessitam de sustentação, segundo os conceitos de Winnicott (1975) e de contenção, conforme Bion (2004): as falhas no ambiente produzem sofrimentos passivos, enquanto as falhas do objeto, incapazes de oferecer continência e *rêverie*, geram angústia e defesas primitivas inomináveis.

Luis Claudio Figueiredo e Nelson Coelho (2018, p. 29) realçam a função vitalizadora do analista:

Trata-se, isso sim, de escutar e responder empaticamente às mais incipientes manifestações de vida psíquica, que ainda subsistem sepultadas debaixo das partes mortas ou entorpecidas da vida psíquica.

Frente às exigências tão complexas da clínica contemporânea, cabe a pergunta: como seria possível formar analistas de maneira rápida, *on-line* e indolor?

Cito Fátima Cesar (2023, p. 11):

O papel vitalizador do analista deve incluir tanto a recepção e o propiciar do vir à tona os aspectos vitalizados do paciente como o acolhimento do “morto” das áreas mais primitivas, do irrepresentável, dos afetos depressivos e das tendências a desistir da vida.

Roussillon (2023, p. 94) escreve:

Considero essa a via régia para todos os cuidados relativos a primeira infância: auxiliar e acompanhar os pais para uma compreensão melhor e mais adequada do que se passa com essas crianças. Grande parte dos maus-tratos impingidos às crianças está relacionado ao fato de que lhes são transferidos entraves ligados à história da mãe, ou dos pais, que os impedem de compreender a criança.

E continua Roussillon (2023, p. 99):

Encontramos em geral em todas as patologias narcísico-identitárias - déficits significativos nesse primeiro sistema de comunicação que se produz ao longo dos anos. Algo começou a descarrilhar na relação primária com o objeto maternante [...] não se trata de buscar culpados, mas de compreender os processos e até mesmo suas falhas. As manifestações das patologias narcísico-identitárias, os traços deixados pelos primeiros traumas, pelas primeiras experiências daquilo que os sujeitos não conseguiram integrar afetivamente, seus objetos bizarros, suas potencialidades não advindas – aguardam por serem reconhecidas e ter seus efeitos mensurados.

O trabalho cotidiano do analista é tentar reduzir a violência da pulsão de morte e a lógica da desesperança. Para cumprirmos a função analítica, precisamos estar vitalizados, esperançosos nos nossos espaços institucionais para que possamos funcionar como filtros diante da dor e tentar transformá-la em novas saídas criativas.

Mas será que nossas instituições propiciam tais vivências de trocas afetivas, políticas e científicas? Podemos sobreviver na pluralidade de vértices teóricos, políticos e culturais sem dar tanta importância ao brilho do *curriculum* e outros títulos? Precisamos de um espaço de afeto onde sejam possíveis trocas de experiências que nos mantenham vivos, testemunhas das transformações psíquicas que ocorrem constantemente.

Abstract

Considering the abundance of lectures, seminars, and training courses predominantly offered through electronic media in the online format, this paper proposes a reflection on the reasons behind such a post-pandemic phenomenon that has been concerning us (psychoanalysts) due to its consequences. This phenomenon raises several issues, such as the possibility of the crisis experienced in different psychoanalytic institutes in recent years, as well as the purpose of the dissemination of so many online psychoanalytic training courses. This paper aims to contribute to the study and understanding of this phenomenon.

Keywords: *Psychoanalytic formation, Institutional crisis, On-line psychoanalytic formation courses offerings.*

Referências

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BION, W. R. *Transformações*. Do aprendizado ao crescimento. Tradução: Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

CESAR, F. F.; RIBEIRO, M. F. R.; FIGUEIREDO, L. C. *Chuva n'alma*. A função vitalizadora do analista. São Paulo: Blucher, 2023.

Deleuze, G.; Guattari, F. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Minuit, 1991.

FIGUEIREDO, L. C.; COELHO, N. E. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura*. Matrizes e modelos em psicanálise. São Paulo: Blucher, 2018.

LEBRUN, J.-P. *Clínica da instituição*. O que a psicanálise contribui para a vida coletiva. Porto Alegre: CMC, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. *L'Institution, la passivité*: notes de cours au Collège de France 1954-1955. Paris: Belin, 2003.

ROUSSILLON, R. *O narcisismo e a análise do Eu*. São Paulo: Blucher, 2023.

Winnicott, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em: 30/11/2023

Aprovado em: 10/12/2023

Sobre a autora

Paola Giacomini Fachini

Psicóloga.

Psicanalista.

Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Professora do curso de formação e coordenadora de seminários de formação do CPRS.

Especialista em psicologia clínica pelo CRP/07.

Especialista em criminologia pela PUCRS.

Especialista em saúde mental coletiva pela Secretaria Municipal de Saúde e Universitat de Roviri I Virgili.

E-mail: paola.fachini@gmail.com

Saúde mental no contexto indígena, o que pode a psicanálise¹

Mental Health in the indigenous context, what can psychoanalysis do

Maria do Rosário de Castro Travassos

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir as políticas públicas brasileiras no âmbito da saúde mental indígena e a perspectiva ética da clínica psicanalítica nesse contexto. Os constantes problemas psicossociais envolvendo essa camada da população indicam um crescimento nos números de casos de suicídio, violência, dependência química, depressão, entre outros, noticiados nos *sites* oficiais (Brasil, 2017a), dados que colocam em discussão os cuidados e as especificidades em saúde mental pela pluralidade étnico-cultural que os singulariza.

Palavras-chave: Saúde mental indígena, Psicanálise, Sofrimento psíquico.

Introdução

A Política Nacional de Saúde Mental é uma ação do Governo Federal coordenada pelo Ministério da Saúde, por meio de estratégias e diretrizes adotadas para prestar assistência às pessoas com sofrimento psíquico, que abrangem a prevenção, o tratamento de transtornos mentais e a dependência química. Ela é organizada na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que propõe atendimento plural e integral em diferentes graus de complexidade. O CAPS é seu principal ponto de atenção estratégica. O objetivo da política de saúde é fortalecer a autonomia, o protagonismo e a participação social (Brasil, 2013b).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946), o conceito de saúde constitui-se de um estado de completo bem-estar físico, mental e social, que capacita o indivíduo a desenvolver suas habilidades, lidar

com o estresse e ser produtivo contribuindo para sua comunidade. Esses três elementos são indissociáveis para a qualidade de vida, contudo a saúde mental vai muito além da ausência de doença.

Os direitos individuais e coletivos das populações indígenas estão contemplados na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 231, que reconhece, entre outros direitos, o respeito a sua organização social, seus costumes, suas crenças e suas tradições, ou seja, uma pluriétnica. Essa visão valida a existência de minorias nacionais e institui normas de proteção à singularidade étnica, especialmente da língua, dos usos e costumes.²

A partir da criação da Fundação Nacional do Índio em 1967, hoje a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), vários órgãos assumiram a responsabilidade do cuidado com a saúde indígena. Em 1999, foi criado

1. Trabalho apresentado no XXV CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e XLI JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte (MG), 28, 29 e 30 set. 2023.

2. O artigo 196 da Constituição Federal reconhece a saúde como um direito de todos e um dever do Estado.

o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena dentro do SUS (Lei n.º 9.836) e, desde então, uma política de descentralização do atendimento reduziu a ação direta do Estado, ou seja, foram implantados 34 Distritos Sanitários Indígenas (DESEI) delimitados por critérios epidemiológicos, geográficos e etnográficos (Batista; Zanello, 2016).

A fim de integrar a atenção à saúde ao contexto da pluralidade étnica do país voltada para os povos indígenas, é criada no ano 2010 a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), que é responsável por coordenar e executar a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas e todo o processo de gestão do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS) no Sistema Único de Saúde (SUS). A Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas integra a Política Nacional de Saúde, compatibilizando as determinações das Leis Orgânicas da Saúde com as da Constituição Federal, que reconhecem os povos indígenas com suas especificidades étnicas e culturais e seus direitos territoriais (Ministério da Saúde, 2017).

Observam-se dois aspectos fundamentais no que concerne aos cuidados com a saúde mental indígena. De um lado, as diretrizes quanto à saúde segue o modelo biomédico/psiquiátrico hegemônico, que prevalece na maioria das sociedades ocidentais e organizam os serviços de assistência prestados aos povos indígenas com uma tendência universalista. De outro lado, estão às sociedades indígenas com suas formas particulares de organização e diferentes perspectivas quanto aos fenômenos vinculados à saúde, de acordo com a cosmovisão e a representação do universo simbólico que integra seu modo de vida à natureza, aos seres vivos e aos seres espirituais.

Historicamente, as ações de saúde mental ou atenção psicossocial nos DSEI se organizaram a fim de oferecer cuidados a diferentes situações de sofrimento psicossocial nas comunidades por pessoas envolvidas com consumo de bebidas alcoólicas e outras

drogas, bem como as situações de violência e suicídio e outros agravos relacionados, que enfrentam diferentes situações, como a luta pela subsistência das famílias, as crenças, os feitiços, o preconceito sofrido nas cidades, conflitos familiares, entre tantos outros, que têm sido relacionados à saúde mental, mas, com tantos aspectos diferentes na dimensão social e coletiva, sem a escuta de sua dimensão subjetiva, de sua forma singular de existir e viver.

Membros da Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena (EMSI) relatam que, por não se sentirem aptos a lidar com situações que envolvem agravos em saúde mental, direcionam a responsabilidade do cuidado para profissionais como psicólogos ou assistentes sociais. O acesso dos usuários aos cuidados necessários é dificultado, além de acarretar uma atenção fragmentada de atendimento. A carência de profissionais disponíveis parece não atender a demanda nos diversos territórios. Tal configuração dificulta o contato dos EMSIs (enfermeiros, técnicos de enfermagem), Ações Integradas de Saúde (AIS), além de médicos etc. com situações relacionadas à saúde mental indígena, por entenderem que os cuidados devem ser realizados em rede e a responsabilidade de forma compartilhada.

Para as pessoas indígenas que moram nos centros urbanos, há outra particularidade igualmente sensível. O Governo Federal, por meio do Ministério da Educação e Cultura MEC (2006), responsável pela política indígena no Brasil, declara não ter como traçar programas de assistência aos indígenas que vivem fora do seu território, por entender que, o fato de se deslocarem para os centros urbanos pode ser revelador da intenção da perda da condição indígena, o que implicaria renúncia à proteção garantida pela legislação.

Esse tipo de entendimento pode gerar outro tipo de conflito: o preconceito que o indígena passa a enfrentar nos centros urbanos, onde pode sentir os efeitos da marginalização social, que alteram sua forma de vida, de trabalho e a exposição à violência (OPAS,

2018). O Ministério da Saúde, em seu portal sobre a Política Nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas, reconhece que está ocorrendo um aumento na prevalência de transtornos mentais entre os indígenas, que vão desde problemas como a dependência química até o suicídio (Brasil, 2017a).

Os indígenas que vivem perto dos centros urbanos, por essa razão, mais próximos dos serviços de saúde, sofrem com os efeitos das políticas universalizantes, que ignoram as diferentes perspectivas vinculadas à saúde, as representações simbólicas de cada grupo étnico, com seus saberes e crenças.

Diante desse quadro é que se sente a

[...] importância da participação da antropologia, da territorialização dos DSEIs e da participação dos indígenas na composição dos campos de saúde [...] para não limitar a visão a respeito da etnomedicina a um xamanismo genérico desprovido de conhecimentos complexos (Wayhs; Bento; Quadros, 2019, p. 75).

Essa breve visão da complexidade no que concerne à saúde mental indígena no Brasil, na perspectiva das políticas públicas, desconsiderando-se o contexto próprio a cada região em que esses povos estão inseridos, bem como suas particularidades linguísticas, geográficas, entre outras particularidades determinantes do modo como os problemas e os agravos são compreendidos e vivenciados, desencadeantes de sofrimento psíquico a essas populações.

A cultura serve de lupa para cada sujeito olhar o mundo. Seus saberes e suas crenças constituem marcas presentes no processo de subjetivação e pertencimento de cada grupo étnico, que passam a fazer parte da construção de sua identidade, suas marcas de singularidade e de cuidados. Dessa forma, as sociedades indígenas clamam por escuta para validar seus saberes e práticas tradicionais e contribuir mais para o bem-estar dos sujeitos, reafirmando seus direitos constantemente violados e ignorados. A violação de

seus territórios, direitos sociais, econômicos e culturais, entre outros, são fatores que contribuem para a desorganização psíquica, deixando-os ainda mais vulneráveis aos anseios do dominador.

O Brasil tem aproximadamente 1.600.000 indígenas (IBGE, 2022) distribuídos em 305 etnias e 274 idiomas, o que indica a diversidade étnico-cultural de saberes, povos que compreendem a existência saudável como um estado de bem-viver (Santos, 2022, p. 5), em uma perspectiva ampla, que reúne sistemas, cosmologias e cosmovisões, como categoria política e de cuidado, visando integrar os modos de vida à natureza – seres vivos e encantados, aos saberes e às práticas das singulares formas de conceber o existir e o viver.

Os códigos simbólicos que estabelecem a ordem social nas aldeias, entre eles, as crenças, os mitos de origem e os sistemas de cura, são quase sempre ignorados pelo outro não indígena. A tentativa legal de homogeneização do sujeito, uma herança colonial que continua no presente, tem como consequência o apagamento do desejo, ao destituir os signos culturais, afetando tanto a cultura quanto o sujeito.

Suicídio e consumo de álcool e outras drogas

O filósofo Daniel Munduruku, da etnia Munduruku, aborda a questão da saúde mental dos povos originários, o que inclui questões como o suicídio, alcoolismo e protagonismo das missões religiosas, conforme a entrevista disponível no Youtube, no vídeo intitulado *Mal-estar na civilização* (2022):

Os povos indígenas são muito movidos por um sentido de pertencimento, e esse pertencimento tem muito a ver com a cultura de cada povo, de como cada povo interpreta a sua presença no mundo e como essa presença é possível de ser vivida a partir da continuidade daquilo que se tem. Então muitos jovens sendo criados dentro de uma cultura específica indígena ancestral, quando eles

se deparam com as outras culturas, às vezes perdem essa característica simbólica vinda da cultura em que cresceram. Muitos deles têm essa dificuldade de lidar com essas questões e começam a pensar em suicídio. Lembrando que isso é uma reflexão minha, porque tem muitas outras questões envolvidas. Suicídio é um ato extremo, mas também uma solução, dependendo de como cada povo entende seu lugar no mundo.

Não foram os indígenas que foram para as cidades, foram as cidades que vieram para cima dos indígenas. E o alcoolismo acaba sendo uma alternativa que vai gerando outros problemas dentro das comunidades, seduzidas pelo vício em geral. Quem leva o alcoolismo são madeireiros e garimpeiros. Pra isso é oferecido o álcool. Em seguida vem a religião. A sedução do alcoolismo nas aldeias, quando ocorre, é resultado da invasão da turma que quer explorar ilegalmente as riquezas da floresta.

O território é o espaço sagrado, de nossos ancestrais, para que nossa existência tenha sentido. Se é invadido e destruído, afeta toda a pedagogia desse povo e, portanto, a juventude perde referências. Se a gente perde esse chão simbólico, perde nossa capacidade de resistir aos ataques. A questão do território é uma questão muito séria, porque quando a gente lida com a sacralidade desse território, a gente está lidando com o nosso simbólico mais profundo.

A sociedade, como um todo, tem uma relação meio dúbia com os povos indígenas. Ao mesmo tempo que gostam, adoram, também detestam, odeiam, porque as ideias que foram introjetadas na mente dos brasileiros como um todo, é a ideia contraditória que vem sendo sustentada pelo próprio Estado ao longo da história. A partir de 2013 houve uma retração do Estado brasileiro com os direitos indígenas, de modo que hoje nós escutamos novamente os discursos que foram reprodu-

zidos à exaustão nos últimos 500 anos, de que o índio não tem direitos, que o índio é um selvagem, que o índio é um atrasado, que atrapalha o progresso e o desenvolvimento. Ainda que a gente tenha trabalhado esses conceitos, avançado três quatro passos pra frente, nos últimos 5 anos, o retrocesso foi de 200 passos pra trás.

Krenak (2020, p. 110), pensador indígena também faz referência à questão do suicídio entre jovens indígenas, textualizando que “eles estão achando que a vida tão cretina e essa experiência aqui tão insalubre que estão preferindo ir para outro lugar”. É uma situação dolorosa para as famílias que perderam crianças e adolescentes, mas, em sua visão, não se deve ter medo “nem disso”.

Quanto ao consumo de álcool, Menéndez (2013) entende que o peso para seu uso varia entre os grupos étnicos, de acordo a função, que vai desde a social, psicotrópica, alimentar, de transgressão e religiosa, até como instrumento de controle social, de caráter exploratório e de justificativa para violências que impactam a saúde mental dos sujeitos.

A história indígena é marcada pela violência física e psíquica desde a colonização. Porém, somente a partir de 2006 os casos passaram a ser notificados e estão em constante crescimento, sendo que só no ano 2017 foram registrados 13.687 casos, dos quais 84% representam agressão contra a mulher e 72% representam casos de violência sexual (Wayhs; Bento; Quadros, 2019).

Esses dados do Ministério da Saúde (2018c) mostram que a violência étnica é relativamente alta. Entre 2010 a 2017, houve um aumento de 55,7% de mortalidade por suicídio entre os indígenas, com uma taxa média de 12,3 óbitos por 100 mil habitantes – três vezes maior do que na população geral. As regiões com maior taxa são Norte e Centro-Oeste. O aumento decorre da crescente vulnerabilidade, bem como da maior notificação de casos (Brasil, 2017b; Brasil, 2018b). Esses casos, principalmente na

Região Norte, são subnotificados – portanto, o número pode ser ainda maior (Políticas Públicas em Saúde Mental indígena no Brasil, 2019).

O que pode a psicanálise nesse contexto?

Atualmente, chegou à clínica uma pessoa indígena que mora na cidade de Belém, pertencente à etnia Assurini, oriunda do município de Altamira, no Estado do Pará, com queixas sobre a precariedade da assistência à saúde física e mental tanto para aqueles que vivem na cidade quanto para os indígenas que permanecem nas aldeias. A instalação de uma hidrelétrica os deslocou de seu território – uma parte habita hoje localidades ribeirinhas e outra parte foi deslocada para a área urbana. Há uma muita preocupação com os casos de suicídio entre os jovens, violência, alcoolismo, entre outras situações, de sua etnia e demais grupos que vivem naquela região. Esse discurso ressoa no social e nos convoca a sustentar a escuta do que ele tem a dizer que o aflige e seguirá com novas escritas.

A psicanálise se apoia no enunciado freudiano de ser “a psicologia individual [...], ao mesmo tempo, também psicologia social” (Freud, 1921/1996, p. 81), o que afeta um, repercute no outro.

O texto de Freud (1921/1996) *Psicologia de grupo e a análise do ego* nos convoca a pensar sobre a complexidade da questão indígena: como os psicanalistas podem se autorizar a trabalhar nesse campo, que endoa o individual e o coletivo? Como enfrentar os grandes desafios do nosso tempo, que segrega as populações indígenas, cujas vozes são silenciadas desde os tempos coloniais, mas que ecoam na luta por seus direitos violados – suas terras, seus saberes, suas línguas, espoliados física e psiquicamente, detentores de cosmologias tão diversas, tratados como restos pelo Estado, ignorados e discriminados pela população?

Como a saúde mental indígena é orientada pelo princípio do bem-viver, segundo

as especificidades étnicas, as ações voltadas a essa causa precisam incluir os modos singulares de subjetivação, que faz laço com a história de cada povo, sua ancestralidade e que atravessa gerações. Seus mitos e ritos dão sustentação a sua identidade, explicam seu lugar no mundo, dão sentido à corporalidade para cada grupo social e os processos de adoecimento e cura. Essa identidade se entrelaça aos processos identificatórios e, quando invalidada, pode deixar os sujeitos à deriva.

É necessário conhecer essa rica e ignorada história, aprender a acolher vozes que reverberam no social, como dos pensadores indígenas Daniel Munduruku e Ailton Krenak, em nome de uma dessa população multiétnica brasileira.

A questão é complexa, pois há uma parcela dessa população nos centros urbanos e outro contingente nas aldeias, mas em todas as situações, passam por processos de adoecimento físico e mental, que inclui a carência de atendimento que se aproxime de suas crenças e saberes, o que acaba desencadeando desfechos nefastos com um discurso médico hegemônico, que pode determinar o descentramento do sujeito, repercutindo hoje nas estatísticas de suicídio, casos de depressão entre outros quadros, entre os indígenas, em um percentual maior do que entre os sujeitos não indígenas.

Enfrentar a herança colonial brasileira, que passa de geração em geração, com uma memória de dominação, discriminação, de um lugar que desumaniza e, por consequência, fragiliza psiquicamente, não significa acabar com o preconceito que segrega tantos grupos sociais, instalado na cultura como os ideais de branquitude e superioridade, do apagamento e negação de um passado “inglório”.

A existência de grupos étnicos “diferentes” no presente faz emergir a ancestralidade indígena, que necessita de uma escuta descolonizada, na qual o próprio analista tenha que buscar suporte em outros saberes como a

antropologia, a etnografia, as ciências sociais, a psicologia, em cujas lides encontram-se pessoas indígenas, contando suas histórias, suas crenças, o sentido de territorialidade, de pertença, seus desejos – com outras visões de mundo.

A falta originária que funda o sujeito será repetida pelo adulto como protótipo infantil. Uma das formas de preencher o desamparo é por meio das referências identificatórias com os ideais da cultura na qual se insere. Quando esses ideais são incompatíveis com seu acervo individual sem ter onde se apoiar, o sujeito pode se desorganizar.

Esse não lugar para o sentir e o viver indígena parece intensificar o etnocídio, pois desfigura as culturas tradicionais ricas e diversas, invalidando direitos, invadindo sua vida. Os registros de suicídio entre indígenas, o alcoolismo, o aumento de consumo de drogas, entre outros fatores, conforme textualizado por Daniel Munduruku, intensificaram-se entre os povos indígenas que foram arrancados de sua cultura, que foram deslegitimados. Uma experiência real que pode atualizar uma experiência traumática, acompanhado de uma experiência subjetiva, gerando ansiedade, desorganização, estado de desamparo, provocando tais desenlaces.

Considerações finais

Este trabalho procurou seguir a dinâmica das políticas públicas brasileiras propostas para os cuidados com a saúde mental indígena. Sua execução segue diretrizes de cura hegemônica do dominante, desconsiderando os saberes das diversas etnias, de como cuidar do que consideram saúde e doença, tanto física como espiritual.

A questão é complexa e vai requerer da psicanálise um entrelaçamento com outros saberes como antropologia, etnologia, ciências sociais, caso se disponha a conhecer outras visões de mundo que confrontam o saber estabelecido dominante e caso autorize a participar dessa luta e cuidados com a população indígena, considerando a

pluralidade étnica brasileira.

Freud não se furtou à análise do contexto histórico que instituiu a psicanálise no continente europeu – branco e cartesiano – reestruturando e inovando conceitos acerca do sofrimento psíquico que entrelaça homem *versus* meio. Aos psicanalistas cabe enfrentar os desafios culturais do presente em contextos diferentes – de estranhamento, do narcisismo das pequenas diferenças que permeia a segregação racial, e se lançar ao labor da descolonização inclusive das políticas públicas relacionadas aos povos originários.

Embora cada etnia possua semelhanças históricas no processo de colonização, suas formas de organização apresentam diferentes perspectivas dos fenômenos vinculados à saúde física e mental, de acordo com a cosmovisão e a representação do universo simbólico de cada um, sua singularidade e seu sofrimento psíquico.

A psicanálise, cuja práxis é o discurso sobre a subjetividade, é convocada a encontrar seu lugar no campo social e escutar as demandas de um grupo de brasileiros na luta por pertencimento étnico e reconhecimento de si, para a manutenção possível de seu bem viver.

Abstract

This work aims to discuss Brazilian public policies in the context of indigenous mental health and the ethical perspective of the psychoanalytic clinic in this context. The constant psychosocial problems involving this segment of the population indicate an increase in the number of cases of suicide, violence, chemical dependency, depression, among others, reported on official websites (Brasil, 2017a), data that calls into question health care and specificities mental by the ethnic-cultural plurality that singularizes them.

Keywords: *Indigenous Mental Health, Psychoanalysis, Psychic suffering.*

Referências

BATISTA, M. Q.; ZANELLO, V. Saúde mental em contextos indígenas: escassez de pesquisas brasileiras, invisibilidade das diferenças. *Estudos de Psicologia*, 21(4), p. 403-414, out./dez. 2016.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 out. 1988. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política nacional de saúde mental, álcool e outras drogas* (2017a). Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/politica-nacional-de-saude-mental-alcool-e-outras-drogas>.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Agenda estratégica de ações de prevenção do suicídio em populações indígenas* (2017b). Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/27/Agenda-Estrategica-Prevencao-Suicidio-SESAI-2017.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde (2018b). *Análise descritiva dos óbitos por suicídio na população indígena assistida pelo Subsistema de Atenção à Saúde Indígena entre 2010 e 2017*. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/novembro/16/prevencao-do-suicidio-saude-indigena-em-debate.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Análise descritiva das notificações de violência contra indígenas no Brasil: 2006 a 2017* (2018c). Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/novembro/16/Apresenta-o-Notifica-o-de-Violencias-contra-Indigenas-Seminario-Saude-Indigena-em-Debate.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Governo Federal. *Saúde Mental: O que é a Política Nacional de Saúde Mental?* Brasília, Brasil: Governo Federal, 24 nov. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/ptbr/assuntos/saude-a-a-z/s/saude-mental>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Cadernos de atenção básica: saúde mental* (2013b). Brasília: Ministério da Saúde.

CECCARELLI, P. R. Mitologia e processos identificatórios. *Tempo Psicanalítico*: Rio de Janeiro, v. 39, p. 179-193, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo de 2022*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica>. Acesso em: 30 ago. 2023.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 73-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

I CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA INDIGENISTA - IPEA. Documento Base. Brasília, jun. 2015. Disponível em: <http://www.conferenciaindigenista.funai.gov.br/wp-content/uploads/2015/06/Documento-Base-ONLINE.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LUCIANO, G. S. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília. MEC/SECAD; Laced/Museu Nacional, 2006, v. 1. Disponível em: http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/livros/arquivos/CoLET12_Vias01WEB.pdf. Acesso em: 15 mar. 2017.

MENENDEZ, E. L. Prefácio. In: Souza, M. P. S. (org.). *Processos de alcoolização indígena no Brasil: perspectivas plurais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC/UNESCO. *Povos indígenas e a Lei dos "Branços": o direito à diferença*, v. 3. 2006. (Série Via dos Saberes).

MUNDURUKU, D. *Daniel Munduruku: o mal-estar na civilização*. Entrevista ao jornal *O Estadão*. Disponível em: <https://youtu.be/gE9QTKtkx8Y>. Acesso em: 29 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (1946). *Constituição da Organização Mundial de Saúde*. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp>.

br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html. Acesso em: 29 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. (2018). *Folha informativa: saúde mental dos adolescentes*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em: 29 nov. 2022.

POLÍTICA NACIONAL DE ATENÇÃO À SAÚDE DOS POVOS INDÍGENAS (PNASPI) - Portaria n.º 254, de 31 jan. 2002.

SANTOS, Y. V. *Saúde dos povos indígenas da Amazônia*. Manaus: Fiocruz/ILMD-LAPHSA/UNICEF, 2022.

WHAYS, A. C. D; BENTO, B. A. R; QUADROS, F. A. A. *Políticas públicas em saúde mental indígena no Brasil*. Biblioteca Virtual Saúde, n. 4, p. 68-78, 2019.

Recebido em: 24/08/2023

Aprovado em: 10/10/2023

Sobre a autora

Maria do Rosário de Castro Travassos

Bacharel em psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

Psicóloga.

Psicanalista filiada ao Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

Integrante da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Especialista em teoria psicanalítica pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). Mestre em psicologia clínica e cultura pela Universidade Federal do Pará (UFPA.)

E-mail: rosatravassos23@gmail.com

Gael e o monstro do armário *A escuta psicanalítica* *e a literatura em tempos difíceis*¹

Gael and the monster in the closet
Psychoanalytic listening and literature in difficult times

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

Resumo

Este ensaio versa sobre a construção do livro infantil *Gael e o monstro do armário*, de minha autoria, escrito a partir da escuta psicanalítica durante o período da pandemia do coronavírus. O medo estava entre os afetos mais mencionados na clínica e a partir dele criei uma história, cujo protagonista é o diálogo entre o menino Gael e o monstro que mora no seu armário. À medida que Gael conversa com sobre seus temores, o monstro vai diminuindo de tamanho. A psicanálise nos mostra que é preciso conversar com os monstros que nos habitam. Como disse Hanna Arendt, “toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”.

Palavras-chave: Psicanálise, Literatura infantil, Pandemia.

A vida é baseada em narrativas.
B. Webb-Michel, 1995.

Este ensaio trata da construção do livro *Gael e o monstro do armário*, de minha autoria, escrito a partir da escuta psicanalítica no tempo de predomínio da pulsão de morte, se é que podemos assim nomear o período pandêmico. No trabalho de escuta do inconsciente e na ânsia de oferecer palavras e símbolos às angústias inerentes ao humano na sua condição de desamparo, fui também me construindo escritora. Em 2019 havia escrito meu primeiro livro infantil *Ana Lise e o menino de olhos verdes*. Em 2022, depois de tanto escutar sujeitos às voltas com suas feridas abertas pela pandemia e de dialogar com meus próprios monstros, nasceu o livro

Gael e o monstro do armário. O enredo é singelo, mas reforça o convite feito pela psicanálise em sua essência: visitar as profundezas do lado sombrio que nos constitui e, por consequência, enfrentar os monstros que lá habitam.

Na minha percepção, literatura e psicanálise falam a mesma língua, talvez pelo fato de ambas produzirem metáforas capazes de servir de lastro nos momentos adversos da vida. Há algum tempo, venho utilizando a literatura infantil de qualidade na clínica, bem como no trabalho de consultoria a uma escola na cidade onde moro, no interior do Rio Grande do Sul. Como sabemos, Bruno

1. Trabalho apresentado no XXV CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e XLI JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte (MG), 28, 29 e 30 set. 2023.

Bettelheim foi precursor na sistematização das ideias sobre a importância dos contos de fadas na vida das crianças. Segundo Gutfreund (2020), Bettelheim destaca a importância do conto como um mediador, capaz de permitir à criança elaborar seus conflitos psíquicos, estimulando-a a enfrentar seus afetos mais assustadores e, ao mesmo tempo, ajudando-a a manter uma distância segura desses afetos.

Gutfreund (2020, p. 17) cita Bettelheim (1993):

Os sentimentos que não apreciamos e de que temos dificuldades de falar podem encontrar uma expressão simbólica em um conto de fadas. Nós encontramos o trabalho de distância necessário e, conseqüentemente, a palavra, porque se trata de um quadro e não ainda o nosso quadro isolado a partir do momento que o compartilhamos com outras pessoas.

Gutfreund (2020), Diana Corso e Mário Corso (2006) e outros psicanalistas contemporâneos concordam que a potência terapêutica da história infantil não somente se restringe aos clássicos contos de fadas, mas também às boas histórias atuais. Afinal de contas, somos subjetivamente construídos pelas histórias vividas, contadas e compartilhadas.

Na obra *O lobo e o terapeuta*, Gutfreund (2020) nos ensina que o conto já contém em si um aspecto terapêutico, na medida em que as crianças, por meio dos personagens e das tramas podem expressar seus afetos e dar significados às mais diversas situações experimentadas. Destaca que o valor das histórias também reside em auxiliar a transformar em fantasias representáveis o conteúdo inconsciente, abrindo dimensões imaginárias. “Esses benefícios estimulam as representações conscientes, diminuindo a nocividade das pulsões e do conteúdo inconsciente” (Gutfreund, 2020, p. 16).

Ainda segundo o autor, uma das formas como o conto enriquece a vida psíquica reside no estímulo a abrir um espaço lúdico

de criação, no sentido com que o psicanalista Pavlovsky (1980) desenvolveu esse conceito, ou seja, o espaço no qual, a partir da combinação de imagens, de jogos, de ilusões, a criança poderá jogar, inventar, criar, olhar, de outra forma o concreto, guardando-o como um local interno onde poderá sempre se refugiar nos momentos mais difíceis da vida. Esse aspecto também é passível de ser relacionado com o conceito de espaço potencial e objeto transicional desenvolvidos por Winnicott (1971).

Dunker (2018) coloca que “é no limiar entre a realidade e a imaginação que a gente quer que as crianças deslanchem, porque é aí que mora a capacidade de criação”. Ao longo da pandemia, pude perceber, tanto no exercício da clínica quanto em outros espaços onde circulo, em que os indivíduos mais enriquecidos internamente lançaram mão de menos sintomas no enfrentamento das adversidades impostas pelo momento.

Gael, o medo e os monstros que nos habitam

Autores como Agnès Rassial (1996) e Hecker Filho (1976) confirmaram a ideia de que nenhum sentimento é tão importante e sedutor na literatura infantil quanto o medo, e nenhum benefício é maior do que a sensação de controlá-lo (Gutfreund, 2020, p. 122).

O brincar e a literatura, enquanto ferramentas capazes de alimentar a dimensão psíquica, podem nos ajudar a enfrentar esse afeto tão presente desde a mais tenra infância. “A coragem é a travessia do medo”, nos diz Dunker (2018), não a ausência dele. Gael, personagem do livro, é atormentado por inúmeros medos e, através de um sonho, encontra a fada Ana Lise, que o encoraja a abrir seu armário e conversar com o monstro que ele acredita morar dentro dele. Ana Lise é personagem do meu primeiro livro e seu nome faz uma alusão à palavra “análise”. “É preciso coragem para conversar com os monstros”, diz a fada para Gael. Por meio da psicanálise sabemos que, diante da negação do

medo ou da falta de recursos para nomeá-lo, pode surgir uma angústia aparentemente intransponível.

Segue trecho da narrativa (Fochesatto, 2022, p. 13-21) que contém o diálogo que criei entre Gael e o monstro:

– Oi, Gael, sou o monstro do armário, mas às vezes estou em outros lugares também.

– Você fala?

– Sim e não sou tão assustador quanto você pensa.

– Você vai me engolir?

– Não, não me alimento de pessoas, mas dos medos delas. Por isso sou grande. Você sente medo de tudo e seu medo tem me deixado cada vez maior. Diga-me: qual o maior de todos os seus medos? Além do medo de mim, é claro.

– Hum, meu maior medo é me perder do meu pai e da minha mãe, de nunca mais vê-los, de ser esquecido, abandonado.

– E você já falou desse medo para eles? perguntou o monstro.

– Não, nunca falei, disse Gael.

– Então vou contar um segredo: o melhor jeito de se livrar de um medo é não guardar ele só para você.

– Tenho medo de contar meus medos, podem rir de mim ou me acharem esquisito.

– Ahhhh! menino Gael, você acha que só você sente medo?! Ei, olha só, o seu medo de contar os medos já está me fazendo ficar ainda maior.

Vendo o monstro aumentar de tamanho de repente, Gael desatou a falar de outros tantos medos que sentia. Era medo de avião, de cachorro, de altura, do escuro, de fantasma, de vampiro.

Dali em diante, todos os dias, Gael conversava sobre seus medos com o monstro do armário que, às vezes estava embaixo da cama e, outras vezes, atrás da porta. E, surpreendentemente, a cada dia, o monstro diminuía de tamanho.

Em março de 2020, um vírus se espalhava pelo mundo e rapidamente angariava o *status*

de pandemia, cutucando nossa sanidade mental e alimentando nosso desamparo. Até mesmo “os donos” de um psiquismo mais saudável passaram a apresentar algum tipo de sintoma. Entre os afetos mais mencionados, o medo, parte indissociável da natureza humana, se fazia ainda mais presente, agudizado e personificado no medo de morrer e de perder quem se ama; não somente no campo da fantasia, mas sustentado pelo real que se presentificava entre nós.

Vivemos, durante aquele período, uma espécie de trauma social, já que não tínhamos representação simbólica no psiquismo de como enfrentar uma pandemia. Em meados de março de 2021, período em que muita gente morreu por falta de atendimento médico-hospitalar no Brasil e, em meio a uma política negacionista/mortífera, depois de um dia tenso no consultório, escrevi:

Meu trabalho se ocupa essencialmente da escuta da dor do outro. Não sou profissional da tal linha de frente, mas hoje me pergunto: onde me situo em meio à catástrofe humanitária que vivenciamos? Talvez na linha do meio, na medida em que escuto os dois lados de um fio tênue que une, de um lado, os profissionais da saúde, exaustos e destroçados pela impotência, e de outro, pessoas devastadas pela perda de familiares atravessando lutos sem despedidas. Sigo oferecendo minha escuta analítica, cuidado e solidariedade para que juntos, possamos construir narrativas do trauma que nos atravessa (Fochesatto, 10 mar. 2021).

Guimarães Rosa (1986, p. 55), em seu *Grande sertão: veredas*, nos ajuda a nomear o medo:

O que é o medo? Um produzido dentro da gente, um depositado; e que às vezes se mexe, sacoleja, e a gente pensa que é por causas: por isso ou por aquilo, coisas que só estão fornecendo espelho. A vida é para esse sarro de medo se destruir, jagunço sabe.

Medo que tomava conta do corpo e se fazia presente de diversas formas, em especial, no exercício da clínica; que como bem sabemos, precisou ser reinventado. Passei a escutar frases que reverberavam em mim, mesmo depois de acabadas as sessões.

A seguir, trago algumas delas:

– Desde que meu avô morreu, eu acordo de manhã e fico pensando se será meu último dia (V., 9 anos).

– Será que ele morreu mesmo? Só ouvi o barulho do saco plástico, não pude me despedir, pergunto ao meu filho dez vezes ao dia se ele realmente viu o pai morto! (G., 55 anos).

– Tive que entubar um paciente de 29 anos ontem (K., 26 anos).

– Quando isso vai terminar? Sou velha já, haverá ainda tempo de viver sem pandemia? (A., 77 anos).

Como sustentar um espaço, atravessado por uma escuta ativa e pela ética do cuidado, que desse conta de criar símbolos para experiências tão dolorosas e traumáticas? Algo inusitado engrossava esse caldo: nós, psicanalistas, também nos encontrávamos vulneráveis pelo contexto ameaçador e caótico do momento. Eu, particularmente, enfrentava o acometimento por doença cardíaca do meu pai, seguido por uma complicação cirúrgica que culminou em um AVC. A partir de alguns sonhos, em um dos eu estava com malas muito pesadas e impossibilitada de carregá-las, e em outro, viajo para um lugar muito frio com roupas de verão, entendo que urge em mim a demanda por iniciar novo processo de análise. Era chegada a hora de dialogar com meus monstros, sob pena de não conseguir intermediar o diálogo dos meus pacientes com seus próprios monstros.

A história de Gael é a história de todos nós em algum momento da existência, quando somos convidados a olhar para os nossos mais arcaicos e profundos temores. Para Gael, o medo de perder os pais se desloca para objetos externos (escuro, avião, cachorro). Freud (1915/1996) em *Nossa atitude para com a*

morte, afirma que, no inconsciente, cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade, ou seja, o sujeito se comporta como se fosse imortal, não acreditando na própria morte. É somente como espectadores que podemos imaginar algo em relação ao nosso próprio fim. No inconsciente, onde habita nosso desejo, não há representação simbólica da morte, razão pela qual o sujeito muitas vezes age como se fosse imortal. Entretanto, naquele contexto, a morte nos espreitava no cotidiano nos impossibilitando de negá-la e se transformando no excesso que traumatiza e paralisa.

Em 1920 Freud define trauma como um afluxo excessivo de energia que rompe o escudo protetor, invade o aparelho psíquico e o desorganiza. A psicanálise nos ensina que aquilo que não é elaborado, retorna em forma sintoma. A pandemia se inscreve como um acontecimento trágico na nossa história recente, na medida em que, além de tantos medos; trouxe o isolamento social, a angústia de não poder estar junto daqueles que amamos no período de doença e a impossibilidade da despedida diante da morte. Em maior ou menor nível, ninguém escapou dos seus efeitos. De quais formas temos tentado elaborar esses traumas?

Minerbo (2017) nos conta que o trabalho analítico consiste em oferecer condições para que o paciente possa realizar seu trabalho de simbolização do traumático. É fato que os chamados *coachs* sumiram durante a pandemia. Os psicanalistas, educadores e filósofos foram os convocados pela sociedade e pela mídia a trazer algum tipo de alento durante aqueles tempos mortíferos. A elaboração de lutos exige tempo, disponibilidade afetiva e muita escuta; virtudes que carecem, em tempos de imediatismo, narcisismo exacerbado e demandas por *performance* em redes sociais. Gutfreind (2020) nos ensina que não há melhora psíquica que não esteja relacionada ao ato de pensar e sentir.

Passados três anos, ou um pouco mais, seguimos lidando com os efeitos dos traumas,

individuais e coletivos que ainda reverberam no nosso psiquismo. O menino que perdeu o avô, depois de inúmeras sessões construindo cemitérios de lego, pôde abrir mão da insônia. Os que não puderam se despedir, conseguiram, cada um ao seu modo, criar outros rituais aos quais conferiram o significado de despedida. Alguns idosos que eu acompanhava no instituto de pesquisa onde atuo, sucumbiram à demência, denunciando a importância do laço social na manutenção da saúde mental e levantando a hipótese de quanto o esquecimento dissociativo/demência pode ser um 'lugar' de refúgio e proteção contra a dor do real.

Considerações finais

A escuta psicanalítica, tenho convicção, nos oferece a oportunidade de construir narrativas em tempos difíceis. Seguimos nesta arte da escuta do inconsciente, oferecendo repertório para que os traumas sejam elaborados e novas tramas sejam escritas. No prefácio de *Sim, a psicanálise cura*, grande livro de Nasio.

Gabriel Rolón (2019, p. 7) escreve:

A psicanálise ocupa-se de coisas simples, que também são imensamente complexas. Ocupa-se do amor e do ódio, do desejo e da lei, do sofrimento e do prazer, de nossas palavras, de nossos atos, de nossas fantasias [...] Lendo-o (se referindo a Nasio) compreendi que a psicanálise é uma viagem que tem a angústia como ponto de partida e a descoberta de sua origem como destino final. Um caminho que, sem outra bússola além da palavra, dois aventureiros percorrem juntos, tendo por motores o desejo de saber e a paixão. O viajante recebe o nome de paciente e o companheiro de viagem é seu analista.

Como coloca Freud (1916/1996, p. 319) no texto *Sobre a transitoriedade*, “reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes”. O monstro do armário nunca vai embora. Permanece conosco vida

afora, mudando suas feições de acordo com nossas experiências e do modo como lidamos com o imponderável da existência. O grande desafio é fazer com que ele seja passível de convivência, como fez Gael ao final da narrativa. Assim como a literatura abre brechas simbólicas no real, acredito que a psicanálise nos devolve a capacidade de criar recursos simbólicos para suportarmos a dureza da existência. Como nos mostra Gutfreind (2020), é narrando que a vida se transmite e permanece, seja nos escritos, seja na construção oral. Não sabemos se a morte é o fim da história, mas a falta de história significa a morte psíquica.

Por fim, ainda no intuito de criar um diálogo entre a escuta psicanalítica e a literatura, me ocorre a ideia de que nosso ofício é muito semelhante ao do personagem de Salinger em *O apanhador no campo de centeio* (2019, p. 115), no qual ele explica:

Eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o que eu tenho que fazer? Eu tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quero dizer: se um deles começar a correr sem saber aonde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer, o dia todo, ia ser só o apanhador no campo de centeio.

Abstract

This essay is about the construction of the children's book Gael and the closet monster, written by me, based on psychoanalytic listening during the period of the coronavirus pandemic. Fear was among the most mentioned affects at the clinic and a based on it I created a story, whose main protagonist is the dialogue between the boy Gael and the monster that lives in his closet. As Gael starts talking to the monster about his fears, it gradually decreases in size. Psychoanalysis shows us. As Hanna Arendt said, "all pain can be borne if a story can be told about it".

Keywords: *Psychoanalysis, Children's literature, Pandemic.*

Referências

CORSO D.; CORSO, M. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUNKER, C. Entrevista de 2018 concedida ao portal Lunetas. Disponível em: www.lunetas.com.br. Acesso em: 29 jul. 2023.

FOCHESATTO, W. P. F. *Gael e o monstro do armário*. Caxias do Sul: AMZ, 2002.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 17-75. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte: II - Nossa atitude para com a morte (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 299-312. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. Sobre a transitoriedade (1916 [1915]). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 317-319. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUTFREIND, C. *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola*. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Artmed, 2020.

NASIO, J.-D. *Sim, a psicanálise cura! Tradução: Eliana Aguiar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SALINGER, J. D. *O apanhador no campo de centeio* (1951). São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em: 19/09/2023

Aprovado em: 26/10/2023

Sobre a autora

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

Psicóloga.

Escritora.

Psicanalista e membro efetivo do Círculo

Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado

ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

Mestre em ciências da saúde pela Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(PUCRS).

Pesquisadora do Instituto Moriguchi.

E-mail: Waleska.pessato@terra.com.br

Como diminuir (um pouco) a fabricação de cretinos digitais – uma leitura psicanalítica da obra de Michel Desmurget

*How to reduce (a little) the production of digital idiots –
a psychoanalytic reading of Michel Desmurget's work*

Anchyses Jobim Lopes

Resumo

Resultados das pesquisas de Desmurget: a não construção da capacidade para a leitura literária e, conseqüentemente, a primeira geração com QI inferior ao de seus pais. O texto escrito sendo não apenas uma alternativa às vias auditivas, mas também uma segunda língua que tem de ser construída. A linguagem escrita muito mais rica que a oral, mas tendo de ser construída e programada na infância. Mas pelo excesso de meios digitais na primeira infância, em vez dos livros, a imagem furo criada pela predominância do simbólico, tendo o dom de aprofundar a subjetividade, permanece atrofiada em imagem muro, em que predominam o imaginário e o pensamento concreto. A inibição da prática da leitura por meio de livros impressos impede o desenvolvimento das redes neurais que teriam de ser criadas na infância, o que se torna impossível mais tarde. Os interesses do mercado e do totalitarismo na predominância das linguagens digitais. A passagem à construção da leitura literária, também comparada ao viés psicanalítico kleiniano, também é a passagem da predominância da posição depressiva sobre a esquizoparanoide. Essas leituras por referenciais mais recentes – kleiniano e lacaniano – como reflexo de um mais antigo, o de Freud. Onde sua referência à linguagem falada e seu aprofundamento pela criação da escrita, em *Moisés e o monoteísmo*, resultou num extraordinário avanço das atividades intelectuais.

Palavras-chave: Leitura, Imagem furo e imagem muro, Simbólico e imaginário, Posições esquizoparanoide e depressiva.

Introdução

A fábrica de cretinos digitais – o perigo das telas para nossas crianças. Este é o título do primeiro livro do neurocientista francês Michel Desmurget (2021), diretor de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde da França, em que apresenta, com dados objetivos e de forma conclusiva, como os dispositivos digitais estão afetando seriamente – e para o mal – o desenvolvimento neural de

crianças e jovens. Pesquisas feitas em países europeus que sustentam, entre outros pontos, que os “nativos digitais” podem ser os primeiros filhos a ter QI inferior ao dos pais. Em seu segundo livro – *Faça-os ler: para não criar cretinos digitais* (2023) – o autor aprofunda muito os relatos de suas pesquisas. Os principais alicerces da nossa inteligência são afetados: linguagem, concentração, memória, cultura (definida como um corpo de

conhecimentos que nos ajudam a organizar e compreender o mundo), estruturação do pensamento e capacidade de discernimento sobre a realidade.

Segundo o autor, ocorrem danos graves também no vocabulário, na estruturação do pensamento, na nutrição da memória e na apropriação de conhecimentos complexos. Tivemos o relato pessoal de um menino de dois anos, que tendo acesso ao uso livre de um *tablet*, parou de falar. Retirado o aparelho, no dia seguinte abriu a matraca. Além desse caso extremo de mutismo, a troca do livro pelo uso maciço de telas também estaria ligada a prejuízos no sono e na aquisição da linguagem, problemas de concentração e aumento da ansiedade e do risco de obesidade.

Em seus livros Desmurget não cita a psicanálise, o que abre terreno para que o façamos.

Teoria da leitura e psicanálise - conflitos e uma abordagem possível

A teoria e a prática da leitura há muito nos interessam profissionalmente. O doutoramento na UFRJ, em 1996, embora em filosofia, foi realizado sobre uma teoria da leitura: *Estética e poesia: imagem, metamorfose e tempo trágico*, publicado em livro no mesmo ano. A partir dele, ainda em 1996, fui convidado a trabalhar no Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), da Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura. Participando durante seis anos de mais de vinte encontros PROLER em dez estados, além de proferir palestras na Casa da Leitura, a sede do PROLER, no Rio de Janeiro. Ministrando tanto oficinas quanto palestras: *Leitura e conhecimento, A imagem e a leitura literária na escola, Leitura e psicanálise – a imagem através da escrita e a formação do leitor; Leitura e imagem – conhecimento e cidadania, A questão da imagem para a formação da leitura literária*.

Constituiu uma época de intenso aprendizado: aplicar os conceitos e a experiência

psicanalítica, na tentativa de compreender e superar dificuldades, e até a impossibilidade do ato da leitura. O público-alvo era composto de professores de primeiro e segundo graus, embora dos encontros também participassem alguns alunos e professores universitários, bibliotecários e promotores locais da leitura. Além desta parte prática, houve uma teórica.

Durante os anos em que participei do PROLER (1996-2002), a entidade foi dirigida, primeiro, por uma parceria entre a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), com sede no Rio de Janeiro, e a Associação de Leitura do Brasil (ALB), sediada em Campinas e apoiada pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Essas duas entidades possuíam filosofia e ideologia opostas. A Fundação tinha por base a promoção de textos literários, mas sem embasar, por meio de alguma teoria essa escolha, utilizava lemas como: “ler faz bem”, “ler faz subir na vida” e “ler melhora a pessoa”. A ALB, com uma sólida formação na pedagogia e com a influência do pensamento de Paulo Freire, era movida pela ideia de que a leitura é importante por permitir o acesso a informações indispensáveis ao exercício da cidadania e que leitura não se restringe apenas à literatura, mas que leitura é “leitura de mundo”.

Para a ALB os motes da Fundação revelavam o ápice de uma ideologia burguesa, que privilegiava ler textos literários porque é “de bom tom”. Foi-me confiada a tarefa de fornecer um melhor embasamento teórico aos princípios da Fundação. Ao mesmo tempo, a ALB abriu-me todas as portas. Tanto através dos Congressos de Leitura do Brasil (COLE), sediados pela UNICAMP, quanto através sua revista *Leitura: Teoria e Prática* (Lopes 1998, 2001, 2004), para que defendesse um trabalho teórico que, em parte, era o oposto de seus princípios. Em parte, porque sempre me foi imperioso conciliar este trabalho com a importância do ato da leitura para a construção da ética e da cidadania.

Além dessa trajetória de aplicação da psicanálise à pedagogia, o questionamento teórico-prático obrigou a repensar várias questões da própria psicanálise. Tendo concluído que a imagem é fundamental para a construção do ato da leitura, foi necessário resgatar aspectos de sua função, bem como a importância do imaginário. As funções da imagem e do imaginário tinham sido reduzidas por certos estereótipos negativos na terminologia psicanalítica. Se, por um lado, houve um resgate da imagem e do imaginário, por outro, o trabalho na difusão da leitura colocou-me de frente com o antagonismo entre a imagem construtora da leitura literária e a imagem veiculada pelos meios de comunicação.

Toda forma de leitura literária produz por meio da linguagem imagens subjetivas e incompletas, que cada leitor constrói a seu modo. Imagens que também desencadeiam redes conscientes e inconscientes de associações. Um trabalho do inconsciente pelo que podemos denominar de simbólico, que tende a conduzir à sublimação e ampliar a subjetividade.

As imagens dos atuais meios de comunicação mais difundidos são curtas e predominantemente visuais. Quando se utilizam da palavra, são frases e textos curtos. O trabalho do inconsciente é precário. Nesse caso, a imagem e o funcionamento do imaginário tendem a atrofiar a subjetividade e levar ao ato. Possuem responsabilidade por serem alguns dos motivos da violência, tão cotidiana na sociedade do espetáculo, imposta pela globalização.

Como compreender que essa dupla face da imagem, ou diferentes formas de imagem, que em seu modo deletério pode modificar tanto a psique, a ponto de levar até mesmo a um quociente de inteligência mais baixo, como evidenciaram as pesquisas de Desmurget?

Freud, a prática psicanalítica e as imagens furo

Freud teve formação em medicina, trabalhou em laboratório de fisiologia, comparando cérebros e neurônios de diferentes espécies.

Também era ateu e darwinista. Assim, configurara por base uma continuidade psicofísica nos seres humanos desde o neurônio até a consciência. Ao longo das décadas de sua obra, cria várias ideias e teorias sobre as linguagens consciente e inconsciente, assim como a criação de símbolos e imagens comunicando ambas. A escuta do analista é uma leitura pela escuta do verbal trazido pelo paciente. A partir dessa escuta, Freud, que era um leitor compulsivo de livros, escreveu dezenas deles e inúmeros artigos. Obra tão vasta e bem escrita que em 1930 rendeu-lhe o prêmio Goethe, com o qual, antes ou depois, também foram agraciados, entre muitos outros, o poeta Stefan George, os escritores Hermann Hesse e Thomas Mann, o diretor e escritor Ingmar Bergman.

Em sua própria origem, a prática psicanalítica está fundamentada na verbalização, que, além da narrativa, tem sua fonte ou complementa-se por imagens que são verbalizadas: os relatos de um sonho ou devaneio e de um sonhar acordado quando flui a livre associação. Sem a verbalização desse romance único e pessoal, cujo ideal é prosseguir também na ausência do analista, há o comprometimento da terapia. Mesmo fora da prática psicanalítica, o próprio ato de pensar não se desenvolveria em toda a sua plenitude. Dentro ou fora da terapia, há dificuldade ou impedimento da reflexão consciente ou inconsciente sobre si mesmo e o mundo que o cerca. Mas não podemos ser somente o desejo alheio, tal como impõem o consumismo e as redes sociais. Citando Arendt (1993, p. 163-164):

[...] sou não apenas para os outros, mas para mim mesmo; e neste último caso claramente não sou apenas um. Uma diferença instala-se em minha unicidade. [...] Pois esse ego, o eu-sou-eu, experimenta a diferença na identidade [...]. Sem essa cisão original [...] o pensamento como um diálogo sem som [...] de mim comigo mesmo [...] a harmonia comigo mesmo, não seria possível.

A palavra “reflexão” tem sua origem no latim *reflexio*, *onis*, derivada do verbo *reflettere*, e nos dicionários possui dezenas de definições, entre elas, “dobrar-se, entortar, vergar, amarrar ou dobrar para trás, lembrar com uma consideração cuidadosa, recordar, realizar ou considerar em um fluxo de pensamento” (Webster, 1961, p. 1908, tradução nossa). Em suma, um pensamento que se inicia a partir de imagem e se dobra, redobra e desdobra sobre si mesmo, cada vez mais se refletindo, o que em outro texto denominamos “imagem furo” (Lopes, 2007). Assim nomeada por ter sempre limites difusos, ser incompleta e, por isso, abrir mais o texto e o eu, consciente e inconsciente para outras imagens. Outra vertente da livre associação freudiana.

Através de um referencial pelo nó borro-meano de Lacan, unido pelo objeto *a*, que é um vazio, uma falta absoluta sempre impulsiona e frustra o desejo. Pela imagem furo, por ser transmitida pela palavra falada ou escrita, a imagem poética também possui sua face voltada ao registro do simbólico. A poesia alcança a dimensão de determinar o sujeito em sua relação com o desejo, tanto de modo intrassubjetivo quanto de modo intersubjetivo. A imagem poética, em sua aceitação implícita da temporalidade, não tenta rejeitá-la, mas procura reconhecer e domesticar a falta e a finitude. Na medida em que é fundada na temporalidade, a própria imagem poética já é em si mesma falta. Assim, podemos conceituá-la como imagem-furo, imagem que conjuga o imaginário e o simbólico, que, além de aceitar a falta – castração e diferença –, tem em si o dom da inclusão: um e outro, que a fazem acolher a diferença e a cisão na identidade da qual Arendt escreve. Pode-se, então, criar o diálogo sem som de mim comigo mesmo, aprofundando, consciente ou inconscientemente, o eu.

Já imagem-muro funciona em antagonismo ao reconhecimento da falta, nega e combate qualquer ausência ou finitude, por

mais inútil que seja, combate porque aquilo contra o qual luta sempre retorna. A imagem-muro também, negando a castração e a diferença, o comportamento por ela induzido é intrinsecamente perverso. A imagem-muro é traumática, não cria nem se associa a outra imagem, leva à necessidade da repetição de si mesma, frequentemente também à passagem ao ato. Comportamento em que sobressaem a violência e a negação da alteridade alheia. Concordamos com Maria Rita Kehl (2004) quando afirma haver um consenso sobre sociedades industriais contemporâneas serem sociedades muito violentas, violência que não pode ser explicada apenas pela exclusão social. Concordamos quando Kehl (2004, p. 88) escreve que sustentaria “a tese de que nas sociedades regidas pela cultura de massa [...] a tirania da imagem é avassaladora [...] – há sim, um tipo de violência própria do funcionamento do Imaginário em si” e a violência do imaginário independe dos conteúdos das imagens.

Mais adiante também prosseguiremos por outro caminho psicanalítico, diverso do referencial lacaniano. Mas seja qual leitura das muitas leituras psicanalíticas, todas associam a narrativa e a linguagem como imprescindíveis para o humano constituir-se como humano. Freud era rigoroso adepto da lei de Haeckel: ontogênese segue a filogênese. Portanto, é necessário que se pense a origem da linguagem no *Homo sapiens sapiens*.

Alguns especialistas defendem que a forma rudimentar de linguagem – protolinguagem – teria surgido no *Homo habilis* há cerca de 2 milhões de anos. Mas é questionado. Outros defendem que uma primitiva comunicação verbal simbólica só teria surgido bem mais tarde, 1,8 milhão de anos, em espécie bem mais documentada por fósseis e cuja existência é inquestionável: o *Homo erectus*. Já o *Homo sapiens*, a cuja família pertencem todos os seres humanos atuais, teria uns 300.000 anos. Da linguagem verbal, pouco ou quase nada se sabe de sua evolução, mas é suposto que tenha iniciado no *sapiens*

há pelo menos 200 mil anos. Contudo, enfatiza Desmurget (2022, p. 90-91):

[...] a leitura surgiu há pouco mais de 5 mil anos, com o advento da escrita [...]. A maioria dos especialistas admite que os seres humanos não nasceram para ler e que é impossível que regiões do cérebro humano tenham evoluído especificamente para permitir a leitura. O que significa que as redes neurais que sustentam a leitura precisam ser abertas, a facção, dentro da estrutura existente.

Também é obrigatório lembrar que até o século XV os livros tinham de ser copiados à mão. Desde a Antiguidade, eram objetos raros e caros, destinados a uma pequena elite. Foi Johannes Gutenberg que, ao desenvolver um sistema mecânico de tipos móveis, deu início à Revolução da Imprensa, o que é amplamente considerado o invento mais importante do segundo milênio. O barateamento e a produção em massa dos livros, sem dúvida, foi um dos maiores promotores da Renascença. A partir da citação acima de Desmurget sobre a criação de redes neurais, pode-se propor que a criação da imprensa também produziu uma revolução cerebral no *Homo sapiens sapiens*. E com duas qualidades que podem ser parcialmente traduzidas em conceitos freudianos: inconsciente e pulsão.

Há mais de 100 anos, dezenas de pesquisas provaram que as redes neurais da leitura não funcionam apenas inconscientemente; elas também operam contra a nossa vontade (Desmurget, 2022, p. 108).

As três formas de leitura: mais um olhar psicanalítico

Entretanto, Desmurget simplifica o termo “leitura”, quase sempre, em sua forma mais completa: a leitura literária. Mas existem vários tipos de leitura. Podemos postular diferentes classificações. Utilizemos provisoriamente a questão epistemológica da relação sujeito-objeto.

Há a leitura que rotulamos de instrumental simples, que jocosamente exemplificamos como sendo a leitura do “manual de geladeira”. Nesse tipo existe uma correlação absoluta sujeito-objeto, se a geladeira não funcionar, ou o manual estava errado, ou o aparelho estava com defeito. A partir da leitura instrumental simples, existem vários tipos de leitura didática. A leitura didática pode variar desde a exclusivamente instrumental – a apostila para “decoreba” – até o texto que transmite novos conteúdos, assim como o caderno de exercícios que, de fato, visa exercitar novas aptidões e criar novas soluções. O caderno de exercícios pode ser nomeado de leitura instrumental complexa.

Com uma leitura que permite a apreensão de novos conteúdos, passamos agora às leituras informativas. Neste último grupo há a leitura jornalística, cujo grau de fidedignidade deve ser julgado pelo leitor, leitura que se abre a interpretações, ainda que dentro de certos limites e juízos. E a correlação sujeito/objeto torna-se fonte de juízos pelo leitor. Esse assunto me interessa o suficiente para nele gastar meu tempo? O jornal é confiável? O comentarista político é tendencioso? Que interesses há por detrás?

Mas quando se fala da importância da leitura, do ato de ler e dos livros, sempre se pensa em algo além das formas de leitura instrumental ou informativa. Pensa-se na leitura de textos literários, de qualquer tipo, para qualquer idade. Na leitura literária, a relação sujeito-objeto pende para o polo subjetivo. Isso implica também que, em vez de uma simples e instantânea adequação entre sujeito e objeto, ocorre um processo de reconstrução de sucessivas imagens pelo leitor. Não de imagens estáticas da leitura instrumental, o que nos levaria a pensar no imaginário lacaniano, mas imagens em uma sucessão, transformando letras e sinais gráficos em uma sequência narrativa. Metamorfose de uma folha de papel e seus sinais impressos em uma outra forma de linguagem, já no domínio do simbólico.

O texto é criado e recriado dentro do leitor, que, por sua vez, consciente ou inconscientemente, associa as imagens com suas próprias lembranças, vivências e afetos. Ocorre ao leitor o esquecimento de que se trata de simples papel impresso o que tem diante de si, e sim imagens de uma história passam a se desenrolar no interior do seu eu. Pode-se completar citando Desmurget (2022, p. 94-95):

[...] o texto escrito não é apenas uma alternativa às vias auditivas. Ele é quase uma segunda língua a ser adquirida: uma língua mais rica e sutil, potente, reflexiva e precisa [...], mas o cérebro só pode adquirir essa bagagem ao ser lenta e pacientemente confrontado com o mundo escrito.

Com a leitura do texto literário, entramos em um novo domínio, onde a classificação epistemológica segue adiante com o auxílio da psicanálise. A leitura do texto literário implica que se deve esquecer que tudo que há defronte de si é uma folha com sinais impressos. Ao contrário da leitura instrumental ou da leitura informativa, o objeto ao qual se dirige a atenção não é externo, mas recriado dentro do leitor. Seja um romance, a leitura de uma peça de teatro ou um poema, o leitor constrói dentro de seu eu uma imagem e um sentimento. Ou cria várias imagens e sentimentos, como nos casos do romance ou da peça de teatro, em que, além de se esquecer de que se trata de simples papel impresso o que tem diante de si, mas uma história passa a se desenrolar no próprio eu. Tudo se passa como se dentro de si o leitor possuísse um teatro ou uma tela de cinema. Adentramos o reino de um tipo de devaneio em que somos conduzidos pelo autor. Ao contrário do sonhar acordado diurno, passageiro e ancorado em alguma breve fantasia, comumente erótica e narcísica, o sonho acordado da leitura nos conduz a uma viagem mais longa e vasta. Sempre incompleta devido à imagem furo da qual cada leitor cria sua própria

versão, ou versões. E um universo de associações conscientes e inconscientes.

Uma vez que Freud tenazmente defendia várias formas do mesmo contínuo - corpo/mente, neurônio/pulsão, inconsciente/consciente e pré-consciente – uma explicação neurocientífica também lhe cai bem. Embora nada adepto da psicanálise, escreve Desmurget (2022, p. 100) sobre o paralelismo do que classificamos como literário e seus efeitos (ou causas?):

[...] De fato, as informações não permanecem confinadas por muito tempo a suas redes específicas. Elas irrigam quase instantaneamente todo o cérebro, desde as áreas emocionais até as regiões da inteligência social, passando pelas áreas sensoriais e de controle motor; isso ocorre porque os livros, especialmente de ficção, mergulham o leitor na história, assim, permitem que ele experimente uma variedade de sentimentos (empatia, raiva, alegria etc.), estimulando áreas cerebrais que seriam ativadas se ele confrontando essas situações na “vida real”.

Leitura, sonho e metamorfose

Falando de sonho e de devaneio, retornemos à psicanálise. A *interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1978) contém em seu bojo, entre muitas outras coisas, uma teoria da linguagem. Todo sonho ou imagem de sonho pode ser traduzido por uma frase. Freud a denominou pensamento onírico. Há uma correlação direta entre imagem e linguagem. Mas a frase que se transforma em imagem, e vice-versa, não é uma frase do que chamamos de prosa, mas “forma uma frase poética de grande beleza e significado” http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372007000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt - 8 (Freud, 1900/1978, p. 278, tradução nossa)

Pelas frases que deciframos no pensamento onírico, entre várias outras características, predomina uma linguagem condensada, com poucos conectivos, quase

exclusivamente composta de substantivos, precha de duplos sentidos, de usos novos e inusitados das palavras. Tanto no sonho quanto na linguagem poética, só o essencial é esboçado. A recriação da imagem pelo leitor deixa a cargo da sua própria imaginação inventar e preencher todas as lacunas. Preenchimento e invenção que involuntariamente o conduzem por infinitas associações, conscientes ou inconscientes. Assim, muito mais que no devaneio, podemos pensar no termo imaginação = imagem/ação.

Usando os princípios freudianos da interpretação dos sonhos, conceituamos (Lopes 1996) como sendo a essência da leitura literária um tipo de imagem, aquela que se constitui como o “espaço” intrassubjetivo recriado através da linguagem poética. Mas a relação entre o pensamento onírico e a imagem do sonho nos conduz a outros mistérios, que decifrados também podem nos explicar melhor, quando acordados, o fenômeno e o prazer da leitura literária.

A leitura instrumental simples, aquela do manual de geladeira, que não deixa margem a outras interpretações, é domínio da prosa. As leituras instrumentais complexas e as informativas utilizam-se quase todas da prosa. E de uma prosa de pura linearidade, de sentido único do ato de ler e único sentido de seu conteúdo. Embora já permitam mais liberdade ao leitor, que pode completar ou mesmo julgar o que é transmitido.

A leitura literária oscila entre trechos em prosa e trechos em poesia. Mas o que genericamente chamamos de poesia, possui outras semelhanças com o sonho além apenas da analogia com o pensamento onírico. A linguagem poética se utiliza de uma linguagem figurada, intensamente polissêmica. Com tantos sentidos, assim como o sonho, também, se desdobra em tantos personagens, cenários e temas? De onde vieram? Para que o teatro, o cinema, a televisão ou romance? Por que mesmo despertados buscamos outras histórias que não a nossa? Por que só um eu, não nos é suficiente?

Os seres humanos são por natureza criaturas que possuem prazer na *mimese* (conceito de Aristóteles em sua *Poética*, 1992), isto é, tanto na representação ou na imitação do real pela arte, quanto na imitação do gesto, voz e palavra de outrem. As imagens interiores provocadas pela leitura literária, que também podem ser evocadas pela contação oral, metamorfoseiam o leitor em diferentes personagens, transportam-no para épocas de culturas e crenças que já não mais existem, ou aonde nunca poderá ir, ou que são mera fantasia. A leitura literária torna possível viajar no tempo e no espaço, não como mero espectador de um documentário, mas como participante em uma experiência de “estar na pele de alguém”. Dessas viagens não se retorna impunemente. Definiu o Nobel de literatura Elias Canetti (1990, p. 281-282): o poeta-escritor é o guardião das metamorfoses. Cabe a cada leitor reativar esta herança, inventar seu roteiro de viagem e arriscar as transformações.

Num mundo onde importam a especialização e a produtividade, que nada vê senão ápices [...] em uma espécie de limitação linear [...] que multiplica irrefletidamente os meios para sua própria destruição [...] que poderia se caracterizar como o mais cego de todos os mundos, parece de fundamental importância a existência de alguns que, apesar dele, continuem a exercitar o dom da metamorfose.

Mas se falamos em *mimese*, seu complemento aristotélico na *Poética* é a *catarse*: descarga, purgação, purificação da alma por meio de uma descarga emocional. Descarga emocional necessária para aliviar o impacto da cena, seja do livro, cinema, teatro ou lembrança do próprio sonho. Não por menos *catarse* ser um termo que conecta a arte com a medicina, intersubjetividade e intrassubjetividade com redes neurais.

Leitura, cinema e psicanálise

“Da página à tela: quando um romance é interpretado no cinema, o que se perde na transferência?” A resposta é bastante simples: “O filme usa menos palavras polissilábicas [...]. O filme possui menos diversidade lexical [...]. O filme reduz a complexidade dos diálogos, da trama, dos personagens e do assunto”. Novamente, isso não significa que a imagem seja desprovida de riqueza e que o cinema seja uma arte secundária. Significa apenas que a transição da escrita para a tela empobrece consideravelmente a riqueza linguística das obras (Desmurget, 2022, p. 135).

Concordamos com o autor. E se trata de uma constatação muito comum de quem teve acesso ao livro e ao filme. Mas por que a tela empobrece linguisticamente a riqueza das obras literárias? A explicação do menor uso de palavras polissilábicas, de menor riqueza lexical e simplificação do enredo é correta, mas muito incompleta. Tentemos enriquecê-la pelo viés psicanalítico.

Como descreve o pesquisador francês, são necessários muitos anos de aprendizado das crianças para a leitura literária. É preciso que, ao mesmo tempo, se formem novas redes de vocabulário, com significados superpostos e novas conexões neurais, como acima defendemos, tendo a participação das frases poéticas e sua ligação com a linguagem onírica. A leitura literária, mesmo que aparente ser só de prosa, produz infinitas associações conscientes e inconscientes. Sem perceber, cada leitor cria suas próprias redes interpretativas. E não se lê um livro duas vezes, pois a segunda leitura já foi afetada pela primeira. E mesmo nesta surgem diferentes sentidos superpostos.

As grandes obras literárias, independentemente de seu número de páginas, produzem uma teia infinita. A leitura literária, construída pelas imagens intrassubjetivas, com sua oscilação entre prosa e poesia, criando no leitor infinitas associações, conscientes e

inconscientes. Torna mais porosa a comunicação entre as duas grandes instâncias da primeira tópica freudiana (consciente/pré-consciente e inconsciente) e das três instâncias de sua continuadora, a segunda tópica (eu, isso e supereu). Assim, a psicanálise, em todas as suas leituras, levanta mais do que imagens e suas relações com a palavra. Mais que uma psique composta e subdividida em várias seções e com modos diferentes de funcionamento. Mesmo em nossas vias sinápticas, somos tão plurais quanto as obras que nos cercam.

O próprio Freud, cuja obra psicanalítica foi um crescente movimento que abrangeu mais de quarenta anos, também postulou que o eu (ego) não é uma instância muito coerente e compacta. Internamente possui uma ou mais cisões. Pontos de estreitamento que configuram dois ou mais eus. Autores posteriores postularam maior número de eus. Lendo um texto literário ou assistindo a um filme, com quantos personagens nos identificamos? Impossível saber, porque são muitos os nossos eus e personagens. E algumas identificações são conscientes, outras inconscientes. “O homem: um microcosmos”, fragmento do pré-socrático *Demócrito* (apud Bornheim, 1999, p. 108). E que também pode justificar as metamorfoses de Canetti, autor.

Quanto transportado do livro para o filme, é necessário que haja uma interpretação do cineasta. Exceto quando composto por várias histórias completamente separadas, é inimaginável um filme com vários diretores. É necessário um único diretor e suas leituras do texto, que podem ser muito ricas, mas já limitam bastante a interpretação do espectador. E ainda há o dado objetivo de que um livro frequentemente engana. Apesar do pequeno tamanho, um bom autor pode nele colocar uma história principal e várias paralelas. Cabe ao roteirista e ao diretor a árdua tarefa de apresentar ao público na maioria das vezes uma versão resumida, passível de ser encaixada em umas duas horas na tela.

Mas não desprezemos roteiristas e diretores de cinema. Ao contrário, os mais criativos, além de superar as dificuldades da transformação dos textos originários para um meio de comunicação diverso, muitas vezes enriquecem o texto fonte suas próprias interpretações. Com frequência os mais famosos diretores também são os próprios criadores de toda a história do filme.

Leitura e liberdade

Contudo, algo ou alguém que seja intermediário entre o leitor e o livro, pode diminuir o acesso ao texto. Muitos, ou a maioria dos potenciais leitores, podem não ter acesso a livros por falta de meio para adquiri-los. Há muita propaganda de que os textos digitais são mais baratos. “Isso é verdade, mas [...] fornecem apenas um “direito de uso” e não pertencem realmente ao leitor” (Desmurget, 2022, p. 239).

É necessário que governos acreditem que a criação e o acesso às bibliotecas são algumas das principais formas de democracia. Seus livros não pertencem diretamente ao leitor, mas em uma democracia tudo que pertence ao poder público, também pertence aos cidadãos.

A diversidade dos livros, seus conteúdos e interpretações são infinitas. Personalidades autoritárias são prenhes de narcisismo de morte. Não toleram algo diverso do que pensam ou creem. E contra o diverso e o diferente, reagem com violência. Em realidade são personalidades fracas, que necessitam de repressão concreta, física, chegando à necessidade de extermínio do outro, para que não se sintam, eles mesmos, aniquilados diante da diferença. Ou pior, o que é reprimido fora precisa de violência, porque consciente ou inconscientemente o percebem e identificam dentro de si mesmos. Novamente podemos citar Desmurget (2022, p. 224-225):

[...] livros, poderíamos mencionar o ódio visceral que todos os tiranos do mundo sentem

por eles. Por séculos fizeram a destruição de obras literárias uma prioridade constante e absoluta. [...] fundamentalistas de todos os tipos têm um instinto ardente de queimar livros. Os nazistas são um triste exemplo disso. Sozinhos, eles destruíram mais de 100 milhões de livros. [...] este é, aliás, o objetivo primordial de todos os grandes autos da fé: “Forçar uma amnésia histórica que facilite o controle de um indivíduo ou de uma sociedade”. Esse controle é estabelecido ainda mais facilmente quando a destruição das obras inevitavelmente em uma perda intelectual substancial, em particular na linguagem. Como vimos, é nos livros que se escondem as riquezas da língua, em termos tanto sintáticos como lexicais; quanto falta a leitura, a linguagem sofre.

E o pesquisador francês ilustra, melhor do que com exemplos da história ou da religião, com três clássicos da ficção científica: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, publicado em 1932; *1984*, de George Orwell, publicado em 1949; e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, publicado em 1953.

A obra de Huxley descreve um mundo opressor onde, entre outras características, há manipulação de todos pelo estado com o uso de condicionamento comportamental associado a uma droga denominada soma, fartamente distribuída para todos e facilita a intensa repressão da sexualidade. Mais interessante na violenta sátira de Huxley, é o discurso de Mustafá Mond, uma das dez Fordências (neologismo criado a partir do nome de Henry Ford, o grande propulsor das linhas de montagem nas fábricas e simpaticizante do nazismo) que governam o mundo. Para Mond, a arte, a literatura e a liberdade científica têm de desaparecer. Demonstração por Huxley de como a verdadeira arte, englobando também a criatividade científica, é em si sempre subversiva, porque evoca algo novo e muito pessoal.

Especificamente no caso de livro, o espaço intrassubjetivo que pela linguagem

cria a leitura literária é ilimitado em associações, conscientes e inconscientes, infinitamente aprofundando a subjetividade do leitor. E o que move e sempre desestabiliza a natureza humana é algo infinito e quase totalmente desconhecido, entre corpo e mente, a transformação de um no outro: a pulsão. Domesticar ou acabar com a pulsão é o desejo máximo de todas as pessoas e sociedades totalitárias.

Leitor de Huxley e Orwell, Bradbury radicaliza. Com sucesso. *Fahrenheit 451* descreve uma sociedade em que os livros são proibidos e queimados. E quem tenta defendê-los também sofre o mesmo destino. Há muita semelhança com as obras predecessoras. Todos são saturados por telas, empanturrados de sedativos, repletos de solidão, dominada pelo imediatismo, exposta a um constante bombardeio midiático e, no fim, como esperado, povoada por zumbis sem cérebro, servis e conformistas.

Como não reconhecer nessas sinistras distopias os traços de um mundo para o qual estamos lentamente caminhando? O Ocidente não está reunindo, em um único e mesmo modelo, os piores de Ray Bradbury, George Orwell, e Aldous Huxley? Nossos filhos não leem mais, ou quase não leem; seus cérebros são entorpecidos por telas recreativas, suas vidas se desenrolam inconscientemente sob constante vigília digital, e seus sonhos estão diminuindo cada vez mais, aprisionados no enredo consumista de lazer e aparências. Isto constitui uma vida? (Desmurget, 2022, p. 226).

Defensores dos meios digitais propagam que os meios digitais são mais baratos e não consomem espaço para serem guardados. O que é menos que uma meia verdade. Principalmente num país como o nosso, onde a maior parte da população sequer tem meios financeiros para periodicamente trocar seu telefone celular pelos modelos cada vez mais novos. Muitas coleções de livros possuíam

edições de bolso. Livros baratos e pequenos. Inclusive com bancas que se especializavam nas trocas desses exemplares. Além da grave questão de a quem e por quanto tempo pertence ao leitor o livro digital. E retornamos à questão das bibliotecas públicas como fonte de cidadania.

Embora a procura de serviços de livros eletrônicos nas bibliotecas tenha crescido nas primeiras duas décadas do século XXI, as dificuldades impedem as bibliotecas de fornecer alguns livros eletrônicos aos clientes. Os editores venderão *e-books* às bibliotecas, mas na maioria dos casos apenas concederão às bibliotecas uma licença limitada para o título, o que significa que a biblioteca não possui o texto eletrônico, mas está autorizada a circulá-lo durante um determinado período de tempo, ou um certo número de *checkouts*, ou ambos. Quando uma biblioteca adquire uma licença de *e-book*, o custo é pelo menos três vezes maior do que seria para um consumidor pessoal. As licenças de *e-books* são mais caras do que as edições em papel porque os editores temem que um *e-book* vendido possa, teoricamente, ser lido e/ou verificado por um grande número de usuários, potencialmente prejudicando as vendas (Wikipedia, 2023).

Mais perigosa ainda é a concentração de várias redes sociais e plataformas transacionais com os mesmos proprietários. Um número de megamagnatas, que se conta nos dedos de uma mão, desenvolvem, fabricam, licenciam, apoiam e vendem *softwares*, produtos eletrônicos, computadores e serviços pessoais. Até mesmo produzem páginas iniciais para meios digitais com um simulacro de informações, como se fossem a primeira página de um jornal. Páginas muitas vezes com nítido viés político.

Admirável mundo novo, 1984 e *Fahrenheit 451* estão ultrapassados. E “o poder enlouquece, o poder absoluto enlouquece

absolutamente”, frase do jornalista e escritor francês conhecido como Alain (Emile Auguste Chartier).

**Nascimento da linguagem:
posições esquizoparanoide e depressiva,
simbolização e reparação**

Tal como as descobertas geológicas e arqueológicas, a psicanálise iniciou seus achados a partir das camadas mais superficiais em direção às mais profundas. Metáforas que Freud repetiu ao longo de sua obra. Apesar de uma vida bastante longa e criativa até o final, legou a seus sucessores a continuação de suas escavações psicoarqueológicas.

A partir de pacientes adultos, descobriu que a base de todos nós é a primeira infância, do nascimento aos cinco, seis anos. Vislumbrou-a no caso clínico conhecido como *Pequeno Hans* e em observações como a de um de seus netos, que pela ausência da mãe, que não tinha como controlar, a substituíra por um carretel que podia afastar e puxar de volta à vontade.

Contudo, foi ainda em vida que Freud, ao início dos anos 20 do século passado, mais de duas décadas após o início da psicanálise, viu surgir a primeira geração de analistas mulheres, questionando as descrições freudianas de que o feminino era um homem com defeito. Entre essa geração de novas analistas, Melanie Klein foi a principal. Dedicou-se à análise de crianças. Se Freud havia descoberto a criança no adulto, Klein descobrirá o bebê na criança.

Freud postulava as fases oral, anal e fálica na primeira infância. Klein as aprofundará e, para não conflitar com a sequência freudiana, nomeou de posições: esquizoparanoide e depressiva. Ambas na fase oral freudiana.

Nascemos muito incompletos. Um bebê recém-nascido e nas primeiras semanas de vida, pouco mais é do que uma boca. Que sequer consegue mamar. Tanto o bebê como sua mãe têm de aprender a amamentar. Assim como não há no bebê uma unidade

psíquica ou corporal, não há uma percepção unificada das pessoas que o cercam e do meio ambiente. Só duas sensações básicas. O prazer da amamentação, com o cheiro, o olhar e a voz da mãe ou de quem o faz, associados à saciedade. E vários desprazeres corporais: fome, gases (todo o intestino e os orifícios corporais têm de ser povoados por bactérias simbiotes), frio ou calor, inevitáveis infecções, entre outros.

A primeira forma de dar uma ordenação nesse universo de sensações, a partir de um corpo e um ambiente vividos como pedaços, é separar o que é prazeroso do que é desprazeroso. Assim também para o bebê ainda não há a separação de um dentro ou fora de seu corpo ou de seu eu, o mecanismo mais simples é considerar seu tudo aquilo que é bom e ruim tudo o que vem de fora. Baseada nas primeiras experiências de um bebê, Klein denominou os dois grupos de sensações ordenados por um bebê nos primeiros meses de vida de seio bom e seio mau. De modo bastante simplista, podemos dizer que para o bebê o que é bom é dele, o que é ruim é de fora, estabelecendo, assim, os dois primeiros processos psíquicos: incorporação e projeção.

A partir de um termo do início da psiquiatria, também nascente ao final do século XIX, Freud já utilizara para adultos o termo “cisão” (*squizo*) do eu, cuja manutenção ou ressurgimento na adolescência ou vida adulta causará o gravíssimo quadro de uma cisão da mente (*squizophrenos*). Para um bebê, o mais saudável é incorporar para si o que é bom e projetar para fora o que é ruim. Independentemente do que tenha vindo de dentro ou de fora. O seio bom, mamilo ou mamadeira, objetivamente está fora, mas o bebê o incorpora dentro de si. Tudo que provoca mal-estar ou dor, grande parte das vezes vindo do próprio corpo do bebê – fome, gases, dores, febre – é projetado para fora.

No entanto, cedo ou tarde, o que é projetado acaba retornando. E o que é bom, até como forma de proteção contra sua própria

agressividade, também acaba sendo projetado. Esses movimentos mais e mais trazem substrato para a construção do eu. A ordenação em dois polos tão maniqueístas é necessária no início da vida para iniciar a ordenação mundo do bebê, apesar de altamente arbitrária. Para um bebê em um ambiente suficientemente bom, as experiências prazerosas predominam sobre as ruins, o que reforça o início de seu eu, ainda indiferenciado em psíquico e corporal. Há variantes e combinações do que Klein denominou projeção identificativa. Mas sem dúvida, na separação entre o prazer e a dor, entre o bom e o ruim, feita pelos bebês, predomina o arbitrário e o extremismo.

De modo bastante resumido, a esquizoparanoide corresponde aos primeiros meses de vida do bebê. Segue-se a depressiva, mas entre ambas há fenômenos de transição que Klein denominou de defesas maníacas. Mas assim como nas fases freudianas da primeira infância, as posições esquizoparanoide e depressiva permanecem pela vida inteira. Modificadas, mas fornecendo base para a psiquê adulta, ou até mesmo com o predomínio da cisão, a posição esquizoparanoide nos capacita com a fria objetividade da ação em momentos de grandes crises. Ou o oposto, quando da liberdade para da criação de sonhos, nos quais podemos retornar ao mais precoce de nossa infância, sem o risco de comprometer a vida adulta.

O desenvolvimento psíquico, motor e dos órgãos de um bebê no primeiro ano de vida é gigantesco. Gradualmente vai unificando o controle da musculatura, a percepção do meio ambiente e percebendo que o dualismo maniqueísta dos dois seios é uma fantasia sua. O controle do corpo o leva a sentar-se, depois engatinhar, finalmente a andar. Movimentos simultâneos conduzindo a um grau muito maior de unificação do eu corporal, do eu psíquico e do meio ambiente. Diminui a existência de tudo arbitrariamente classificado em dois mundos antagônicos.

Mas a constatação de que o seio tido como

onipotentemente bom também é o que frustra e pode faltar, e que sensações ruins – fome, sede, gases, dor – não são necessariamente vindas de fora, mas de dentro de si mesmo, produzem grandes limites ao narcisismo e à onipotência da posição esquizoparanoide. Ao mesmo tempo que integra seu eu e seu corpo, o bebê passa a unir o meio ambiente e as pessoas que o cercam. Como a percepção do espaço e tempo psíquicos são construções simultâneas, agora o bebê as unifica. E descobre que o seio bom cria o paraíso terrestre, e o seio ruim, quando demora a vir ou é privado, causa ondas violentas de ódio e pulsão de morte. Seja um seio humano, seja uma mamadeira, em realidade é um só. E que não é dotado do narcisismo extremo e antagônico dos seios mau e bom. E que ele, o bebê, não passa de uma pequena criatura à mercê de um mundo de gigantes. Usando um termo de Freud, uma enorme “ferida narcísica”. Por isso, Klein denominou de “posição depressiva” essa constelação física e psíquica, que sucede a posição esquizoparanoide.

Na posição depressiva, o bebê e a criança em se transforma descobrem que o objeto atacado era o mesmo que o amado. E que não há como retornar no tempo e desfazer as agressões. Mas as características do processo primário, modo primevo de funcionamento da mente, descrito por Freud, onde há muita mobilidade e energia livre, reina o deslocamento possibilitando que, por algum elo associativo comum, se translade pulsão de uma para outra representação. O que no passado foi agredido na realidade ou na fantasia, assim como o que não pode ser diretamente satisfeito na realidade, por medo de uma punição fantasiada ou real, pode agora usar da mobilidade do processo primário para indiretamente ser satisfeito.

A cisão entre identificações ou projeções maciças abranda. Surge a necessidade de um novo mecanismo: a reparação. Torna-se a mais forte função do eu para reconhecer uma realidade menos deturpada pelo

narcisismo. Permite que impulsos construtivos e criativos que parcialmente recuperem o objeto amado, porque não há como voltar no tempo para um conserto completo dos objetos originais. Mas pelo deslocamento e pela condensação, objetos substitutivos podem tomar seu lugar e ser consertados. Mas esses objetos são herdeiros do objeto original. Como a reparação nunca pode ser completa em um objeto substituto, em breve outro terá de ser achado para reiniciar o processo.

O substituto também pode ser considerado como um símbolo. Na posição depressiva, ocorre o início da criação de símbolos. E deles vem o surgimento do protótipo para todas as linguagens verbais e não verbais. É a simbolização, a possibilidade da restauração parcial dos objetos primários. Para Klein e para os kleinianos, a simbolização tornada possível na posição depressiva, além de indissociável à linguagem, é que possibilita todo o mundo das ocupações e profissões, da arte e da sociedade.

Linguagem e leitura:

um pouco de Darwin com Freud

O pesquisador francês apresenta uma ideia simples e até bastante óbvia. Justamente aquelas que sintetizam as descobertas mais difíceis. Escreve Desmurget (2022, p. 100):

[...] se aprender a ler é demorado e difícil, isso se deve em grande parte ao fato de que a evolução humana não teve tempo suficiente para incorporar a leitura ao núcleo duro das transmissões hereditárias. Para remodelar seus padrões neuronais e construir redes adaptadas, o cérebro precisa absorver quantidades industriais de dados.

Todas as referências de Desmurget sobre a prática da leitura iniciam-se na primeira infância, geralmente aos três anos e seu ápice no período de latência. Momentos máximos da plasticidade neuronal. Mera coincidência com as descobertas de Freud, 100 anos antes,

sobre a importância básica da primeira infância para os seres humanos? Mas é certo que a duração da infância humana, e mesmo de nossos parentes mais próximos – chimpanzés e bonobos – foi muito prolongada em comparação com a média de vida da espécie. O que possui o rótulo de neotenia. Ainda mais acentuada na espécie humana que em nossos primos mais próximos. Comparado com outros mamíferos mais afastados, basta observar os mais domesticados por nossa espécie, tal como cães e gatos, o bebê humano ainda é por longo período um feto quando expelido do corpo materno. E um terço do tamanho do bebê é composto apenas por sua cabeça.

Mas a neotenia também é a desaceleração ou atraso do desenvolvimento corporal até a vida adulta, resultando em características como cabeça grande, rosto achatado e braços relativamente curtos. Essas mudanças devem ter sido provocadas na evolução humana pela seleção sexual e adaptativa para a organização de sociedades mais complexas e mais facilmente capazes de se adaptar aos mais diversos meio ambientes. Também permitindo o desenvolvimento de dons humanos, como regras sociais e comunicação emocional muito mais complexas. Fundadas sobre uma base neuronal gigantesca, da qual só temos contato direto ou quase apenas com o que Freud denominou de consciente e pré-consciente. Neurológica ou psicanaliticamente, o resultado da lenta aquisição da leitura literária a partir da primeira infância tem o mesmo resultado: as informações não permanecem confinadas muito tempo em áreas específicas. Acima vimos como a leitura literária instantaneamente liga incontáveis regiões cerebrais, desde áreas emocionais, passando por regiões da inteligência social e cognitivas. Em tudo como se, para o córtex, não ocorresse apenas um algo subjetivo, mas situações da vida real. Outra função psíquica aprimora-se: distinguir o que é meu e o que é do mundo. Denominado por Freud de teste de realidade.

Conclusão:
consequências do cretinismo digital -
o regresso ao mundo dos extremos

A própria psicanálise em si mesma está colocada em xeque. Despreza-se a “cura pela fala”, em detrimento de novos e cada vez mais poderosos variantes do *soma*. Já existe um quase ideal: o *crack*. Quase, porque já há informações de outro mais potente, apelidado ‘droga zumbi’, uma substância 50 vezes mais forte que a heroína (*O Globo*, 2023).

A leitura de livros dos físicos tradicionais desde Gutemberg desaparece não apenas em função dos livros digitais, que com todos os déficits ainda são uma leitura, mas para o tempo gasto com mensagens, textos curtos e imagens *on-line*. As redes sociais ganham ápices vertiginosos. As consequências, além do surgimento da primeira geração dos cretinos digitais, de Desmurget, vai desde o crescimento dos extremismos políticos, que servem como ilustração social para os dois polos cindidos na posição esquizoparanoide, associados a regressões espantosas, como o retorno da crença na Terra plana e o negacionismo das conquistas da medicina e da saúde pública, como as vacinas. Ilustração da crescente dificuldade, desde crianças na primeira infância até adultos, em colocar a posição esquizoparanoide sob o predomínio da posição depressiva. E, assim, temos: expressão corporal direta, pensamento concreto, onipotência de pensamento, negação, idealização, não aceitação das diferenças, narcisismo das pequenas diferenças, inveja, sem reparação nem subjetividade.

Podemos ousar algumas outras interpretações. Pelo referencial lacaniano, uma infundável tentativa, que sempre houve e há em todos, mas foi maniacamente cada vez mais potencializada nas últimas décadas, de tamponar definitivamente o objeto *a* que une e mantém o nó borromeano. Isto é, o extremismo criado pelo predomínio da imagem muro. Potenciais novos leitores não adquirem a capacidade de ler textos literários

e recriar imagens poéticas. Só de utilizar linguagens lineares, úteis para o lucro do mercado.

O narcisismo oriundo da percepção direta pelos sentidos soterra o conhecimento vindo de saberes abstratos que fundamentaram a criação de máquinas e técnicas sofisticadíssimas, que demonstram que o Universo não é só o que vemos pelos sentidos, mas principalmente o que dele podemos intelectualmente descobrir.

E voltemos à questão da leitura, agora retornando ao próprio Freud. A partir de três textos seus que, apesar de serem sobre o mesmo tema, foram escritos ao longo de quatro anos e jamais unificados: os três ensaios de *Moisés e o monoteísmo*. No terceiro ensaio, Freud (1939/1978, p. 112) discorre sobre o nascimento da linguagem humana, ainda prenhe de narcisismo.

Toda a magia das palavras [...] e a convicção do poder que está ligado ao conhecimento e à pronúncia de um nome. A “onipotência dos pensamentos” era, como supúnhamos, uma expressão do orgulho da humanidade no desenvolvimento da fala, que resultou num extraordinário avanço das atividades intelectuais (tradução nossa).

Entretanto, anos antes da citação acima, no primeiro ensaio, Freud defendera uma tese pouco comum na época, mas hoje defendida e, a partir de pesquisas muito mais profundas, aceita. Por muito tempo os gregos antigos, tendo criado as vogais, eram tidos como os pais do alfabeto, do qual surgiram o romano e todos os demais alfabetos ocidentais. Hoje se considera que os gregos assimilaram escritas semíticas, séculos antes de sua época clássica. Que já tinham abandonado registros, como os trabalhosos hieroglifos, em função de desenhos simples e rápidos de serem feitos, em número finito e pequeno signos, que em si mesmos nada representavam, mas cuja combinação podia

ser infinita. Isto é, registros pictóricos foram completamente substituídos por uma nova criação: símbolos.

A história do rei David e do seu período é provavelmente obra de um contemporâneo. Se for um escrito histórico genuíno, quinhentos anos antes de Heródoto, “o pai da história”. Fica mais fácil entender essa conquista, nos moldes da nossa hipótese, pensamos na influência egípcia. Surge até mesmo a suspeita de que os israelitas daquele período inicial – isto é, os escribas de Moisés – possam ter tido alguma participação na invenção do primeiro alfabeto (Freud, 1939/1978, p. 42-43, tradução nossa).

Pode-se complementar as ideias de Freud a partir dos achados de Desmurget. O nascimento da linguagem humana foi uma grande conquista. Mais difícil foi a separação entre fala e a realidade. A palavra falada era, e ainda é, dotada de características muito narcísicas. Podemos constatar-las pela fala de crianças na primeira infância. Cada palavra deve se referir a um objeto específico. Não um conceito abstrato. Por exemplo, o caso dos sinônimos. É incompreensível para elas que haja várias palavras para nomear um mesmo objeto, por exemplo: tangerina, bergamota e mexerica. O investimento narcísico nunca é completamente abandonado na fala. Mas na palavra escrita, representada por símbolos, sua aquisição é mais completa e, por meio da leitura literária, necessita de anos de esforço para a criação de novas redes neurais. O processo de aquisição em si já constitui uma ferida narcísica.

Os livros nos levam a infinitos novos mundos. Mas descobrimos neles a diferença e a universalidade entre personagens, povos, épocas e histórias. Por meio da diferença, a leitura literária em si já constitui uma ferida narcísica. Construída sobre outra, que foi o esforço e a gratificação pela conquista de um mundo novo: a leitura literária.

Abstract

Results of Desmurget's research: the failure to build the capacity for literary reading and, consequently, the first generation with an IQ lower than their parents. The written text is not just an alternative to auditory pathways, but a second language that has to be constructed. Written language is much richer than oral language, but it has to be constructed and programmed in childhood. But due to the excess of digital media in early childhood, instead of books, the hole image created by the predominance of the symbolic and which refers to the symbolic, having the gift of deepening subjectivity, remains atrophied into a wall image, in which the imaginary predominates. Inhibiting the practice of reading through printed books prevents the development of neural networks that would have to be created in childhood, which becomes impossible later on. The interests of the market and totalitarianism in the predominance of digital languages. The passage to the construction of literary reading, also compared to the Kleinian psychoanalytic bias, the passage of the predominance of the depressive position over the paranoid schizoid one. These readings through more recent references – Kleinian and Lacanian – as a reflection of an older one, that of Freud. Where its reference to spoken language and its deepening through the creation of writing resulted in an extraordinary advancement in intellectual activities.

Keywords: *Reading, Hole image and wall image, Symbolic and imaginary, Paranoid schizoid and depressive positions.*

Referências

ARENDT, H. *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ARISTÓTELES, A. *Aristóteles peri poietikhe, Aristoteles ars poetica, poética de Aristóteles* – edição trilingüe. Madrid: Gredos, 2. reimpr., 1992.

BORNHEIM, G. A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1999.

CANETTI, E. O ofício do poeta. In: _____. *A consciência das palavras*. Tradução: Márcio Suzuki e Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DESMURGET, M. *A fábrica de cretinos digitais – o perigo das telas para nossas crianças*. Tradução: Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2021.

DESMURGET, M. *Faça-os ler: para não criar cretinos digitais*. Tradução: Julia da Rosa Simões. São Paulo: Vestígio, 2023.

FREUD, S. Moses and monotheism. In: S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, XXIII. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.

FREUD, S. The interpretation of dreams. In: S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, IV-V. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.

KEHL, M. R. Televisão e violência do imaginário. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. *Videologias – ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.

LOPES, A. J. Psicanálise, poesia e educação: a imagem furo e a leitura poética. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 30, p. 17-27, ago. 2007. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

LOPES, A. J. Contribuições de uma teoria da leitura e de uma nova estética para a educação. *Leitura: Teoria e Prática - Revista da Associação de Leitura do Brasil*, número 31. Campinas: ALB/apoio Faculdade de Educação da UNICAMP, p. 69-81, 1998.

LOPES, A. J. *Estética e poesia: imagem, metamorfose e tempo trágico*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

LOPES, A. J. Novos paradigmas: hipercomplexidade e

autopoiese - algumas considerações para a defesa da alfabetização, leitura e escrita. *Leitura: teoria e prática - Revista da Associação de Leitura do Brasil*, n. 37, p. 23-33, 2001. Campinas: ALB; Faculdade de Educação da UNICAMP.

LOPES, A. J. O texto literário: metamorfoses e viagens têmporo-espaciais. *Leitura: teoria e prática - Revista da Associação de Leitura do Brasil*, n. 41, p. 66-72, 2004. Campinas: ALB; Faculdade de Educação da UNICAMP.

LOPES, A. J. Poesia e educação: a imagem furo e a leitura poética. Em M.V. f. Cremasco e N. N. B. Pinheiro: *Contribuições de Freud à arte e cultura*. Campinas: Alínea, 2010.

O GLOBO. 'Droga zumbi': o que é a substância 50 vezes mais forte que a heroína que ameaça a saúde pública dos EUA. <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2023/09/23/droga-zumbi-o-que-e-a-substancia-50-vezes-mais-forte-que-a-heroina-que-ameaca-a-saude-publica-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SEGAL, H. A psychoanalytical approach to aesthetics. In: *New directions in psycho-analysis*. London: Maresfield reprints, 1977. pp. 384-405.

WIKIPEDIA. *E-book*. <https://en.wikipedia.org/wiki/> Ebook. Acesso em: 10 nov. 2023.

Recebido em: 10/09/2023

Aceito em: 28/10/2023

Sobre o autor

Anchyses Jobim Lopes

Médico e bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Mestre em medicina (psiquiatria) e em filosofia pela UFRJ.

Doutor em filosofia pela UFRJ.

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) filiado a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Professor do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antônio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.

Supervisor clínico do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) do CBP-RJ.

Coordenador do Grupo de Trabalho Sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.

Foi professor assistente do quadro principal do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), professor adjunto da Faculdade de Educação e da graduação em psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), professor titular III dos cursos de graduação em psicologia e de especialização em teoria e clínica psicanalítica da Universidade Estácio de Sá (UNESA).

Patrono das turmas de formandos em Psicologia da PUC-RJ, 1998 e 1999 e patrono da turma de formandos em Psicologia 2012, UNESA, Campus Ilha.

Presidente do CBP-RJ e do CBP em vários mandatos. Delegado do CBP para a *International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS)*.

Um dos editores regionais para a América do Sul da revista *International Forum of Psychoanalysis*.

E-mail: anchyses@terra.com.br

Velhice: um novo tempo de vida

Old age: a new time of life

Angela Maria Menezes de Almeida

Resumo

Este texto, em contraponto ao estigma de velhice como uma espécie de patologia calcada na decrepitude do processo de existir, pretende pensá-la em relação a um novo tempo de vida – tempo de transformação e invenção, tempo de potência do existir e tempo de singularidade. Em sua tessitura, busca-se ligar fios do pensamento freudiano a autores de outras áreas e épocas, como Baruch Spinoza, Walter Benjamin e Ângela Mucida, na intenção de melhor compreender o contexto da velhice em tempos atuais, com vistas a uma clínica psicanalítica onde um novo tecido possa revestir o desejo do sujeito em processo de envelhecimento.

Palavras-chave: Velhice, Transitoriedade, Experiência, Desejo, Potência de existir, Transformação, Singularidade.

[...]

*Por seres tão inventivo
Compositor de destinos
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos.*

*Vou te fazer um pedido
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo.*

*O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo
Apenas contigo e 'migo'
Tempo, tempo, tempo, tempo.*

[...]

Caetano Veloso.

Este texto pretende pensar a velhice como um tempo de múltiplas possibilidades em nosso processo de existência, em contraponto ao estigma de velhice como finitude de vida em decadência.

Nos fragmentos dos versos da canção *Oração ao tempo*, de Caetano Veloso (1979),

trazidos como epígrafe, a síntese da abordagem que aspiro apresentar em relação à velhice como um novo tempo de vida: tempo de transformação e invenção, tempo de potência do existir e tempo de singularidade.

O desejo de aproximação ao tema da velhice nasce em mim a partir de

interloquções na clínica psicanalítica que conduzo, com diversos pacientes acima de sessenta anos, observando a potência do processo de existir que ali se faz presente. Isso me leva à disposição de falar da velhice como pertencente ao curso da vida e não colada à ideia de degradação, uma espécie de patologia calcada na decrepitude. Pretendo, pois, enveredar por caminhos de desconstrução do conceito de velhice, arraigado em nossa sociedade ocidental, na qual valores sociais, morais, intelectuais, políticos, entre tantos em que estamos imersos, em tempos contemporâneos, inscrevem em nós um modo de ser, sentir e agir atrelado a uma demanda externa. Em nossa cultura, o envelhecer tem sido traduzido como sinônimo de fracasso, de perda, de decadência. Temos dificuldade de olhar um corpo que atravessa os anos e perceber mais do que somente suas fragilidades.

Nesse sentido, para que possamos vislumbrar um horizonte que construiu uma certa dissensão de processar a vida em momentos de transformações, como na chamada “terceira idade”, algumas considerações se fazem pertinentes.

Constata-se que, nessa etapa da vida, no campo social, disponibilidades de cuidado e acolhimento se tornam mais escassas, implicando uma redução de possibilidades de vida com qualidade, com dignidade, a essa população e, até mesmo, marcando por certa hostilidade o sujeito velho.

A maneira conforme o sistema social vai construindo suas regulamentações faz com que o idoso se torne aquilo que a sociedade demanda dele, fugindo de quem é de verdade, não conseguindo assumir sua verdadeira subjetividade. Nesse âmbito, ele é despojado de sua posição de sujeito desejante. E, dessa forma, pode-se dar a abertura para um espaço de dor, para um afastamento do que se poderia vir a ser de forma mais afirmativa. Ou seja, esse modelo de configuração social traz possibilidades de adoecimento do sujeito envelhecido, que implicam impossibilidades

de lidar com questões inerentes ao próprio processo de vida nessa fase.

Desde os primórdios de sua produção psicanalítica, Freud nos alertava que o fato de nascermos num tipo de sociedade que se organiza de determinada forma, já seria propício à formação de neuroses. Em *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*, ele afirma “existir uma relação entre a alta incidência de doença nervosa e a moderna vida civilizada” (Freud, 1908/1996, p. 170).

Num modelo capitalista, as regulações sociais fornecem um mundo de hostilidades, compelindo seus cidadãos a reproduzir seus mandatos. O sujeito vai se organizando para existir num modo racionalizado, em que os códigos estruturais é que serão as suas referências, e qualquer desvio desse enquadre será censurado. Assim, o pensamento fica aprisionado, fica fechado numa possibilidade de ser atrelado aos mandatos da ordenação social. A experiência criadora da sensorialidade do corpo se apaga. Isso tende a reduzir a forma do sujeito de estar no mundo à condição daquilo que está dado. Torna-se um processo empobrecedor de suas múltiplas possibilidades de existir, de suas potencialidades de criar. Torna-se um poderoso caminho de esvaziamento de sua potência de existência.

Potência de existência é aqui entendida como a viabilidade de se sustentar um processo de vida, que é sofrida, incerta, perigosa, mas guarda sempre a possibilidade de resistência, enfrentamento e busca de reconstrução de um novo jeito de estar no mundo.

De acordo com Spinoza (1677/2009), existir é a capacidade de afetar e ser afetado, é agir no mundo. Ser o que se pode ser, ser em sua potência, que é sua essência colocada em ato. Para esse filósofo, a essência do homem é o desejo, e a potência de vida é a virtude de realizar encontros. Essa potência aumenta ou diminui conforme os encontros realizados. Assim sendo, efetuar sua potência é, necessariamente, agir para gerar bons encontros.

Se, por um lado, essas considerações abrem novas veredas a trilhar, ao tecer caminhos de compreensão sobre a velhice, a psicanálise aponta para um real em cena, nessa fase marcada por peculiaridades próprias, que precisam ser consideradas. É uma fase propensa a perdas de diversas naturezas: há uma mudança na imagem corporal – rugas, cabelos brancos, elasticidade da pele, fragilidade muscular, perda gradativa de algumas habilidades. É o tempo da aposentadoria e os significantes que ela acarreta, com ressonâncias negativas, muitas vezes associadas ao que não tem mais valia, inclusive, à morte do desejo, perda do *status* social, perda de vínculos afetivos, com a morte de pessoas queridas, bem como o surgimento de fantasias a respeito da própria morte.

Quanto ao conceito de velhice, quero situar neste trabalho, o pensamento de Mucida (2022, p. 18):

Propusemos pensar a velhice como um momento no qual, prevalecendo um determinado enfraquecimento – variável para cada sujeito – o tempo presente, devido a um afrouxamento dos laços afetivos, sociais e inúmeras perdas, imporia ao sujeito a criação de novas formas de atualizar seu passado, enlaçando-o ao futuro.

Trata-se, pois, sob o olhar psicanalítico, do amálgama de três tempos: o tempo do inconsciente – atemporal; o tempo cronológico – tempo que passa; e o tempo do *a posteriori* – do vir a ser. Nesse caso, a velhice demanda um novo enodamento do tempo, no qual o tempo atual possa atualizar o passado com perspectivas de revestir com outras tessituras o desejo.

Dessa forma, entendemos que, embora o sujeito do inconsciente não envelheça, há um real do corpo que envelhece, há um real de várias perdas que se presentificam a partir de um determinado tempo de vida. Então, a “velhice, enquanto um dos nomes do real, impõe o luto, bem como novas formas de

atualização” (Mucida, 2022, p. 56).

Na clínica psicanalítica com idosos, a presença do analista promove, pela transferência identificada ao atemporal do inconsciente, uma via tripla entre passado, presente e futuro, abrindo a possibilidade de que algo se escreva de maneira diferente, que novas reinscrições se façam.

Essa possibilidade está posta em Freud (1896/1996, p. 281), na *Carta 52* a Fliess, quando, ao descrever o mecanismo de formação de nosso psiquismo, relata que “o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*”. Essas novas circunstâncias são fundamentais, pois indicam a presença do real em cena, em cada momento. Freud acentua ainda que a memória “não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos”.

Muitos autores, ao tratar o tema da velhice, denominam esse tempo de “envelhescência”, numa analogia com a palavra “adolescência”. São tempos transitórios. São tempos de transformações, de dores, de estranhamentos, de perdas, de lutos mas também de potenciais possibilidades de abertura a novas construções.

Então, indagamos:

Que potências de existir, de sentir e de agir a maturidade nos revela?

Como podemos ser ao envelhecer?

Como podemos construir uma experiência só nossa do que é o envelhecimento, apesar do que ditam os padrões culturais?

Freud (1916/1996), em seu texto *Sobre a transitoriedade*, aborda o tempo e a finitude das coisas, trazendo valiosas contribuições para pensarmos o tempo da velhice. Nesse texto, ele questiona se as coisas perderiam o valor se fossem propensas a acabar e constata: “Pelo contrário! O valor da transitoriedade é o valor da escassez do tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição” (Freud, 1916/1996, p. 317).

Essa ideia de Freud sobre a limitação da fruição relacionada ao tempo de duração aponta para a singularidade do sujeito. Alguns poderão se esquivar do desfrute de contemplar a beleza de algo, pela presença dos limites de sua perenidade; outros tenderão a depositar intensa admiração, justamente, por saberem que vai terminar. Isso nos mostra que as saídas para a finitude, ou seja, o encontro com a castração, no dizer psicanalítico, irá assinalar os caminhos pelos quais cada um poderá seguir, indo ao encontro de seu desejo. Cada um envelhece de seu próprio modo. Assim sendo, a velhice é um destino singular a ser traçado por cada sujeito, não está reduzida à idade cronológica nem à diminuição de determinadas funções orgânicas.

Assim, diante do inexorável que a passagem do tempo traz ao sujeito, a possibilidade de cada um, em sua singularidade, é encontrar novas formas de inscrever e de vestir o seu desejo. Mannoni (1995, p. 17), em *O nomeável e o inominável*, sintetiza essa questão em uma frase: “Entra-se na velhice quando se perde o desejo”.

Outro aspecto importante que quero destacar neste trabalho vem da contribuição de Walter Benjamin (1936/2020) em seu texto *O contador de histórias* (1936), onde ele traz o conceito de ‘experiência’ como acúmulo de uma vida que atravessa a passagem do tempo, num ritmo próprio a cada sujeito, permitindo-lhe a reflexão e a elaboração de um saber a partir da vivência experimentada. Para ele, a experiência é própria da narrativa oral. Quando se narra vivências, se constrói experiências. A narrativa tece o fio da vida. Assim, ele expressa:

A matéria da qual as histórias são feitas exprimem não apenas o conhecimento e a sabedoria de um ser humano, mas sobretudo sua vida vivida (Benjamin, 1936/2020, p. 35).

Nesse âmbito, na clínica psicanalítica, ao narrar suas histórias de vida, o sujeito tende a resgatar o mais original de si e a dar sentido

ao que foi experienciado, ou seja, pode vir a sentir o sentimento vivido outrora, ao se ouvir narrar sua experiência de vida e, assim “deixar a mecha de sua vida consumir-se completamente na doce chama de sua narração” (Benjamin, 1936/2020, p. 57). Para Benjamin, “o contador de histórias é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo”.

Agora, buscando enlaçar os frutos deste estudo com breves fragmentos de casos clínicos de minha experiência psicanalítica e, recordando a descrição bucólica feita por Freud no texto *Sobre a transitoriedade*, “ao caminhar com amigos, num dia de verão, por campos sorridentes [...] de uma beleza fadada à extinção” (Freud, 1916/1996, p. 317), me dei a liberdade poética de projetar meu *setting* analítico como um jardim, de onde colho algumas flores. Elas compuseram o jardim de minha clínica psicanalítica por um tempo transitório e, no entanto, sobrevivem com o fulgor que a criação humana, livre de amarras, pode desfrutar.

Eu diria que fazem parte de uma velhice peculiar, são velhas desejantes, que não se submetem, não vivem em clausuras, estão em trânsito psíquico. Vivem esse tempo de vida e, por que não dizer, de crise e estranhamento, como espaço de transição e de criação, não se deixando enlaçar pela castração ou pela finitude e, nem mesmo pelo discurso capitalista que nos assola. Buscam, nas palavras de Garcez (2023, p. 102) “viver o tempo em sua experiência e não antecipá-lo em sua morte”. Procuram transitar, com as experiências conquistadas e se adequar a uma forma de ser que leva em consideração sua condição atual – com suficiência para fazer algumas coisas e outras, não. Mas, com permissão para se reinventar, possuídas de seus desejos.

Eu as nomeei com nomes de flores.

Como Rosa, que aos setenta e cinco anos, defendeu sua tese de doutorado, liberando sua potência de vida, fazendo valer o seu desejo, ao resgatar um projeto abortado quinze anos atrás.

Ou, como Violeta, que aos oitenta anos, retoma o direcionamento de sua vida, mostrando todo o seu vigor no cuidado de si e de seus negócios.

Também como Acácia, que aos sessenta e oito anos, inicia um curso de filosofia e se sente realizada, transitando com leveza pelas vias do pensamento.

Ou, ainda, como Margarida, que aos setenta e seis anos, está muito bem traduzida neste poema de Mário Quintana (2012):

Deixa-me ser o que eu sou,
o que sempre fui,
um rio que vai fluindo.
E o meu destino é seguir...
Seguir para o mar.
O mar onde tudo começa...
Onde tudo se refaz...

Ao encerrar este texto, trago o escritor-poeta Rubem Alves, em sua crônica publicada no jornal *Folha de São Paulo*, de 03 de fevereiro de 2009, intitulada *A pior idade*, onde ele ressalta que “velhice é quando a gente começa a ser tratado como objeto de respeito e não como objeto de desejo”. E conclui: “Sugiro um nome diferente para essa idade, que não é ironia, mas poesia: pessoas portadoras de crepúsculos no seu olhar”.

Diante dessa metáfora, uma reflexão/conclamação:

Assim como o tempo limitado dos crepúsculos na natureza não impede que eles se configurem em todo o seu esplendor de beleza, que a fase crepuscular do sujeito em processo de envelhecimento também seja vivida como um tempo precioso de muita luz sobre as coisas que realmente importam ao seu bem-viver.

Abstract

This text, in counterpoint to the stigma of old age as a kind of pathology based on the decrepitude of the process of existing, intends to think about it in relation to a new time of life – a time of transformation and invention, a time of the power of existing and a time of singularity. In its fabric, it seeks to connect threads of Freudian thought to authors from other areas and times, such as Baruch Spinoza, Walter Benjamin and Ângela Mucida, with the intention of better understanding the context of old age in current times, with a view to a psychoanalytic clinic where a new fabric can cover the desire of the subject in the aging process.

Keywords: *Old age, Transience, Experience, Desire, Power to exist, Transformation, Singularity.*

Referências

ALVES, R. A pior idade. *Folha de São Paulo*, 03 fev. 2009.

BENJAMIN, W. O contador de histórias - considerações sobre a obra de Nicolai Lescov (1936). In: LAVELLE, P. (org.). *O contador de histórias e outros escritos* - Walter Benjamin. Tradução: Georg Otte, Marcelo Backers, Patrícia Lavelle. São Paulo: Hedra, 2020.

FREUD, S. Carta 52 (06 dez.1896). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 281-287. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna (1908). In: _____. *"Gradiva", de Jensen, e outros trabalhos* (1906-1908). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 169-186. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, S. Sobre a transitoriedade (1916 [1915]). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 317-319. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GARCEZ, M. M. *Discurso capitalista: pressa para não concluir?* Nova Friburgo: Media Res, 2023.

MANNONI, M. *O nomeável e o inominável*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece* - psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

QUINTANA, M. *Poemas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SPINOZA, B. *Ética* (1677). Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VELOSO, C. *Oração ao tempo. Cinema transcendental*. Rio de Janeiro: Philips; Polygram, 1979.

Recebido em: 28/07/2023

Aprovado em: 29/08/2023

Sobre a autora

Angela Maria Menezes de Almeida

Pedagoga.

Psicanalista.

Membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP), integrante da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Coordenadora de seminários no curso de formação psicanalítica do CBP-RJ.

Coordenadora de cursos livres na área de psicanálise no CBP-RJ.

Supervisora clínica de candidatos em formação no CBP-RJ.

Especialista em metodologia do ensino superior e em pedagogia empresarial pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO-RJ).

Mestre em educação pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO-RJ).

Autora de artigos publicados nos periódicos *Estudos de Psicanálise* (RJ) e *Cógito* (BA).

Coautora e organizadora do livro *Gestão Escolar: ações, reflexões e compartilhamentos na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Arco-Íris, 2008.

Autora do livro *A menina que queria ser*. Nova Friburgo: In Media Res, 2019.

E-mail: ammalmeida.49@gmail.com

As filhas perdidas: ficção ou não ficção

The lost daughters: fiction or non-fiction

Eliete Gusmão Gonçalves Lima

Resumo

Neste artigo, busca-se fazer uma breve intersecção entre Melanie Klein e a personagem Leda do romance *A filha perdida*, de Elena Ferrante (2016). Para tanto, parte-se do pressuposto de que a literatura e a psicanálise têm como ponto em comum a linguagem. É por meio desse instrumento que os indivíduos narram seus sintomas. Assim, procura-se destacar aspectos da vida Melanie Klein que, guardadas as devidas proporções, estão em consonância com as idealizações, as defesas e as repressões experienciadas e elaboradas pela personagem de Ferrante. Espera-se que esses deslocamentos possam contribuir com a concepção de que a realidade externa é percebida a partir das próprias demandas psíquicas internas. Nesse sentido, a psicanálise contribui para elucidar camadas obscuras do texto literário, bem como para lançar luz às demandas pulsionais de Melanie Klein.

Palavras-chave: Psicanálise, Literatura, Melanie Klein.

*Uma mulher de caráter
com uma espécie de força em parte oculta –
como direi? – não a astúcia, mas a sutileza,
alguma coisa atuando por baixo.
Uma tração, uma torção,
como uma vaga sísmica: ameaçadora.
Uma senhora grisalha e ríspida,
de grandes olhos claros e imaginativos.
Woolf apud Kristeva, 2002, p. 10.*

Para dar desenho à rede discursiva deste artigo, menciona-se como epígrafe as palavras elogiosas da escritora Virgínia Woolf, que ressaltam a singularidade de Melanie Klein. Uma mulher corajosa e à frente do seu tempo, que estabeleceu um diálogo profícuo com a teoria freudiana sem se limitar a ela. O primeiro contato de Klein com a obra de Freud se deu por volta de 1914, quando ela leu o artigo sobre os sonhos, escrito em 1901. Encantou-se:

Era aquilo que eu estava almejando, pelo menos durante os anos em que estava muito interessada em encontrar o que pudesse satisfazer-me intelectualmente e emocionalmente. Comecei a fazer análise com Ferenczi, que era o mais eminente analista húngaro (Klein apud Grosskurth, 1992, p. 80).

Em 1918, pela primeira vez, Klein teve a oportunidade de assistir a uma apresentação de Freud. Tratava-se do V Congresso

de Psicanálise, realizado na Hungria. Um evento considerado estranhamente festivo, pois já se vivia um estágio avançado da guerra, e Budapeste assumia uma posição isolada. Na ocasião, Freud apresentou *Linhas de desenvolvimento em terapia psicanalítica*, a única vez em que leu um artigo, em vez de apresentá-lo de improviso. Diz Klein (*apud* Grosskurth, 1992, p. 82): Lembro-me claramente “o quanto fiquei impressionada e o quanto o desejo de dedicar-me à psicanálise foi reforçado por essa impressão”.

Segundo Grosskurth, fascinada pelo conceito do inconsciente Melanie Klein se converteu e se dedicou à psicanálise, percorrendo até as profundezas especulativas, das quais até mesmo Freud se afastou. Ao se distanciar do fundador discursivo para seguir seu próprio caminho investigativo, Klein sofreu represálias, foi estigmatizada, difamada e ridicularizada. Os seus difamadores atacavam a mulher, difundindo seu passado, bem como sua família, com o intuito de deslegitimar as suas contribuições acerca da psique.

Boa parte das informações sobre a vida de Melanie Klein advém das trocas de correspondências entre ela e sua mãe Libussa Deutsch. As cartas, datadas entre 1901 e 1912, bem como os poemas e textos literários de períodos subsequentes, evidenciam a progressão do estado depressivo de Klein. Grosskurth (1992, p. 77) salienta que as experiências literárias da psicanalista são “expressão de sua frustrada oscilação entre a ânsia por uma vida mais satisfatória e um esforço constante para aceitar a realidade de sua existência”.

Faz-se necessário destacar que o território da linguagem se constitui para Klein como um instrumento de expressão e configuração da subjetividade que possibilita a ela criar, recuperar ou enriquecer o que antes ficava retido no silêncio dos seus sintomas. Em um pequeno texto não datado, ela deixa entrever aspectos de seu estado de ânimo, bem como da sua sexualidade intensa, experienciada de

maneira ambivalente, ora como preciosa, ora como proibida: “vivemos de nosso desejo e morremos de repulsa por sua satisfação” (Klein, 1992, p. 77). Klein se utilizava dos versos como mecanismos de sublimação, substitutos para a satisfação pulsional. Em um dos seus textos intitulado *Primavera*, de 1916, ela se apropria da primavera como alegoria para representar um companheiro:

[...] alegre e inofensivo durante o dia, mas à noite transforma-se num sedutor sensual e demoníaco, no qual a persona poética foge, buscando salvar-se dos seus próprios desejos nos braços da Noite, também um personagem masculino que, conforme se vem a saber, está de conluio com a Primavera (Grosskurth, 1992, p. 77).

A título de exemplo, citamos também o poema escrito por Klein em 1914 e datilografado em 1920 (*apud* Grosskurth, 1992, p. 77), em que o eu poético exprime um ato sexual ardente.

Estás junto a mim, minha mão está envolvida
pela tua.
Meu corpo firmemente apertado contra o teu
Minha boca grudada na tua...
Somos um único ser, inseparáveis

Será a batida do teu coração ou a do meu que
sinto?
Não será o que soa e se avoluma em meu sangue
Um eco do teu sangue?
Não existe eu, nem tu. Benditas sejam as fronteiras

Há muitos relatos ficcionais que demonstram os sentimentos de hostilidade de Klein pelo marido Arthur. Trata-se de pequenos textos que expõem um tom libertário em que os maridos morrem ou as mulheres os abandonam por outro homem. À época havia especulações de que Klein só não deixou Arthur quando moravam em Budapeste,

porque não possuía recursos financeiros para sobreviver sozinha, mas que, sem dúvida, ela desejava libertar-se do casamento. Fato é que seus escritos literários versam sobre o desejo feminino, sobre uma vida rica e satisfatória em prazer sexual e os conflitos que se desencadeiam em consequência desses desejos proibidos. Em um dos seus poemas não datado, Klein dá a entender que viveu um relacionamento com uma mulher durante o tempo em que viveu em Budapeste. Quanto ao estilo dos seus escritos literários, Julia Kristeva (2000, p. 32) nos diz que: “é influenciado pela poesia erótica expressionista, mas também pelo ‘fluxo de consciência’ à maneira Arthur Schnitzer e James Joyce”.

Klein procurava se expressar poeticamente com absoluta sinceridade, escavando em sua alma a autêntica expressão de uma mente torturada, amalgamada ao ódio inconsciente da mãe.

Objetiva-se, neste artigo, fazer uma breve intersecção entre Melanie Klein e a personagem Leda do romance *A filha perdida* (2016), de Elena Ferrante. Para tanto, parte-se do pressuposto de que a literatura e a psicanálise têm a linguagem como ponto em comum e é por meio desse instrumento que os indivíduos narram seus sintomas. Assim, procura-se destacar aspectos da vida Melanie Klein que, guardadas as devidas proporções, estão em consonância com as idealizações, as defesas e as repressões experienciadas e elaboradas pela personagem de Ferrante.

Espera-se que esses deslocamentos possam contribuir com a concepção de que a realidade externa é percebida a partir das nossas próprias demandas psíquicas internas. Nesse sentido, é possível afirmar que esta incursão textual convoca a psicanálise não só a elucidar camadas obscuras do texto literário como também a lançar luz às demandas pulsionais de Klein, sobretudo no sentido de permitir, através da escrita, que se narre os paroxismos das sensações antagônicas que por vezes nos convidam também a ocupar o lugar de filha perdida.

O presente estudo inclina-se por aproximar a relação conflituosa de Melanie Klein e Leda com as suas respectivas genitoras a fim de suscitar reflexões sobre o papel da mãe no centro do nosso destino. Pensar, sobretudo, que a função materna reside na aporia entre a perda de si e do outro. Partindo-se da premissa que norteia a obra de Elena Ferrante, segundo a qual de algum modo somos todas filhas perdidas, tenta-se lidar com a realidade objetiva que é atravessada pela fantasmagoria dos medos e desejos.

Melanie era a mais nova e mais indefesa dos quatro filhos de Libussa, e competia muito com os seus irmãos Emilie, Emanuel e Sidonie. Sua mãe lhe informou, certa vez, que ela não foi uma filha esperada. Tal revelação, afirmou Klein, não lhe causou ressentimento, pois havia muito amor dedicado a ela. Porém, Grosskurth (1992) adverte que esse posicionamento de Klein foi escrito quando ela já estava com 75 anos de idade e que, para melhor compreensão do universo kleiniano faz-se necessário estabelecer uma relação de aspectos de sua vida com as suas teorias sobre a emoção infantil. A autora salienta ainda que Klein afirmava que Libussa amamentou os três filhos mais velhos, porém ela foi nutrida por uma amade-leite que a satisfazia sempre que solicitada. A biógrafa questiona como Klein sabia sobre a disponibilidade da ama e por que em sua autobiografia faz uma justaposição para mudar de assunto, deixando-o fragmentado e inconcluso.

Diz Phyllis Grosskurth (1992, p. 23):

Assim como ocorre com Freud, temos de nos voltar para os textos teóricos de Melanie Klein para encontrar sua verdadeira turbulência refletida nas conclusões que tirava de pacientes cujos casos estavam sendo estudados. O próprio fato de ela agarrar-se à psicanálise com tamanho ardor indica que as angústias que atormentavam a jovem Melanie eram muito mais profundas do que o relato brando daria a entender.

A pesquisa investigativa, empreendida por Grosskurth, reúne documentos e cartas de familiares que estavam sob a guarda de Eric, filho mais novo de Klein. Assim, em *Melanie Klein: autobiografia comentada* (2020), o organizador Alexandre Socha menciona que os documentos reunidos por Grosskurth revelam as dissonâncias existentes entre esses materiais e os registros autobiográficos de Melanie Klein. E que essas incongruências são reveladoras do quanto as relações familiares na infância e na juventude de Klein foram difíceis para ela. Nesse sentido, é importante destacar que:

[...] uma autobiografia não nos mostra o indivíduo visto de fora em suas ações visíveis, mas em sua privacidade interna; não como ele foi, não como ele é, mas como ele acredita e gostaria de ser e ter sido (Gusdorf, p. 14 *apud* Klein, 2020).

Socha (2020, p. 45) acrescenta que uma autobiografia é:

[...] menos um resgate do passado do que sua reconstrução atual, permeada pela expressão de fantasias e lampejos de um mundo interno, muitas vezes apenas acessível por vias tais. Ontem, hoje e amanhã se entrecruzam no momento de sua escrita; e, embora possa referir-se reiteradamente ao ‘antes’, o tempo do relato autobiográfico é sempre o de ‘agora’.

Embora as correspondências de Libussa para Klein evidenciem uma mãe dominadora e inflexível, Klein opta por apresentá-la em sua autobiografia de maneira fortemente diversa e idealizada:

Minha relação com minha mãe foi um dos grandes apoios que tive na vida. Eu a amava profundamente, admirava sua beleza, seu intelecto, seu profundo desejo de conhecimento, com, sem dúvida, um pouco da inveja que existe em toda família (Klein, 2020 *apud* Socha, 2020, p. 51).

A família de Klein, conforme registra Grosskurth (1992, p. 32), era “crivada de culpa, inveja e ocasionais explosões de raiva, impregnada de fortes tons incestuosos”.

Em 1903, um ano após a morte do seu irmão Emanuel, já casada, Klein escreve um texto de cunho autobiográfico, intitulado *Chamado da vida*, em que retrata a experiência vivida por uma jovem na noite de núpcias. Diz: “E, portanto, tem que ser assim, a maternidade tem que começar com repugnância?”. Grosskurth pontua que essa repulsa pelo sexo talvez estivesse relacionada ao sentimento de traição que Klein sentia por causa do irmão. Revela a psicanalista:

Muitas vezes me pergunto se meu irmão, com quem eu tinha uma íntima ligação tão estreita, não percebia que eu estava fazendo a coisa errada, e se ele não sabia, inconscientemente, que eu ia tornar-me infeliz (Klein, 1992, p. 51-52).

Dois meses após o casamento, Melanie engravidou e em 19 de janeiro de 1904 nasceu Melitta, a sua primogênita. No ano seguinte, Libussa ocupou-se em envolver a filha e o genro com os seus problemas financeiros e demonstrou pouco interesse pelo bebê. Em 1907, nasce Hans, o segundo filho de Klein. Segundo comprovam as correspondências da família, durante a gestação, Klein já apresentava um profundo estado de depressão.

Klein e Arthur se mudam para Krappitz, cidadezinha provinciana e monótona, e Libussa passar a viver com o casal. Ela assume a administração da casa, desempenhando, assim, o papel que cabia a sua filha. Dos dois anos e meio que eles viveram em Krappitz, Melanie passou a maior parte do tempo fora de casa, em lugares tranquilos, visitando amigos e parentes para controlar a ansiedade. Durante essas ausências:

Libussa bombardeava Melanie com cartas sobre a maneira impecável como a casa estava sendo administrada e com conselhos sobre

os menores detalhes da vida dela, como se estivesse tentando reforçar a dependência de sua filha neurastênica, até mesmo a distância. Dizia a Melanie o que vestir, com quem estar, quanto tempo ficar em cada lugar. De manhã, ela deveria usar um roupão largo, de modo que não ficasse apertada e, decididamente, não deveria tocar piano nem andar na companhia de pessoas agitadas. Cada conselho [...] reforçava a visão que Melanie tinha de si mesma como uma semi-inválida irrecuperável (Grosskurth, 1992, p. 60).

As cartas de Melanie Klein datadas desse período não foram conservadas. Mas a partir das respostas de Libussa, pode-se apreender que Melanie se preocupava com os filhos e sentia culpa por não poder colaborar com o bem-estar deles. Entretanto, Libussa procurava tranquilizar Melanie em relação às crianças, afirmando, por meio de um astuto jogo de palavras, que as crianças estavam melhor sem a mãe. Não obstante, Libussa atribuía a Klein a responsabilidade pelos seus problemas físicos, segundo ela, gerados em decorrência das preocupações com o estado de saúde da filha. Libussa dizia não exigir gratidão de Klein, pois reconhecia sua postura em frente à situação como condizente ao papel de qualquer “mãe decente”. Porém, não resta dúvida de que Libussa sufocava Melanie com seu comportamento intrusivo. Sempre divergia sobre a educação das crianças, opinava sobre a vida conjugal e a administração da casa. Grosskurth relata que Melanie Klein nunca conseguiu chegar a um acordo com a realidade de sua mãe. A autora nos diz que Klein (2002, p. 69): “Nunca teve o que provavelmente precisava: uma analista capaz de interpretar seu medo, seu ódio e sua culpa em relação à mãe”.

Antes de passarmos ao romance *A filha perdida*, de Elena Ferrante, para estabelecer uma intersecção entre Leda e Klein, destaco o pensamento de George Eliot sobre a arte: “[...] é a coisa mais próxima da vida; é um modo de aumentar a experiência e ampliar

nosso contato com o semelhante para além do nosso destino pessoal” (Secches, 2020, p. 65). É desse lugar fronteiriço da arte com a vida que teceremos algumas considerações acerca da personagem Leda.

A filha perdida é o terceiro romance de Elena Ferrante e tem como protagonista e narradora uma mulher de 48 anos, professora universitária bem-sucedida, mãe de duas filhas adultas, Bianca e Marta, que vivem no Canadá com o pai. De férias em uma pequena cidade da Itália, Leda passa a observar, ora com ternura, ora com irritação a jovem Nina, Elena e sua filha pequena com a inseparável boneca. A presença dessa família napolitana provoca muitas inquietações em Leda, bem como suscita recordações de episódios da sua história familiar.

Um dia, a pequena Elena desaparece na praia. Leda a encontra e a devolve à família, estabelecendo, assim, laços de amizade e proximidade com Nina. Porém, a narradora confessa aos seus leitores que, num gesto impensado, enfiou a boneca de Elena na bolsa e a levou consigo, desencadeando uma série de memórias e experiências limítrofes que colocam em xeque a sua sanidade, bem como a sua própria vida.

Leda invejava Nina e atribuía à moça o papel de mãe perfeita, filha bem-sucedida, jovem, bonita, dedicada e que vivia em total simbiose com a filha. Ao passo que ela, de maneira oposta, exercia a função materna de forma conflituosa e ambivalente.

São muitas as metáforas que aludem à maternidade no romance de Ferrante e vão desde a cigarra de ventre vazio até o hematoma em forma de boca roxa da mãe de Leda comendo pinha.

Logo nas primeiras páginas do romance, Leda confessa não compreender muito bem os eventos nos quais se envolve. Ela os narra de maneira crua, como se não fosse capaz de interpretá-los e nos diz: “As coisas mais difíceis de falar são as que nós mesmos não conseguimos entender” (Ferrante, 2016, p. 6). Quando criança, Leda temia que sua mãe a

abandonasse e sofreu muito com as ameaças verbais proferidas pela genitora.

[...] eu estava convencida de que minha mãe, ao me fazer, se afastara de mim, como quando temos o impulso de rejeição e afastamos o prato com um gesto. Eu suspeitava que ela tivesse começado a fugir de mim quando eu ainda estava no ventre (Ferrante, 2016, p. 72).

Os fluxos de consciência de Leda evidenciam o quanto a potência da mãe se mostrava injusta para ela desde o nicho do ventre. As suas observações a respeito da família napolitana de Nina demonstram que a presença deles na praia suscitava lembranças dolorosas da infância: “Eram exatamente como a parentada da qual eu tinha fugido quando garota. Eu não os suportava e, no entanto, eles não me largavam, estavam todos dentro de mim” (Ferrante, 2016, p. 106). Leda deixou Nápoles aos 14 anos em busca de uma vida culta e reflexiva. Naquele momento, a cidade se configurava para ela como uma onda que a afogaria:

Eu não acreditava que a cidade jamais pudesse conter formas de vida diferentes das que eu havia conhecido quando criança, violentas ou sensualmente indolentes, tingidas com uma vulgaridade sentimental ou obtusamente entrincheiradas na defesa da própria degradação miserável (Ferrante, 2016, p. 106-107).

A jornada de Leda traz em seu bojo o anseio de dissipar as sombras das mulheres da sua família. Ao partir de Nápoles, Leda desejava deixar para trás a mãe, a avó, bem como toda “cadeia de mulheres mudas e zangadas” da qual ela derivava. A experiência da partida é descrita pela narradora de maneira análoga à experiência de uma pessoa queimada “que aos gritos, arranca do corpo a pele carbonizada, acreditando estar arrancando do corpo a própria queimadura (Ferrante, 2016, p. 107). Em suas digressões, Leda conclui que “a existência tem uma geometria

irônica”, pois apesar de ter fugido de Nápoles ela não conseguiu ir muito longe.

Entre as minhas fantasias mais temidas, estava a ideia de que eu podia encolher, voltar a ser adolescente, criança, ser condenada a reviver aquelas fases da minha vida. Eu só havia começado a gostar de mim depois dos dezotoitos anos, quando deixei minha família, minha cidade, para estudar em Florença (Ferrante, 2016, p. 157).

Essa citação nos serve como via de acesso para compreendermos que Leda, ao tentar dar forma aos sentimentos que estão presos na sua cabeça, esbarra, a todo momento, no emaranhado confuso dos seus desejos, na desordem das suas fantasias distantes. Trata-se de um mergulho interior que a resgata do que seria um surto provocado pelo furto da boneca.

No que concerne à elaboração literária de Elena Ferrante, faz-se necessário destacar que, através das figuras das bonecas, objeto familiar do imaginário feminino, a autora:

[...] constrói representações das relações entre mulheres: consigo mesmas, com o mundo, com outras mulheres e, especialmente, relações entre mães e filhas. São como duplo das personagens. Ora como filhas, ora como mães, suas personagens são confrontadas pelo tema maternidade de maneira recorrente e inquietante (Socha, 2020, p. 71).

Olha-se agora com acuidade a simbologia em torno da boneca. Enquanto Leda lidava com as suas fantasias em relação a Nina, ela recordava da boneca Mina, que guardara com carinho por anos até entregá-la para as filhas, como quem entregava algo valioso. Mas o que é uma boneca para uma criança? Se, para Melanie Klein, todos os aspectos da idade mental estão intimamente ligados à relação com o objeto, Winnicott (1971/1975), por sua vez, nos apresenta o conceito de objetos transicionais que dão conta de representar

a passagem do bebê de um estado em que se encontra fundido com a mãe, para um estado em que essa relação com ela é como algo externo e separado. Trata-se, nesse sentido, da “primeira possessão não eu”, área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido. Nesse diapasão, os objetos transicionais designam:

[...] a área intermediária de experiência entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (Winnicott, 1971/1975, p. 14).

Os objetos transicionais constituem-se como um Eu e não Eu, um instrumento de passagem entre o estado de fusão com a mãe a um estado no qual, vendo-se separado, pode entrar novamente em contato com ela. Trata-se de um objeto lúdico, simbólico, possuído, mas que tem vida própria. Ele substitui a mãe na sua ausência, e ao mesmo tempo não é ela. O objeto não é necessariamente transicional, mas representa a transição do bebê de um estado em que está fundido com sua mãe, para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado. Observa-se o que diz Leda sobre sua boneca, que aqui tomamos como um objeto transicional tal qual teoriza Winnicott (1971/1975, p. 57).

Tive uma com cabelos cacheados, cuidava muito bem dela, nunca a perdi. Chamava-se Mina. [...] Brincava de ser mamãezinha de uma boneca. Minha mãe nunca esteve disposta às brincadeiras que eu tentava fazer com ela. Logo ficava nervosa, não gostava de bancar a boneca. Ria, se esquivava ficava com raiva. Irritava-se que eu a penteasse, pusesse fitinhas, lavasse seu rosto e orelhas, a despissem e a vestissem novamente.

Os objetos transicionais pertencem ao domínio da ilusão que oferece sustentação

à experiência do ser no mundo. Leda fugiu da mãe, mas levou consigo a boneca para ocupar o lugar simbólico da genitora. Suas digressões dão conta do quanto era sofrível para ela lidar, na vida adulta, com as lembranças de não poder mexer nos cabelos, no rosto, no corpo da sua mãe. Diante de uma situação limite com as filhas, Leda oferece o seu objeto transicional às garotas. Porém, não suportou surpreender as meninas utilizando a boneca como assento. Ralhou com elas, chamou-as de ingrata e avaliou os danos causados à boneca como irreparáveis. Desabafou: “Tudo durante aqueles anos me parecia irreparável, eu mesma irreparável”. E em um gesto de violência arremessou a boneca por cima da grade da varanda e ficou observando-a “voar rumo ao asfalto”, atravessada por uma “alegria cruel”. O objeto, nesse sentido, contribui para pensarmos os conflitos de Leda com a mãe, bem como sua relação com o mundo externo. Na esteira do que nos diz Winnicott, se os cuidados maternos não são suficientemente favoráveis, a criança não se sente segura, e o objeto vai se tornando menos importante do que a mãe, contribuindo, assim, para a manutenção da dependência afetiva e para as dificuldades em lidar com o mundo externo.

Leda furta a boneca de Nina na praia, vive com ela uma espécie de regressão, brinca de maneira sombria como se estivesse tentando reparar algo da sua própria história, ou colocando em xeque a relação “perfeita” de Nina e Elena. É o que podemos depreender da seguinte reflexão de Leda diante da situação conflituosa, vivenciada entre mãe e filha em uma loja de brinquedos: “Senti que ela estava oscilando entre a paciência e a intolerância, a compreensão e a vontade de cair em prantos. Onde estava o idílio que eu havia presenciado na praia?” (Ferrante, 2016, p. 81). Ao se deparar com a agitação de Elena, Leda afirma que a perda da boneca era apenas uma desculpa para os gritos, o choro e o comportamento neurótico, pois o que a garota temia mesmo era que a mãe escapasse dela.

A própria Leda lamenta a permanência das coisas “estragadas” do seu passado que ainda insistiam em se manter vivas em um turbilhão de imagens a interferir em seu comportamento. Diante do sofrimento da garotinha por causa da perda do seu objeto transicional, a professora sente-se confusa, pois para ela a criança reunia condições emocionais para lidar com a situação, haja vista sua mãe ser exemplar. Assim, para Leda, a garotinha sobreviveria sem a boneca, mas ela, Leda, não.

Os devaneios da narradora personagem dão conta de que para ela tudo não passava de brincadeiras, pois “uma mãe não é nada além de uma filha que brinca”. Ela desejava ser uma boa mãe para as filhas, uma mãe irrepreensível, mas o seu corpo se negava e ela repetia o significante mãe, ao qual sua mãe estava atrelada. Um modelo ressentido que a faz “sentir-se morta, mas bem”. Educou-se para dar às filhas o que exigiam dela, mas nunca entendeu o que ela mesma desejava das filhas. Leda se ausentou da vida das suas duas garotas por três anos, deixando-as aos cuidados do pai. Anos depois, são as meninas que a abandonam e, embora Leda afirme que está feliz com a sua liberdade, mostra-se ressentida com o vazio deixado pelas filhas:

Que bobagem é pensar que é possível falar de si mesma aos filhos antes que eles tenham pelo menos cinquenta anos. Querer ser vista por eles como uma pessoa e não como uma função. Dizer: sou sua história, vocês comecem comigo, escutem, pode ser útil (Ferrante, 2016, p. 98).

Promovendo o diálogo entre Melanie Klein e a Leda, de Elena Ferrante, encontra-se a força da fantasia em torno da figura materna, presente na vida das duas, seja na teoria da renomada psicanalista, seja na ficcionalização da célebre escritora. Klein, alguns anos antes de morrer, disse a sua analisanda Clare Winnicott que não adiantava falar sobre a mãe morta, pois não havia nada que a moça pudesse fazer a esse respeito.

Para Klein, o sentimento de inveja da filha em relação à mãe é expresso mediante uma rivalidade edípica excessiva, pois na vida adulta, cada sucesso na relação com os homens configura-se como uma vitória sobre outra mulher. Mas interessa-nos destacar que, assim como Klein, Leda compreende que o ódio e a inveja da mãe levam ao afastamento. Melanie Klein atribui ao ódio, ao medo e à desconfiança a criação em nossa mente inconsciente das figuras assustadoras e rigorosas dos pais.

Segundo a psicanalista, o grau desses processos são variáveis para cada indivíduo. Ademais, no que tange aos processos psíquicos de Leda, em uma de suas reflexões, ela afirma que nunca sabemos de onde vem a velocidade do nosso mal-estar, muito menos como ele avança. Quando ela abandonou as crianças, o marido as deixou por um tempo com a sogra, no apartamento em que Leda nascera, expostas às mesmas feridas para as quais ela não encontrou cura. Porém, a sua mãe, nos diz a narradora-personagem, foi ótima e cuidou muito bem das crianças. Leda, no entanto, não lhe mostrou gratidão: “nem por isso nem por qualquer outro motivo”.

Derramei a raiva secreta que nutria contra mim mesma sobre ela. Mais tarde, quando fui buscar minhas filhas e as levei a Florença, acusei-a de tê-las marcado negativamente, como havia feito comigo. Acusações caluniosas (Ferrante, 2016, p. 108).

Podemos inferir que o conflito arcaico entre amor e ódio que Leda carregava não foram trabalhados de maneira satisfatória, fato este que a levou a rejeitá-la e a afastar-se da mãe. Nos diz Klein: As saídas que muitas pessoas encontram para essas dificuldades é reduzir sua capacidade de amar, negando-a ou suprimindo-a, passando a evitar todas as emoções fortes (Klein, 1937/1996, p. 381).

A mãe de Leda reagiu mal, tentou se defender das acusações da filha e veio a falecer pouco tempo depois, segundo a

personagem, “talvez envenenada pela própria infelicidade”.

Em sua teorização acerca do amor, da culpa e da reparação Klein (1937/1996, p. 381) salienta que:

[...] se a nossa relação com os pais está calcada principalmente na confiança e no amor, podemos afirmá-los em nossa mente como figuras prestativas que nos guiam e são uma fonte de conforto e harmonia, tornando-se o protótipo de todas as nossas relações de amizade pelo resto da vida.

Na esteira do seu próprio pensamento, Melanie Klein, aos 75 anos, concilia-se com suas fantasias edípicas, tece considerações benevolentes sobre sua mãe, fruto do processo de elaboração de seu sentimento de culpa que resultou em um ato de reparação, bem como a manifestação de um certo sentimento de gratidão. Ninguém melhor que Klein para exemplificar em ato que as antigas fantasias violentas podem ser retomadas de forma sublimada.

Nesse sentido, é o sentimento de culpa que age como incentivo para fazer a reparação. Assim, pode-se também considerar que Leda, à sua maneira, elabora, ainda que minimamente, a sua culpa e que as suas digressões manifestam um tímido desejo de reparação ao admitir para si, bem como para os leitores de Ferrante, algum sentimento de gratidão pela mãe napolitana.

Eliane Brum (2001, p. 104) diz que “quando a alma estala, finge não saber de onde vem a dor”. Finaliza-se este estudo, reconhecendo a origem de algumas dores, pois, de certo modo, as palavras aqui encadeadas lançaram luz em lugares desconhecidos, que apontam para a compreensão de que todas grandes questões suscitadas sobre nós mesmos são de caráter universal, pois são questões que erigem do ser humano e são gestadas no bojo de suas relações interpessoais. O que muda são os meios utilizados para encontrar as respostas.

Alix Strachey, esposa de James Strachey, descreveu Klein como uma mulher “um pouco tantã”, de personalidade encantadora, possuidora de um espírito que transbordava coisas muito interessantes. Para Julia Kisteva (2000, p.10), Melanie Klein “forjou para si, em três décadas: uma notoriedade mundial de mãe fundadora da psicanálise de crianças, refundadora, depois de Freud, da psicanálise dos adultos, notadamente das psicoses”.

Com manifesta gratidão, chega-se para às considerações finais deste estudo, suscitando reflexões acerca das relevantes contribuições teóricas e poéticas do gênio feminino ousado que fundou a psicanálise moderna. Assim, compreende-se com Klein que, quanto mais satisfação se experimenta, menos se ressentido das privações.

Escrever configura-se, nesse sentido, como a capacidade essencial de “dar e receber”, uma maneira de assegurar o contentamento, pois contribui para o prazer de outros. Tendo como vinculação o pensamento kleiniano que versa sobre amor, culpa e reparação, afirma-se que, no fundo da mente inconsciente, consegue-se, através da análise pessoal, liberar os sentimentos de ressentimento dirigidos aos pais, perdoá-los pelas frustrações, ficar em paz consigo mesmo, além de amar os outros no verdadeiro sentido da palavra. E, assim, não se sentir perdida!

Finaliza-se essa etapa da formação psicanalítica, citando as primeiras palavras que Melanie Klein ouviu Freud pronunciar, pois, guardadas as devidas proporções, elas estão em consonância com este estudo ainda incompleto, passível de novas incursões e desdobramentos.

Como sabem, nunca nos gabamos da completude e inteireza de nosso saber e de nossa capacidade; estamos prontos, agora não menos que antes, a admitir as imperfeições de nosso conhecimento, aprender novas coisas e mudar em nossos procedimentos o que puder ser melhorado (Freud, 1919/2019, p. 280).

Abstract

In this paper, the author traces an intersection between Melanie Klein and the character Leda in Elena Ferrante's The Lost Daughter (2016). To this end, the paper departs from the assumption that literature and psychoanalysis share a common trait –the speech –, through which individuals can tell their symptoms. Notwithstanding the different periods in which Melanie Klein and Leda lived, the paper highlights aspects of Klein's life that are similar to the idealizations, defenses and repression experienced and elaborated by Ferrante's character. The argument in this paper expects to contribute to the concept that the external reality is understood through our own internal psyche needs. In this regard, the psychoanalysis contributes both to explain the obscure layers of the literary narrative and to clarify the drivers of Melanie Klein's psyche needs.

Keywords: Psychoanalysis, Literature, Melanie Klein.

Referências

- BRUM, E. *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Leya, 2014.
- FERRANTE, E. *A filha perdida*. Tradução: M. Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- FREUD, S. Caminhos da terapia psicanalítica (1919). In: _____. *História de uma neurose infantil (O homem dos lobos), Além do princípio do prazer e outros textos*. Tradução: P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas, 14).
- GROSSKURTH, P. *O mundo e a obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- KLEIN, M. Amor, culpa e reparação (1937). In: _____. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras completas de Melanie Klein, 1).
- KLEIN, M. Inveja e gratidão (1957). In: _____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras completas de Melanie Klein, 3).
- KRISTEVA, J. *O gênio feminino*. Tomo II: Melanie Klein. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SECCHES, F. *Elena Ferrante: uma longa experiência de ausência*. São Paulo: Claraboia, 2020.
- SOCHA, A. *Melanie Klein: Autobiografia comentada*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2020.
- WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. *O brincar e a realidade* (1971). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em: 20/10/2023

Aprovado em: 12/11/2023

Sobre a autora

Eliete Gusmão Gonçalves Lima

Aluna do Círculo Psicanalítico da Bahia (CPB),
turma y, filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise
(CBP) e à International Federation of Psychoanalytic
Societies (IFPS).

Graduada em letras: português e inglês pela
Universidade Católica de Salvador (UCSAL).
Especializada em estudos linguísticos e literários pela
Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Mestre em estudos de linguagens pela Universidade
Estadual da Bahia (UNEB).

E-mail: eliete24@hotmail.com

Entre sexualidade e o Real: por que psicanálise?

*Between sexuality and the Real:
why psychoanalysis?*

Fillipe Doria de Mesquita
Scheherazade Paes de Abreu

Resumo

O presente artigo parte de questões e problemas para psicanálise: em que medida podemos localizar, ainda hoje, formas de resistência à psicanálise? Interessa-nos identificar e apresentar, em um breve percurso por aspectos históricos, metapsicológicos, éticos e clínicos, o pedaço que permanece desde os tempos de Freud ao tempo de agora. Que pedaço de Real é esse na psicanálise, que não cessa de permanecer? Até que ponto a sexualidade ainda é descartada, desviada e evitada? A causa da psicanálise avançou com resistências, mas será exatamente a sexualidade em seu aspecto problemático e incerto, o pedaço de Real que resiste entre o tempo de Freud e este tempo de agora? Freud insistiu no ponto em que se deve evitar concessões à covardia, ao argumento de que primeiro cede-se nas palavras e, por fim, cede-se na própria coisa. Por que psicanálise?

Palavras-chave: Sexualidade, Construções na análise, Movimento psicanalítico, Real.

*Mas isso eu não quero,
porque gosto de evitar concessões à covardia.
Não se pode saber aonde se chega por esse caminho;
primeiro cedemos nas palavras,
e depois pouco a pouco também na própria coisa.*
Freud, 1921/2020, p. 164.

A causa da psicanálise avançou por toda parte, declarou certa vez um amigo a Freud. Porém, Freud não estava despreocupado diante dessa aceitação, pois os conceitos, as ideias – às vezes escandalosas e desagradáveis – a metapsicologia, a sexualidade e as teorias já haviam sido rejeitadas de forma obtusa e categórica. Que pedaço de Real é esse na psicanálise, que não cessa de permanecer, impossível de se transformar, que se

impõe, repete e sobrevive aos tempos ainda no século XXI? Sabemos que a psicanálise não recusa o impossível nem os elementos desprezados. Como desordenar neste século as evasivas contra o Real? As proposições da psicanálise pareciam chocantes, improváveis e absurdas. Freud deflagrou o golpe em que o Eu está submetido ao inconsciente, esse traumatismo na subjetividade dos sujeitos, assim constatado, que são dessemelhantes a

si mesmos. O futuro indeterminado da psicanálise não surpreendeu Freud, que afirmou, com certa ironia e satisfação, o propósito de “perturbar o sono da humanidade”. A tarefa da psicanálise, escreveu Freud a Stefan Zweig, é “lutar contra o demônio de maneira equilibrada”. Mas o que é o demônio? O demônio era a irracionalidade. No entanto, o equilíbrio que reduz o demônio a um objeto científico inteligível, fazia com que os conceitos fossem ainda mais inaceitáveis. Dizer sobre a verdade era o ofício de Freud.

A psicanálise foi amplamente discutida nas mídias impressas, por exemplo, nos jornais disponíveis nos cafés frequentados por poetas como Rilke e escritores como Karl Kraus. Nota-se que eram inegáveis os efeitos da psicanálise na cultura e na subjetividade dos sujeitos. Não se podia mais ser o mesmo no mundo. O Café Vienense Riedl era um dos favoritos de Freud. Ali psicanalistas e não psicanalistas se reuniam após os seminários e debatiam a teoria amplamente em discussões acaloradas. Em Viena, raramente acontecia uma conversa na qual não ocorresse o nome de Freud. Segundo Peter Gay (2012, p. 453-454), a entrada da psicanálise nos cafés, nos coquetéis, nos palcos, dificilmente seria capaz de promover a compreensão dos pensamentos de Freud. A imprensa popular, como jornais, revistas e livros, contribuiu naquele tempo, e ainda contribui, para juízos fáceis e incompletos sobre Freud e a psicanálise. É o caso do livro de Pasternak e Orsi (2023), que repete acusações rasas, já levantadas outrora. A paixão com que foram acolhidas as ideias de Freud, muitas vezes no campo extremamente subjetivo, formou centelhas para interpretações arbitrárias, improdutivas, errôneas e longos debates ordinários.

Com efeito, intrigas sobre aspectos do caráter e da vida pessoal de Freud eram mais disseminadas do que os próprios fundamentos da teoria. Pode-se verificar prejuízos às pesquisas quando esse tipo de falácia ocorre:

ataca-se o argumentador e não o argumento, produzindo falácias baseadas na “demonização do autor”.¹

Não por acaso, em 10 de maio de 1933, nazistas, acompanhados de estudantes e professores, queimaram em praça pública livros de Sigmund Freud, Thomas Mann, Franz Kafka, Karl Marx, Albert Einstein, entre outros. Eram “tempos loucos”, escreveu Freud, tal como um presságio: “que progresso, na Idade Média, teriam queimado a mim, hoje se contentam em queimar meus livros” (Gay, 2012, p. 593).

Era tempo de guerra quando Freud decidiu publicar importantes escritos no intuito de tratar o que nomeou como “resistência aos resultados da psicanálise” (Freud, 1918/2022, p. 633). Em 1914, ano de início da Primeira Guerra, veio à luz *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (Freud, 1914/2012), artigo no qual tratava das “guerras intestinas” da psicanálise, em especial, as divergências apresentadas por Carl Gustav Jung e Adler. No texto, assim como em outros ensaios publicados no período, Freud estabelece os postulados e as hipóteses fundamentais da psicanálise para delimitar a especificidade de sua prática, sustentada pelos preceitos éticos e clínicos da metapsicologia. Seu argumento prevaleceu e impediu opositores de se alojar sob o nome da psicanálise, levando Jung a fundar sua psicologia analítica, e Adler, a sua psicologia individual. A dimensão pulsional, o recalque e o inconsciente configuram pontos normais da disputa.

Já no fim da guerra, ao escrever seu ensaio *Da história de uma neurose infantil*, Freud (1918/2022) destacou duas formas

1. A “demonização de autores” é um procedimento retórico no qual a crítica incidirá sobre o argumentador, e não sobre o argumento. Trata-se de atacar aspectos pessoais da vida do teórico, a fim de desmerecer possibilidades de contribuição. A partir da ciência, não é possível agregar questões de ordem pessoal, como elementos que se fazem suporte a rejeição de uma teoria. Incorrer neste erro é apelar para a falácia da “demonização de autores” (Barros, 2018, p. 37).

de disputa pela psicanálise: num primeiro momento, os opositores se contentavam em contestar os fatos estabelecidos pela análise ao evitar sua verificação; depois, surgia uma nova forma de resistência, ou seja, reconhecia-se os fatos, eliminava-se as conclusões deles decorrentes pela via da reinterpretação [*Umdeutung*] para, enfim, evitar o encontro com o que há de chocante na psicanálise. Trata-se do que Freud (1918/2022, p. 634) chamou de “tentativas superficiais ou forçadas de reinterpretação”.

A questão da reinterpretação também pode ser encontrada na conferência *Aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos*, proferida em 1916, durante a guerra. Na ocasião, a sexualidade infantil, parte do fundamento que distinguiria a psicanálise da prática de opositores, foi apresentada por Freud (1916/1996) como uma descoberta que provocou “a mais violenta oposição entre adultos”. Se, num primeiro momento, houve quem não tomasse parte no repúdio às elaborações freudianas em torno do relacionamento “proscrito e tabu” do incesto, como Adler e Jung, estes “compensaram seu débito mais tarde”, ao propor “reinterpretações tortuosas”. A operação de reinterpretação [*Umdeutung*] aparece ainda do lado dos adultos que se esforçam para, em parte, não ver as manifestações sexuais infantis e “disfarçar uma outra parte interpretando erroneamente [*durch Umdeutungen*] a natureza sexual, conseguindo, assim, negá-la em sua totalidade” (Freud, 1916/1996, p. 210).

Neste artigo parte-se de questões e problemas para a psicanálise: em que medida, podemos localizar, ainda hoje, formas de resistência à psicanálise? Seria possível encontrá-las conjugadas na contestação dos fatos apresentados pela psicanálise por parte de quem evita a verificação e reinterpreta os achados considerados chocantes, distorcidos, para responder à moral da época? Interessa identificar num breve percurso por aspectos históricos, metapsicológicos, éticos e clínicos, e apresentar nesta leitura o pedaço

que resiste aos tempos de Freud e ao tempo de agora. Isto é, a sexualidade.

Em *Contribuição à história do movimento psicanalítico*, Freud (1914/2012) nos mostra que a importância da sexualidade infantil só é obtida pela via da análise, retrocedendo dos sintomas às suas fontes, para esclarecer o que pode ser esclarecido e modificar o que talvez possa ser modificado. O psicanalista afirma compreender como alguém, a exemplo de Carl Gustav Jung, chega a resultados distantes da prática analítica: forma-se primeiro uma concepção teórica da natureza das pulsões sexuais para, a partir daí, buscar entender a vida infantil. Segundo Freud, essa seria uma concepção eleita de forma arbitrária ou que atende a considerações “de fora”, arriscando ceder ao “perigo de se tornar inadequada para o âmbito em que se deseja aplicá-la”. Freud demonstrou que o “caminho analítico” leva a dificuldades e obscuridades no tocante à sexualidade, mas “essas não podem ser eliminadas com especulações, têm de persistir até acharem solução através de outras observações ou de observações de outros âmbitos” (Freud, 1914/2012, p. 188-189).

Freud aponta contribuições da escola de Zurique, como a teoria dos complexos, ainda que não dê “tanto valor como fazem outros, menos próximos da questão”, por não poder ser “inserida no conjunto das teorias psicanalíticas”. Freud reconhece que a palavra “complexo” se tornou “popular”, mas de aplicação “abusiva”, em detrimento de “formações conceituais mais precisas”. Falava-se na época sobre “retorno de complexo”, quando se queria dizer “retorno do recalcado”, ou mesmo “tenho um complexo em relação a ele”, quando se queria dizer “uma resistência”, adverte. Freud pontuou como a teoria negligenciou a vida pulsional, permanecendo “tão confusa, opaca e obscura que fica difícil tomar posição a seu respeito” uma espécie de “novo evangelho” que inicia uma “nova era” para a psicanálise e uma “nova visão de mundo” para todos. Contra a fundação da

ética e da religião sobre o campo das pulsões sexuais, postulava-se aí algo “elevado” desde sempre: os “complexos” não significam o que parecem dizer, mas possuem um elevado sentido anagógico, empregado nos raciocínios abstratos da ética e da mística religiosa.

Freud afirmou que Jung buscou eliminar exatamente a parte chocante dos complexos familiares, ao substituir a libido sexual por um conceito abstrato “misterioso e inapreensível para os sábios e os tolos igualmente”. Assim, prescinde do conceito de “complexo de Édipo” para atribuir-lhe um sentido apenas “simbólico”, isto é, a mãe significa o intangível e ao qual se deve renunciar no interesse da cultura; o pai, assassinado no mito de Édipo, é tomado como o “pai interior”, símbolo do qual é necessário se libertar para alcançar a independência. O conflito entre moções pulsionais eróticas, perturbação para o Eu, é substituído pelo conflito entre “tarefa da vida” e a “inércia psíquica”. Além disso, é estabelecida a equivalência entre “consciência de culpa” e a repreensão pelo não cumprimento da “tarefa da vida”.

Em linhas gerais, tratava-se de desvincular libido e sexualidade: negligenciar as pulsões e privilegiar a noção de uma indiferenciada “energia psíquica”. Estava em jogo o rompimento teórico entre Freud e Jung, pois foi atribuído um significado diferente ao conceito de libido, cuja origem não era sexual. Não era possível a Freud seguir esse movimento. Ele considerou a libido como o desequilíbrio original e irredutível da natureza humana, pois satisfações de necessidades implicam também a possibilidade de uma satisfação suplementar, que se desvia do objeto e da finalidade da demanda. O desvio é precisamente o que retira a sexualidade do lugar natural ou preestabelecido.

Por sua vez, Adler, que desconsiderava em sua psicologia individual o caráter pulsional da sexualidade e o próprio inconsciente, aparece em *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (Freud, 1914/2012) festejado pelos seguidores como o Messias.

Autor do que Freud nomeou como “pedagogia médica”, Adler desenvolveu um “sistema” que nega as moções libidinais para favorecer os componentes pulsionais do Eu, recorrendo a uma “racionalização” para “o motivo inconsciente”. Na teoria do “protesto masculino” configura o que distingue em definitivo a “psicologia individual” da psicanálise. Nas palavras de Freud, Adler se situa tão completamente na ciumenta “estreiteza do Eu”, que considera apenas as moções pulsionais agradáveis ao Eu e por ele promovidas. Precisamente o elemento perturbador da pulsão sexual não foi considerado.

Para Freud, nas elaborações tanto de Jung quanto de Adler, trata-se da criação de um “novo sistema ético-religioso” destinado a “reinterpretar, desfigurar ou remover os resultados da análise”. Ambos decidiram ignorar a “melodia primordial” das pulsões, ao preço de se afastarem da ética psicanalítica. A investigação do singular foi para o segundo plano e em seu lugar foram colocados “julgamentos cujos pontos de referência são oriundos da investigação antropológica”, resultando numa espécie de recusa na investigação do passado para enfatizar o presente. Uma metafísica do presente, para a qual “o essencial não é absolutamente o casual e pessoal, mas o geral – justamente a não realização da tarefa da vida”.

Se, para Freud, o conflito presente é abordado em referência à “pré-história”, pela via do caminho que a libido percorreu no adocimento, a “nova terapia zuriquense” negligenciava o passado e a transferência, como atesta um testemunho apresentado por Freud (1914/2012, p. 230):

Dessa vez não houve atenção ao passado e à transferência. Sempre que acreditei perceber essa última, ela foi considerada apenas um símbolo libidinal. O ensinamento moral era bonito e eu o segui fielmente, mas não avancei nada. Para mim, a coisa era ainda mais desagradável do que para ele, mas que podia eu fazer? [...] Em vez de liberar analiticamente,

cada sessão trazia novas grandes exigências, que tinham de ser cumpridas para se superar a neurose; por exemplo, concentração interior por meio de introversão, aprofundamento religioso, nova vida em comum com minha mulher em amorosa dedicação etc. Isso estava além de minhas forças, implicava uma radical transformação interior. Deixei a análise na condição de pobre pecador, com fortes sentimentos de contrição e excelentes propósitos, mas, ao mesmo tempo, profundamente desencorajado. O que ele me recomendava, qualquer pastor me teria aconselhado; mas de onde tirar a força para aquilo?

Nesse sentido, as pulsões, o inconsciente e o recalque foram alguns dos fundamentos escolhidos por Freud para distinguir a prática da psicanálise daquela apresentada pelos opositores que adotaram a via da reinterpretação como operação de disfarce do que há de chocante em suas descobertas. A metáfora utilizada por Freud é a da faca de Lichtenberg: mudam o cabo e colocam aí uma nova lâmina; uma vez que nela está gravada a mesma marca, esperam que acreditem que temos o mesmo utensílio. A situação é complexa. Por um lado, Freud é demonizado ao tratar da sexualidade infantil “perverso polimorfa”, das pulsões sexuais, do recalque e do inconsciente. Contesta-se a realidade dos fatos estabelecidos pela análise e, ao mesmo tempo, é evitada sua verificação sob acusações de cunho pessoal. Sua teoria das pulsões, as elaborações em torno da força “daimoniaca” pulsional na determinação da repetição e do destino, formulações obscuras exigidas pelo próprio objeto do qual se ocupa a psicanálise, tocavam em pontos que os adultos preferem disfarçar ou reinterpretar. Assim, a própria psicanálise assume um aspecto infamiliar (*unheimlich*) e demoníaco (*daimonisch*) ao abordar o que a moral cristã procurava rejeitar por considerar “desejos maus”. Para Freud (1923/2019, p. 217), os demônios eram “derivados de moções pulsionais rechaçadas, recalçadas”.

Por outro lado, encontramos a segunda forma de resistência, talvez mais eficaz: reconhece-se os resultados da psicanálise para disfarçá-los por meio de reinterpretações que tornem menos intragável sua recepção, evitando o choque com o qual pode nos surpreender. As estratégias de Jung e de Adler abriram esse caminho, cada um a seu modo, negligenciando dimensão perturbadora das pulsões sexuais e com ela conceitos como transferência, recalque e inconsciente. Atualmente, encontramos tentativas de reinterpretação que recorrem ao campo das neurociências, da matemática, da linguística, além do velho recurso a certa antropologia, já destacado por Freud em sua época. São tentativas que se apresentam, tal como antes, como uma exigência que tornaria mais palatável a recepção por parte do público.

Retornamos à epígrafe deste artigo, com um trecho do texto *Psicologia das massas e análise do Eu* (Freud, 1921/2020, p. 165). A abordagem freudiana insiste no ponto em que se deve evitar concessões à covardia, ao argumento de que primeiro cede-se nas palavras e, por fim, cede-se na própria coisa. A que Freud se refere? Precisamente à sexualidade. Freud respondeu com firme rigor e oposição aos comentadores que propunham atenuar as ressonâncias dos fundamentos das “pulsões sexuais”, substituindo-as pela ideia mais nobre da palavra grega “Eros”, ao mesmo tempo em que faziam à psicanálise acusações de pansexualismo. Para Freud, não se deve ceder da palavra “sexualidade”.

É no primeiro parágrafo do texto sobre a técnica da psicanálise *Construções na análise*, que Freud (1937/2017, p. 365-372) responde ao autor da crítica de que o analista tem sempre razão. Note-se, antes de mais nada, que “construções na análise” é uma escrita sobre a técnica, que poderíamos arriscar, e inferir que coincide com o método científico. Mas, de fato, a causa de uma psicanálise não é tão somente de técnica; é também sobre ética e sobre política. “Cara eu ganho, coroa você perde”, trata-se de uma expressão,

e aposta para ver quem será o vencedor do jogo. Isso significa que, se o analisante concorda, estamos com a razão, mas se discorda, é um sinal de resistência. Nesse sentido, estamos com a razão. No entanto, pode-se jogar cara ou coroa, mas para o inconsciente não se trata de um jogo ao acaso. Freud (1901/2023, p. 331) demonstrou exatamente que não há nada de arbitrário ou indeterminado no inconsciente. Além disso, não foi suficiente para refutá-la o aforismo muito citado de Kraus (1919 *apud* Gay, 2012, p. 454): “a psicanálise é a doença cuja cura a própria pretende ser”.

Freud demonstrou que o analista não atribui ao SIM ou ao NÃO um valor nominal ou critérios de validade. O SIM, pode ter muitos significados; pode indicar reconhecimento, por outro lado, pode ser desprovido de significados e até mesmo ser falso. O NÃO é ainda mais polissêmico; pode ser a expressão de uma rejeição, resistência ou se originar de outro fator da situação analítica. É nesse sentido que não prova nada diretamente em relação à construção. O importante se apresenta indiretamente por meio de associações, ideias ou pensamentos que ocorrem na associação livre [*Einfall*].

Nesse ponto, podemos observar que o analisante participa da construção, pois a única regra do tratamento psicanalítico é falar tudo, qualquer coisa que ocorra, mesmo que seja imprópria. A construção é sempre incompleta, traz à tona contradições e abarca apenas um fragmento. Trata-se apenas de um pedaço do acontecimento esquecido. Isso significa que é uma suposição a ser esclarecida, o que o analista faz é inferir. Mas o que se reconstrói? Os anos de vida esquecidos, o passado, uma partícula da história, sob efeitos de ocorrências na análise.

Qual a resposta dos sujeitos às construções que lhes ocorrem na análise? Um detalhe que surpreende é que a construção opera entre os efeitos nos sujeitos, que são as respostas do inconsciente, operam no rastro de um material em queda, de palavras mesmo,

pedaços de significantes. A palavra “construção” poderia ainda causar a falsa ideia de totalidade, mas trata-se de uma construção que se faz por pedaços, sinalizando a evidência de que há um resto sintomático irreduzível ao sentido. A construção ocorre em um processo temporal. Verifica-se que Freud (1937/2017, p. 375) constatou que apenas o movimento de “continuidade”, no processo de análise, poderá trazer a decisão sobre a correção ou a inutilidade de uma construção, pois a técnica é passível de verificação, comprovação ou descarte. Além disso, afirmou Freud, não se trata de exigir concordância, autoridade ou debater, pois, ao longo dos acontecimentos, as coisas podem se esclarecer. A construção é um método que se passa entre teoria, clínica, ética e política. Porém, certamente o autor da crítica não verificou tais fundamentos científicos. Para uma construção na análise, espera-se o seguinte do analista, vejamos em Freud (1937/2017, p. 375):

Mas essas reações do paciente geralmente têm múltiplos significados e não permitem uma decisão definitiva. Apenas a continuidade da análise poderá trazer a decisão sobre a correção ou a inutilidade da nossa construção. Entendemos a construção individual como nada mais que uma suposição, que aguarda a verificação, a comprovação ou o descarte. Não pleiteamos autoridade para ela, não exigimos do paciente nenhuma concordância imediata, não debatemos com ele quando ele inicialmente rebate. Em suma: comportamo-nos segundo o modelo de Nestroy, o criado da casa, que tem uma única resposta pronta para todas as perguntas e intervenções: “ao longo dos acontecimentos, tudo será esclarecido”.

Ao responder de forma detalhada e séria a crítica de que a psicanálise tem sempre razão, ao final da terceira parte do texto *Construções na análise*, Freud (1937/2017, p. 379) afirma que “construções na análise são equivalentes aos delírios”. É importante o

leitor notar o refinamento intelectual, a elegância final de Freud, na perspectiva de que para além do debate com os opositores, a fim de defender a psicanálise, escreve Jacques-Alain Miller (1996, p. 93), Freud insere na teoria as respectivas complexidades. É preciso observar que, no início da escrita do texto, Freud (1937/2017, p. 369) mostrou que o trabalho de reconstrução apresentou certa coincidência com o trabalho do arqueólogo, seja nas escavações, seja ao trabalhar com os restos. Porém, sabemos que o analista, diferentemente do arqueólogo, dispõe de material vivo e isso significa que o material psíquico ficou preservado, não é suscetível de destruição total. O objeto psíquico é incomparavelmente singular e complicado, a metáfora arqueológica que Freud propôs falha. No entanto, ao fim do texto, Freud afirma a equivalência entre formações delirantes e as construções na análise.

O que é uma construção na análise equivalente ao delírio? Para reforçar a passagem de construções como delírios, recorro à proposição de Lacan (1966/2003, p. 211), em que diz que, se compreendermos² os efeitos de uma interpretação, não é uma interpretação psicanalítica, basta ter sido analisado, ou ser analista para saber disso. O delírio prescinde da compreensão de sentidos.

A psicanálise não recusa o impossível de escrever; a experiência de uma análise ocorre próxima à experiência da pulsão. O que é a evidência para a psicanálise? Para inferir em relação à pergunta colocada, não encontramos o Real como evidência, mas como pedaço. Em vez de completar a consistência imaginária de uma construção do que poderia ser evidente, a faz furar. O Real não é um mundo, nem uma ordem, é um pedaço,

um fragmento separado do saber ficcional, afirma Miller (2014, p. 30).

O sexual é o lugar do conflito. Freud demonstrou que a psicanálise tensiona dificuldades e obscuridades sobre a sexualidade, ponto em que foi demonizado. Com efeito, a psicanálise nunca se resignou a propósitos terapêuticos de adaptação social, pois o Real não corresponde a nenhuma normatização. O que interroga sobretudo os sujeitos, em sua singularidade irreduzível? O que a sexualidade interroga os sujeitos? Uma análise procede levando o sujeito a construir e falar em “palavras” o que ocorre no corpo. O corpo é superfície em que acontecem³ coisas, no qual advêm os efeitos do impacto dos significantes. Pois não é a imagem, não é a anatomia que permitem fundar a relação do sujeito com o sexual. Mas é o dizer de cada um, na dimensão pulsional. Sabemos que o campo do Real na psicanálise, é o campo da sexualidade, o impossível de ser escrito, mas a psicanálise insiste exatamente escrevendo-o. Para Alenka Zupančič (2022, p. 29), o lugar central da sexualidade na psicanálise foi, e permanece sendo, um problema. E não desistir do lugar da sexualidade constitui a condição *sine qua non* de qualquer posição psicanalítica.

Mas o que é o sexual? O que ainda se faz perturbador na descoberta freudiana, escreve Zupančič (2023, p. 18), não é a sexualidade em si, essa resistência indignada com psicanálise, logo marginalizada pelo liberalismo moralmente progressista. Muito mais perturbador em Freud é a tese sobre o aspecto sempre problemático e incerto da própria sexualidade, um fator de desorientação radical. Para os vitorianos que diziam “o sexo é sujo”, Freud não respondeu: “Não, não é sujo,

2. Para Iannini (2017, p. 51), a compreensão é coextensiva ao sentido, ao passo que a verdade funciona como seu limite exterior. Compreender é colaborar com as resistências, pois fornece sentido no ponto em que o trabalho deveria ser exatamente de esvaziar e por fixar no eixo intersubjetivo as miragens narcísicas. É importante uma abordagem não compreensiva dos fatos clínicos.

3. O sintoma é para Lacan “acontecimento de corpo”, expressão utilizada no seminário sobre Joyce, refere que os efeitos do gozo advêm como resultado do impacto do significante no corpo. A significação não é a totalidade do sintoma; é preciso considerar a radicalidade da dimensão pulsional.

é natural”. Mas perguntou: “O que é esse sexo do qual vocês estão falando?” Nesse sentido, a resistência mais poderosa é tratar a sexualidade como “atividade natural”. O sexual é precisamente o operador do inumano, o operador da desumanização. Freud mostrou que o sexual, não é, portanto, o que nos torna humanos; é antes o que nos torna sujeitos.

Para Zupančič (2023, p. 39), quando se fala de psicanálise hoje, há uma redução sistemática em relação ao tema da sexualidade. Essa preocupação que já ocorria para Freud, no ponto em que não se deve ceder da palavra “sexualidade” e da própria coisa mesmo, isto é, as “pulsões sexuais”. Até que ponto se trata de uma defesa contra a sexualidade na teoria freudiana? Na perspectiva de que a sexualidade é descartada, ocorre mais ainda na produção e na proliferação de sentido sexual, é colocada às margens e se busca outros conceitos, por exemplo, mais-de-gozar. Ocorre que a sexualidade está intrinsecamente ligada ao inconsciente. Note-se que Freud demonstrou sua teoria do sexual ao verificar os fracassos terapêuticos. Em outras palavras, os sentidos da sexualidade produzidos pelo inconsciente foram revelados, conexões foram restabelecidas e reconstruídas, porém os sintomas persistiram. Observa-se, que, tal como nas primeiras descobertas de Freud sobre a sexualidade infantil, no que faz a criança ao chupar o próprio dedo, “as crianças são seres sexuais”, agora encontramos dificuldades, censuras, incômodos e desvios para dizer de sexualidades. A causa da psicanálise avançou com resistência, e críticas por toda parte, mas será exatamente a sexualidade o pedaço de Real, entre o tempo de Freud e este tempo de agora? Por que psicanálise?

Abstract

This article is written “Between sexuality and the Real: why psychoanalysis”. It starts from questions and problems for psychoanalysis: to what extent can we locate, even today, forms of resistance to psychoanalysis? Is it interesting to identify and present, in a brief journey through historical, metapsychological, ethical and clinical aspects, the “piece” that remains, from Freud’s time, to the current time. What “piece” of Real is this, in psychoanalysis, which never ceases to remain? To what extent is sexuality still discarded, diverted and avoided? The cause of psychoanalysis advanced with resistance, but is it exactly sexuality in its problematic and uncertain aspect, the “piece” of Real that resists, between Freud’s time and this time now? Freud insisted on the point that concessions to cowardice must be avoided, the argument that, first, one gives in to words, and, finally, one gives in to the thing itself. Why psychoanalysis?

Keywords: Sexuality, Constructions in analysis, Psychoanalytic movement, Real.

Referências

- BARROS, J. A. A demonização de autores. In: _____. *A construção da teoria nas ciências humanas*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- FREUD, S. Conferência XIII: Aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos. In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (Partes I e II) (1915-1916)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 201-214. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 15).
- FREUD, S. Construções na análise (1937). In: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- FREUD, S. Contribuição à história do movimento psicanalítico (1914). In: _____. *Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 245-342. (Obras completas, 11).
- FREUD, S. Da história de uma neurose infantil (caso Homem dos Lobos) (1918). In: _____. *Histórias clínicas: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica*. Tradução: Tito Lívio Cruz Romão. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- FREUD, S. Determinismo, crenças no acaso e na superstição - considerações (1901). In: _____. *Psicopatologia da vida cotidiana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). In: _____. *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros textos*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 99-135. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- FREUD, S. Uma neurose demoníaca no século XVII (1923). In: _____. *Neurose, psicose, perversão*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- IANNINI, G. Introdução à psicopatologia lacaniana. In: _____. *Psicopatologia lacaniana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LACAN, J. Respostas a estudantes de filosofia (1966). In: _____. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 210-218. (Campo Freudiano no Brasil).
- MILLER, J.-A. Marginália de “Construções em análise”. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 17, p. 92-107, 1996.
- MILLER, J.-A. *Um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.
- PASTERNAK, N.; ORSI, C. *Que bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*. São Paulo: Contexto, 2023.
- ZUPANČIČ, A. *O que é sexo?* Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- ZUPANČIČ, A. *Por que psicanálise? Três intervenções*. São Paulo: LavraPalavra, 2022.

Recebido em: 29/11/2023

Aprovado em: 12/12/2023

Sobre os autores

Fillipe Doria de Mesquita

Psicanalista.

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Especialista em clínica psicanalítica na atualidade: contribuições de Freud a Lacan pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

Mestrando em estudos psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: fillipedoria@gmail.com

Scheherazade Paes de Abreu

Psicanalista.

Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Mestranda em estudos psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: scheherazade_abreu@yahoo.com.br

A pulsão de morte na escultura da vida

Death Drive in the Sculpture of Life

Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

O objetivo deste artigo é traçar um paralelo entre o livro de Jean-Claude Ameisen *La Sculpture du vivant: le suicide cellulaire ou la mort créatrice* e alguns conceitos freudianos tais como pulsão de morte e herança filogenética. Procurou-se apresentar as semelhanças entre aspectos da biologia atual e os conceitos freudianos de mais de 100 anos.

Palavras-chave: Pulsão de morte, Suicídio celular, Pulsão de vida.

*Viver é trazer, no mais profundo de si,
a potencialidade de morrer.*
Ameisen, 2007, p. 329.

Introdução

Meu interesse em retomar a discussão sobre um ponto tão controverso na teoria psicanalítica como o estatuto da pulsão de morte [*Todestrieb*] deveu-se à possibilidade de compreender esse conceito freudiano sobre outro ângulo: a pulsão de morte como o grande escultor da vida. Sem essa tendência [*Trieb*] presente em tudo que é vivo para voltar a um estado anterior à vida. O que chamamos de vida simplesmente não existiria. Esta contextualização ajudaria igualmente a problematizar a ideia segundo a qual a pulsão de morte, talvez pela sua compulsão à repetição, levaria à destruição, argumento utilizado por alguns psicanalistas. O recurso a outras posições teóricas, como as apresentadas no livro de Jean-Claude Ameisen (2007), é extremamente necessário para avançar a discussão sobre a participação da pulsão de morte na escultura da vida.

Como escreve Freud (1926/1996, p. 278) em *A questão da análise leiga*, o contato com

diferentes áreas do conhecimento é indispensável para a formação do analista:

A instrução analítica abrangeria ramos de conhecimento distantes da medicina e que o médico não encontra em sua clínica: a história da civilização, a mitologia, a psicologia da religião e a ciência da literatura. A menos que esteja bem familiarizado nessas matérias, um analista nada pode fazer de uma grande massa de seu material.

No livro *La Sculpture du vivant: le suicide cellulaire ou la mort créatrice* [*A escultura do vivo: o suicídio celular ou a morte criativa*], que marcou data no início do século XXI,¹ Jean-Claude Ameisen (2007) faz considerações inquietantes e, ao mesmo tempo,

1. Jean-Claude Ameisen é membro da Comissão Francesa para a Unesco, do Conselho Científico da *Cité des Sciences* e do Conselho Científico do Internacional do Colégio de Filosofia.

revolucionárias sobre a participação da morte no surgimento da vida. Embora o assunto não seja exatamente novo, o livro de Ameisen nos apresenta o universo da morte celular com uma força que produz uma experiência estética. À beleza do fenômeno descrito, há que acrescentar o primor da escrita, permeada de riquíssimas metáforas, passando por mitos gregos e textos clássicos, que mostram que a história dos corpos é, ao mesmo tempo, a história da nossa cultura. Nesse livro, que evoca áreas insuspeitadas para a reflexão filosófica, o biólogo e o artista se confundem (Chemillier-Gendreau; Silveira).

O livro de Ameisen nos conduz a uma viagem. Uma viagem dentro de nós mesmos, de nossas células, de nossos genes. Um mergulho ao início de nossa existência, ao suicídio celular e ao trabalho que esculpe nosso corpo em formação; e um mergulho em um passado muito distante, através de centenas de milhões de anos, em busca das origens do estranho e paradoxal poder da autodestruição que caracteriza a vida. Enfim, a leitura do livro nos transporta a uma das mais belas aventuras da biologia de nosso tempo.

Como qualquer exploração ao desconhecido, o livro desvela paisagens de intensa beleza, mostrando o quanto a ciência pode entrar em ressonância com nossas perguntas mais íntimas e mais antigas.

A fragilidade de nosso narcisismo, que se crê imortal, reluta em aceitar que a morte é inseparável da vida, e a ideia de uma autodestruição programada provoca questões complexas que abalam nossas crenças mais enraizadas. Como conceber, por exemplo, que a ocorrência de várias doenças, incluindo o câncer, está ligada a perturbações nos mecanismos que controlam o suicídio celular?² O desencadeamento

anormal, ou excessivo, do suicídio celular desempenha um papel essencial no desenvolvimento da maioria das patologias (Ameisen, 2003). A vida passa a ser pensada como um esforço constante de se afastar de algo inevitável (a morte), da qual não há como fugir.

O percurso de Ameisen (2007, p. 15) é de peso:

De uma forma perturbadora, contraintuitiva e paradoxal, um evento até então percebido como positivo – a vida – parece resultar da negação de um evento negativo – a autodes-truição. E um evento até então percebido como individual, a vida, parece exigir a presença contínua de outros – só pode ser concebido como uma aventura coletiva.

As conclusões e as hipóteses que o autor avança sobre a morte celular programada ou suicídio celular (apoptose³) solidamente apoiadas em anos de pesquisa como professor de imunologia na Universidade de Paris-VII, Faculdade de Medicina Xavier-Bichat, são mundialmente reconhecidas e obrigaram a ciência, em particular, a biologia, a repensar a ideia naturalmente aceita de que a oposição entre vida e morte é evidente para exigir reflexões mais detidas (Ameisen, 2001, 2002, 2002b, 2007).

O livro de Ameisen nos remete de imediato a uma das bases centrais do pensamento de Freud: a pulsão de morte e a presença da herança filogenética que nos molda e nos constitui.

A existência do suicídio celular evoca um dos textos freudianos mais polêmicos e inquietantes, cujas ideias continuam a gerar controversas e ascetismo tanto na comunidade psicanalítica quanto em pesquisadores

2. A noção de “suicídio celular é ambígua e se presta à confusão entre o próprio ato de matar (o qual a célula realmente realiza) e a “decisão” de se matar, que guarda enorme dependência entre as interações da célula e do meio-ambiente (Ameisen, 2003).

3. Nome usado para designar, no grego antigo, a queda das folhas no outono, um fenômeno de morte natural e inevitável. Trata-se de uma das manifestações mais típicas e mais frequentes do suicídio celular, embora não seja a única.

em geral: *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920/2020).

Antes de avançar nossas reflexões sobre o livro de Ameisen, faremos breves considerações sobre o *Além do princípio de prazer*, assim como de nossa herança arcaica, que nos parecem pertinentes. Muitas delas já foram trabalhadas por outros autores (Campos, 2021; David-Ménard, 2015; Delouya, 2020; Winterstein, 2021; Cromberg, 2020).

Além do princípio de prazer

O *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920/2020) é considerado um divisor de águas, que marca um antes e um depois na psicanálise. Ali são apresentados importantes aspectos do funcionamento e dos conflitos humanos, o que pode, sem dúvida, ser considerado como uma nova teoria sobre as paixões [*páthos*] que conduzem a alma. Ao mesmo tempo fascinante e desconcertante, o ensaio introduz conceitos que continuam a causar controvérsias e desacordos: a existência de dois impulsos [*Trieb*]⁴ fundamentais: o de vida (Eros) e o de morte (Tânatos). Eros é a força que busca a união, a conservação e a criação; Tânatos é a força que busca a separação, a destruição e o retorno ao estado inanimado.

O próprio Freud parece relutante em aceitar a concepção da pulsão de morte, como se lê na *Carta 92*, endereçada a Pfister:

A pulsão de morte não é uma exigência de meu coração, considero-a apenas como uma concepção inevitável, tanto em termos bio-

lógicos, como lógico-psicológicos. O resto é consequência disso (Freud, 1909-1939/1966, p. 191).

A grande novidade do texto de 1920 é constatar a existência de impulsos [*Trieb*] que levavam à estagnação: Freud os nomeou pulsões de morte [*Todestrieb*]. Tais pulsões buscariam a paz, isto é, uma tendência que eliminaria a estimulação do organismo. Seu trabalho teria como objetivo a falta do novo, a falta de vida, ou seja, a morte: o que Piera Aulagnier (2011), chama de “desejo e não desejo”.

A introdução da pulsão de morte evidencia o conflito presente em todo e qualquer organismo vivo: o anseio pelo retorno ao inorgânico, ao estado de não vida, aquele que existia antes da vida e, dialeticamente, indica a presença de uma força, a pulsão de vida, que busca prolongar a vida e garantir “que o organismo só quer morrer à sua maneira” (Freud, 1920/2020, p. 139). As pulsões de vida e de morte passam a ser princípios gerais que regem o funcionamento não só da vida psíquica, mas também de toda vida orgânica, presente nos animais, nas plantas e nos organismos unicelulares.

A argumentação vertiginosa de Freud sobre experiências aparentemente desconexas – sonhos traumáticos, neurose de guerra, brincadeiras infantis, a impressão de que repetimos um enredo e tantos outros – culmina na revisão de um dos fundamentos centrais da psicanálise: a primazia do princípio de prazer como regulador do funcionamento psíquico, o que leva Freud a repensar conceitos da psicanálise e, em particular, o binômio prazer/desprazer.

A compulsão à repetição abala a solidez da primazia do princípio de prazer, pois nos leva a repetir situações traumáticas ou dolorosas. Essa compulsão confere sentido trágico à existência: o sujeito não consegue deixar de vivenciar ciclicamente determinado tipo de situação, como bem ilustra a

4. A tradução de *Trieb* por pulsão, sugerida por Lacan, não deixa de ser problemática e muitas vezes dificulta a compreensão da abrangência semântica do termo alemão. Uma das melhores discussões sobre a *Trieb* encontra-se em *O mal-estar na cultura* (Freud, 1930/2010, p. 59), da editora L&PM. Nessa edição, o tradutor Renato Zwick emprega o termo “impulso” que, sem dúvida, é bem mais perto do proposto por Freud. Manteremos, contudo, a palavra “pulsão” por ser a mais conhecida do público brasileiro.

tragédia de Édipo. Embora a compulsão à repetição seja uma forma de tentar dominar o trauma, ela representa também uma expressão da pulsão de morte.

A clínica leva Freud a constatar que, em muitos sujeitos, o recalçado, em vez de per-laborado [*Durcharbeiten*: trabalhar através], retorna como uma experiência carregada de angústia. Premidos pela compulsão à repetição, repetem situações dolorosas de sua vida, de suas relações e seus comportamentos, provocando um profundo mal-estar. O prazer aí produzido não segue as diretrizes do princípio do prazer: “[...] encontramos a coragem para supor que realmente exista na vida anímica uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer” (Freud, 1920/2020, p. 97).

A pulsão de morte levaria igualmente à ausência de desejo de mudança, posto que o que é buscado é sempre um retorno a estados anteriores: desejo de não desejo (Aulagnier, 2011), como já postulado. Pressionado por forças perturbadoras externas, o organismo buscaria (repetiria) um objetivo antigo ainda que por caminhos novos, levando-o a fazer *détour* da função conservadora para lograr a meta final de conservação: “esses tortuosos caminhos para a morte, fielmente seguidos pelas pulsões de conservação, nos apresentariam hoje, portanto, o quadro dos fenômenos da vida” (Freud, 1920/2020, p. 49).

As lembranças (traumáticas) não rememoradas na análise são atuadas na transferência, transformando a neurose primitiva em neurose de transferência. A compulsão à repetição não é uma forma de resistência, pois o inconsciente não resiste. Se existe resistência, ela vem do Eu, ou mesmo do analista que, sob a domínio do princípio de prazer, tenta evitar o desprazer (Freud, 1914/2017).

O novo dualismo pulsional (pulsão de morte *versus* pulsão de vida) redefine, em termos metapsicológicos, a organização do aparelho psíquico, assim como o

entendimento da primeira teoria das pulsões sem, contudo, anulá-la.⁵

A segunda parte do texto, organizada a partir da observação empírica de dois casos – neurose de guerra e brincadeira infantil –, mostra que o princípio de prazer não explica as ações em que se busca pelo desprazer e não pelo prazer. Ali também são acentuadas as relações entre o aparelho anímico e as influências do mundo exterior. Para Freud (1920/2020, p. 85), há “tendências que seriam mais primevas que ele (o princípio de prazer) e independentes dele”. Freud trabalha aspectos que se mantêm e se manifestam recorrentemente em vivências marcando, assim, uma passividade sobre o seu próprio destino.

É no capítulo V do texto que Freud sistematiza sua nova concepção de pulsão: “[...] uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior” (Freud, 1920/2020, p. 131). A pergunta que se segue é de peso: qual é a natureza conservadora do ser vivo que toda pulsão busca restabelecer? Freud não deixa dúvidas: o retorno ao estado inorgânico, inanimado, ou seja, a morte.

O capítulo VI do texto requer fôlego e é de uma atualidade desconcertante. Ali Freud fundamenta sua análise em princípios biológicos: os estudos da biologia parecem indicar que todo organismo vivo caminha para a morte, e a biologia é “verdadeiramente, um reino de possibilidades ilimitadas; dela podemos esperar esclarecimentos os mais surpreendentes e não podemos adivinhar que respostas ela daria” (Freud, 1920/2020, p. 195). O texto de Ameisen corrobora admiravelmente pontos de vista de Freud postulados há mais de cem anos, resultantes de seus estudos, sobretudo na neurociência e na biologia de sua época.

5. Na primeira teoria das pulsões, o conceito de pulsão condensa o biológico e o psíquico. As pulsões traduzem a vida do corpo no psiquismo; são o motor da vida psíquica. No animal humano, os representantes ideativos dão voz às pulsões, transformando o sexual em psicosexual (Ceccarelli, 2017).

Após esse percurso impressionante, Freud retoma a discussão sobre o princípio de prazer e conclui que não existe oposição entre os processos psíquicos apresentados. E embora o binômio prazer-desprazer não nos apresente uma explicação exaustiva do aparelho psíquico, ele não é, em absoluto, anulado.

Finalmente, o texto nos mostra, já o dissemos, que a vida é o resultado dialético entre um o impulso para retornar à não vida [*Todestrieb*], ao qual todo organismo inexoravelmente chegará, e a tendência [*Lebenstrieb*] a que o organismo morra à sua própria maneira (Freud, 1920/2020).

A herança arcaica

O interesse de Freud pela biologia e pela herança filogenética, que nos molda e nos constitui, está presente ao longo de toda a sua obra: “para o psiquismo, o biológico realmente tem o papel de fundo” (Freud, 1937/2017, p. 361).

O desenvolvimento bifásico da vida sexual do homem leva Freud a especular que “algo momentoso deve ter ocorrido nas vicissitudes da espécie humana” (Freud, 1926/1976, p. 179). Esse “precipitado histórico” representa a “herança do desenvolvimento cultural tornado necessário pela época glacial” (Freud, 1923/1976, p. 50).

No rascunho datado de 1915 e encontrado em 1983, *Neuroses de transferência: uma síntese*, Freud (1987, p. 10) escreve: “o quanto à disposição filogenética pode contribuir para a compreensão das neuroses, não podemos ainda estimar”. A partir dessa afirmação ele diz que “as neuroses devem também dar testemunho da história do desenvolvimento anímico do ser humano”:

[...] tem-se aqui a impressão de que a história do desenvolvimento da libido recapitula uma porção muito mais antiga do desenvolvimento filogenético do que aquela do eu; a primeira repete talvez as condições de vida da genealogia dos vertebrados, enquanto a última

é dependente da história da espécie humana (Freud, 1987, p. 11-12).

Em *Neuroses de transferência: uma síntese*, Freud (1987) entende que os diferentes quadros neuróticos acompanham o surgimento na vida do indivíduo: à *Angstneurose*, a mais precoce, segue-se a histeria de conversão (que pode ser desencadeada a partir dos quatro anos de idade), a neurose obsessiva (por volta dos nove anos), da demência precoce, ou esquizofrenia, na puberdade). Esse quadro termina, na maturidade, com a paranoia e a melancolia-mania que, na atualidade, recebe o diagnóstico de transtorno bipolar.

A hipótese segundo a qual as neuroses testemunham a história do desenvolvimento da alma humana, faz do sofrimento psíquico um afeto geneticamente herdado, causado pelo excesso. Freud resgata a noção grega de *pathos*, colocando-a como ingrediente central da essência do humano: a particularidade da organização psíquica de cada um deve ser compreendida como uma criação singular e única para garantir a sobrevivência da espécie (Freud, 1987). Com recurso à filogênese, o inato é adquirido tanto pelo indivíduo quanto pela espécie.

Todos os elementos fundadores do desenvolvimento psicosssexual – as ambivalências emocionais, a agressividade, a severidade do superego, os elementos constitutivos do complexo de Édipo, a angústia de castração, o acervo das fantasias primitivas, bem como outros tantos elementos fundadores e fundantes no desenvolvimento psicosssexual – todos eles, sem exceção, são trabalhados a partir da herança da espécie (filogenética). E mesmo em seus textos mais tardios, como *O mal-estar na cultura* (Freud, 1930/2016), continua presente a importância atribuída ao ponto de vista filogenético.

Em um dos seus últimos escritos, *O homem Moisés e a religião monoteísta*, Freud (1939/2013, p. 142) apresenta pontos em comum entre herança filogenética e os instintos nos animais, o que permite diminuir o

abismo aberto outrora pela arrogância do ser humano.

Se os chamados instintos dos animais, que lhes permitem se comportar desde o início, numa nova situação vital como se ela fosse uma situação antiga há muito conhecida, se essa vida instintiva dos animais admite mesmo uma explicação, só pode ser a de que trazem as experiências de sua espécie para a nova e própria existência, ou seja, que conservaram em si as lembranças daquilo que seus antepassados experimentaram. No animal humano as coisas não seriam no fundo diferentes. Sua própria herança arcaica corresponde aos instintos dos animais, ainda que tenha outras proporções e outro conteúdo.

A morte criativa

Não é nada agradável admitir que nossas células têm o poder de se autodestruir em poucas horas. A sobrevivência delas, ou seja, nossa própria sobrevivência, assim como nosso envelhecimento, depende da capacidade de percebermos os sinais que o meio ambiente e a linguagem emitem: só assim, conseguimos conter o desencadeamento de nossa autodestruição.

A fragilidade e a interdependência que nos dá origem têm o poder formidável de levar nosso corpo a se reconstruir constantemente. A imagem antiga da morte, assim como um cortador brutal, transformou-se em uma imagem radicalmente nova: a de um escultor que, no coração do vivo, mostra sua forma e complexidade. Essa nova visão perturba a ideia que temos da vida, permite uma reinterpretação das causas da maioria de nossas doenças, dá luz às novas esperanças do nosso tratamento e transforma nossa compreensão do envelhecimento: cada um de nós é uma nebulosa viva, um povo heterogêneo de bilhões de células, cujas interações engendram nosso corpo e nosso espírito. “Viver, para cada célula que compõe nosso corpo, é, a cada momento, ter sido capaz de reprimir o disparo do suicídio” (Ameisen, 2007, p. 104).

A morte celular esculpe o nosso sistema imunológico, adaptando-o à nossa identidade, e selecionando sua diversidade inicial. O destino de cada célula está na sua capacidade de desencadear ou reprimir a autodestruição, apoiando-se em interações passadas e presentes com o ambiente.

A dialética freudiana entre a pulsão vida e a pulsão de morte é retomada magistralmente por Ameisen (2003, p. 111):

Talvez o poder de autodestruição tenha sido, desde o início, uma consequência inevitável do poder de auto-organização que caracteriza a vida. Viver, se construir e reproduzir-se constantemente significa lançar mão de ferramentas capazes, ao mesmo tempo, de provocar a morte e de reprimi-la. E os instrumentos que levaram à vida podem, desde sua origem, provocar a morte.

A própria ideia de morte celular pode ser entendida como uma tendência de retornar ao inorgânico (pulsão de morte), enquanto os mecanismos que adiam a morte celular seriam uma expressão da pulsão de vida. O suicídio celular seria, então, uma forma de o organismo morrer por seus próprios meios, enquanto a interrupção desse suicídio levaria a uma morte antes do tempo, isto é, uma volta prematura ao inorgânico.

A sua maneira, Ameisen (2003, p. 110) atesta a presença da pulsão de vida e da pulsão de morte em tudo que é vivo: “Hoje, sabemos que o suicídio celular está em ação em todos os animais e plantas que puderam ser estudados, e cujos primeiros ancestrais apareceram, provavelmente, há milhares de anos”.

Aplicando os princípios da evolução biológica e da morte celular, Ameisen (2007) analisa a história humana considerando a sua origem, a diversificação e a dispersão pelo planeta, assim como as diferentes formas de interação com a natureza, sempre valorizando e respeitando a diversidade étnica e cultural humana. Constata igualmente o quanto somos transitórios, e a desmedida de

nossa soberba ao atribuírmos uma importância descabida a nossa presença no cosmos.⁶

Cada uma de nossas células constituiu uma sociedade heterogênea e complexa: cada uma nasce, dá à luz a descendentes, envelhece e depois morre. Ameisen (2002) retoma a seu modo o conceito freudiano de série complementares.

A importância das filogêneses está amplamente presente no trabalho de Ameisen (2002, p. 111):

Cada célula – da mais simples à mais complexa – é uma mistura de seres vivos heterogêneos, de origens diversas; um cruzamento, uma coabitação das diferenças, cuja perpetuação provavelmente, na maioria das vezes, tenha como única alternativa a morte [...] somos um mosaico de órgãos e tecidos, alguns dos quais se autodestroem e se renovam continuamente enquanto outros persistem por um tempo dentro de nós.

Reflexões finais

Se, como argumenta Ameisen, a célula é perfeitamente equipada para desaparecer, teríamos aqui a prova biológica da existência da pulsão de morte, o que sustentaria a ideia desconcertante presente em Freud no texto de 1920. A pulsão de vida e a pulsão de morte, especula Freud (1920/2020), talvez sejam apenas o reflexo no reino do orgânico das forças de atração e repulsão presentes no mundo inorgânico. O que move a vida é a tensão constante (dialética) entre o impulso para o retorno ao estado anterior à vida [*Todestrieb*], e o impulso para a fusão narcísica inicial [*Lebenstrieb*].

O trabalho de Ameisen abre novas e desafiadoras perspectivas de pesquisa: como explicar o envelhecimento do vivo quando

não existe nenhuma doença mortal? Os mecanismos que controlam a vida e a morte de nossas células estão também presentes nos processos de envelhecimento? Existem relações, e quais são elas, entre o suicídio celular e a senescência das células do nosso corpo? Talvez as antigas relações que a vida mantém com a autodestruição de nossas células – como morte prematura – atuem igualmente na escultura da nossa longevidade.

Somente encarando a morte, tentando compreender os mecanismos que a controlam, em vez de negá-los e resistir a eles é que podemos progredir nossa compreensão do vivo. E, quem sabe, um dia adquiramos o poder de nos reconstruir, nos perpetuar, estendendo a duração da nossa juventude e da nossa existência. Essa provavelmente será uma das grandes aventuras da biologia e medicina deste século.

6. Jean-Claude Ameisen mantém na *Radio France Inter* um *podcast* fascinante intitulado *Sur les épaules de Darwin*, no qual ele apresenta e debate suas ideias em profundidade: Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceinter/podcasts/sur-les-epaules-de-darwin>.

Abstract

The objective of this article is to draw a parallel between Jean-Claude Ameisen's book La Sculpture du vivant: le suicide cellulaire ou la mort créatrice [The sculpture of the living: cellular suicide or creative death] and some Freudian concepts such as the death drive and phylogenetic inheritance. We sought to present the similarities between aspects of current biology and Freudian concepts from over 100 years ago.

Keywords: *Death drive, Cellular suicide, Life drive.*

Referências

AMEISEN J.-C. Quand la forme en une autre s'en va... la mort et la sculpture du vivant. *Études sur la mort*, n. 124), pp. 91-120, 2003/2. DOI: 10.3917/eslm.124.091. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-etudes-sur-la-mort-2003-2-page-91.htm>. Acesso em: 27 ago. 2011.

AMEISEN, J.-C. Entre Charybde et Scylla: le vieillissement prématuré est-il un prix à payer pour la protection contre les cancers? *Médecine/Sciences*, n. 18, pp. 393-395, 2002.

AMEISEN, J.-C. La mort cellulaire programmée: programme de mort ou programme de vie? *Médecine/Sciences*, n. 18, pp. 109-110, 2002.

AMEISEN, J.-C. *La Sculpture du vivant: le suicide cellulaire ou la mort créatrice* (1999). 5. ed. Paris: Éditions Seuil, 2007.

AMEISEN, J.-C. Le jeu de la vie avec la mort. Le suicide cellulaire joue-t-il un rôle dans le vieillissement des corps? Dossier La Recherche hors-série *Le Temps*, n. 5, pp. 76-79, avril 2001.

AMEISEN, J.-C. *Le suicide des cellules et le système immunitaire*. Dossier Pour la Science hors-série Les défenses de l'organisme: le système immunitaire, pp. 54-61, octobre 2000.

AMEISEN, J.-C. Quand la forme en une autre s'en va: la mort et la sculpture du vivant. *Études sur la mort*, n. 124, pp. 91-120, 2003.

AULAGNIER, P. Diálogo de Piera com Hornstein L. Aulagnier *A pulsão de morte: desejo de não desejo*. 2011. Disponível em: <https://psicanaliselacanianaecultura.wordpress.com/2011/06/02/a-pulsao-de-morte-desejo-de-nao-desejo-dialogo-com-piera-aulagnier/>. Acesso em: 27 ago. 2011.

CAMPOS, S. Reflexões sobre o "Além do princípio do prazer" (2021). Disponível em: <https://ebp.org.br/nordeste/reflexoes-sobre-o-alem-do-principio-do-prazer/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CECCARELLI, P. R. Sobre a virtualização do sexual. In: LOPES, A.; BARBIERI C., RAMOS, M. B.; BARRETO, R. (orgs.). *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2017. p. 153-172.

CHEMILLIER-GENDREAU, M.; SILVERIA, L. *Débat sur le livre de Jean-Claude Ameisen, La sculpture du vivant*. Université Paris Diderot: 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/36421134/Débat_sur_le_livre_de_Jean-Claude_Ameisen_La_sculpture_du_vivant. Acesso em: 20 ago. 2023.

CROMBERG, R. U. Cem anos de Além do princípio do prazer: Sabina Spielrein e a origem do conceito de pulsão de morte. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. 10, p. 4, 2020. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2020/11/09/n-10-4/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

DAVID-MÉNARD, M. Como ler “Além do princípio do prazer”? *Reverso*, Belo Horizonte, ano 37, n. 69, p. 99-112, jun. 2015.

DELOUYA, D. Além do princípio do prazer: entre pulsões, vida e morte. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 54, n. 1, p. 49-60, 2020.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer*. [Jenseits des Lustprinzips] - Edição crítica bilíngue. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 57-220. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. Análise finita e infinita (1937). In: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução: Cláudia Dornsbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 107-116. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

FREUD, S. *Correspondance avec le pasteur Pfister* (1913). Paris: Gallimard, 1966.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 91-170. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, S. Lembrar, repetir e perlaborar (1914). In: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução: Cláudia Dornsbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 107-116. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

FREUD, S. *Neuroses de transferência: uma síntese* (manuscrito recém-descoberto). Tradução: Abram Eksterman. Imago, 1987. Texto não publicado por Freud, integrante da série de artigos metapsicológicos que ele não chegou a publicar integralmente, conforme

seu plano inicial. O manuscrito foi localizado junto à correspondência a Ferenczi.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 27-80. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. *O homem Moisés e a religião monoteísta: três ensaios* (1939). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.

FREUD, S. *O mal-estar na cultura* (1930 [1929]). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.

WINTERSTEIN, P. *Além do princípio do prazer*. Disponível em: <https://centropsicanalise.com.br/2019/03/07/jose-winterstein-pedro-alem-do-principio-do-prazer/do-prazer/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

Recebido em: 25/08/2023

Aprovado em: 15/10/2023

Sobre o autor

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo.

Psicanalista.

Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG) e sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), ambos filiados ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (IFPS) e à International Federation of Psychoanalytical Societies (IFPS).

Doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Université Paris 7 - Diderot.

Pós-doutor pela Université Paris 7 - Diderot.

Chercheur associé de l'université Paris 7 - Diderot.

Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF) - Paris.

Membro do corpo docente do contemporâneo do Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade de Porto Alegre (RS).

Professor das especializações do Instituto ESPE e coordenador de programas de formação livre.

Professor na pós-graduação em psicanálise do Hospital Santa Catarina de Blumenau.

Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ).

Membro da Associação Universitária de pesquisa em psicopatologia fundamental.

Professor e orientador de pesquisas na pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Pará.

Professor e orientador de pesquisas do mestrado em promoção de saúde e prevenção da violência/MP da Faculdade de Medicina da UFMG.

Coordenador e professor da pós-graduação em sexualidade humana da Faculdade Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte.

Membro do Programa Antártico Brasileiro.

Diretor científico da Clínica Ampliada de Saúde Mental (CASM).

Fundador e coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX).

E-mail: paulorcbh@mac.com

Homepage: www.ceccarelli.psc.br

Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Roberto_Ceccarelli

Considerações sobre a teoria do trauma em Freud e Ferenczi

Considerations on the theory of trauma in Freud and Ferenczi

Rogério Isotton
Tagma Marina Schneider Donelli

Resumo

A história da psicanálise está transpassada pela teoria do trauma. Tanto na obra freudiana quanto na obra ferencziana destacam-se as pesquisas sobre a presença de aspectos traumáticos, seus desdobramentos e impactos na constituição psíquica do sujeito. Considerando a importância desta temática no contexto clínico contemporâneo, o objetivo deste estudo é revisar a teoria do trauma a partir de Freud e Ferenczi e contribuir para a compreensão integrativa entre o pensamento de ambos. A importância da realidade intrapsíquica para Freud e os aspectos intersubjetivos para Ferenczi fundamentam singularmente a teoria do trauma de ambos. Na obra de Freud, são evidentes os debates sobre o extremo e o trauma, principalmente na fase inicial com a teoria da sedução, a subsequente conceituação da fantasia, a teoria da sexualidade infantil, chegando à teoria pulsional com a pulsão de morte e a compulsão à repetição. Ferenczi desenvolve a teoria do trauma de maneira que possibilita a compreensão a partir de etapas: tempo do indizível, tempo do testemunho, tempo do desmentido e a identificação com o agressor. É possível encontrar na obra de Freud e de Ferenczi diversos pontos de confluência e de divergência, os quais serão abordados neste estudo.

Palavras-chave: Trauma, Psicanálise, Freud, Ferenczi.

Introdução

A relação entre Freud e Ferenczi marcou a história da psicanálise. O amigo, colega e paciente de Freud foi um dos psicanalistas que esteve mais próximo e está entre os pioneiros da psicanálise (Balint, 2011; Freud, 1914; Freud, 1933). Ao conhecer Freud e seus escritos, aquele que se tornaria o *enfant terrible* da psicanálise, que no período pré-psicanalítico escrevia com base em teorias de psiquiatras, filósofos e romancistas, passou a estudar psicanálise e acompanhar, de maneira cuidadosa e aprofundada, os escritos e a obra freudiana (Dean-Gomes, 2019). Freud o conheceu intimamente por ter sido seu analista, pelas atividades psicanalíticas, pelas viagens que realizaram juntos e através de inúmeras correspondências

ao longo de 25 anos. A relação se estendeu aos familiares de Ferenczi: Freud analisou a esposa e a enteada, e teve contato com a mãe do psicanalista húngaro. Na elaboração de seus textos, Ferenczi buscava fazer conexões com as publicações de Freud, mantendo um direcionamento comum entre os dois para o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Trocavam percepções e revisões, dialogavam e debatiam teoricamente para tecer e compor alguns textos e combinavam o melhor momento para a publicação (Dean-Gomes, 2019; Freud, 1933). Porém, a relação entre os dois não foi sempre assim. Na fase final da vida de Ferenczi, houve certo desacordo entre os dois, que culminou no encontro anterior ao congresso de Wiesbaden em 1932 (Dean-Gomes, 2019).

Na vida e na obra de Ferenczi, é possível observar a proximidade que estabeleceu com a temática do trauma. Ainda jovem, sofreu as perdas do pai e da irmã, o que marcou seu desenvolvimento psíquico. Dedicou-se aos cuidados da saúde de mulheres em situação de risco, prostitutas e trabalhadores pobres durante fase inicial da profissão como médico (Dean-Gomes, 2019). Em um dos seus primeiros escritos psicanalíticos, Ferenczi (1908/2011) expressou seu entendimento sobre a relação que o contexto social estabelecia com as mulheres e vice-versa. Defendeu a ideia de que a mulher convive com o trauma social da submissão e da exclusão, considerando que a sociedade foi pensada e organizada por homens. Além disso, enveredou-se no atendimento de pacientes gravemente adoecidos, traumatizados pelo contexto social marcado pela guerra (Pinheiro, 2016).

Freud também abordou o tema do trauma em sua grandiosa obra. Iniciou a partir do trabalho realizado com as pacientes que apresentavam um quadro de histeria. Escreveu inicialmente que a origem do trauma seria um evento concreto e de caráter sexual vivenciado na infância (Castilho, 2013; Fulgêncio, 2004). Por volta de 1887, os trabalhos clínicos de Freud eram fundamentados na teoria da sedução, uma teoria aceita por diversos profissionais da medicina da época. Posteriormente, Freud descobriu a existência do conflito psíquico, elaborou a teoria da libido e vinculou o trauma às fantasias do sujeito (Roudinesco; Plon, 1998).

Freud e Ferenczi trabalharam com a temática do trauma em períodos alternados e simultâneos, ambos a partir da prática clínica, mas com pacientes que apresentavam quadros psíquicos diferentes. Freud trabalhou com pacientes neuróticos (Fulgêncio, 2004), e Ferenczi, com pacientes difíceis e com duras marcas psíquicas, geralmente advindas de experiências de guerra. Nos últimos anos de vida de Ferenczi, os dois psicanalistas se encontraram e divergiram em

aspectos essenciais da teoria do trauma. Este artigo tem por objetivo revisar a teoria do trauma com base em Freud e Ferenczi, contribuindo para a compreensão integrativa entre o pensamento de ambos em relação a esta temática.

O trauma a partir de Freud

É possível encontrar a temática do trauma presente em toda a teoria freudiana. Vale destacar que o tema emerge no princípio da teoria psicanalítica, com os achados sobre a histeria. Em 1920, em *Além do princípio do prazer*, o segundo tempo do traumático reingressa no cenário com os conceitos de pulsão de morte e compulsão à repetição, a partir de quadros clínicos identificados como neurose traumática (Cardoso, 2011).

No princípio dos estudos psicanalíticos, Freud (1893/1996) considerava que, por um lado, o trauma psíquico se caracterizaria por ser um evento causador de impactos graves, gerador de sensação de risco; por outro lado, não geraria danos determinantes de restrições irreversíveis, cerebrais e psíquicas. Nos estudos com Charcot, Freud (1893/1996) compreendeu que a origem dos quadros de histeria advinha não de fatores biológicos, mas do psiquismo do sujeito. No mesmo ano, introduziu a noção de trauma como originário de quadros psicopatológicos e, em 1896, em textos como *A etiologia da histeria* (Freud, 1896/1996) e *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (Freud, 1896/1996), especificou a conexão dos sintomas com os registros psíquicos decorrentes de uma experiência traumática sexual na infância. O trauma estaria ligado a uma experiência sexual vivida no período pré-genital.

O excesso de estímulo, aquilo que é inominável e transbordante ao psiquismo e às estruturas de defesa do infante, compõe a estrutura do trauma. Os achados de Breuer e Freud (1893) indicavam que o trauma se constituía na experiência passiva do sujeito frente ao traumático, abrindo um campo

no aparelho psíquico onde o material traumático, uma lembrança do trauma, ficaria alojado e isolado como um corpo estranho instalado no interior do psiquismo. Os autores argumentam que o conjunto de afetos causados pela lembrança de um evento altamente traumático que não foi eliminado pela ab-reação, reação ou elaboração associativa pode ser a causa da histeria traumática e da neurose traumática, enquanto os pequenos eventos traumáticos, os traumas parciais, podem ser a origem da histeria comum.

Segundo Freud (1893/1996), em contato com o meio, o sujeito vivencia diversas impressões psíquicas que elevam a excitação, cujo sistema total, psíquico e físico, visa reestabelecer o nível de excitação anterior com o intuito da autopreservação. A excitação aumenta pela via sensorial e diminui pela via motora. As reações aos impactos advindos do meio externo ocorrem pela via motora. A dimensão dessa reação irá determinar o que restará de impressões psíquicas no sujeito. Quando ocorre uma elevação mínima da excitação, algumas reações corporais de baixa intensidade podem ser suficientes para o reestabelecimento do equilíbrio. Quando a intensidade do trauma é elevada, uma reação de intensidade alta se faz necessária (Freud, 1893/1996).

Uma atitude é sempre necessária, e as palavras substituem as ações. Quando não há reação, o afeto mobilizado pelo trauma é preservado, e a lembrança do evento traumático evoca o afeto ligado ao trauma. Se não há reação ao estímulo e se a pessoa não consegue elaborar o material traumático através da ab-reação, o trauma psíquico permanece alojado no psiquismo do sujeito. A elaboração associativa e as ideias contrastantes em pessoas saudáveis podem integrar o material gerado pelo trauma (Freud, 1893/1996).

Em contrapartida, há situações em que o trauma gerou representações extremamente impactantes, cujo sujeito não encontrou recursos psíquicos para reorganizar o material psíquico, não pôde reagir pelas

circunstâncias sociais ou negou-se a reagir. Nesses casos as lembranças se tornam patológicas (Freud, 1893/1996).

O fator traumático não é o fato externo ou o momento traumático que impactou o sujeito, mas o que ficou na consciência do sujeito em relação ao fato vivido. O fator traumático seria a lembrança do trauma. O fato traumático é vivido com passividade, cujos recursos associativos são imobilizados pelo excesso a que o sujeito ficou exposto. Essa passividade e imobilização impedem o processo elaborativo e associativo, mantendo o material dissociado e isolado no psiquismo (Lejarraga, 1996).

Os estudos de Freud (1893/1996) demonstraram que o fenômeno da histeria, tanto a comum quanto a traumática, tem sua origem em um trauma psíquico. Em momento posterior, Freud (1912/2010) fez uma correlação com “o grão de areia no centro da pérola” e afirmou que “o núcleo do sintoma psico-neurótico é formado de uma manifestação sexual somática” (Freud, 1893/1996, p. 246). A carga excitativa também está presente nas neuroses atuais: a neurastenia, a neurose de angústia e a hipocondria. O material excitativo formará o núcleo que será psiquicamente revestido. “Um fragmento de excitação não descarregada, relacionada ao coito”, situa-se no núcleo da “formação de um sintoma” (Freud, 1893/1996, p. 247).

Segundo Freud (1912/2010), é possível encontrar em todos os seres humanos material reprimido, impulsos que visam à transgressão, um *quantum* de desejos homossexuais e diversos complexos que podem se tornar patogênicos. O que irá determinar a patogenia desse material é a quantidade e as conexões que ocorrem internamente no psiquismo.

Para que o trauma ocorra, pressupõe-se a natureza do evento traumático e a natureza do estado psíquico do sujeito. Ambos são imobilizantes. A natureza do evento é carregada de excesso que invade o psiquismo e está para além da capacidade assimilatória

do sujeito. Por outro lado, o sujeito possui um psiquismo já fragilizado ou com tendências à passividade e está mais propenso à impossibilidade de metabolizar os excessos da vida. O psiquismo que sedia a histeria teria uma tendência à dissociação e favoreceria a instalação de conteúdo patogênico (Lejarraga, 1996).

O trauma pode ser gerado por um único e intenso momento traumático e por diversos pequenos excessos que vão gerar um acúmulo e produzir o trauma: são os traumas parciais. Em *A psicoterapia da histeria*, Freud (1895/2016) discute a associatividade e a similaridade de diversos traumas parciais em série. Assim, Freud avançou na discussão do trauma enquanto um corpo estranho e passou a considerar a dinâmica que se instala e se organiza, integrando entre si diversos estratos traumáticos que irão estabelecer um funcionamento patogênico no psiquismo.

Por volta de 1897, Freud foi abandonando a teoria da sedução, deixando de reconhecer a realidade material, física como elemento fundamental na etiologia das neuroses. Ficou marcada a passagem da realidade material do trauma à realidade psíquica com a teoria das fantasias e os primeiros alinhavos sobre a sexualidade infantil e a teoria das pulsões.

No período entre 1897 e 1920, Freud não direcionou o foco para a temática do trauma. Em função do surgimento de quadros graves, não neuróticos, principalmente a neurose traumática, passou a se interessar pelos quadros psíquicos em que predominava a ação. A partir de 1920, em *Além do princípio do prazer*, Freud passou a discutir o conceito de pulsão de morte, demarcando o início de um segundo momento da teoria do trauma em sua obra (Cardoso, 2011). A teoria do trauma é retomada por Freud em pelo menos três textos: *O homem dos lobos* (Freud, 1918/2010), *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2010), quando escreve sobre os sonhos traumáticos, a compulsão a repetição e a pulsão de morte, e *Inibições, sintomas e angústia* (Freud, 1926/2014), quando

discute com Otto Rank sobre o trauma do nascimento (Castilho, 2013).

Com base na pulsão de morte e na compulsão à repetição, é possível pensar a dimensão do traumático na teoria freudiana, a partir de 1920. No modelo pulsional, o represamento excitatório corresponde ao excesso pulsional, cujo psiquismo não encontra recursos para conter e associar. A dimensão do atual, presente nas neuroses atuais, também está no conceito de compulsão à repetição. Outro aspecto fundamental da teoria pulsional está ligado aos sonhos traumáticos e a partir deles é que essa categoria de sonho expressa a impossibilidade elaborativa e repetitiva, intimamente vinculada a um contexto traumático vivido e internalizado (Cardoso, 2011).

A compulsão à repetição assume o protagonismo após a internalização do trauma. Ambos se situam no campo do irrepresentável, que mantém o sujeito atuando no tempo presente e impedido de associar e elaborar. A compulsão à repetição enlaça o sujeito nos fios da agonia e do desamparo, mantendo o sentimento de desespero, solto e desconexo, circulando no espaço intrapsíquico atual. Pressupõe a obrigatoriedade imperativa de uma ação que ocorre no campo intrapsíquico e integra também o imperativo do imediatismo. Esse quadro é resultante de um psiquismo incapaz de elaborar e recalcar (Cardoso, 2011).

O sujeito, quando confrontado com um evento da realidade para o qual não se encontra psiquicamente preparado ou não dispõe de recursos psíquicos desenvolvidos para operar o material gerado pelo encontro entre o eu e o traumático, produzirá um material que excede as condições psíquicas simbolizantes, representativas e associativas. O material gerado ficará dissociado, compondo a subjetividade do sujeito.

O excesso pulsional confronta o psiquismo e mobiliza defesas arcaicas que se esforçam para além de suas condições a fim de evitar o esmaecimento psíquico, mantendo-o vivo.

O funcionamento psíquico opera no estado máximo de sua capacidade e não atinge o nível necessário para o processo recordativo, mantendo-se na repetição dentro de suas condições. O atual será mantido no tempo presente e não poderá ser historicizado. É uma história que irá compor o sujeito, mas não será integrada ao ego; ficará à mercê das pulsões e compulsões e através do ato fará contato com a realidade externa. Com a impossibilidade associativa, elaborativa e simbolizante, o ato é o recurso que se torna protagonista (Cardoso, 2011).

O percurso que Freud realizou em sua obra a fim de abordar o tema do trauma, está relacionado ao contexto em que ele viveu e à comunidade psicanalítica da época. Ferenczi foi um psicanalista de muita influência nos debates sobre o trauma. Ele manteve sua fidelidade à psicanálise freudiana até o fim da vida. Embora tenha havido certo desentendimento entre os dois em relação ao tema em questão, ao integrar as teorias destes autores, teremos um corpo teórico denso e coeso. Enquanto Freud aprimorou seus estudos em relação à vida intrapsíquica e às conexões com o trauma, Ferenczi abordou esse campo a partir das relações objetais, enfatizando a importância do contexto social sobre a instalação do trauma no psiquismo humano.

O trauma a partir de Ferenczi

A partir da obra do psicanalista húngaro, podemos pensar uma teoria do trauma desde a gênese até a incorporação das marcas traumáticas e seus efeitos no psiquismo do sujeito. Cabe salientar que a base para a discussão que será apresentada nesta seção inclui traumas como: (a) agressões ou violações físicas e/ou psíquicas; (b) punições como castigos e imposições severas; (c) o que Ferenczi denominou de “terrorismo do sofrimento” (Ferenczi, 1933/2011, p. 120). O sofrimento pode ser observado na relação da criança com uma mãe acometida pela depressão, em que a criança ocupa o lugar de cuidador, na maioria das vezes, inconscientemente.

Também é importante destacar que a totalidade de experiências e registros traumáticos que podem ocorrer durante o percurso vital humano, não necessariamente depende de todas as etapas que serão descritas e terão todos os resultados que serão apresentados (Dal Molin, 2016). É necessário considerar a singularidade humana, que inclui os fatos sociais e as relações intersubjetivas. A disposição que segue nesta seção é uma tentativa de sistematizar de maneira sucinta a conceituação ferencziana sobre a temática do trauma.

Ferenczi compreende que o desenvolvimento psíquico do ser humano ocorre a partir das relações com o ambiente e está ligado à vivência de traumas necessários (Ferenczi, 1924/2011; Pinheiro, 2016). O trauma psíquico se constitui a partir da vivência de um evento que impõe a necessidade de mudança de alguma parte do psiquismo (Pinheiro, 1995). Significa que somos seres que sofrem o impacto de algo para o qual estamos parcialmente preparados. Não há como ultrapassar a parcialidade desse preparo e isso irá gerar outra parcialidade: a surpresa (Pinheiro, 2016) ou o choque (Ferenczi, 1934/2011). Segundo o autor, “o ‘choque’ é equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo [Soi]” (Ferenczi, 1934/2011, p. 125).

Seria como pensar uma interpretação que fizemos do paciente em processo de análise. A interpretação daquilo que está sendo associado e transmitido pelo paciente pode ser feita em momento muito próximo do entendimento do sujeito. Já uma interpretação deslocada, fora do tempo, não faria sentido para o paciente ou poderia ser traumática. No primeiro caso, um trauma necessário e, no segundo, um trauma que irá comprometer o desenvolvimento da análise.

As marcas das vivências traumáticas podem afetar o sujeito de diferentes formas. Para o autor em questão, há duas categorias de trauma: os estruturantes e

os desestruturantes. Os estruturantes são gerados por eventos naturais no curso vital do sujeito. Referem-se ao aprendizado da higiene, à castração, entre outros dessa natureza. À medida que a criança vai se desenvolvendo, o ambiente gera a necessidade de adaptação. A criança irá desenvolver seu psiquismo de maneira saudável, se ela se adaptar e aprender a lidar com as dificuldades que o ambiente naturalmente lhe apresenta. Embora haja, possivelmente, o desejo dos pais e entre os humanos de evitar a dor e o sofrimento (Ferenczi, 1928/2011), a criança não passará pela infância nem irá se estruturar psiquicamente sem que haja desafios a serem superados (Ferenczi, 1928/2010; Pinheiro, 2016). As vicissitudes infantis são marcadas pelos traumas estruturantes.

O percurso vital do sujeito também pode ser marcado por situações não suportadas pelo psiquismo. Alguns fatos são naturalmente insuportáveis. Por exemplo, a perda por morte de uma pessoa amada, um evento acidental com grave impacto físico, uma doença grave, guerras e pandemias. São situações que marcam o desenvolvimento do sujeito pela impossibilidade de ser integrado naturalmente pelo psiquismo (Pinheiro, 2016). Eventos dessa natureza também podem ser provocados não apenas nas relações intersubjetivas, consciente ou inconscientemente, entre adultos, bem como na relação entre o adulto e a criança. Embora os eventos traumáticos possam ser diferenciados em sua origem, os eventos imprevisíveis, da ordem do acaso, os ligados à natureza não humana, e os que ocorrem a partir das relações entre os humanos, irão gerar marcas difíceis de serem suportadas, podendo ser irreparáveis dependendo da fase do desenvolvimento do sujeito (Ferenczi, 1928/2011).

Para Ferenczi (1933/2011), o trauma se constitui a partir da relação com o ambiente, principalmente nas relações intersubjetivas. O autor considera que há um desentendimento intrínseco à comunicação entre

sujeitos, principalmente entre as crianças e os adultos. A diferença primordial está ligada ao desenvolvimento sexual. As crianças não possuem sua sexualidade genital desenvolvida e estão longe de estar prontas para serem colocadas em contato com a concretude desta temática. Em suas atividades escolares, brincadeiras e linguagem, os aspectos do prazer sexual genital não estão presentes. Trata-se da linguagem da ternura (Ferenczi, 1928/2011). É nessa seara que as vicissitudes infantis estão enraizadas. Com o avanço do desenvolvimento psíquico, a criança ingressa na fase da adolescência e no desenvolvimento sexual rumo à fase adulta. Ocorre a entrada no campo da linguagem da paixão e, como adulto, o sujeito naturalmente faz uso dos aspectos sexuais eróticos nas relações intersubjetivas. No adulto, estão desenvolvidas a linguagem da ternura e a linguagem da paixão; porém, na criança, a linguagem da paixão não está desenvolvida. Espera-se do adulto a capacidade de circulação entre os dois campos da linguagem, que na relação com as crianças seja capaz de se deslocar para o campo da linguagem da ternura (Ferenczi, 1933/2011).

Nem todos os adultos percebem a diferença entre esses dois campos. Ferenczi (1933/2011) afirma que os pais poderiam compreender seus filhos da maneira como o analista compreende seu paciente. Mas sabe-se da dificuldade que temos de compreender as diferenças, de internalizar ou encarnar a empatia para utilizá-la como ingrediente primordial para as relações intersubjetivas. Considerando essa dificuldade humana, o que Ferenczi chamou de “confusão de línguas” se impõe às vicissitudes humanas. Por um lado, a criança estabelece a relação com o adulto a partir da linguagem da ternura e, por outro lado, o adulto responde com a linguagem da paixão.

Quando a confusão de línguas ocorre, avançamos para a seara do traumático. Os adultos “confundem as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa que atingiu a

maturidade sexual” (Ferenczi, 1933/2011, p. 116). A criança não compreende a linguagem da paixão. Ela estabelece uma relação com um conteúdo que não está registrado em seu aparelho psíquico e se choca, se paralisa, pois está em contato com objetos desconhecidos. Segundo Kupermann (2019), a criança vivencia uma experiência de excitação excessiva irrepresentável. Estabelece-se o que se denominou de tempo do indizível. Esse tempo é marcado pela geração de dor, por uma violação das condições psíquicas e físicas da criança.

Ferenczi considera que a criança carrega em seu psiquismo uma tendência natural aos processos simbolizatórios. Na relação com situações ainda não vivenciadas e, ao mesmo tempo, impactantes, a criança não encontra em si recursos para simbolizar. Ela irá buscar auxílio em outro adulto de sua confiança para que possa fazer as associações e a elaboração necessária para significar o fato vivido. A criança promove o momento da comunicação da vivência indizível. Busca transformar as sensações, a experiência vivida em um conjunto de registros possíveis de serem incorporados pelo psiquismo. É a esperança de que ela consiga nomear o indizível. Faz um apelo para que sua própria dor possa encontrar um lugar na relação com o adulto confiável. É o tempo do testemunho (Kupermann, 2019; Pinheiro, 2016).

Chega-se a um momento determinante da constituição do trauma. O adulto, em contato com a criança que lhe trouxe um conteúdo de difícil suportabilidade, está convocado a testemunhar a dor da criança. É nesse tempo que o registro do trauma marcará o psiquismo. O adulto poderá auxiliar a criança a simbolizar e nomear a experiência indizível, construindo conjuntamente com ela os recursos e as significações necessárias para isso. Apresenta-se a possibilidade de incorporar a experiência vivida considerando as condições psíquicas das crianças, amenizando ou retirando a característica traumática (Kupermann, 2019).

Tem-se a impressão de que esses choques graves são superados, sem amnésia nem sequelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda a sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade (Ferenczi, 1931/2011, p. 91).

Nem sempre o adulto possui condições de ouvir o que a criança tem a dizer na linguagem que ela utiliza. Pode ocorrer o descrédito do relato da criança e o fracasso do testemunho. O posicionamento, a reação e as atitudes dos adultos frente à criança que sofreu o choque traumático são inadequadas, e isso irá instalar o trauma no psiquismo infantil (Ferenczi, 1931/2011). Quando a criança não é compreendida pelo adulto convocado a testemunhar a própria dor no tempo do indizível, o trauma desestruturante aprofunda suas raízes. É o tempo do desmentido (Kupermann, 2019).

Ferenczi (1931/2011, p. 91) afirmou que

[...] o pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico.

A criança não irá realizar o processo de simbolização e significação do choque que paralisou e retirou dela as condições de defesa. O tempo do desmentido é definitivo para a formação do aspecto desestruturante do trauma, pois a criança vivencia o abandono daquele que ela considerou como base segura para a ancoragem em momento de tensão e instabilidade. É um abandono desestruturante. Ficará sem referencial e será obrigada a conviver com o vazio, com o descrédito de seu relato, com sensações e sentimentos de incerteza e solidão. A incerteza e a insegurança se instalam em relação a si mesma (Kupermann, 2019).

Desautorizada em suas emoções e sensações, ocorre a clivagem do eu (Pinheiro,

2016). O abandono gerado pelo fracasso do testemunho irá causar o descrédito do próprio eu, e a criança permanecerá na confusão interna, pois tem a certeza de que o fato gerador do trauma ocorreu, mas não está em condições de simbolizar e nomear adequadamente. O outro, que iria auxiliá-la no processo de integração do eu, gera o descrédito que será internalizado pela criança em relação a si mesma. Instaura-se a necessidade de dependência do outro a quem ela atribui o crédito, já que ela carrega em si o descrédito. O outro passa a ser vital para sua existência e, por isso, irá buscar compreendê-lo e satisfazê-lo. Com suas sensações e sentimentos desmentidos, a criança está em uma posição dramática, ela precisa reencontrar a confiança e uma base sólida para dar continuidade ao seu desenvolvimento. Irá prescindir do eu que está fragmentado e não encontrará opção que não seja a aderência ao outro (Kupermann, 2019). Nesse caso, esse outro é responsável duplamente pelo trauma desestruturante e é ele mesmo que toma posse do eu infantil (Pinheiro, 2016).

Os objetos que produziram a dor do indizível diante do desmentido serão introjetados pela criança e culminarão na identificação com o agressor. Segundo Ferenczi (1933/2011), a força e a superioridade física, moral e autoritária dos adultos amedrontam as crianças que emudecem porque não têm condições de defesa. O medo que elas sentem faz com que se submetam à vontade do agressor, obedecendo-lhe e abdicando de seu próprio desejo para atender ao desejo do adulto. Assim, fica estabelecido o ciclo que irá culminar na identificação com o agressor. Através do mecanismo da identificação e da introjeção, o agressor irá se alojar na subjetividade do sujeito agredido (Ferenczi, 1933/2011).

O objeto ameaçador, que habitava o meio externo, passa a fazer parte da criança. É essa a maneira que ela encontra para se recolocar em situação segura. Os sentimentos angustiantes, agora clivados do eu, estarão sob

efeito anestésico, e a criança irá se refugiar em uma suposta neutralidade, afastando-se da realidade externa e interna geradora de sofrimento (Kupermann, 2019).

Entrelaçamentos entre Freud e Ferenczi

A inquietude e o espírito crítico estiveram presentes na clínica e nos estudos de Ferenczi (Dean-Gomes, 2019). Interessado e influenciado pelas diversas ramificações da medicina praticada em sua época (Dean-Gomes, 2019), encontrou na psicanálise a base de sua clínica inquieta e criativa até os últimos dias de sua vida. Seus estudos são paralelos e entrecruzados com os escritos de Freud. E em relação à teoria do trauma, não é diferente. Enquanto Freud faz seu percurso focado na realidade intrapsíquica, Ferenczi encontra nas relações intersubjetivas a base para a sua teoria do trauma. Embora Freud tenha discordado de Ferenczi, é possível afirmar que os estudos de ambos se complementam.

No período inicial da construção da psicanálise, Freud desenvolveu suas pesquisas ancorado na ideia de que o trauma teria uma origem real e concreta. Encontrou na realidade intrapsíquica o sentido para a continuidade das pesquisas e, por volta de 1920, atingiu o auge de sua obra com os estudos sobre a pulsão de morte e a compulsão à repetição. Paralelamente, Ferenczi tecia a concretude do trauma, fundamentado nas relações intersubjetivas e na importância do outro no desenvolvimento da subjetividade humana. Para Freud, esse foi um ponto de ruptura entre as duas teorias. Porém, atualmente, já distante dos atravessamentos da época, seria possível afirmar que são complementares? Contemporaneamente sabe-se que o trauma é real e que os desdobramentos do traumático formam a realidade intrapsíquica singular em cada sujeito.

Em 1912, o criador da psicanálise utilizou uma metáfora muito ilustrativa sobre a origem da neurose. Através da metáfora do grão de areia no centro da pérola, Freud (1912/2010) propôs que, na origem da

neurose, há um elemento bruto que ficou encapsulado no interior da formação psíquica. As experiências vivenciadas pelo sujeito durante o tempo de vida representariam as camadas que envolvem o grão de areia uma sobre a outra e que irão formar a pérola. Freud (1920/2010) afirmou que a morte é o objetivo da vida e que o inanimado antecipa a existência vital. A vida, então, seria relances, raios, momentos que emergem da incessante luta psíquica por envolver ou encapsular o inanimado? Um processo fadado ao insucesso, pois a origem da neurose está no trauma, algo que permanece atual e que atingirá seu auge com a morte, o retorno ao inanimado.

Seria possível conceber a existência de um sujeito constituído psiquicamente sem a vivência de um trauma? Pela via freudiana, talvez não seja possível. Isso abriria espaço para uma conexão com o pensamento de Ferenczi (1928/2011) sobre os traumas necessários e estruturantes. O grão de areia no centro da pérola representa um corpo estranho que vai sendo envolvido por camadas e que a cada camada vai se integrando. O trauma representa esse corpo estranho no interior do psiquismo e poderá ser integrado ou não, dependendo da estrutura psíquica do sujeito ou, segundo Ferenczi (1928/2011), pelo terceiro que oferece recursos psíquicos ao sujeito que sofreu o trauma e está limitado a elaborar por conta própria. Quando essa elaboração psíquica ocorre de maneira satisfatória, irá realizar elos de envolvimento e integração psíquica [psíquicos], reduzindo as inflamações internas ao psiquismo. O trauma integrado e elaborado irá fazer parte do psiquismo de maneira estruturante. Os traumas estruturantes pressupõem a existência dos limites, das fronteiras e da ampliação dessas fronteiras. À medida que o trauma vai sendo envolvido e integrado ao psiquismo, ocorre uma modificação que faz uso da elasticidade psíquica, ampliando e aprimorando a extensão dos recursos psíquicos já existentes e até mesmo abrindo espaço para

que novos recursos se constituam. O grão de areia, que representa o inanimado, associado à vida que o circunda, em movimento constante, estruturou a pérola.

O aspecto desestruturante ocorre quando o psiquismo não encontra recursos internos que, na ausência de um terceiro, possam testemunhar o indizível. Quando o sujeito é surpreendido pelo evento traumático e não consegue assimilar os impactos em seu psiquismo, ou pelo excesso gerado pelo conteúdo traumático ou pela fragilidade egoica, então o desenvolvimento ficará marcado pelo trauma desestruturante (Ferenczi, 1928/2011). Quando o sujeito ainda criança vivencia uma experiência traumática, esse registro ficará presente nos fundamentos estruturais do psiquismo. A criança passará a operar a partir de suas vivências marcadas pelo excesso e pelo extremo. Quando adulto, esse mesmo sujeito irá demonstrar as marcas deixadas através de comportamentos limítrofes e fronteiriços, evidenciando as cisões egoicas e a instabilidade emocional. A compulsão à repetição e a pulsão de morte (Freud, 1920/2010) delimitam a vida cotidiana dos sujeitos marcados por traumas desestruturantes.

Considerações finais

Estes são apenas alguns tópicos dos inúmeros que podem ser dialogados entre Freud e Ferenczi. É um tema inesgotável e, como um caleidoscópio, possibilita muitas abordagens e entrecruzamentos. A riqueza dos diálogos que são possíveis entre os dois é inesgotável. Apesar das divergências entre eles e do fatídico encontro em 1932, não parece que tenham ocorrido profundas e determinantes rupturas. Mesmo após esse ano difícil para os dois, vivendo os excessos do período entre-guerras, nunca romperam definitivamente.

A história da psicanálise está marcada por traumas e rupturas que, por vezes, geram comportamentos instáveis e posicionamentos narcísicos infundados na comunidade psicanalítica. Metaforicamente, a psicanálise

seria um corpo psíquico com base traumática. No entanto, a relação entre Freud e Ferenczi é exemplar, se considerarmos que ambos divergiram e integraram as suas ideias e suas criações. Ambos publicaram em seus escritos e estão evidenciadas em suas obras as trocas, as partilhas, as discussões, as diferenças, parecendo não haver brecha para a possibilidade de abdicar do grande objetivo: tornar a psicanálise cada vez mais frutífera e difundida. Estaria a comunidade psicanalítica analisada suficientemente para elaborar e sustentar a herança que pode ser extraída da relação entre Freud e Ferenczi?

Abstract

The history of psychoanalysis is steeped in trauma theory. In both Freud's and Ferenczi's work, research into the presence of traumatic aspects, their consequences and impacts on the subject's psychic constitution stand out. Considering the importance of this theme in the contemporary clinical context, the aim of this study is to review the theory of trauma based on Freud and Ferenczi and contribute to an integrative understanding of their thinking in relation to this theme. The importance of intrapsychic reality for Freud and the intersubjective aspects for Ferenczi provide a unique foundation for their theory of trauma. In Freud's work, debates about the extreme and trauma are evident, especially in the initial phase with the theory of seduction, the subsequent conceptualization of fantasy, the theory of infantile sexuality, arriving at the drive theory with the death drive and the repetition compulsion. Ferenczi develops the theory of trauma in a way that makes it possible to understand it in stages: time of the unspeakable, time of testimony, time of denial and identification with the aggressor. It is possible to find in the work of Freud and Ferenczi various points of confluence and divergence, which will be addressed in this study.

Keywords: Trauma, Psychoanalysis, Freud, Ferenczi.

Referências

- BALINT, M. Prefácio do Doutor Michaël Balint. In: FERENCZI, S. *Psicanálise I*. 2. ed. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. vii-x. (Obras completas de Sándor Ferenczi).
- BREUER, J.; FREUD, S. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. Comunicação preliminar (1893). In: FREUD, S. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. Tradução: Laura Barreto. Revisão da tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 18-38. (Obras completas, 2).
- CARDOSO, M. R. Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 70-82, 2011.
- CASTILHO, A. L. P. Revisitando o primeiro modelo freudiano do trauma: sua composição, crise e horizonte de persistência na teoria psicanalítica. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 235-250, 2013.
- DAL MOLIN, E. C. *O terceiro tempo do trauma*. São Paulo: Perspectiva; Fapesp, 2016.
- DEAN-GOMES, G. *Budapeste, Viena e Wiesbaden: o percurso do pensamento clínico-teórico de Sándor Ferenczi*. São Paulo: Blucher, 2019.
- FERENCZI, S. A adaptação da família à criança (1928). In: _____. *Obras completas*. Psicanálise IV. 2. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Revisão técnica e da tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 1-15. (Obras completas de Sándor Ferenczi).
- FERENCZI, S. Análise de crianças com adultos (1931). In: _____. *Psicanálise IV*. 2. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Revisão técnica e da tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 79-95. (Obras completas de Sándor Ferenczi).
- FERENCZI, S. Confusão de língua entre o adulto e a criança (1933). In: _____. *Psicanálise IV*. 2. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Revisão técnica e da tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 111-119. (Obras completas de Sándor Ferenczi).
- FERENCZI, S. Do alcance da ejaculação precoce (1908). In: _____. *Psicanálise I*. 2. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Revisão técnica e da tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 1-4. (Obras completas de Sándor Ferenczi).
- FERENCZI, S. Reflexões sobre o trauma (1934). In: _____. *Psicanálise IV*. 2. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Revisão técnica e da tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 125-135. (Obras completas de Sándor Ferenczi).
- FERENCZI, S. Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade (1924). In: _____. *Psicanálise III*. 2. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Revisão técnica e da tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 277-357. (Obras completas de Sándor Ferenczi).
- FREUD, S. A etiologia da histeria (1896). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 189-215. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).
- FREUD, S. A psicoterapia da histeria (1895). In: _____. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. Tradução: Laura Barreto. Revisão da tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 358-427. (Obras completas, 2).
- FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: _____. *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239. (Obras completas, 14).
- FREUD, S. Comunicação preliminar. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893) (Breuer e Freud). In: _____. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 39-53. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).
- FREUD, S. Contribuição à história do movimento psicanalítico (1914). In: _____. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 245-327. (Obras completas, 11).
- FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: _____. *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-123. (Obras completas, 17).

FREUD, S. O debate sobre a masturbação (1912). In: _____. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia* (“O caso Schreber”), *artigos sobre técnica e outros textos* (1911-1913). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 240-254. (Obras completas, 10).

FREUD, S. História de uma neurose infantil “O homem dos lobos” (1918). In: _____. *História de uma neurose infantil* (“O homem dos lobos”), *Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-160. (Obras completas, 14).

FREUD, S. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-183. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, S. Sándor Ferenczi (1933). In: _____. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 465-468. (Obras completas, 18).

FULGÊNCIO, L. A noção de trauma em Freud e Winnicott. *Natureza Humana*, São Paulo, n. 6, v. 2, p. 255-270, 2004.

KUPERMANN, D. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni, 2019.

LEJARRAGA, A. L. *O trauma e seus destinos*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

PINHEIRO, T. *Ferenczi*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Recebido em: 28/09/2023

Aprovado em: 22/10/2023

Sobre os autores

Rogério Isotton

Psicólogo.

Psicanalista.

Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e integrante da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Mestre em psicologia clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutorando em psicologia clínica pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da UNISINOS.

E-mail: risotton@hotmail.com

Tagma Marina Schneider Donelli

Psicóloga.

Mestre em psicologia do desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS).

Doutora em Psicologia pela UFRGS.

Pós-doutora pela University of Oxford, Inglaterra.

Professora assistente II e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da UNISINOS.

E-mail: tagmad@unisinis.br

*Considerações sobre a metapsicologia da clínica psicanalítica*¹

Considerations on the metapsychology of the psychoanalytic clinic

Wilma Zuriel de Faria Maschke
Helena Maria Melo Dias

Resumo

Este texto objetiva tecer considerações sobre a metapsicologia e destacar a sua relevância na elaboração do saber psicanalítico. Dessa perspectiva, retomamos as concepções teóricas e conceituais sobre a metapsicologia freudiana, assim denominada para especificar sua investigação, que vai além da psicologia da consciência. Ferenczi referenda essa especificidade e a amplia com seus estudos a elasticidade da técnica. Acrescentamos as contribuições de Pierre Fédida, que diferencia o discurso metapsicológico, que engendra a produção de saberes, dos discursos científico e metafísico, que tem caráter de doutrina. Luís Cláudio Figueiredo segue essa linha de pensamento de Fédida e faz sua análise a partir da psicanálise contemporânea. Para tanto, refletimos a partir de uma articulação entre teoria do sonho, transferência e técnica psicanalítica.

Palavras-chave: Metapsicologia, Elasticidade da técnica, Teoria do sonho, Transferência.

Introdução¹

Esse texto objetiva tecer considerações sobre a metapsicologia, método específico de investigação da psicanálise, além de destacar a sua relevância teórico-clínica. Dessa perspectiva, retomamos as concepções teóricas e conceituais sobre a metapsicologia freudiana, relacionada aos estudos da elasticidade da técnica em Ferenczi, articulados às contribuições de Pierre Fédida e Luís Cláudio Figueiredo. Para tanto, refletimos a partir de uma articulação entre teoria do sonho, transferência e técnica psicanalítica, considerando que o estudo metapsicológico é “a novidade que não envelhece apesar do tempo”.²

Na carta a Fliess, de 10 de maio de 1898, Freud (1898/1996, p. 376) indaga: “Preciso

que você me diga seriamente se posso usar o nome de metapsicologia para a minha psicologia, que vai além da consciência”. Com esse gesto simbólico, observa Ceccarelli (2019),³ “o criador da psicanálise toma uma decisão de certa forma histórica: inventar a palavra ‘metapsicologia’ para dar um nome à teoria fundamental da psicanálise: o psiquismo humano. É exatamente sobre isso que vai tratar a metapsicologia freudiana”.

Metapsicologia

As elaborações clínicas encaminham Freud à investigação do enigmático campo psíquico do inconsciente através das fantasias e dos sonhos. Auxiliado por sua autoanálise e por sua clínica, começa a duvidar da veracidade da sua teoria da sedução, pois reconhece que no inconsciente não há

1. Trabalho apresentado no XXV CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e XLI JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte (MG), 28, 29 e 30 set. 2023.

2. Setsuko no filme *As irmãs Munekata* (1950).

3. Aula ministrada na formação do Círculo Psicanalítico do Pará, em 12 mar. 2019.

indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção investida de afeto.

Dessa perspectiva, Freud define a realidade psíquica e o mundo das fantasias, como campo específico da investigação psicanalítica. Pode-se considerar, que sua obra-prima, *A interpretação dos sonhos* (1900), constituiu-se num marco histórico-conceitual desse novo campo de pesquisa. Para ele, “a interpretação dos sonhos é na realidade a estrada real para o conhecimento do inconsciente, a base mais segura da psicanálise” (Freud, 1910/1996, p. 32).

Na análise de Mezan (1989, p. 77), o sonho oferece sobre a neurose duas vantagens decisivas do ponto de vista da serventia como instrumento de investigação do aparelho psíquico: “é incomparavelmente mais simples e ocorre com todo mundo. [...] garante que as conclusões a serem extraídas sejam válidas tanto para a psicologia ‘normal’ quanto para a psicopatologia”.

Ainda no livro dos sonhos, Freud (1900/1996, p. 487) esclarece que a especificidade da técnica psicanalítica está fundamentada em dois teoremas: (1) “quando se abandonam as representações-metaconscientes, as representações-metaocultas (inconscientes) assumem o controle do fluxo de representações”; (2) “as associações superficiais são apenas substitutas, por deslocamento, de associações mais profundas e suprimidas” da consciência. Segundo Freud, “a rigor esses teoremas transformaram-se em pilares básicos da técnica psicanalítica”.

Freud (1900/1996) analisa os processos que envolvem a elaboração onírica do ponto de vista dinâmico, econômico e tópico, e estabelece a distinção entre os dois modos de funcionamento dos sistemas psíquicos que compõem este aparelho. Examinando minuciosamente seus próprios sonhos e os dos seus pacientes, Freud identifica as forças conflitantes, energéticas e operantes, como a exigência psíquica para associar, transferir, deslocar, condensar,

sobredeterminar, regredir. Considerando o sonho como a via real para se chegar ao território do inconsciente.

Dessa perspectiva, o sonho é o paradigma da teoria do trabalho do inconsciente, do sexual e da teoria do método e da técnica analítica que permite estabelecer a regra fundamental do processo terapêutico.

No texto *O inconsciente* (1915/1996, p. 208), Freud propõe: “quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação *metapsicológica*”.

Nesse contexto de produção da metapsicologia, sublinha-se o conceito de transferência, muito precioso e fundamental na clínica psicanalítica, desde os trabalhos iniciais de Freud e Ferenczi.

Freud identifica o fenômeno da transferência como presente na relação médico-paciente desde os primeiros anos do seu percurso como terapeuta, embora ainda não o identifique como recurso terapêutico. A transferência, até formalizar-se como conceito, passa por uma longa elaboração, na qual o conteúdo da noção vai se diversificando e complexificando. Assim, a conceituação de transferência integra-se ao processo de criação da psicanálise exatamente no confronto entre a prática e a teoria. Sua definição evolui em função da prática clínica. Determinante do processo analítico, a transferência é o mais precioso aliado da terapia, bem como seu maior obstáculo.

No texto, *Transferência e introjeção* (1909/2011, p. 83), Ferenczi retoma o conceito de transferência do mestre e concebe a tendência psíquica à transferência como universal. No seu dizer, “uma visão de conjunto desses diferentes modos de ‘transferência para o médico’ reforça minha convicção de que *essa é apenas uma das manifestações – muito importante, sem dúvida – da tendência geral dos neuróticos para a transferência*”. Na clínica o médico catalisa essa tendência do paciente e dá encaminhamento à análise

transferencial a fim de desvendar os desejos sexuais reprimidos.

Para Ferenczi, a análise trata de algo muito elevado, porque possibilita a apreensão tópica, dinâmica e econômica do funcionamento psíquico do paciente, “que se dá a partir de um fazer – comunicar algo a um outro – por meio de uma técnica e do *tato psicológico* a faculdade de sentir com do analista com o paciente” (Ferenczi, 1927/2011, p. 27). Essa dinâmica oferece ao analista a compreensão do quadro e indica a direção do trabalho analítico, para onde ele vai entre as associações do analisando e as interpretações do analista e/ou uma decifração de sentidos.

Fédida (1988) dedica especial atenção ao processo transferencial e problematiza a sua conceituação a partir do apontamento freudiano, do efeito de estranheza da transferência, que lhe é inerente por conter em si o que há de mais íntimo.

Ele deixa claro que a problematização conceitual da transferência deve ser remetida ao trabalho sobre uma situação clínica e assim a clínica é o seu espaço de reflexão e teorização, no qual mantém um pensar metapsicológico que oportuniza a abertura a novos pensamentos (Dias, 2007, p. 110-111).

Nesse sentido, pode se argumentar sobre o objeto-fonte da transferência, que é sim sustentado pela pessoa do analista, mas que não é a pessoa do analista em si, mas sim o interlocutor interno do paciente. Daí, ressalta-se o funcionamento autoerótico da transferência (Fédida, 1988).

Dessa perspectiva, Fédida (1988) problematiza o amor de transferência, esclarecendo que na obra freudiana essa questão passa por uma evolução no pensamento do seu autor que vem desde a concepção da transferência como “falsa conexão”, sua ligação com as imagos paternas deslocadas para o analista, mas principalmente, a partir da descoberta da transferência como obstáculo,

da transformação desse obstáculo em uma resistência, da descoberta de que a resistência e a transferência são peças mestras do tratamento analítico.

Na evolução desse pensamento, Fédida assinala as novas clarificações do conceito de transferência, a partir dos textos freudianos de 1920, que, segundo ele, “abordam a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte, pulsão de autoconservação e pulsão do eu” (Fédida, 1988, p. 39). A importância dada à compulsão à repetição, em ação na transferência, na qual o paciente, em vez de rememorar, mergulha num constante agir, sem a mínima reflexão do seu ato. Age compulsivamente.

No *Pós-escrito* ao artigo *A questão da análise leiga*, Freud (1926/1996, p. 291) argumenta:

Na psicanálise tem existido desde o início um laço inseparável entre cura e pesquisa. O conhecimento trouxe êxito terapêutico. Era impossível tratar um paciente sem aprender algo novo; foi impossível conseguir nova percepção sem perceber seus resultados benéficos. Nosso método analítico é o único em que essa preciosa conjunção é assegurada. [...] Essa perspectiva de ganho científico tem sido a feição mais orgulhosa e feliz do trabalho analítico. Devemos sacrificá-la a bem de quaisquer considerações de natureza prática?

Por essa especificidade na construção do saber psicanalítico, Fédida considera que o discurso metapsicológico não é descritivo nem explicativo, tampouco é um discurso científico. Também não é um discurso metafísico, característico do trabalho de pensamento do filósofo que visa a dar uma organização, sistematização e síntese de uma visão de mundo. Nesse sentido, a metapsicologia é antimetafísica, pois vê na obra do inconsciente, que é antissíntese, a sua própria construção, meio pelo qual não se confunde com o discurso mítico.

O discurso da metapsicologia é um discurso heurístico, de descoberta, de desvelamento e é desse modo que na clínica psicanalítica a escuta tem um sentido metaforizante tanto para o analista quanto para o paciente, ao escutar a sua própria história. Então, o pensamento metapsicológico opera no trabalho analítico, no desvendamento do inconsciente, que encontra na linguagem poética a sua polissemia.

Figueiredo (2009, p. 21) considera importante a distinção que Fédida apresenta entre teoria e doutrina:

A teoria é entendida como dispositivo de contato com a alteridade, descoberta e transformação, regulada pelo ideal do eu e pelo reconhecimento da finitude e do limite: é a ‘abertura’ daí decorrente que garante o não saber como oportunidade para aprender e transformar-se. Na doutrina, ao contrário, prevalecem a onipotência e o fechamento narcisista e defensivo: aqui rege o ideal do eu e domina o dogmatismo.

Psicanálise contemporânea

Na leitura de Franco e Kupermann (2020, p. 60), a metapsicologia perpassa pela técnica psicanalítica, que é a soma de representações da estrutura e da energética do aparelho psíquico, tendo como base a experiência psicanalítica. Uma vez que a formação do analista “depende da articulação entre a experiência de análise pessoal, estudos teóricos sistemáticos e consolidação de repertório clínico a partir da prática supervisional”.

A referência à técnica torna possível a especificação de que o que nos faz terapêutas é a existência da regra fundamental em nosso pensamento, assim como de tudo o que se passa entre nós e o paciente, como desvios em relação a essa regra ideal. Isso não implica dizer que esses desvios sejam não analíticos e ineficazes.

Partindo da análise das variáveis macrosociais implicadas nas demandas e condições da clínica psicanalítica contemporânea,

Figueiredo (2009, p. 19) observa:

As novidades na forma de teorizar e praticar psicanálise respondem em grande medida aos novos limites, externos e internos, para a chamada ‘clínica padrão’. Esta era a clínica tornada canônica no atendimento de pacientes neuróticos e adultos em meados do século XX.

O autor pondera sobre as condições e o clima sociocultural atuais, bem como as novas psicopatologias, pontuando que

[...] o regime administrativo da vida e de sociabilidade vigente e suas dimensões: a velocidade, a eficiência, o cálculo, a cosmética, a desmentalização farmacológica, e a ojeriza generalizada aos sofrimentos correspondem a ‘ataques psíquicos’, ataques às mediações simbólicas, uma ruína programada das subjetividades e da capacidade do sujeito viver, experimentar, processar e elaborar experiências, o que exige tempo (Figueiredo, 2009, p. 19).

Isso comparece aos consultórios para atender as novas demandas psicopatológicas.

Os consultórios se abriram para as chamadas novas psicopatologias, as patologias do *self*, os transtornos no campo das relações de objeto, os transtornos no campo da pulsionalidade, e os problemas ‘nos processos terciários’ de simbolização [ou seja, as falhas nas cadeias de mediação entre os processos primários e processos secundários] (Figueiredo, 2009, p. 19).

Luiz Celes (2005, p. 25) também aponta para a questão das mudanças sociais e a interpelação delas no tratamento analítico e, segundo ele, o processo analítico opera certa complementaridade entre pulsão e cultura, entre “fazer falar e fazer ouvir” possibilitando que novos destinos pulsionais sejam constituídos por um caminho que não é o de uma adesão completa aos desígnios civilizatórios tampouco o de uma simples oposição sintomática à cultura.

Radmilla Zygoris (2006) esclarece que, embora psicanálise tivesse nascido em Viena, no final do século XXI e Freud tivesse um espírito livre, com ideias muito à frente do seu tempo, quando transmitidas como tais, elas não deixaram de ter as marcas daquela época.

Considerações finais

Devido aos ataques atuais ou não, quanto à cientificidade da psicanálise, é importantíssimo compreender que a metapsicologia se mantém como método específico de investigação da psicanálise, que se organiza a partir da articulação entre a teoria do sonho, a transferência e a técnica psicanalítica. Assim, a metapsicologia possibilita um trabalho de identificar mecanismos e dinâmicas profundas do psiquismo humano.

Abstract

This text aims to make considerations about metapsychology and highlight its relevance in the development of psychoanalytic knowledge. From this perspective, we return to the theoretical and conceptual conceptions of Freudian metapsychology, so named to specify its investigation, which goes beyond the psychology of consciousness. Ferenczi endorses this specificity and expands it with his studies on the elasticity of the technique. We add the contributions of Pierre Fédida, who differentiates metapsychological discourse, which engenders the production of knowledge, from scientific and metaphysical discourses, which have the character of doctrine. Luís Cláudio Figueiredo follows Fédida's line of thought and analyzes it based on contemporary psychoanalysis. To this end, we reflect on the articulation between: dream theory, transference and psychoanalytic technique. Considering that the metapsychological study is "the novelty that does not age despite time".

Keywords: Metapsychology, Elasticity of technique, Dream theory, Transference.

Referências

- CECCARELLI, P. R. Aula ministrada na formação do Círculo Psicanalítico do Pará, por meio de apresentação em slide, em 12 de março de 2019.
- CELES, L. A. Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psychê*, v. 9, n. 16, p. 25-48, 2005.
- DIAS, H. M. M. *Contratransferência: um dispositivo clínico psicanalítico*. 2007. 151 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica do Núcleo de Psicopatologia Fundamental da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.
- FÉDIDA, P. *Clínica psicanalítica: estudos*. Tradução: Cláudia Berliner, Matha Prada e Silva, Regina Steffer. São Paulo: Escuta, 1988.
- FÉDIDA, P. *Nome, figura e linguagem*. Tradução: Martha Gambini e Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1991.
- FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica (1928). In: _____. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 29-42. (Obras completas de Sándor Ferenczi).
- FERENCZI, S. Transferência e introjeção (1909). Tradução: Álvaro Cabral. In: _____. *Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 77-108. (Obras completas de Sándor Ferenczi).
- FIGUEIREDO, L. C. A metapsicologia do cuidado. *Psychê*, v. 11, n. 21, p. 13-30, 2007.
- FIGUEIREDO, L. C. *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. 2009. p. 231-231.
- FRANCO, W. A. C.; KUPERMANN, D. Um lugar para pensar: uma hipótese sobre o enquadre interno do psicanalista. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 53, n. 99, p. 59-74, dez. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352020000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 jul. 2023.
- FREUD, S. *A interpretação de sonhos* (1900). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).
- FREUD, S. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial (1926). In: _____. *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Tradução de Christiano M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 179-248. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).
- FREUD, S. Conferência XVIII: Fixação em traumas - o inconsciente. In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (Parte III. Teoria geral das neuroses. 1917 [1916-1917]). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 281-292. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).
- FREUD, S. Extratos de documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 217-331. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. O inconsciente (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 171-222. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- YASUJIRO OZU. (dir.). *As irmãs Munekata* (*Munekata kyôdai*). Japão, 1950 Roteiro: Yasujiro Ozu; Kôgo Noda. Baseado no livro homônimo, de Jirô Osaragi.
- ZYGOURIS, R. *Nem todos os caminhos levam a Roma*. São Paulo: Escuta, 2006.

Recebido em: 10/11/2023

Aprovado em: 15/12/2023

Sobre as autoras

Wilma Zuriel de Faria Maschke

Psicóloga.

Psicanalista em formação continuada pelo Círculo

Psicanalítico do Pará (CPPA), filiado ao Círculo

Brasileiro de Psicanálise (CBP) e a International

Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Bacharela em Direito.

Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC)

pelo Departamento de Psicologia Clínica (PCL)

da Universidade de Brasília (UnB), doutoranda do

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e

Cultura (PPGpsiCC) do Departamento de Psicologia

Clínica (PCL) da Universidade de Brasília (UnB).

Psicóloga e pesquisadora no grupo de Vivências e

psicopatologias na contemporaneidade-Diagnóstico

e supervisão clínica da Universidade de Brasília

junto ao Hospital Universitário de Brasília (VIPAS).

Integrante do corpo clínico da Clínica Social de

Psicanálise Hélio Pellegrino. Coordenadora do

Grupo de Estudo em Psicanálise Contemporânea.

E-mail: zurimaschke2501@gmail.com

Helena Maria Melo Dias

Psicanalista.

Bacharel em psicologia pela Universidade Federal do

Pará (UFPA).

Mestre em psicologia (2001).

Doutora em psicologia (2007) pela Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-

doutora em psicologia pela Universidade Federal do

Pará (UFPA).

Membro fundadora do Círculo Psicanalítico do Pará

(CPPA), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise

(CBP) e à International Federation of Psychoanalytic

Societies (IFPS).

Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do

Pará (UEPA).

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental (AUPPF).

E-mail: hmelodias@uol.com.br

Normas de Publicação¹

1. Serão publicados apenas trabalhos inéditos de psicanálise e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial. Entende-se como inéditos os trabalhos que não foram publicados – seja no todo, seja em parte – em periódicos, capítulos de livros, anais de jornadas das filiadas ao Círculo Brasileiro de Psicanálise ou em congressos do CBP.

2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. O autor é responsável pela tradução para o português do texto, resumo e palavras-chave do seu trabalho. A revisão de linguagem e a diagramação são responsabilidade da revista.

3. Conteúdo a ser publicado

- Casos clínicos
- Ensaios
- Entrevistas
- Reflexões sobre a psicanálise em articulação com outras áreas do conhecimento
- Resenhas

4. Formatação

- Papel: A-4
- Margens: superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm
- Fonte: Times New Roman 12 – em todo o texto
- Espaçamento entre linhas nos parágrafos: 1,5 cm
- Espaçamento entre linhas nas citações: simples
- Primeira linha dos parágrafos: 1,25 cm
- Recuo das citações à esquerda: 1,25 cm assim como os parágrafos

5. Estrutura do trabalho

O trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:

- Título em português e em inglês no corpo do trabalho
- Nome completo do autor ou autora, ou autores
- Resumo antes do texto, com o máximo de 250 palavras, seguido de 3 a 5 palavras-chave; Abstract depois do texto, seguido de 3 a 5 Keywords
- Referências

6. Referências

• Segundo a ABNT (NBR 6023, de 2018), “tudo o que está citado no texto deve ser referenciado e tudo o que está referenciado deve ser citado no texto”. As obras citadas no texto devem ser **alinhadas à esquerda**, principalmente por causa dos extensos links. Na *Estudos de Psicanálise*, o título das obras fica em itálico.

Obs.: Não se usa mais o termo “bibliográficas” já que são citadas outras fontes além de livros.

1. Atualização em dezembro de 2023 para as próximas edições.

a. Livro

AUTOR. *Título*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação.

- LACAN, J. *O seminário, livro 11*: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. Vocabulário de psicanálise. Direção: Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WINNICOTT, D. W. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: _____. *Os bebês e suas mães*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1994. p. 79-92.

b. Capítulo de livro

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. In: Autor do livro. *Título*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Número do volume (se houver). Intervalo das páginas.

- FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). In: _____. *As pulsões e seus destinos*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 13-69. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).
- FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). In: _____. *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-81. (Obras completas, 12).
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 123-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- IANINNI, G.; SANTIAGO, J. Prefácio. Mal-estar: clínica e política. In: FREUD, S. *Cultura, sociedade e religião, O mal-estar na cultura e outros textos*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 33-63. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

c. Artigo de revista

AUTOR. Título do artigo. *Título do periódico*, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano.

- LOPES, A. J. Sigmund Freud - O manuscrito inédito de 1931 - As aventuras e desventuras de um texto e as ideias desconhecidas de Freud sobre o cristianismo e a sublimação. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 50, p. 39-58, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000200004. Acesso em: 06 out. 2021.

- MENDES, E. R. P. Sobre a transmissão da psicanálise nas instituições psicanalíticas. *Reverso*, Belo Horizonte, ano 40, n. 76, p. 23-30, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000200003&lng=pt&nrm=i so. Acesso em: 12 maio 2020.

6. Citações

Em 19 jul. 2023 passou a vigorar a norma NBR 10520 de citações, que a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) atualizou com o objetivo de facilitar a elaboração dos trabalhos acadêmicos.

O que foi alterado

A indicação de autoria pessoa física, dentro dos parênteses, deve ser feita em letras maiúsculas e minúsculas (Freud, 1920/2020). O ponto final deve ser usado para encerrar a frase e não a citação.

- **As citações** deverão ser acompanhadas de sua fonte e página(s).
- **Citação direta:** Quando é extraído um trecho literal, copiado fielmente do original. Nesse caso, deve-se colocar o sobrenome do autor, o ano da obra consultada e a(s) página(s). As citações diretas podem ser de dois tipos, conforme o número de linhas.
- **Até três linhas**
Aparece incorporada ao texto, entre aspas.
a. Pontalis (1998, p. 274) afirma: “Nossas memórias, para serem vivas, nossa psique, para ser animada, devem se encarnar”.
b. “O objetivo da análise é preparar o paciente para a autoanálise” (Green, 1988, p. 302).

Mais de 3 linhas

Deve ser destacada com recuo de 1,25 cm da margem esquerda e espaçamento simples – sem uso de aspas. Ex.:

Em *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte*, Freud (1915/2020, p. 99) afirma:

Parece-nos que jamais um acontecimento destruiu tanto os bens preciosos comuns à humanidade, confundiu tantas das mais lúcidas inteligências, rebaixou tão radicalmente o que era elevado. A própria ciência perdeu sua desapaixonada imparcialidade; seus servidores, profundamente exasperados, procuram extrair-lhe armas para oferecer uma contribuição na luta contra o inimigo.

- **Citação indireta ou paráfrase:** Texto baseado na obra do autor consultado.
a. Diversos autores citam a importância do estudo das perversões para entender as psicopatias da vida cotidiana (Clauvreul, 1990; Dor, 1991; André, 2003; Corrêa, 2006).
b. A concepção médica de oposição entre o normal e o perverso se desfaz, segundo Corrêa (2006), à medida que o inconsciente vai sendo revelado.

c. Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem (Lacan, 1962/1998 citado por Leite, 2000).

7. Notas de rodapé

Devem ser usadas apenas as notas explicativas, já que as notas de referência fazem parte do corpo do texto.

8. Uso de destaques gráficos no texto/recursos visuais

- ‘Aspa simples’: Em destaque do autor do texto.
- “Aspas duplas”: Nas citações do autor consultado e nas transcrições das falas de pacientes, entrevistados e outros interlocutores.
- *Itálico*: Em título de obras, palavras de língua estrangeira, em destaque ou grifo do autor.
- **Negrito**: Somente no título do texto e suas seções.

9. Ao Conselho Consultivo de cada sociedade participante do CBP cabe examinar e aprovar, em primeira instância, os trabalhos de seus respectivos sócios e, posteriormente, encaminhá-los ao Conselho Editorial, já dentro das normas de publicação da revista, que decidirá sobre a sua publicação de acordo com a programação da revista.

10. O Conselho Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem ao conteúdo (item 3) ou não tenham qualidade editorial.

11. Para submissão, os trabalhos deverão ser enviados por e-mail para **cbp.rj@terra.com.br**.

Revista Estudos de Psicanálise

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504

22050-002 - Rio de Janeiro-RJ

Tel.: (21)2236-0655

Roteiro de avaliação dos artigos

1. Título claro e preciso sobre o conteúdo do artigo.
2. Resumo claro e preciso sobre o conteúdo do artigo, máximo de 250 palavras.
3. Palavras-chave adequadas ao conteúdo, em número máximo de cinco.
4. *Abstract e Keywords* conforme instruções.
5. Normas para citações e referências conforme instruções.
6. Relevância do tema.
7. Clareza de pensamento.
8. Consistência e coerência na fundamentação teórico-metodológica do trabalho.
9. Linguagem, considerando objetividade, estilo e correção.
10. Aspectos éticos de acordo com a Resolução CNS 196/96 sobre privacidade e anonimato das pessoas envolvidas, e declaração de conflitos de interesses.
11. O artigo deverá conter conclusão ou considerações finais.

Local
de
aplicação
do selo
F S C

Os
papéis
desta revista
são oriundos de
empreendimentos
florestais
que
seguem
normas
internacionais
de reflorestamento.

Papel Certificado, o papel da revista!



Círculo Brasileiro de Psicanálise